

RESISTENCIA

N.º 39

COIMBRA — Quinta feira, 4 de julho de 1895

1.º ANNO

As festas do centenario

Carta de Lisboa

27 de junho de 1895.

A mascarada nacional, seguiu-se, em duas noites, uma passeiada de archotes e tipoiás illuminadas a balões. D'esta vez, porém, não decorreu impune a dança, mercê da garotada infrene que, agitando como as rãs o charco da cidade, soube ter alguma vida e commentar com certo espirito doentio a farça do cangalheiro Burnay. Aquelle assalto aos gallegos dos balões e ás carruagens dos pobres de espirito, illuminadas á veneziana, teve qualquer coisa de apreciavel e fez por momentos suppor um pedaço de energia nesta gente. Mas tudo ardeu mais depressa que um foguete e se desfez num bando de sombras, prestes a esgueirar-se pelas ruas e travessas, fugindo ao terçado da policia, argumento rapido e concludente a que o alfacinha cobarde não resiste, e que, ao contrario, até parece gosar com certo prazer passivo de degenerado.

Em todo o caso, encheu-me de contentamento a montaria ao general Burnay, e o desapontamento da familia real, ao cimo da Avenida, numa tribuna reles, esperando a tremor de frio a manifestação que não chegava, que não chegaria senão derrancada, desasada, inutil, pingando cebo dos balões, que raro aqui e além ardião nas tipoiás contractadas para os espontaneos.

E como eu me ri, quando a familia real, abandonando a tribuna, um maldão de barrete e guarda chuva foi sentar-se na cadeira que servira ao rei, e recebeu as homenagens da multidão!

Mas cuidado, que a policia vem chegando, e tudo se desfaz numa nuvem de valentes, que se vão á guerra com escala por Palmella. . .

×

O congresso catholico fechou as suas sessões, como as abriu: dizendo asneiras. Porque, á parte dois ou tres discursos, descabidos naquella congresso, banaes, mas em certo ponto correctos, tudo o mais foi um fervilhar de parvoices, que a mais safada rhetorica já hoje não permite. Aquelle destruir da sciencia moderna em tres quartos d'hora e os ataques á peste do socialismo foram na verdade risiveis. As conclusões votadas é que representam certa gravidade, revelando as intenções do concilio de S. Vicente, sob a protecção do Papa Burnay.

Dos discursos pronunciados naquella respeitavel assembleia, onde o rapé substituiu a massa encephalica dos oradores, destacaram varios jornaes o discurso do bispo conde de Coimbra. Até alguns, que se dizem liberaes, apreciaram com admiração as phrases do mais temivel de todos os reaccionarios, que vem minando a desgongada barraca de feira que nos mappas e na rhetorica ainda é conhecida sob o nome de Portugal.

Teve este bispo uma phrase que me agradou: foi aquella em que tornou evidentes as responsabilidades que o rei e o governo tinham ligadas ao congresso.

Gostei d'aquella franqueza, tanto mais que toda a imprensa monarchica vae derivando os seus dizeres, em frente do fiasco, para uma ladainha onde se canta que nada tem o rei ou os ministros com a festa dos jesuitas. Não fogem! Estão agarrados; e o bispo—

bem se viu—acabou de os pescar com o seu baculo, enchendo a barca de S. Pedro com mais estas sardinhas da corte e carapaus do Terreiro do Paço. Nesse ponto bem baja elle.

Mas que não lhe sejam poupados os commentarios merecidos ao periodo do seu discurso, que em seguida transcrevo:

«Diz que, quando orou na igreja de Santa Cruz em Coimbra, antes de vir a este congresso, lhe pareceu ver levantarem se do seu tumulo os restos mortaes de D. Affonso Henriques e dizer-lhe: «Vae, bispo de Coimbra, dizei no congresso, e dizei especialmente ao meu successor que foi pela religião e pela fé que eu combati a minha longa vida e conquistei aos infieis o reino de Portugal, pequeno pelo territorio e grande pelas glorias e pelo fervor das crencas christãs. Dizei-lhe que sem a religião e sem a fé não se poderá manter a sua independencia e que não receie o meu successor e o seu governo seguirem o caminho que lhes aponta a verdadeira fé, porque só por ella poderão tornar a nação feliz.»

Convem notar, antes de tudo, que o bispo não foi rezar á igreja de Santa Cruz, porque ella está agora profanada em virtude das obras que lá andam. Nem santos nos altares, nem logar para se ajoelhar. Tudo atravancado de madeiras e cheio de calça. E aqui está como uma figura de rhetorica se desfia com a intervenção dos operarios das obras publicas. Mas não é somente isto que eu tenho a dizer sobre a tirada episcopal. Fallará por mim o ex.^{mo} sr. D. Affonso Henriques, nesta carta que me dirigiu e que eu reproduzo:

Meu amigo

«Sá fosse noutros tempos, o meu desmentido ás palavras do bispo no congresso catholico seria bem diverso d'este. Mas agora dizem-me que seria improprio degolar reis mortos, e por isso escrevo-lhe esta carta para voçõ publicar, pedindo-lhe antes de tudo que emenda os erros de orthographia, que nunca foi assumpto de minha especial predilecção. O bispo não veio falar-me, nem que viesse eu lhe responderia, pois o genio azedou-me com o barulho dos operarios que trabalham na igreja. Pouco tenho dormido e, ás vezes, de noite, eu saio a respirar em passeios até á porta da igreja fumando o meu cigarro (unico beneficio que devo á civilisação), para ver se o cerebro adormece tidoado pelo fumo das hervas da Regia. O bispo mesmo sentiria por forma bem indelevel a sua imprudencia de vir acordar-me com a intenção de eu lhe dar um recado para esse rapaz que o acaso fez rei. Que me importa que lhe chamem D. Carlos ou D. Fuas, se eu nada tenho e nada quero ter com elle? Acaso é aquillo um verdadeiro rei? Se tal acreditam, não o acredito eu. Um rei! Os reis em Portugal deviam ter acabado com D. Sebastião, aquelle adoravel maluco por quem muitas vezes suspiro no meu tumulo. Depois d'elle seria vergonhoso chamar rei, chamar até homem a um D. João IV, D. Affonso VI ou a D. João VI.

Cale-se por tanto o bispo a meu respeito, não pretenda vir incomodar-me. A falar-lhe, eu, será para lhe recomendar que transmitta ao seu senhor que me sinto disposto a inventar novo milagre de Ourique para livrar o paiz dos novos cinco reis mortos, Carlos de Bragança, Burnay, Marianne, Navarro e João Franco, tomando-lhes como captiva a moira de Valhom.

Isto só tenho a dizer, pedindo muitas saudades para o meu collega e amigo o general Festas.»

Seu amigo
Affonso Henriques.

Emendada a carta e posta em estylo corrente, apraz-me felicitar o velho Affonso pelas suas nobres palavras, lamentando que pot simples distracção oratoria vão incomodar aquelle a quem o rheumatismo dos seculos desconcertou por certos ossos.

Foi o bispo que fechou a serie dos discursos. Depois o patriarcha encerrou o congresso, levantando vivas a Nosso Senhor Jesus Christo, tal qual como o Raposão da Heliquia, atravessando a Terra Santa e agitando em gestos de ferocidade catholica o seu capacete de cortiça. Pela banalidade e semsaboria, o congresso deu-me a impressão de um carrilhão de sinos velhos, soando rachado cujas vibrações foram em grandes ondas sonoras subindo, até não se ouvirem, ás regiões desconhecidas da Parvoite.

No fim da festa, benção papal, que

se sabe agora ser falsa, pois veio encaixotada de Bruxellas com os bispos estrangeiros e as tunicas das virgens do cortejo civico.

×

Ao lado do congresso catholico funcionou o congresso dos socialistas, e d'esta vez confesso que applaudi com sinceridade o discurso do operario Ernesto da Silva e as conclusões apresentadas pelo chefe Azedo Gueco. São dois homens muito intelligentes e de uma illustração mais que vulgar em assumptos de sociologia.

Tudo, porém, quanto se fez foi pouco. Sobretudo por parte da imprensa é necessario medir bem o perigo do trabalho dos jesuitas. Elles foram vencidos... mas no meio da rua. Nas escolas, nos asylos, no paço, no ministerio, entre as classes dirigentes, elles triumpharam.

E vingativos, não esquecendo jámais a assuada do povo, hão de procurar o desforço.

Não descançam. Torcem, mas não quebram. A campanha da imprensa tem de abandonar, pois, o campo da banalidade. O palavriado dos logares communs de «seita negra», «abutres de sombra» e outras parvoices, que a imaginação dos poetas da provincia gastou em estrophes de livre-pensamento de botica, é nullo e ridiculo. Mas pouco mais podemos esperar da imprensa. Quando muito, a sciencia da campanha irá até ao ponto de invocar d'olhos em alvo, com transportes de mysticismo socialista, o valor da obra de Christo, chamando-lhe «o revolucionario do Golgotha» e «o libertador dos povos», o que já tem feito perguntar a muita gente se, chamando-se ao propheta de Nazareth «o libertador», a Carta Constitucional, teria sido dada pelo sr. D. Pedro IV, ou por Nosso Senhor Jesus Christo.

×

A procissão de domingo foi o encerrar grotesco e doloroso de toda uma quinzena de pagode sacrista, com que o paiz acabou de se desacreditar.

Corria pacifico o desfile do cortejo. Bandos de crianças, humildes e sem vida, regimentos de padres, bispos e laicos de luzentas fardas, tudo entre policias e municipaes como uma grande leva de presos, almas decerto que iam ser levadas ao purgatorio, pela mão das onze mil virgens, que são, segundo hoje está averiguado, os soldados do general Queiroz.

A multidão era enorme, embasbacada, sem sentimento religioso, mas até certo ponto olhando timida o desfilar do novo corpo de exercito do patriarcha Burnay.

Um vago receio existia, contudo, e os espiritos inquietos esperavam um successo anormal.

De subito, estalou o raio. Manifestos anarchistas cahem d'uma janella, estoura uma bomba de dez réis, luz o fogo sinistro de varias pontas de cigarro, e a multidão desvairada agita-se, atropella-se, louca.

Os bispos enfião pelo arco do Bandeira, os padres tropeçam nas saias e disfarçam-se com chapéus abandonados pelas senhoras, os callos dos burgoezes ardem subversivamente, brilham bayonetas, escouceiam cavallos, e um vago cheiro, de que as lavadeiras encontraram a causa, pairou na atmosphera.

A causa de tudo? Dizem que os manifestos anarchistas.

Ora vejam que banalidade. Meia duzia de papeis, com phrases quero crer que sentidas mas vulgares, per-

turbam e desvairam uma multidão. Porque as manifestações revolucionarias pouco mais vão além d'isto, em Portugal. Quando me lembro d'um caso! Foi no 31 de janeiro. Homens do povo, invadindo a camara, quizeram arrancar da parede o retrato do rei. Era da peça, no fim de contas. Pois tonitroante, revolucionario, Santos Cardoso perante a impiedade exclamou:

—Não, não se arranca o retrato sem licença do sr. guarda-mór! — N'uma revolução republicana, aquelle homem traduzia o espirito revolucionario portuguez, esperando pela licença do sr. guarda-mór, e esperaria até pela do ministro do reino, se o guarda mór se recusasse.

Revoluções em Portugal? Dentro da Carta, se quizerem. De accordo com todos.

Pois se elle até ha um que pede um acto adicional á Constituição, onde se diga que o rei poderá proclamar a republica, quando o entender conveniente!

×

Sim, no dia da procissão só houve medo. Não havia espirito de revolta, nem espirito de protesto. Só o medo pairava e um ligeiro momento de indignação, por parte de raros homens, provocou o desenlace. E por tal forma a scena se apresentou, que eu chego a ver que o medo seria organizado, como as manifestações espontaneas feitas ao rei. Chego a crer que havia gente assalariada para fugir.

Fugir! Eis aqui um facto verdadeiramente nacional. Tremor de medo, eis um sentimento bem portuguez! Tres seculos de oppressão fanatica fizeram nascer no espirito d'este povo o phantasma do pavor. Aquella gente que fugia, talvez sentisse a queimar-lhe os pés o fogo da inquisição que ardeu em tempos no Rocio, e uma regressão inconsciente ao passado, que o atavismo determinou, fez ver ao povo em delirio a praça onde os autos-defé clareavam de sangue e fogo o azul do ceu, quando os reis d'outr'ora assistiam, quasi no mesmo logar onde os de hoje viam a procissão, á queima dos christãos-novos.

Aquella evocação do passado é que determinou, sem a conhecerem, a fuga. E foi esta a unica, a verdadeira nota característica, nacional, das festas—Fugir!

Por isso é que só ha hoje uma commemoração civica para a qual decerto encontram o concurso do povo: é a commemoração da fuga de D. João VI para o Brazil, que eu penso apresentar com alguns amigos sob este titulo:

CELEBRAÇÃO DA SEGUNDA DESCOBERTA DO BRAZIL POR EL-REY NOSSO SENHOR D. JOÃO VI

Esta ha de ser a grande, a verdadeira festa nacional, em que se fará a glorificação de uma dynastia, interpretando-se ao mesmo tempo o espirito d'um povo.

E desde já fica Burnay por mim encarregado de ir ao Alemtejo descobrir o que, num carro allegorico, possa dignamente representar o progenitor do ramo dos braganças constitucionaes.

Porque eu estou certo de que o Burnay, em questões de festas, ha de ser sempre o primeiro.

Alguem o dá por morto, depois do centenario.

Illusão! Burnay, tendo invadido o dominio das coisas sagradas, caixeiro do Vaticano, ha de desaparecer só

por horas. Ao terceiro dia resuscitará, e a sua subida aos ceus será o ultimo numero do programma dos festejos a Santo Antonio. Elle ha de subir entre nuvens de Sergios, alados como as gallinhas, anjos da estupidez, coroado d'um esplendor d'orelhas de burro. As suas barbas salpicadas de vágalumes hão de agitar-se no espaço. E Burnay, segurando na dextra um sacco de libras, e apontando com a sinistra para a terra dirá: *Eis alli o meu povo!* E cá de baixo o povo, sujo como um porco, philosophando e grunhindo: *Eis alli o meu dinheiro!*

Jocelli.

Bagatellas

Os pitorescos e deliciosos aspectos, com que a natureza enriqueceu esta bem fadada região de Coimbra, foram durante muitas gerações o thema predilecto aos desabafos poeticos e litterarios da juventude academica.

Depois, de ha vinte annos a esta parte, na transformação por que vae passando o espirito portuguez, á pieguice merencoria dos lyricos succedeu a inactividade sceptica das indolencias precoces, que se arrastam quotidianamente desde *Fóra de Portas* até á *Arregaça*.

Os passeios estirados e as excursões d'outros tempos, em caravanas alegres de estudantes, que peregrinavam pelas mais afamadas paragens, perderam de moda.

Para o futuro não existirá mais na recordação dos bachareis as reminiscencias doces e os impulsos vivos de sympathia por esta terra, porque já não ha nem aventuras, nem as anedoctas dos *verdes annos!*

E por isso que a reputação de Coimbra se extingue. A mocidade não a conhece; e define n'um mau humor bilioso e tetrico, n'uns desdens lunaticos de superioridades postizas, de canção, de misantropia e de revolta cachetica.

Este desprendimento da gente nova, que quer começar a viver pelo enojamento e pela apathia da vida, na indifferença dos mais nobres espectaculos, que não busca em emoções a felicidade d'um momento, é uma enfermidade moral que, como a variola e a morphéa, deixa para sempre no espirito marcas indelevelis! . . .

Lorvão era um dos passeios favoritos.

Erguiam-se os rapazes ás 3 da madrugada e lá iam: quatro a cinco horas de jornada sem fadiga, por caminhos tortuosos, atravez de montes ingremes, com effeitos imprevisos de paisagens variadissimas, ora d'uma extensão illimitada, ora apertadas na estreiteza de um pequeno valle pedregoso, onde a agua corre e salta. Em pleno ar, n'uma atmosphera fresca e fortificante de oxigenio, saturada das exhalações dos pinheiros bravos.

Um exercicio sadio para os musculos, para os nervos e para o cerebro!

×

Do alto do monte do *Diantero* e da *Serra de Lorvão* a vista dilata-se largamente por uma extensão enorme de paiz: ao poente o horisonte limitado pela linha branca dos areaes de Mira; ao sul e a este as ondulações caprichosas e azuladas das ramificações da *Estrella* com uns esfregaços de neblina a destacar a configuração oreographica da cordilheira; ao norte a continuação da cadeia das montanhas do Bussaco encimada pela crista recortada de *Agrêlo*. Era um prazer hilariante,

ver subir a manhã por entre a neblina; e a rapaziada estendida aos rebolões sobre o tapete de matto raso, a sacudir a morrinha, aos primeiros raios do sol nascente!

Do cume da ultima serra avista-se lá em baixo, á *vol d'oiseau*, no valle profundissimo, o zimbório esmaltado da igreja, os telhados dos dormitorios e os muros em ruínas.

Das edificações primitivas nada resta, porque o convento soffreu uma reconstrução completa no seculo XVII.

Todo o mosteiro vae desabando pouco a pouco e, com mais quatro ou cinco invernos rigorosos, será tudo um montão de escombros, que a vegetação cheia de força vae vestindo, com uma mortalha de verdura.

A igreja de cantaria é grave e pesada; as outras coisas artisticas, que a fama tem exagerado—os cadeiraes do côro, a grade, o órgão, etc., não são mais que simples pretextos de atracção.

Os dois claustros confrangem—em completo desabamento.

O desprezo é tal, que a obra de talha das pequenas capellas que os ladeiam, que poderia ser aproveitada em doações ás igrejas ruraes, muitas d'ellas uma ignominia de porcaria, ou vendida em hasta publica para applicações uteis, exposta constantemente ás chuvas, está apodrecida e molle, como se fosse de pão de ló.

Sentados na encosta coberta de espesso arvoredor, descobre-se deante de nós o scenario antigo dos episodios habituaes da vida do convento.

Uma casa que abrigava mais de cem damas relacionadas com as familias mais distinctas do reino, educadas em requintes de delicadeza e na vivacidade do espirito, vivendo na abundancia e na despreocupação das difficuldades, quotidianamente recebiam as visitas ostentosas dos amigos e parentes afdalgados.

A distancia, no pateo amplo do convento, surge-nos a visão do cortejo dos domesticos, da comitiva das liteiras; as cavalgadas; os trajos correctos e garridos das casacas matizadas de ricas bordaduras, perrucas, meias de seda, sapatos de pantufos, n'uma grande animação de corte!

Aos nossos ouvidos soam os cumprimentos, as exclamações, as galanterias e as vozes argentinas chilreando grades a dentro, no alvoroço e na affectação das suprezas!...

D. Sancho I expulsou os primitivos monges mergulhados em escandalos de relaxação e de libertinagem, mas os processos profilacticos de desinfecção eram desconhecidos, e o microbio do peccado mais tarde desenvolveu-se intensamente, sob o influxo prolifico dos sybaritas de Alcobaca! A mordacidade da historia affirma Ter alli existido freiras,—que nunca entraram, nem sahiram!...

Depois de meia hora de meditação incongruente sobre a aberração monstruosa das instituições monasticas; sobre a clausura de Lorrão e outras, ha um sentimento ineffavel de piedade, um impulso de generosidade, talvez um pouco suspeita!...

Talis vita, finis ita! Dentro em pouco, de todo o vasto edificio não restará mais que um montão de entulhos!

O desabamento d'um edificio publico é sempre uma prova de desleixo e incapacidade administrativa; mas o estado não vende nem cede, e não ser com o fim louvavel de padrinhar negociatas escuras aos figurões electoraes.

Que raio de paiz este!... Tudo isto corre á mercê da providencia! E ha de ser o que Deus quiser!...

Curso Superior de Letras

Não para desforço do sr. Theophilo Braga, que tem meritos e valor moral para lutar victoriosamente contra toda a matilha que o governo lhe agula, mas para melhora da instrucção superior, publicam os jornaes, em grita, um apello ao ministro do reino para que elle supprima o Curso Superior de Letras.

Pela nossa parte, advogamos a transformação d'aquelle instituto em uma escola de sociologia tão avançada quanto possivel. Mas não a quereríamos confiada ao sr. João Franco, porque o actual ministro do reino é um homem sem illustração e totalmente despido da importancia e auctoridade indispensaveis para essa reforma.

Germano Martins

Tomou grau de bacharel em direito, com uma approvação plena e galardoadora do seu bello talento e finas qualidades de coração, o nosso querido e sympathico amigo Germano Martins, que, em companhia do dr. Bessa de Carvalho, partiu hontem para a sua casa em Mathosinhos.

Regosijando-nos, como amigos velhos e dedicados, pelo seu triumpho academico, abraçamo-lo com todo o affecto e enthusiasmo com que se abraça um homem honrado e leal, que, d'ha muito, nos alizemos a considerar como companheiro estremecido e insubstituivel nas amarguras da vida e nas horas alegres da palestra a meza da redacção.

Receba pois Germano Martins o nosso parabem e um abraço de despedida.

Um jornal regenerador, que ainda ha pouco accusava os republicanos de irreligiosos, sustenta em artigo editorial que o centenario antonino foi bom... para mais rapidamente o catholicismo perder completamente o pouco prestigio que já tem.

E não pode duvidar-se de que são muito religiosos... Até são pandigos.

Instrucção primaria

Andam para ahí as folhas monarchicas a apregoar maravilhas, até hoje nem ao menos sonhadas, acerca das medidas ultimamente decretadas relativamente á instrucção primaria, suppondo talvez que com essas lóas cantadas em louvor do seu respeitavel e carinhoso amo conseguem desviar a attenção do publico dos gravissimos erros e crimes committidos pelo governo. Mas enganam-se redondamente, se imaginam ludibriar assim o paiz com as suas alicantinas. E nós lh'o provaremos.

O que ha de ignorancia e de maldade na obra perniciosa do actual governo, no que respeita á instrucção publica, e sobretudo na primaria—a que no estado do paiz mais deveria merecer as attensões e desveladissimos cuidados de qualquer governo sério e honesto—havemos nós de mostrá-lo aqui proximo e de modo a não deixar duvidas no espirito de ninguem.

Dr. Bessa de Carvalho

Esteve em Coimbra, retirando-se hontem para o Porto, o nosso querido amigo e distincto director politico da *Voz Publica*, sr. dr. José Bessa de Carvalho.

Veiu passar alguns dias entre correligionarios antigos e dedicados, e tomar parte na festa com que celebrou o seu grau de bacharel o nosso querido collega dr. Germano Martins.

Economia Social Christã

Sob este titulo attrahente e vivo fez ha tempo o sr. José Capello Franco Frazão uma conferencia na sociedade de Geographia; e, agora, reproduziu-a em folheto, com que, amavelmente, nos brindou.

Nestes dias de calma, não podemos fatigar-nos em demasia. E porisso a apreciação não apparece já. Sabirá, porém, em breves dias, fundada e desenvolvida, como a merece o seu auctor e o assumpto palpitante a que dedicou a sua attenção esclarecida.

No capello do sr. Affonso Costa

Discurso do sr. dr. Guilherme Alves Moreira

Veneravel Prelado desta Universidade! Preclaros professores e doutores de todas as Faculdades! Esperançosa juventude!

Minhas senhoras!

Meus senhores!

Sempre que se solemnisa a recepção de um dos eleitos para o nosso gremio, congrega-se neste magestoso recinto numerosa e selecta assembléa em que, ao lado da juventude que alegra e da belleza que encanta, ha o tom grave e imponente de tantos lutadores experimentados nas arduas e incessantes lides do trabalho da razão. É que a investidura das insignias doutoriaes—a mais solemne e a mais pomposa de todas as acções academicas, na phrase dos Estatutos da nossa Universidade, attrahe e domina pela sublime idéa que a inspira.

Premio para quem, após porfiadas luctas, em que ha tristes desillusões, amarguras pungentes, crueis desfalecimentos, o dispendio emfim de muitas energias, conquista um nome distincto no mais elevado ramo da actividade humana; incentivo para que, após esta consagração, se lance impavido em novas luctas á conquista de novas victorias, não é só legitima esta solemnidade; impõe-se pela mais elevada significação.

E o espirito tradicional que a caracteriza, longe de a prejudicar, mais digna a torna dos nossos preitos e homenagens. Destinada a premiar o merito verdadeiro e não a enaltecer odiosos privilegios ou a glorificar victorias, em que o direito da força domina a idéa da justiça, digna é esta solemnidade de que a geração actual a mantenha e de que, continuando por meio d'ella a galardoar os que pelo trabalho e pela intelligencia se distinguem, preste culto á geração que a admittiu.

Como as passadas gerações, deve a actual celebrar em phrases festivas, jubilosas aclamações, ovações gloriosas, os artistas que, após contensões indefessas d'um poderoso espirito, combinam as maravilhosas producções da arte; o tribuno eloquente que, lutando pela liberdade contra o despotismo, revela na sua palavra sublime ondas de affecção pelas miserias sociaes, que dos olhos rebentam em ardentés lagrimas; os sabios que trabalham incessantemente por desvendar os mysterios da sciencia, enriquecendo o patrimonio que lhes foi legado. São um incentivo essas consagrações para quem se distingue na lucta pelo bem da humanidade, em que não poucos succumbem.

Mas, além de se impôr pela sua sublime significação, o acto que aqui celebramos captiva-nos o coração pela sympathia que desperta.

Não se festeja uma victoria em que, ao lado do cortejo triumphal em honra do intrepido guerreiro que se assignalou pelo valor, haja a dôr e as lagrimas de quem na lucta foi vencido. Aqui, se ha lagrimas, são as duma mãe carinhosa, duma virtuosa e dedicada esposa, dos irmãos queridos, dos tios dedicados, dos amigos emfim, que compartilham das justas alegrias do doutorando que, ennobrecendo-se a si pela intelligencia, pelo trabalho, unica origem da verdadeira nobreza, tambem a elles nobilitou. E não pequeno estimulo deve ser para o homem bem formado se dedicar ao trabalho com inquebrantavel ardor, poder proporcionar aos seus uns momentos de tão doce alegria. É tão feliz o coração que sabe sentir, quando vê felizes os que mais caros lhe são!

É justa e sympathica esta solemnidade, e só é para sentir que o humillimo orador, a quem o dever obriga a tomar parte activa n'ella, não possa corresponder á sua nobilidade.

Tambem serei breve.

Minhas senhoras!

Meus senhores!

É Affonso Augusto da Costa o candidato para quem solicito as insignias doutoriaes.

Não vos apresentarei a sua biographia, já tão enriquecida de nobres acções em tão curta idade. Fe-lo em phrase sentida e eloquente o illustrado collega e dilecto amigo, de quem tive a honra de ser discipulo, no discurso que acaba de proferir. Limitar-me-ei, pois, a falar-vos das qualidades intellectuaes e moraes do candidato ao mais elevado grau que esta Universidade confere aos seus filhos.

Intelligencia penetrante, comprehensão rapida, prompta assimilação, coordenação segura; exposição facil, elegante e por vezes eloquente; faculdades de trabalho verdadeiramente extraordinarias, taes são os predicados que, sem exaggero algum, exornam Affonso Costa.

Obtendo a primeira destinação no 3.º anno da Faculdade, em que teve a honra de ser seu professor, regendo pela vez primeira uma cadeira nesta Universidade, o doutorando entendeu que não devia desmerecer do conceito que acerca d'elle se havia formado, dedicando-se ao estudo com verdadeiro ardor. E, tomada essa resolução, soube cumpri-la com rara e indefectivel energia.

No 4.º e no 5.º anno obteve premios pecuniarios, classificação que a Faculdade de Direito a tão poucos alumnos tem conferido, e as informações finaes de M. B. com 16 valores.

Convidado assim para os actos de licenciatura e de conclusões magnas, Affonso Costa realizou esses dois actos num só anno lectivo, o que sobremaneira se torna difficil na Faculdade de Direito, attento o grande numero das suas cadeiras e a complexidade das disciplinas que nellas se professam. E é de justiça dizer-se que, se muito havia a esperar da intelligencia e faculdades de trabalho que Affonso Costa havia revelado durante a formatura, excedeu essa expectativa no acto de licenciatura pela grande copia de conhecimentos que mostrou possuir, e na defeza das theses pela vigorosa argumentação que sempre soube manter.

Para o acto de licenciatura escreveu Affonso Costa uma dissertação intitulada *Dos peritos no processo criminal: legislação portugueza, critica e reformas*, que pouco tempo depois foi publicada.

O assumpto sobre que versa esse trabalho, tão actual entre nós pelas profundas e inadiaveis reformas que a respectiva legislação reclama e exposto com uma naturalidade e elegancia de phrase que attrahe, foi tratado com notavel proficiencia, revelando o seu auctor, a par de boa orientação scientifica, larga e solida erudição.

É digna essa dissertação, elaborada no curto prazo de 20 dias, de ser consultada por quem deseje conhecer a legislação actual sobre os peritos em processo criminal, e as reformas que convem adoptar.

(Conclue.)

O preço das carnes verdes

Voltemos ao assumpto, que vale a pena. Os marchantes, na segunda feira ultima, comprometteram-se a vender a carne de vacca a 80 réis o kilo. Porém a camara, considerando que em Aveiro vae ser vendida a 200 réis e que, na Figueirada Foz, custa 220 réis, não se contenta por fórma alguma com a concessão dos marchantes e vae tomar deliberações na sessão d'hoje, ou na proxima.

Applaudimos sem reservas qualquer procedimento de corporação municipal que se destine a favorecer o publico, sem se tornar meio de enriquecer amigos. Mas queremos que a policia tambem intervenha.

Para isto: **Para fiscalisar os pesos empregados, sobretudo depois do abatimento de vinte réis em kilo,—pois se affirmar por ahí não serem exactos.**

Os que vão

Rompeu a marcha o Menezes.

Vão indo, um a um, hoje este, amanhã aquelle, a caminho da vida, preparados para a lucta, almas cheias de purezas, intelligencias cheias de vontade e vontades cheias de força, os poucos que ainda restavam do bando alegre, sadio e inquebrantavel, d'honestos e de crentes, que, annos durante, na conquista ingloria do bacharelato, cortaram, irrequietos e dignos, em manifestações luminosas de talento, em protestos activos de integridade, a insulsa e derrancada apathia da vida coimbrã das ultimas gerações.

Vão-se todos...

Hontem o João de Menezes, amanhã o João de Freitas, para o fim do mez o José d'Almeida, o Pires de Carvalho...

Vão-se todos e fazem falta.

Deixam atraz de si um passado de recordações e, em cata d'um futuro de esperanças, debandam todos, cada para o seu lado, affeitos a não transigir com a ignominia do presente, dispostos a trabalhar até á ultima, imperturbavelmente, incansavelmente, pela regeneração e pelo triumpho do amanhã.

Deixam atraz de si, como exemplo aos que ficam, com a capa negra ao hombro, a vida academica em inicio, como penhor aos que vão encontrar, com o cynismo negro na alma, com a vida publica no termo, as paginas travessas, saltitantes e sempre correctas, d'um amor entranhado ao seu Ideal constante, á causa da Revolução, á causa do Povo por que combateram, com denodo, como valentes, como homens, á causa da Republica, á causa de Portugal, por que soffreram, com coragem, como espartanos, como rapazes.

Entram na vida cheios de tradições, cobertos de gloria, sem uma mancha a empanar-lhes o brilhantismo immaculado das suas consciencias, sem um desalento a arrefecer-lhes o enthusiasmo incandescente das suas convicções. Rapazes hontem, homens amanhã, o passado responde-lhes pelo futuro, e o futuro responderá por elles ás aclamações dos nossos filhos, ás aclamações dos honestos.

Vão-se todos.

Hontem o João de Menezes, amanhã o João de Freitas, para o fim do mez o Antonio José, o Pires de Carvalho...

Vão-se todos e fazem falta.

×

Rompeu a marcha o Menezes.

Peço venia para fallar d'um amigo, d'um companheiro, sempre saudoso e queridissimo, que em meu peito tem fóros—fóros indestructiveis e eternos—do mais estremecido dos irmãos.

Alma branca, d'uma sensibilidade extranha, doentia, João de Menezes é um bom, da bondade alvissima, requintada, dos velhos santos lendarios, dos antigos cavalleiros da Meia-Edade.

Talento faiscante, luminoso, com scintillações macabras, paradoxaes, João de Menezes é a mais complexa e completa organização artistica da sua geração, o mais poeta de todos os poetas da sua epocha.

Coração generoso e aberto, com extremos de piedade infantil, João de Menezes é um namorado, eterno, incorrigivel, da Eleita santa dos seus sonhos de rapaz, dos principios sagrados do seu Ideal de revolucionario.

Cerebro privilegiado, encyclopedico, rebelde a orientações officiaes, a dogmatismos de cathedra, João de Menezes, que nunca foi um bom estudante, é um erudito, e, com as qualidades fortes, rudes, de trabalho a que se acostumou, pôde ser, d'um dia para o outro, sem se sentir, um homem de sciencia.

De sangue quente, olhar de illuminado, palavra facil, com rasgos grandiosos, imprevistos, d'uma eloquencia ora mordaz, ora tragica, João de Menezes é um orador muito lusitano e pouco palavroso.

Com exterioridades estouvadas, desprendidas, d'um humorismo esfu-seante e cruel, João de Menezes, com as faculdades criticas, que quasi não cultiva, com a percepção rapida, perfeita, dos homens e das coisas, de que é dotado, tem o estofo indomavel d'um pamphletario.

E como bom, como artista, como poeta, como revolucionario, como orador, como pamphletario, e até como erudito, João de Menezes foi, durante os oito annos da sua travessia coimbrã, o centro e alma do grupo d'elite de intelligencias e caracteres cujos ultimos representantes vão a debandar, com as cartas debaixo do braço, cabeça erguida, couraçados no impolluto das suas honestidades, para o torvelinho asphixiante da vida pratica, da vida a sério, onde se chocam os interesses, as consciencias se denigrem e os homens se envilecem ou se glorificam.

Vão-se todos.
Hontem o João de Menezes, amanhã o João de Freitas, para o fim do mez o Antonio José, o Pires de Carvalho. Vão-se todos e fazem falta.

Rompeu a marcha o Menezes. Foram leval-o á Estação muitos amigos, muitos admiradores, todos os companheiros da Resistencia. E lá, no ultimo abraço, no adeus derradeiro, João de Menezes aos tempos de estudante, certo, sentiu partir-se-lhe a Alma, ao sair o comboio, quando ao viva que lhe ergueram, os eccos de todos os corações, que elle sempre achara leaes e abertos durante a vida de rapaz, palpitaram em preces sentidas, calorosas, pela sua prosperidade, pelos seus triumphos d'homem.

Vão-se todos e fazem falta.
Rompeu a marcha o Menezes. Devera-se-lhe ter partido a Alma. Eu chorei.

F. V.

«A Igreja e a questão social»

No mesmo dia e em logares oppositos, no pabulario de S. Vicente e no congresso socialista,—foi apreciada de modos bem diversos a dissertação inaugural do nosso collega dr. Affonso Costa. Ao sr. Ernesto da Silva, socialista de raro talento, que tão grandes elogios teceu ao trabalho do nosso amigo, enviamos as nossas saudações mais vivas e agradecimentos calorosos. Ao sr. Jeronymo Pimentel, director da penitenciaria e orador catholico, não agradecemos as banalidades com que disfructou o auditorio, nem mesmo pelo reclamo que assim fez ao livro combatido, Julgamos o illustre carcereiro muito ridiculo para nos merecer quaesquer reparos.

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

VII

O TRIBUNAL REVOLUCIONARIO

—Conheceu a senhora Roland?
—Sim.
—Era amiga d'ella? Partilhava das suas opiniões?
—Sim.
—Teve relações intimas com alguns dos homens que lá iam?
—Não.
—Recebeu-os em sua casa?
—Nunca; minha mãe não o teria consentido.
—Protestou alguma vez contra os decretos da Convenção? ou fallou com sentimento de odio da Communa de Paris?
—Sem duvida; desde quando é prohibido a qualquer pessoa manifestar em reunião particular as suas ideias? Se desejei o aniquilamento dos dictadores da Communa é porque sou republicana, e porque estes homens deshonraram a republica com os seus crimes.

Entretanto, apraz-nos registrar, sóbretudo como symptoma que fará pulsar de jubilo o coração do nosso collega dr. Affonso Costa, que alguns prelados, com o sr. patriarca de Lisboa á frente, promoveram ao orador, n'esse momento, uma ruidosa e significativa manifestação.

A esses, ao patriarca e aos bispos, agradecemos, com enternecimento.

A proposito do casamento da princeza Helena d'Orleans com o duque d'Aosta, da casa de Saboya, o duque d'Aumale dirigiu uma carta ao rei Humberto, tio do principesco noivo.

Nada haveria a reparar, se o duque d'Aumale se limitasse, como parente, a congratular-se com o chefe da casa de Saboya, pelo casamento realisado; mas não se limitou a isso o duque d'Aumale...; faz votos n'aquella carta porque a nova alliança entre as casas de Saboya e d'Orleans seja um novo penhor d'affecto entre as duas nações, que junctamente combateram outr'ora no campo de batalha.

Pica-se, realmente, em duvida sobre quaes sejam essas duas nações, que entre si por aquelle casamento reatam novos laços d'affecto. A casa de Saboya representa algum povo? Representa algum povo a casa d'Orleans? A Italia?... A França?...

Ninguem o dirá. As casas reinantes estão albeadas dos povos; a casa d'Orleans nem reinante é. A que virão, pois, aquelles votos do duque d'Aumale?...

Floriano e Saldanha

Traz-nos o telegrapho, uma atraz da outra, as noticias dos fallecimentos dos dois antagonistas Floriano Peixoto e Saldanha da Gama, que, numa luta sangrenta e quasi pessoal, flagellaram durante mezes, e por pouco iam comprometendo, a florescente Republica Brasileira.

Se a morte do almirante seria motivo para endereçarmos um parabem ao Brazil, a morte do marechal explicaria, pelo contrario, um pezame sincero ao povo nosso irmão. Por isso, e como nem Saldanha nem Floriano poderiam influir agora na estabilidade do regimen republicano em terras de Santa Cruz, tão solidas e fundas raizes esta ali creou—registamos apenas o facto e limitamo-nos a fazer votos para que Deus por lá os tenha muitos annos sem nós.

Praga de gafanhotos

Nas colonias allemãs da Africa Oriental vae alastrando uma fome cruel. Nuvens e nuvens de gafanhotos teem devastado o campo. N'uma communa perto de Uponapona, de 50 habitantes que a constituíam, morreram de fome 46. N'uma caravana morreram á fome 137 pessoas, enquanto atravessavam o territorio allemão.

—Encontraram-se entre os papéis dos deputados prezos cartas vossas; reconheceis-as?

O escrivão apresentou-lh'as; ella reconheceu-as.

—Que tendes a allegar em vossa defeza?

—Nada; que não sou culpada.

—Tendes testemunhas?

Ella correu de novo com a vista toda a sala.

Ainda ninguem.

—Eu esperava uma, disse pausadamente; sem duvida, não ponde vir.

Fouquier-Tinville tomou a palavra. Relatou em poucas palavras o facto da accusação.

Referiu-se ás mulheres descaradas que querendo parecer homens, desprezam o pudor, abandonam o lar domestico.

A natureza, impõe ás mulheres como seres fracos, deveres que ellas não querem aceitar. Ellemas os homens, corrompem os costumes, são os mais terriveis adversarios das virtudes republicanas. Quando mesmo se limitassem a fazer discursos, ainda assim era preciso castigal-as severamente; mas se das palavras passam a vias de facto, se se ligam com os inimigos do Estado, se conspíram contra a segurança publica, a lei deve mostrar-se inflexivel. Devem cerrar os corações á piedade e deixar que o braço da jus-

«Instituto»

Publicou-se o n.º 6 (junho) d'esta publicação scientifica e litteraria. Além do *Elogio historico de Ayres de Campos* a que já, desenvolvidamente, nos referimos, insere a reprodução do descriptivo feito ha annos, pelo mesmo sr. Ayres de Campos, d'um auto de fé, e ainda uma poesia de Louis-Platé de Brim' Goubast. Tambem contem a continuação das *Memorias de Castilho* e de das *Constituições do Bispado de Coimbra* e, além d'uma revista bibliographica curiosa, em que lemos nma carta curiosissima de Brim' Goubast, traz um artigo de Antonio de Vasconcellos sobre o *Primeiro Bispo Jesuita*. Agradecemos o exemplar recebido.

Partiu hontem para a Beira Alta, o distincto quintanista de direito, Carlos Mesquita.

Theatro Circo Principe Real

Foi concedida a posse pela direcção d'aquelle theatro no dia 1 do corrente ao sr. Francisco dos Santos Lucas, na qualidade de arrendatario do referido theatro.

O nosso presado collega o *Contimbricense*, dando uma noticia desinvolvida da distribuição de premios aos alumnos dos collegios dos Orphãos e da exposição d'esses collegios ao publico, diz:

«Eram perto de 2 horas quando terminou a solemnidade da distribuição d's premios, a que assistiram bastantes senhoras, alguns irmãos da Santa Casa e outros cavalheiros, sendo de advertir que os irmãos, que mais se lembram da Misericordia quando ha eleições, se fazem sempre notar pela sua ausencia a estes actos.
A boa politica portugueza!»

E' verdade. E muito para sentir é que se dêem esses e outros factos, que bem revelam até onde vae o interesse pela Santa Casa.

Misericordia de Coimbra

Procedeu-se terça feira ultima á eleição da Mesa d'esta instituição, havendo grande concorrência de irmãos. Entraram na urna 144 listas, sendo eleitos:

Provedor, dr. Luiz da Costa e Almeida;

Secretario, dr. Porphyrio Antonio da Silva;

Mesarios de 1.ª graduacão, Antonio José da Costa e José da Costa Carvalho.

Mesarios de 2.ª graduacão, Antonio Nunes Corrêa, Daniel Guedes Coelho e Francisco Collaço.

Todos estes nomes são bem conhecidos em Coimbra e offerecem as mais solidas garantias de que hão de gerir os negocios da Santa Casa com intelligencia e zelo.

—Ella correu de novo com a vista toda a sala.

Ainda ninguem.

—Eu esperava uma, disse pausadamente; sem duvida, não ponde vir.

Fouquier-Tinville tomou a palavra. Relatou em poucas palavras o facto da accusação.

Referiu-se ás mulheres descaradas que querendo parecer homens, desprezam o pudor, abandonam o lar domestico.

A natureza, impõe ás mulheres como seres fracos, deveres que ellas não querem aceitar. Ellemas os homens, corrompem os costumes, são os mais terriveis adversarios das virtudes republicanas. Quando mesmo se limitassem a fazer discursos, ainda assim era preciso castigal-as severamente; mas se das palavras passam a vias de facto, se se ligam com os inimigos do Estado, se conspíram contra a segurança publica, a lei deve mostrar-se inflexivel. Devem cerrar os corações á piedade e deixar que o braço da jus-

Actos na Universidade

Nos dias 1, 2 e 3 fizeram acto ficando approvados os seguintes alumnos:

FACULDADE DE THEOLOGIA

1.º anno—Manuel Antonio Barroso Coelho e Manuel Augusto d'Andrade.

2.º anno—Jayme Alves Machado e José Maria da Guerra Lage.

3.º anno—Antonio Luiz Vaz e José Nave Catalão.

4.º anno—Antonio Nave Catalão.

5.º anno—José Ferreira Gomes Pinto e José Jorge Domingues Mariz.

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—Mario Esteves d'Oliveira, Mario Ferreira da Rocha Callixto, Ricardo Branco Borges de Sousa, Verdiano Pereira Gonçalves, Anacleto da Fonseca Mattos e Silva, Antonio Eduardo de Simões Baião, Alberto Carlos Freire Themudo Rangel, Antonio Justino da Costa Praça e José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães.

2.º anno—Francisco Maria Peixoto Vieira, Manuel Augusto Martins, José Teixeira de Carvalho, Alberto Carlos de Brito e Lima, Alfredo de Magalhães Cerqueira de Queiroz, Antonio Ildefonso Victorino da Silva Coelho, Remigio Antonio Gil Spinola Barreto e José Bento Ramos Pereira Junior.

3.º anno—Joaquim Simões Peixinho, José Alberto dos Reis, José Augusto Diniz, José d'Azevedo Fonseca e Moura, José Carlos Lopes Junior, José Joaquim Cardoso, José Julio Cesar e José Leite Nogueira Pinto.

4.º anno—Francisco Marques, Francisco Ramos da Cruz, Germano Lopes Martins, Jayme Rebelo da Costa Arnaud, João Caetano da Fonseca Lima, João José Bragança de Miranda, João Maria de Albuquerque de Azevedo Coutinho e João de Passos de Sousa Canavarro.

5.º anno—José Manuel Cardoso, José Maria de Guimarães Pimentel Chohel, José Maria Soares Vieira, José Ramos Preto, José da Silva Fiadeiro e João Teixeira de Queiroz.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—Antonio Fernandes Gaspar, Oscar Pereira Marinho, Antonio Rodrigues d'Oliveira, Antonio da Silva Lima e Brito e José Alberto.

2.º anno—Luiz dos Santos Viegas, Francisco Cardoso de Lemos, Samuel Augusto Pessoa, Francisco d'Ascensão Ramos, Jacintho Rotelho Arruda e Adriano José de Carvalho.

3.º anno—José Rodrigues d'Oliveira, José Vicente Costa, José Victorino da Motta, Francisco Maria Dias Constantino Ferreira Pinto, Manuel Miera de Carvalho e Pedro Maria de Macedo.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.º anno—Obrs.—Antonio da Rocha Manso, Luiz Carlos d'Almeida Casassa, Carlos Henriques Lebre, Alvaro Ferreira Lima, Alberto Rodrigues Pinto.

14 de julho. Esteve n'esse dia no palacio Real animando os combatentes da Bastilha. Depois d'isso não deixou nunca de amar a liberdade. Sua mãe é uma aristocrata, oppoz-se á nossa união; mas ella resistiu para me ser fiel. O nosso casamento está fixado para depois da paz. A sua mãe é a recompensa do sangue que eu derramei pela patria. Soube só esta manhã do crime de que a accusam, e nada pôde equalar-se ao meu espanto. Pois que! Não pôde uma mulher, nova e bella, ir ás reuniões em que as joias e as flores brilham á luz dos mil lumes dos candelabros? E chamam a isto conspirar!... É verdade que divertirse, sentar-se a uma mesa ricamente servida, quando aos patriotas do paiz e do exercito falta o pão, é triste; mas quando é que isto foi um crime? Não era Athenas uma republica como Sparta? Quando a cidadã Bernardi ia a casa da cidadã Roland era para festejar a queda dos tyrannos, a victoria do povo e o triumpho do nosso exercito. Eu garanto isto, eu respondo por ella. O moço official tirou o sabre e as dragonas e collocou-as diante do tribunal.

—A 14 de julho,—disse,—estive na tomada da Bastilha. A 10 de agosto na das Tulherias. Entrei nos dez combates de Valmy e Jemmapes. Fui eu que, no campo de Saint-Arnaud, descubri

Arthur Candido Teixeira Guedes, José dos Santos Alves, Avelino Thomaz Cardoso, Antonio Cardoso Pinto e João Baptista Theotonio Varella.

2.º anno—Gregorio de Mello Nunes Geraldés, José Joaquim Pereira dos Santos Motta, Joaquim da Silveira Malheiro, Camillo Augusto dos Santos Rodrigues, João Ernesto de Mascarenhas de Mello, José Cardoso de Menezes Martins e Jayme Pinto.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira—(chimica inorganica)—Alberto Augusto das Neves Rocha, Manuel Firmiano da Costa, Jayme Correia de Sousa, Rodrigo Affonso Alves de Sousa, Vicente Pedro Dias Junior e José Collaço Alves Sobral.

2.ª cadeira—(chimica organica e analyse chimica).—José Guilherme Pacheco de Miranda, Arsenio Guilherme Botelho de Sousa, José Carlos de Barros, Francisco Barbosa Falcão d'Azevedo, Arthur Vieira de Mello da Cunha Osorio, Antonio Alberto Dias Paredes, Antonio José Marques, Antonio Maria Pereira, Antonio Martins Lobo, Antonio dos Santos Cidraes, Armando Augusto Leal Gonçalves, Aureliano Xavier de Sousa Maia, Antonio Maria de Soveral, Joaquim da Silveira Malheiro, Arthur Duarte d'Almeida Leitão, Fortunato Alfredo Pitta, Francisco Manuel Dias Pereira, João dos Santos Donato, Joaquim Hermano Mendes de Carvalho, José Balleiras Neves, José Bernardino de Carvalho e José Gomes Cruz.

4.ª cadeira—(Botanica).—Jayme Constantino Fernandes Leal e Joaquim José Cerqueira da Rocha.

6.ª cadeira—(Zoologia).—Antonio da Gama Rodrigues, Elycio d'Azevedo Moura, Jacintho Manuel d'Oliveira, João Evangelista Lopes Manita, João Luciano Torres e João Luiz Affonso Vianna.

Dizem-nos que ha tres quinzenas se não paga a fêria ao pessoal empregado no Choupal e no Caes.

Se assim é, não podemos deixar de censurar o facto que decerto fará passar privações a esse pessoal. E não pôde allegar-se falta de dinheiro, porque a situação do thesouro é perfeitamente desafogada. Dil-lo o ministro da fazenda.

Bibliographia

Publicou-se o n.º 12 da Revista Theatral cujo summario é o seguinte.
Do theatro nacional, por Almeida Garrett (conclusão).
Revista dos theatros—Colyseu de Lisboa: A Companhia Russa por A. M.
Questões do dia—Uma campanha (As companhias estrangeiras) V, com artigos de D. Guimaraes Torresão e Joaquim Miranda.
Entretantos—O amor (verso), por Fernando Caldeira.
Actualidades—O «krach» dos artistas Francezes na America. O direito dos pobros, O desdobramento do Theatro Francez.
Correspondencias—De Paris, por Garcia de Miranda.
Varietades.
Bibliotheca Dramatica—*Saltimbanco* por Antonio Ennes—Acto IV; scenas II a VI (fl. 10).

a traição de Dumouriez, e que mandei os soldados fazer fogo sobre elle. Desde então não deixei de servir a patria um só dia.

Apartandó os cabellos com a mão: —Eis aqui outra!... Que estas feridas sejam outras tantas testemunhas em favor d'aquella que ha de usar o meu nome.

Pegou no sabre e nas dragonas. —Não tornarei a usar estas insignias de commando senão quando me for restituída a minha noiva!...

—Henrique! exclamou Jane. E correu para elle de braços abertos.

—Henrique! Henrique! repetia por entre soluços.

Ninguem pensou em oppor-se a este testemunho de gratidão. Todo o auditorio chorava. Fouquier-Tinville calava-se.

Os jurados conferenciavam em voz baixa.

Henrique, com a sua noiva nos braços, e a cabeça apoiada sobre o hombro, esperava justiça, de fronte levantada, e olhar firme.

A deliberação foi curta. O presidente levantou-se:

—Defensor da Republica, tribunal confia na tua palavra e entrega-te a tua noiva.

(Continúa)

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento
thermal em 15 de maio
e do hotel
em 15 de maio

Estabelecimento Thermal
Dos mais perfectos do paiz
Excellentes aguas mineraes
para doença de pelle,
estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club
Magnificas acommodações
Desde 1\$200 réis,
comprehendendo serviço,
club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.^a a 5.^a classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.^o, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

30, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)
COIMBRA

- Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.
- Pregagens:** Da ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.
- Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.
- Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.
- Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.
- Cimentos:** Ingtez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.
- Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
- Tintas para pinturas:** Alvañades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.
- Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.
- Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.
- Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

POMADA DO DR. QUEIROZ

20 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

19 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar.
—Chá medicinal de Hamburgo.

(2.^a publicação)

18 Pelo Juizo de Direito da comarca de Coimbra e na acção de processo ordinario que Bernardo dos Santos Arranjo e mulher Joanna da Rosa Pimenta, proprietarios, moradores em Falla, movem contra Joaquim Candeias Ferreira e mulher Luiza Pereira Canellas, proprietarios, dos Cazoes do Campo, Manuel Gaspar da Rosa e mulher Ignéz Mathias, da Crujeira, Manuel da Costa Albão e mulher Maria Bugalha, da Espadaneira, e Joaquim Arzilleiro e mulher Maria Mathias, proprietarios, de Pé de Cão, correm editos de 60 dias, a contar da publicação do ultimo annuncio, citando o réo Joaquim Arzilleiro, casado, proprietario, morador que foi em Pé de Cão, e actualmente residente em parte incerta no Brazil, para na 2.^a audiencia d'este juizo, depois da citação e findo aquelle prazo, ver accusar esta e assignar-lhe o prazo de 3 audiencias para contestar e seguir os demais termos até final, sob pena de revelia.

As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dia santo ou feriado, porque n'esse caso, fazem-se no dia immediato.

Verifiquei.

O juiz de direito,
Neves e Castro.

Arrendamento

17 Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

ARRENDA-SE EM CONTA

16 Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente.

Mont'arroyo, 103, se trata.

Aos srs. Contribuintes

15 Termina no proximo mez de julho o prazo para a cobrança voluntaria da 2.^a prestação de contribuição predial e 3.^a prestação de contribuição industrial para o anno de 1894.

Trespasse

14 Antonio dos Santos Pereira, trespasse ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Amelas, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Solta.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

Arrenda-se

13 O 2.^o andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

VINHO ANALEPTICO

DE
A. GUERRA

12 Util nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Casa com quintal

11 Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

ESCRITURARIO

10 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á *Casa Havana*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

9 **LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE** as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

8 **MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES** arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Praticante de Pharmacia

7 Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a—Coimbra.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

6 **ESTES PÓS** são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha egual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito **exclusivamente para venda por atacado**, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.^o—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a.

A venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

E ESTA?!

Pois a casa **LEÃO D'OURO** não teima em querer vender *Bicycletas Pneumaticas* para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?!

Parece incrível, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditaréis!

Mas como poderá isto ser?
É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como *lanternas e campainhas simples e de repetição* para as mesmas e que vende por **preços excepcionaes**.

Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas, porque além de terem todos os aperfeiçoamentos modernos, são:

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro

117, Rua Ferreira Borges, 121—Coimbra

Ao publico

5 **O sr. Eduardo Augusto Ferreira dos Santos** declara no n.º 197 do *Districto de Coimbra*, de 25 junho ultimo, que me não tem pago 650 réis que me resta d'uma ferração de umas rodas, em consequencia de eu lhe não ter apresentado um recibo devidamente sellado nos termos da lei. Em resposta a esta declaração, tenho a dizer que, se não tenho passado o recibo, é porque o mesmo sr. ainda m'o não exigiu, porque a divida era de 75000 réis, que me tem andado a pagar ha 18 mezes, e nunca me pediu recibo das quantias que me tem dado por conta.

Coimbra, 30 de junho de 1895.

Francisco Nogueira Secco.

LEITÕES

4 De pura raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao prego de 2 a 3 mil réis.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

3 Grande sortimento de cabelleiras para anjos. theatre, etc.

2 Acaba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

Vinho verde

1 Especialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administracção

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 40

COIMBRA — Domingo, 7 de julho de 1895

1.º ANNO

O jesuitismo

Extinguiu-se por completo o rumor das festas antoninas.

D'essa pagodeira reles, que devia ter envergonhado o paiz, se o paiz ainda tivesse vergonha, resta apenas, na memoria dos que lá foram, uma recordação vaga e burlesca. — quasi tão vaga como a sabedoria do Jayme Moniz, quasi tão burlesca como a feminilidade do Carlos Valbom.

Simple artimanha jesuitica, preparada á sombra do throno e posta em execução nas ruas de Lisboa, a pretendida apothose d'um santo alcoviiteiro desandou na mais extraordinaria palhaçada de que ha memoria, e certamente a ridiculissima farça ter-se-ia convertido em lamentavel tragedia, se o povo da capital — grande povo! — não fosse o mais innocente de todos os basbaques, e o mais cauteloso de todos os arruaceiros.

Santa gente!

Comtudo, é bom não esquecer que os homens da reacção tiveram a coragem dos seus propositos, e, se é verdade que foram d'uma estupidez incommensuravel, tambem é verdade que levaram a ousadia além de todos os limites presumiveis. Essa malta liberalera que lhes faz troça, dando-se ares de triumpho, esquece-se de que ainda ha pouco andou ali pelo paiz, encolhida, muito timida, rosnando a elegia da Carta violada, por um respiradoiro do açamo que lhe deitou o João Franco. Ao menos os jesuitas foram direitos ao seu fim; disseram o que muito bem quizeram, alto e bom som, para que todos os ouvissem.

Os oradores do congresso catholico não procuraram encobrir nos refolhos d'uma eloquencia gasta a peste dos seus desejos e a infamia dos seus intuitos; fallaram de modo que todos os perceberam, sem rodeios, sem phrases, com a firmeza de quem expõe uma verdade incontrovertida, e com o desassombro de quem exercita um direito inilludivel. Ao passo que os arengadores da colligação...

Recorda a gente essa vergonhosa aventura, e não se furta ao nójo que produz sempre um arremedo de força pimpona,volvendo-se num acto de covardia.

Mas deixemos na paz do esquecimento esse mostrengo politico, morto mas insepolto, fructo da concupiscencia progressista fecundada amoravelmente pela fina flor conselheiral — excellentissimos conselheiros! — do nosso pobre partido. *Les morts vont vite.*

Deixal-os ir!...

×

A abolição das ordens religiosas foi um acto de coragem pessoal, unicamente derivado d'uma necessidade politica. A monarchia absoluta tinha nellas o seu mais solido apoio, que era necessario destruir para lhe roubar todas as esperanças de vida. Se o miguelismo se enraizara fundamentalmente na alma nacional, como diz Oliveira Martins; se o *posso, quero e mando* da formula medieval resumia ainda as aspirações politicas dos nossos avós de ha sessenta annos, é que a fradalhada e seus derivados, — e tudo derivava então do fradalismo, — não se poupava a esforços para desacreditar o liberalismo nascente — uma invenção dos demonios, trazida das profundezas do inferno por um filho desnaturado, sem entranchas!

Da penna eloquente e canalha de José Agostinho de Macedo escorreram

todas as purulencias da velha alma portugueza, impetuosa e fanatica, verminada de todos os preconceitos e todas as abjecções que a direcção espirital do jesuitismo lhe inoculava lentamente, calculadamente, no transcurso de tres longos seculos. Por fórma que o triumpho da monarchia constitucional só seria firme e completo, se o mesmo golpe quebrasse o cacete de D. Miguel e aniquilasse as congregações — praças fortes da milicia de Loyola. Assim se fez. Ainda não tinham cicatrizado de todo as feridas que na lombeira jesuitica abria o chicote do Marquez de Pombal — cornaca de D. José, alimaria brigantina. Mas foram correndo os annos, e, ao passo que esmaecia o azul e branco da bandeira nova, arvorada na *praia dos ladrões* pelos sete mil bravos da lenda, ia o jesuitismo reunindo as suas forças dispersas, cautelosamente, surreteiramente, agora as irmãs da caridade, logo os manos lazaris, a tal ponto que já em 59, isto é, volvido apenas um quarto de seculo por sobre a radical extincção das ordens, o parlamento decidiu que o governo combatesse a reacção fazendo executar as leis da dictadura liberal.

D'então para cá os progressos do jesuitismo têm sido immensos. Professam-se como antigamente; os conventos repovoam-se; nas casas de educação religiosa o veneno faz desaparecer as provas d'um crime de luxuria, cometido por um sotaina numa creança de quinze annos. Sem vergonha, sem medo, sem reboço, a reacção exige que lhe entreguem as escolas, isto é, o futuro. E muito segura de si forte pelo poder incondicional que lhe dão os poderes publicos, repta a democracia numa festa extraordinaria, a que o povo não se associou, é certo, mas a que não faltou o prestigio official — a realza, o exercito e a marinha. Estamos a caminho d'uma evolução regressiva, e é o jesuita que nos conduz pela mão, submisso, maleavel, astuto.

Ora o quartel general da soldadesca reaccionaria é o palacio da Ajuda.

Emilio.

Continuem...

Dizem que alguns bispos portuguezes se vão reunir para deliberar sobre o modo de se levarem a effeito algumas conclusões do congresso ultimamente realizado. Não duvidamos de que assim succeda, pelo simples motivo de que já não acreditamos, depois dos factos que se deram no congresso, que elles tenham uma comprehensão exacta da missão que lhes cumpre desempenhar neste fim do seculo XIX.

Se até têm a velleidade de supprer que podem fazer resurgir instituições que de modo nenhum se harmonisam com as actuaes condições da sociedade, e que desapareceram quando já se achavam completamente desacreditadas por haverem produzido os mais perniciosos resultados! E supõem-se fortes com o apoio do governo, julgam que por meio d'elle tudo podem conseguir, como se o governo pudesse dispôr a seu talante do paiz!

O que se deu com as festas do centenário parece que devia convencer, mesmo os mais obcecados, de que não é impunemente que se offendem as creanças liberaes do povo. Mas não succede assim, pelo que vemos.

Pois continuem e continue o governo a prestar-se aos seus manejos, que não tardará muito que os resultados se façam sentir. E então se verá quem lucra e quem perde com estas insensatas manifestações, que o governo não só garante pela força publica, mas em que a faz fligurar grotescamente,

O congresso catholico

Na ultima quinzena de junho deram-se em Lisboa factos tão extraordinarios, que nem ao mais atilado saragocano da insensatez e da ineptia era possivel prognosticar.

O sentimento religioso da nação, que os erros dos directores espirituales não poderam ainda obliterar no coração do povo, foi tão cruamente explorado; tudo quanto os crentes acatam e respeitam foi tão desastrosamente aproveitado para resuscitar uma theocracia condemnada pelas maximas christãs; ligou-se tão impudentemente aquillo que se quer fazer passar por dedicação ao christianismo com a baixa comedia, em que até fizeram entrar, representando Virtudes, mulheres sujeitas aos regulamentos policiaes; pré-garam-se em plena igreja doutrinas tão abstrusas e tão alheias aos interesses espirituales; fizeram-se tantas e taes coisas, que até podem servir de argumento para se dizer — que tanto o christianismo é de origem divina, que até resiste aos embates dos seus ministros mais altamente collocados.

Sem medo algum do azorrague de que fallam os livros santos, nem d'um outro azorrague a que se refere a lenda de um rei portuguez, reuniram-se em assembleia leigos e padres, bispos, arcebispos e cardeaes á mistura, transformando a velha igreja de S. Vicente de Fóra no grande pagode de Djagner-nat.

O thema dos discursos ahí proferidos foi muito antecipadamente dado pelo cardeal patriarcha; e, com grande gaudio e repetidos applausos, foram ouvidas as doutrinas mais subversivas para a actual ordem social e politica, as heresias scientificas mais reveladoras da ignorancia do nosso clero, a proclamação mais altisonante contra tudo quanto seja liberdade e progresso, contra tudo quanto não estiver afinado pelo diapasão do *Syllabus* e da reacção.

A meia duzia de passos da Igreja feita pagode, está o jazigo onde repousa o homem a cujo impulso foram deruidas as ordens religiosas; e, sem a mais leve sombra de pudor, e acobertados até com o patronato dos descendentes d'elle, as suas vozes roucas bolsaram improperios sobre a sua obra.

Mas os mortos de ao pé da porta eram pequeno alvo para tão farto municiamento de verrinas, para odios tão santamente amontoados; e foi-lhes necessario ir á Italia buscar o seu unificador, para sobre elle dispararem a rhetorica mais explosiva e os golpes mais acerados, elles, protegidos pela sombra regia dos netos de Victor Manoel.

Não respeitaram as leis nem as instituições, que se dizem liberaes; não consideraram os vivos nem os mortos; e ei-los seguindo o exemplo do seu illustrado presidente, o patriarcha, que, ha 5 annos, naquella mesma logar, diante do cadaver de D. Luiz I, na presença da viuva e dos filhos, quando no templo se encontravam representantes de quasi todas as nações, intempestivamente ergueu a voz, não para exaltar virtudes, mas para avolumar e deitar pregão dos defeitos e fragilidades do rei morto.

São estes os varões que pretendem governar os povos; são elles que querem que retrocedamos aos tempos das humilhações de Canossa ou ao poderio de Innocencio III; são elles que trabalham para que de facto se lhes entregue o poder supremo, debaixo da fór-

ma mais ou menos disfarçada da theocracia.

Ha prelados que se ausentam por largos mezes das suas dioceses; outros, que levantam conflictos repetidos, originados pela sua vaidade ridicula; outros, que vivem na ostentação mais faustosa, sem contemplação pela desgraça e miseria alheia; outros, que são tão illustrados, que escrevem *quarões*; outros, que exigem dos que lhes estão na dependencia, como signal de respeito, actos de abjecta e hypocrítica humildade; que deixam nos seus seminarios florescer todos os vicios para que está propensa a mocidade; que não curam da instrucção nem da morigeração do seu clero; que o não guiam pelo exemplo nem o reprimem pelo castigo... Nada d'isto preoccupou as candidas almas dos congressistas.

Da humildade sem affectação; da caridade com a prégon Jesus; da pobreza voluntaria; da honestidade das almas... não se tratou no famoso pagode; esta foi representada no cortejo pelas virgens contractadas no becco da Madragão. Dos preceitos evangelicos, trataram só da *obediencia inteira*, mas da obediencia ás suas ordenanças, não aos preceitos de Christo; da obediencia aos theocratas e reaccionarios, não a Cesar, porque nas coisas temporaes, acima do poder de Cesar, querem elles que esteja o seu proprio poder.

Depois, queixam-se da descrença que nas almas lavra fundo; da anarchia dos espiritos, do socialismo desordenado, da impiedade e da irreverencia, da desmoralisação das classes, da desobediencia a todas as leis, da decomposição manifesta do organismo social... quando é nos seus actos, nos seus exemplos, nas suas doutrinas, que, as mais das vezes, haurem alento a anarchia, a irreverencia, a impiedade, a desmoralisação e a descrença.

×

Tomem todos a lição dos factos occorridos no mez passado.

Antes do congresso, a procissão do Corpo de Deus, foi respeitavelmente presenciada por milhares de pessoas; — depois da famosa assembleia, postos á luz do sol os planos clericales, a excitação do povo contra os reaccionarios era tal e por todos tão conhecida, que muitos ecclesiasticos, fugindo apavorados de uma outra procissão em debandada, julgaram necessario, para escapar á justa irritação do povo, despír nos vãos das escadas as vestes sacerdotaes.

Emende-se, pois, o clericalismo e não responda ás intimações da opinião publica parodiando a resposta do geral dos jesuitas o padre Ricci, quando respondeu ás exortações que se lhe fizeram para reformar a ordem: — *Sint ut sunt, aut non sint.*

E pelo que diz repetido a quem fomenta entre nós o espirito clerical e reaccionario, semelhante conselho se lhe deve dar. Entre Philippe Egalité, da Convenção, e o fanatico Gastão d'Orleans, conde d'Eu, deve haver um justo meio termo, em que se admitte que se conserve a Rainha de Portugal.

Em luta com a junta consultiva do Ultramar o ministro da marinha, por ella não dar parecer favoravel a medidas que elaborou. — Mas o parecer não faz falta, diz o jornal do ministro, têm de ser decretadas dictatorialmente.

O que quer dizer; ainda que sejam ineptas é o mesmo.

No capello do sr. Affonso Costa

Discurso do sr. dr. Guilherme Alves Moreira

(CONCLUSÃO)

Para o acto de conclusões magnas publicou Affonso Costa uma dissertação intitulada *A Igreja e a questão social — Analyse critica da encyclica pontificia «De conditione opificum» de 15 de maio de 1891.*

É da mais palpitante actualidade o assumpto sobre que versa este trabalho. A questão economica, que, pela sua extrema complexidade e pelas profundas modificações que para a sua completa solução deve soffrer a constituição das actuaes sociedades, bem pôde denominar-se questão social, ao mesmo tempo que agita febrilmente as massas operarias dos grandes centros industriaes, merece as mais profundas cogitações de abalizados pensadores e que os poderes publicos das nações mais civilizadas lhe dediquem a mais séria attenção.

É incontestavel que estamos no inicio duma profunda transformação social. E bom seria que as lições da historia ensinassem alguns espiritos que crêem eternas certas categorias sociais e pueris utopias todos os planos de reorganisação que têm sido elaborados, que tambem assim foram consideradas, quando só viviam no mundo das idéas, as grandes reformas que a humanidade tem realizado em seu progredir incessante. Como as passadas, ha de transformar-se a actual organisação social.

Mas quaes as bases em que ha de assentar essa reorganisação? E como realizar-se, com o menor numero de perturbadores abalos, a transição para ella?

Eis o gravissimo problema que se discute e que o nosso doutorando escolheu para assumpto da sua dissertação inaugural. Foi grande o seu arrojio, confesso-o; mas tambem devo declarar que mais uma vez affirmou o seu grande talento no modo por que o desinvolveu.

O novo doutorando, influenciado principalmente pelos trabalhos de Mallon, apresenta-se como sequiz convicto da theoria socialista.

Hontem seria um crime fazel-o; não o é hoje.

Não pôde recusar-se ao socialismo, pelo menos, o direito de ser scientificamente discutido; e se na parte organica só nos offerece por ora hypotheses mais ou menos defensaveis, na critica ás actuaes instituições economicas de ha muito lhe cabe a victoria. Elle pôde afortunadamente dizer da velha economia que ella, para se manter orthodoxa, deixou de ser scientifica.

Affonso Costa não é só socialista convicto; é um partidario apaixonado. Bem o revela a sua dissertação, em que nem sempre mantem a serenidade que deve ser constante apanagio do homem de sciencia, quando critica doutrinas e remedios que, postas de lado intenções, serão de efficacia nulla para eliminar radicalmente os males de que enferma a actual sociedade. Será um defeito do seu trabalho? Talvez. Mas explica-se.

Se eu admiro o medico que, impassivel, lucha contra pertinaz e cruciante doença, extasio-me perante aquelle que soffre com o doente, a cujas dores procura lenitivo. E difficilmente podem os factos sociais ser analysados com impassivel indifferença; poucos poderão estudar friamente as miseraveis condições em que vive a maioria da humanidade,

Notas d'um azedo

IX

XI—*Continuando...*—Ora, se bem me lembro, vinha eu dizendo serem dois livros detestáveis, sem atenuantes simplesmente detestáveis, *A Morte do D. Agostinho* e os *Santos Portuguezes*, recém-publicados por Silva Pinto e Teixeira de Queiroz, e, ao rabo dos quaes a senhora imprensa, sempre abelhuda e mãos rotas na sua idiosyncrasia de caipira, por bem bouve collar a gema florida das suas adjectivações solemnes, retumbantes, de admirativos estarrecimentos incondicionaes.

Vá pois de provar o affirmado não adregue o fracasso de á conta de ingenuo azedume, bilioso espirito de contradicção, me lançarem os cavalheiros a justiça recta do desabafo, a sã equidade da nota discordante, que, irreverente, mal humorado, me apraz lançar, muito de fugida, ao cor unisono, patusco e louvaminhador, dos maus-successos litterarios dos illustres parturientes.

E, como assim, de começar pelo sr. Teixeira de Queiroz em detrimento de Silva Pinto, pela evangelica razão de que os primeiros serão os ultimos não só, ao de lá das nuvens, no bodo das graças da paradisíaca Arcada da Bemaventurança, mas também cá baixo, entre pões, nesta sopa economica das surras litterarias, que, de quando em vez, vão a bater nas carcassas aurifulgentes, intangíveis, dos plumitivos consagrados.

Como todas as reputações pacatas, meia tigela, da contemporanea litteratura, da moderna politica, o nome do sr. Teixeira de Queiroz começou de ser trombetaçado ás massas lusitanas pela tuba estridula da Fama Coimbrã, matrona respeitavel, de maus costumes e boas carnaduras, ama secca dos bohemios, especie de Bento Penetra dos Cabulas, muito lida em folhas da Briosa e um tudonadita ciumenta da sua rival, mana mais velha, a Fama Universitaria, erudita Cornelia de más carnaduras e bons costumes, mentora dos urso e Nossa Senhora dos musicos, que, muito lida em sebatas e expositores, distribue ao fim do anno *accessits* e distincções, lá dentro, na Sala dos Capellos.

Ora é de saber, que ambas as manas, — pobres velhotas muito do meu respeito! — não brilham nem pela intelligencia nem pela perspicacia; antes, d'uma boa fé caturra, diaphana, deixam-se embarrilar, sem difficuldade de maior, com dois dedos de cavaço, quatro lérias a proposito: um nariz de cera d'erudição, metade d'um soneto em alexandrinos.

D'ahi, o guindar a mais velha a robusto talento, a sabida da Grecia, o Arroyo, a ter abitolado a mais nova como homem de genio, poetisa de valor, o Costa Goodolphim e os patrazanas da Decadencia, que nós sabemos.

D'ahi o ter ella, a Fama Coimbrã, creado a lenda de escriptor de pulso e romancista de geito ao sr. Teixeira de Queiroz, que, companheiro do Gonçalves Crespo, se revelou, na claque mediocre d'aquelle parnaso soffrivel, como adepto declarado das escolas medianistas nascentes, que, com o technismo extrombotico dos termos, com as dissertações scientificas das theses, procuravam escadeirar, banir da novella, as excrescencias e monstruosidades lá acoitadas pelo romantismo piegas, de capa e espada, da corrente litteraria d'Alem-Rheno.

Sem talento, porém, para não deixar de cahir n'um naufragio fiascoso, nos exaggeros da Escola e sem pulso para dentro d'ella crear uma individualidade caracteristica, como fizera a audacia intelligente do sr. Eça de Queiroz, sem qualidades de estylista que lhe animassem os descriptivos, com uma negação rebelde para as letras, o sr. Teixeira de Queiroz passaria despercebido, por entre a turba multa dos genios coimbrões e viria a liquidar num bom clinico d'aldéa, num

exemplar chefe de familia, se o escandalado da novidade produzido pelos seus primeiros livros não o animasse a novos commettimentos, a novas reinvidencias, de que, chronologicamente, a *Morte do D. Agostinho* é a peor por ser a ultima.

...E por ser a peor...

Já lá vamos.

Atarefado com os trabalhos da denciação e mais precalsos do engatinhar, eu não posso, menino e moço que era então, dizer de *visu* do effeito produzido pelos primeiros volumes do sr. Teixeira de Queiroz; mas avaliando pelas palavras delicadas do sr. Silva Pinto nos *Combates e criticas*—que generosamente soe defender todos os apprimidos, como provou agora na defeza do Santo Antonio—estou em desconfiar, que, com excepcional justiça, todos lhe saltaram, num malhar desencabrestado de possessos, saudando-lhe o debute com mór discernimento, mais criterio do que o empregado agora em turiferar-lhe á *Morte do D. Agostinho*.

Porque, da obra, já vasta, do sr. Teixeira de Queiroz, a verdade é esta: allora o *Amor Divino*, que, como dissertação palavrosa d'um cabula de medicina, poderia merecer um *nemine discrepante*, tirante um ou outro conto da *Comedia do Campo* e dos *Arvoredos*, recommendaveis para exercicios calligraphicos em collegios de meninas, nada mais se salva na degradingolade insulsa das centenas de paginas com que sua senhoria tem honrado generosamente as estantes dos seus amigos.

Nem nos *Noivos*, desenhado pastellão, sem arte, sem estylo, sem flagrancias d'observador e sem estudos de caracteres; nem no *Sallustio Nogueira*, diaphanorama incaracteristico em que a alta politica perpassa na prosa incolor do *Diario de Noticias*, sem um lampejo de talento e sem uma nesga de originalidade a salvarem-no da derrocada; nem no *D. Agostinho*, *mayonnaise* extravagante em que o Julio Verne dá o braço ao Ponson e o Ponson belisca as carnes lozidas do Conselheiro Accacio, o sr. Teixeira de Queiroz nos tinha dado o direito de esperarmos uma obra razoavel e merite a menos do applauso d'aquelles que, faltos de educação artistica, pervertido o gosto, mais não buscam no romance que um quadro fiel da vida, uma photographia desajeitada d'uma classe ou d'um individuo. Mas era nos licito esperar da honestidade pessoal do sr. Teixeira de Queiroz esta coisa simplissima que se chama o decoro litterario e prohibe a um homem, de mediano bom gosto, de publicar um livro como a *Morte do D. Agostinho*, onde todos os defeitos já notados nos seus irmãos mais velhos, se reproduzem e synthetizam d'uma fórma extranha, innarravel, com a aggravante d'uma preocupação de psychologo de capellistas a cabriolar por todas as paginas onde uma costureira pesponta o enxoval d'uma noiva, a poetar sobre o romance da Virgem com um mysticismo só comparavel ás tiradas d'um philosopho barbudo, inverosimil e phantastico que nos apparece no Aterro a besbilhotar a antiguidade grega ao velho fidalgo, que, espavorido, aterrado, de tanta sabença, se resolve a ir morrer a um club de meninas da rua Larga de S. Roque, onde se joga e se gosa, numa bambochata tresnoitada de devassos e piteiros...

Podia-se esperar muito do sr. Teixeira de Queiroz... Tanto, porém, é demaziado...

E, demais talvez não, que o sr. Teixeira de Queiroz já ha mezes se retratara em plena Sala dos Capellos, ante um auditorio boquiaberto, nesta phrase sublime, d'um grotesco immorreidoiro:

A medicina é a theoria, a pharmacia a accção: a medicina o general, a pharmacia o capitão!

E ainda não vae hoje o sr. Silva Pinto...

F. V.

Carta de Lisboa

5 de julho de 1895.

Ainda lhes fallo do centenario, mas para me despedir d'esta comedia que durou dezesete dias, muito menos tempo ainda assim do que o sergio costuma gastar para dizer alguma palavra que não seja absolutamente idiota.

Fecharam as festas com o banquete no arsenal da marinha. Estava immensa gente — pois tratava-se de comel! — e entre essa gente varias pessoas, cuja presença num banquete presidido pelo rei surprehendeu os ingenhos.

Eu já não sou ingenho. Fallou no banquete o sr. D. Carlos invocando a memoria do barão de cananêa para a *onião* de todos os portuguezes. Claro que o sr. D. Carlos gaguejou, como de costume, principalmente quando em algumas das palavras que lhe ensinavam transparencia o vislumbre de uma idéa.

Aqui está um caso em que sendo adversario da monarchia, estou com tudo inclinado a favor do rei — é n'esta pouca vergonha de o quererem obrigar a fallar e a pensar, quando elle pela sua qualidade de bragança não pôde attingir nem a sublimidade das palavras nem das idéas.

O conde de Rústello, cojos brazões remontam ás mais longinquas origens da alfavaca de cobra, presidente da camara municipal, também discursou, terminando por «beber á saude de Santo Antonio mais da bella sociedade». Textual!

Como o banquete se demorasse, um vereador do norte, afflicto, descalçou as botas, que tinha comprado, novas, de polimento, apertando-lhe ferozmente os callos que berravam desesperados, os innocentinhos. Outro camarista engasgou-se terrivelmente e esteve em ancias de vomitar, pois comendo os espargos como quem come pasteis, mastigou-os de fórma que se lhe encheu a garganta com os filamentos do delicioso desenojativo.

Mas a nota verdadeiramente comica foi o sr. Ferreira d'Almeida dizer no seu discurso que tinha cedido a sala do Arsenal com todo o prazer para aquelle «*emprehendimento*». Esta não lembra ao diabo, chamar «*emprehendimento*» a um jantar. E' capaz de dizer que a descoberta da India foi um almoço.

Este ministro que é um lobo do mar com salva-vidas, no meio do banquete produziu um arrote monumental que despertou em todos os convivas o desejo de corresponderem com uma salva de vinte e um tiros áquelle ronco adamastoriano da Costa.

Saibam os meus amigos, que n'este banquete, presidido pelo rei, esteve um representante do *Dia*, um da *Vanguarda* e dois do *Seculo*. Do *Seculo* não se contentaram só com um. Quizeram comer a dois carrinhos. Ficam os meus amigos sabendo isto e mais que, antes do banquete, o sr. dr. Eduardo d'Abreu mandou um officio ao sr. conde de Restello para que elle pagasse um cão de tres contos e seiscientos mil réis, que a camara municipal deve á subscrição nacional.

Restello não respondeu, mas foi saborear para o banquete os melões de dez francos, melões que os jornalistas republicanos apreciaram muito naquelle banquete presidido pelo rei.

Tudo isto á bom como o bom melão...

Os jornaes monarchicos continuam a querer livrar a rainha das responsabilidades que lhe cabem no caracter jesuitico das festas.

Este esforço dos jornaes monarchicos demonstra não só que a opinião foi adversa ás festas, mas que o publico soube comprehender que a rainha é a mais fervorosa protectora dos jesuitas.

Não venham para cá defendel-a, dizendo que foi illudida. O bispo de Coimbra bem disse que o governo, e a familia real, tinham ligado as suas responsabilidades ao congresso catho-

Não só me causam profunda indignação, horrorisam-me paginas escriptas por alguns sequazes da escola individualista, em que não se vê indício da commoção que deveriam sentir ao applicar á sociedade o principio da livre concorrência, sustentando, em nome dum pretendido principio scientifico e mal entendida selecção, que o fraco deve ser eliminado pelo forte. E não vêem que, em virtude da actual organização social, o mais forte nem sempre é o que melhores condições nativas reúne; que o mais forte é o rico herdeiro, o que conjuncturas sociaes, em que nem sempre entram como factor a iniciativa e o valor individual, collocam em condições de dominar. E não sentem quanto é deshumano e cruel deixar sem amparo, numa phase social em que as condições economicas garantem privilegios outr'ora só mantidos pela lei, quem não pôde por honesto e digno trabalho obter os necessarios meios de subsistencia. E todavia têm o direito de existencia, e ninguem lhes pôde contestar o direito ao trabalho. O que é contestavel é a organização social que garante o gozo das mais requintadas delicias, que uma dada civilização pôde proporcionar, a quem não trabalha.

Não perfilho a theoria individualista, e jámais a poderá perflhar quem em si sinte o que de mais digno e de mais nobre deve abrigar o peito do homem — o sentimento da humanidade.

E foi esse sentimento, cruelmente ferido pela miseria em que vive a grande maioria da humanidade, que tornou Affonso Costa um partidario apaixonado da idéa socialista. Explica-se a paixão que traduzem muitas paginas da sua dissertação, e digna é de elogio a sua sinceridade.

Mas não pôde nem deve ser apaixonada a sciencia. Cumpre-lhe pela rigorosa observação e comparação conscienciosa das instituições sociaes; pela exacta determinação da sua filiação historica; pelo estudo profundo da curva da sua evolução, formular a lei que a esta preside, prevendo assim o seu futuro. Outro processo que se siga dará como resultado revolucionaria metaphysica. E os effeitos que desta derivam são extremamente prejudiciaes. Referindo-me só á escola socialista, pede a justiça que declare que foram em grande parte as suas evolucionarias theorias que formaram uma seita que, tendo por ideal pueris e absurdas chimeras, torna uma realidade horrivel a sociedade actual.

E também aqui devo affirmar que não pertenco ao numero dos que vêem na intervenção do Estado e nas fórmulas legaes seguro meio de reorganisar a actual constituição economica, e sobretudo, uma das condições fundamentais d'essa reorganização. A evolução social mostra que a iniciativa individual ininterrompidamente se tem substituído á imposição collectiva, e o direito, amoldando-se á continua transformação que se dá nas instituições, garante-as em harmonia com as condições que naturalmente se fórmam. Mas ia-me insensivelmente afastando do assumpto que deve prender a minha attenção.

A dissertação inaugural do nosso doutorando revela larga erudição. Não lhe são desconhecidas as obras mais notaveis que ultimamente se têm publicado sobre o assumpto no estrangeiro, e só é para sentir que olvidasse muito do que entre nós se tem escripto. Pelo notavel talento e faculdades de trabalho que nessa dissertação revela, bem nos mostra Affonso Costa que pôde prestar grande serviço á humanidade, escrevendo sobre tão difficil assumpto obras verdadeiramente scientificas.

E deve fazel-o. O grau que lhe vae ser conferido é um compromisso de honra que mais o obrigará a trabalhar, para bem merecer da sabia corporação que o recebe em seu seio e da patria que tão necessitada está da dedicação de seus filhos.

É talentoso e infatigavel trabalhador o nosso candidato. Mas é necessario que esses predicados se alliem a

um caracter moral bem organizado para que sejam solida garantia e não elemento perigoso de desorganização.

Affonso Costa, sob este aspecto, é o que se pôde chamar um homem eminentemente social; a bondade, o sentimento de justiça e de dignidade, o seu grande amor pela familia, conquistaram-lhe os respeitos e a sympathia de todos os que o conhecem, a estima e amizade dos seus professores. Quem taes qualidades manifestou no passado, durante um já longo tyrocínio, offerece as mais solidas garantias para o futuro.

Senhores!

Antes de concluir devo referir-me ao cavalheiro que nesta solemnidade veio apadrinhar o nosso candidato, o sr. Francisco de Barros Coelho e Campos, tio por afinidade do doutorando. Tem elle exercido, com notavel intelligencia, cargos publicos dos mais importantes, havendo presidido a camara dos deputados durante algumas sessões legislativas. No meio politico em que vive, tem sabido sempre manter immaculado o seu nome, nunca sendo alvo da mais leve accusação.

Instado por differentes vezes para aceitar graças, sempre a isso se recusou. Présa o seu nome, que muito mais do que ellas vale.

Não assiste elle a esta solemnidade, por motivos que não recordarei para não avivar saudades, representando-o por procuração seu irmão, o sr. Antonio de Almeida Coelho e Campos, general de brigada e commandante em Lisboa da arma de cavallaria, ajudante de campo de sua magestade el-rei, commendador e grã-cruz da ordem de Aviz. E' como seu irmão um caracter impolluto, e no desempenho de espinhosas commissões que lhe têm sido confiadas sempre manifestou, a par d'um inquebrantavel espirito de disciplina, a maior affabilidade de tracto, que lhe tem conquistado as melhores sympathias.

Concluirei solicitando de novo para Affonso Costa as insignias doutoraes. Digno é d'ellas pelo seu talento, pelo seu caracter e pelo seu amor ao trabalho.—Disse.

Pela Figueira da Foz

Vae ser muito propicia á nossa praia visinha a próxima epocha de banhos. Em 15 do corrente serão inaugurados solememente os dois casinos no Bairro Novo, o *Mondego* e o *Peninsular*. Este ultimo é instalado nos grandes salões do Theatro-Circo e, com os seus largos parques, constitue um dos attractivos da formosa estancia balnear.

Teremos o prazer de inseir chronicas saltitantes d'aquella praia. Um dos nossos collegas irá para alli quasi exclusivamente para ter os amaveis leitores da *Resistencia* ao corrente das peripecias alegres succedidas durante os mezes calidos d'aquella cidade maritima, tão bella e tão procurada por familias portuguezas e hespanholas.

Sabemos que, na vida de praia, será este anno introduzido um bom costume, que interessa a muitas familias de Coimbra, e que porisso nos apressamos a comunicar e applaudir.

Consiste a novidade em supprimir totalmente as visitas chamadas de cerimonia. A' similhaça do que succede em outras praias,—por exemplo, na frequentadissima Povoá de Varzim,—as familias de relações encontram-se-hão nos casinos, clubs, passeios, praia, etc, e abi trocarão as saudações respectivas. Não farão visitas,—embora se não dispensem de passar a tarde ou a noite com pessoas de mais intimidade.

E lembrarão, aos renitentes, as vantagens d'esta innovação, para que ella se propague rapidamente e bem depressa se torne geral.

Sabemos que as familias de Coimbra mais interessadas n'osta companha salutar nem sequebr se munirão, para a sua estada na Figueira, de fatos exclusivamente proprios para visitas.

Achamos muito bem, e cremos que a idela irá por diante, tão simples e razoavel se nos afigura.

lico, de todas as manifestações a mais perigosa e reaccionaria. E o caso é que ninguém se illude, e todos estão convencidos do perigo que para o paiz representa a senhora de Orleans em Portugal.

Ainda bem que a monarchia mais uma vez se comprometter, remediando assim a levandade de alguns republicanos que parecem apostados em comprometter o nosso partido. Mas eu ia a fallar antes do tempo. Havemos de conversar.

×

Encarreguei agora um trapeiro de procurar nos caixões do lixo alguns pedaços de politica. Trouxe-me hoje um talo de couve, um osso e um artigo do *Correio da Noite* onde o rei é elogiado extraordinariamente.

O mesmo trapeiro mostrou-me as *Novidades* onde se elogia a rainha, com um servilismo atroz. Perguntei ao trapeiro se queria tornar a levar os papeis, e elle disse-me que não, pois elles sojavam os proprios barris do lixo.

Estes trapeiros têm philosophia como burro.

J. M.

De como se prova que a camara municipal de Lisboa, não pagando o que deve á defeza do paiz, tem rios de dinheiro para festejos Jesuíticos

O illustre secretario da commissão executiva da defeza nacional e nosso presado correligionario, sr. dr. Eduardo Abreu, endereçou, em 18 de junho, um energico e violento officio ao presidente da camara municipal de Lisboa, no qual diz o seguinte, que é altamente elucidativo:

Que o municipio de Lisboa subscreeu em 1890 com 100 contos de réis para a defeza nacional;

Que, desde então até 12 de dezembro de 1893, entregou 96:366\$000 réis,—devendo, porisso, hoje 3:634\$000 réis; e

Que, desde então, nada tem querido pagar.

Eduardo Abreu diz em seguida:

«Falham assim todos os meios officiosos que empreguei para a ex.^{ma} camara municipal de Lisboa saldar as suas contas, visto ser complicadissima e desgraçadissima, o que é bem conhecido no paiz e fóra do paiz, a actual situação financeira e orçamental da mesma ex.^{ma} camara. Basta entrar no edificio para se conhecer na physionomia da multidão que o frequenta, que o estabelecimento quebrou.

Portanto estava existindo da minha parte uma certa tolerancia perante a demora da ex.^{ma} camara municipal de Lisboa em satisfazer a sua divida á defeza nacional. Vendo, porém, que o ex.^{mo} presidente da camara municipal

de Lisboa, só ou de sociedade com o governo, está gastando á larga em festas diurnas e nocturnas, chegando a convidar todas as camaras municipaes, a virem á capital, onde poderão aperfeiçoar-se na maneira de consumir impostos e contrahir empréstimos, e depois a banquetear-as lautamente no ministerio da marinha, não devo ficar silencioso perante uma tal affronta ou caçoada aos mais respeitaveis sentimentos nacionaes, porque, affronta ou caçoada, é dever a ex.^{ma} camara municipal de Lisboa, ha mais de um anno, á subscrição nacional para a defeza do paiz 3:634\$000 réis; não ter dinheiro, nem saber como obtel-o para pagar aquella divida, dentro ou fóra do orçamento, mas fóra e dentro do mesmo orçamento encontrar facilmente quantia muito superior, para se divertir e banquetear!

Venho, pois, respeitosa e, por minha iniciativa e exclusiva responsabilidade, lembrar a v. ex.^a a conveniencia de mandar satisfazer até a vespera do jantar no ministerio da marinha, a importancia total de 3:634\$000 réis—que junta á subscrição já arrecadada com os juros capitalizados é destinada ao pagamento dos navios em adeantada construcção, e dos quaes urgentemente necessita para a defeza nacional o mesmo ministerio da marinha, onde vae realizar-se o tal jantar.

Deus guarde a v. ex.^a—Amares, 18 de junho de 1895.—Il.^{mo} ex.^{mo} presidente da camara municipal de Lisboa.—Eduardo Abreu.»

Ora aqui está uma esfrega rija, dada por mão de mestre e em occasião excellente.

Applaudimos o procedimento do nosso correligionario e ficamos esperando que a camara de Lisboa pague o que deve sem mais reflexões.

Tambem ficamos esperando que outras altas potestades liquidem as contas das suas subscrições com o activo secretario da commissão central de Lisboa.

Ficamos esperando... para falarmos devagar, se esperarmos em vão!

Sellos antoninos

Symptoma vivo do amor nacional pelas festas de Santo Antonio, a venda dos sellos commemorativos foi um fiasco real (Sem offensa para quem está presente). Achamos bem feito. Nem poderíamos pensar diversamente, nós, que, julgando Santo Antonio menos má pessoa, não vamos com os idiotas que o guindaram a gloria nacional.

Não! O povo portuguez não quiz nada com as festas, nem com o santo, nem com os sellos. Rejeitou a mercadoria ignobil, e, em toda a parte, foi ridiculissimo o producto a mais da venda das estampilhas antoninas.

Assim, para Coimbra, foram mandados sellos na importancia aproximada de 35 contos de réis. Era a primeira

remessa. Gastos aquelles, viriam mais. Pois, senhores, nesta cidade, venderam-se apenas 1:252\$100 réis de sellos, isto é, tanto como os ordinarios, mais 120\$000 réis.

Limpem-se a esse guardanapo, senhores festeiros, e digam-nos:

Quem paga as vergonhosas palhaçadas expostas ao publico durante 20 dias, uma vez que os philateli: os comeram a isca e inquinaverunt omni contumeliá (na phrase de Phedro) no anzol estendido por Burnay e seu governo?

Não ha deficit!

Quando o illustre heroe de Canegás affirma com o maior cynismo que a situação financeira do paiz é desafogada, vê-se que a divida fluctuante ascendia a 27:489 contos em 31 de maio ultimo, mais 9:076 contos do que em 27 de fevereiro de 1893, data em que a nação já era explorada pelo actual governo.

E recorre-se assim ao credito, não para promover melhoramentos importantes, para fazer progredir sob o ponto de vista economico, artistico e scientifico o paiz, mas para dispendir loucamente em verdadeiros esbanjamentos, para dar pingues ordenados a famintos afilhados que nada fazem, para organisação pagodes em que a monarchia seja festejada, para fazer adiantamentos á commissão promotora do centenario antonino, para pagar predios onerosos, e para outros fins d'igual quilate!

E faz-se isto quando o paiz não paga integralmente aos seus crédores! Quando todos os cidadãos, e designadamente os funcionarios publicos, estão pagando onerosissimos tributos!

Mas afinal nada do que acabamos de dizer é verdadeiro. O paiz, affirma-o o grande Hintze Ribeiro, está rico e as finanças do Estado em condições invejáveis. E porque o não havia de dizer? O que ha ainda chega para algum tempo, mas se do credito poder vir mais alguma cousa, bom será!

É a verdadeira philosophia do governo.

Actos na Universidade

Nos dias 5 e 6 fizeram acto, ficando aprovados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE THEOLOGIA

1.^o anno—Alexandre Francklin Soares e João Martins de Freitas.

2.^o anno—João da Resurreição de Paiva.

3.^o anno—José Noberto Araujo Esmeriz.

4.^o anno—Albino Francisco Ramos.

5.^o anno—José Pereira da Costa.

FACULDADE DE DIREITO

1.^o anno—Alexandre Correia Telles d'Araujo e Albuquerque, Antonio Joaquim d'Andrade, Pedro Virgolino Fer-

chegar junto do quadrado formado pelos soldados.

Os ajudantes do carrasco deixaram então a plataforma da guilhotina e viram-se os seus bonnets vermelhos nos degraus da escada.

Os que haviam de morrer estavam ao pé do cadafalso.

A multidão fez silencio.

Othavam uns para os outros.

Uma mulher, entre dois ajudantes, subiu os degraus da machina; appareceu um vestido branco na plataforma.

Ouviu-se um grito immenso, que se repetiu nove vezes.

Appareceu o ultimo condemnado.

Era o sr. duque, que tinha, por delicadeza deixado subir as mulheres em primeiro logar, e, por desdem, deixado tambem passar os burguezes.

Uma vez lá em cima pegou na rosa que levava entre os labios; aspirou-a e deixou-a cair. Depois compoz pelas suas mãos o colar da camisa, percorrendo a multidão com o olhar.

A principio a physionomia do duque tomou uma expressão doce; fez um signal com a cabeça, como quem dizia, bom dia ou até á vista.

Em seguida estendeu os labios. Entre a primeira fila de soldados estava a Combat. Os que vinham morrer alli, homens e mulheres, eram todos seus inimigos; porque todos tinham possuido palacios sumptuosos, vestidos de seda e bolças cheias de ouro. Eram burguezes,

raz Chaves e Sebastião Marques d'Almeida.

2.^o anno—Augusto Cesar Ferreira Gil, Antonio Peixoto Correia, e Adolpho Alves da Motta.

3.^o anno—José Maria Joaquim Tavares, José Nunes do Nascimento, José Sebastião Cardoso de Menezes, Julio Maria d'Andrade e Sousa, Luiz Gonçalves Forte, e Manuel Diniz Henriques.

4.^o anno—João de Sampaio Freire d'Andrade de Sousa Cysne, Joaquim Mendes e Manuel Leite Marinho.

5.^o anno—Julio Augusto Sampaio Duarte, Luiz da Cunha Nogueira, Luiz Neves Alves Baptista e Manuel José Ferreira Troncho.

FACULDADE DE MEDICINA

Houve exames de pratica.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.^o anno—José de Carvalho Homem, Manuel Monteiro Arruda, Antonio Luiz Pestana, Cypriano Antunes dos Santos Trincão, José Martins, José d'Almeida Rebello, Luiz Candido Lopes e Accacio Augusto Pereira da Costa.

2.^o anno—Antonio José de Sousa, Augusto Lobato Guerra e Antonio Vasco de Mello Silva Cesar e Menezes.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.^a cadeira—(chimica inorganica)—João Ribeiro Braga, Avelino Thomaz Cardoso, Annibal Paes de Brito, Alvaro Colten Godinho e Antonio Roxanes de Carvalho Junior.

2.^a cadeira (chimica organica e analyse chimica)—Alvaro de Lima Henriques, Camillo Augusto dos Santos Rodrigues, Henrique José Caldeira Queiroz, José Julio Leite Lage, José Pinto, Julio da Silveira Brandão Freire Theodoro, Luiz Flaminio Teixeira d'Azevedo, Manuel Ferreira de Mattos Rosa, Manuel José da Costa Soares Junior e Christovam de Sousa Pinto.

Começaram na quarta feira os exames na Escola Industrial d'esta cidade. Têm funcionado as mesas de desenho geral, desenho ornamental e de architectura.

Das provas concluidas até hoje ha o seguinte resultado: em desenho geral, I classe.—19 approvações; Idem, II classe.—21 approvações

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 27 de junho de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto de Almeida Araujo Pinto—vice presidente. Vereadores presentes: João da Fonseca Barata—João Antonio da Cunha—Manuel Miranda—Antonio José Dantas Guimarães—Joaquim Justiniano Ferreira Lebo, effectivos; e José Correia dos Santos, substituto.

Approvou a acta da sessão anterior. Resolveu em vista de uma planta apresentada neste acto, destinar para a construcção do edificio do matadouro a superficie de 34,86 de terreno mais para o norte do local anterior.

zes, padres e nobres. Para os ver pagar com a vida a sua prosperidade passada, esta mulher sabia todos os dias de casa; dirigia-se á praça da Revolução para, á vista do supplicio dos accusados, satisfazer o seu odio inquebrantavel. De entre todos os inimigos da Nação, interessava-a um,—esse duque altivo e insolente, que, ha quatro annos no arrabalde de Santo Antonio, tinha atropellado a pequena Jenny, que quiz, com a fuga, furtar-se ao julgamento, que fazia pertenciosamente a parte as mulheres formosas no refeitorio da Conciergerie. Ao vel-o sobre o cadafalso, sorriu-se.

Le Franc percebeu este sorriso. Deu um passo em frente; inclinou o corpo; estendeu o pescoço nã.

Um segundo depois, estava feita justiça.

Ouviu-se um ultimo gemido. O povo, começou a retirar-se silenciosamente.

A Combat foi a ultima a retirar-se. A praça estava quasi vazia. Junto da Guarda-Movel, um grupo cercava uma creança que chorava afflictivamente.

Esta creança que teria onze ou doze annos era loura e bella como um anjo.

—Que fazes tu ahi? lhe disse uma mulher.

—Espero.

—Que esperas tu?

—Que alguém me recolha.

—Onde moras.

mente escolhido na quinta de Santa Cruz e o mais proximo possivel do muro que separa a quinta do caminho de Montes Claros, vendo que foi suspensa a anterior deliberação da Camara sobre o assumpto.

Resolveu exigir do administrador do cemiterio da Conchada participacão circumstanciada acerca do roubo de uma lampada no cemiterio, de que o vereador respectivo deu conhecimento, apresentando uma carta, em que o dorso se queixa de ter ella sido subtraida de uma espelta que lhe pertence.

Resolveu ouvir sobre o mesmo assumpto todos os empregados do cemiterio, bem como acerca de uma participacão do administrador do cemiterio contra o porteiro, por virtude de actos que ali pratica sem a reverencia e respeito devido ao local.

Mandou descontar o vencimento de oito dias ao vigia dos impostos n.^o 22 e o de quatro dias ao n.^o 23, por irregularidades no serviço, sobre o que foram ouvidos.

Attestou acerca de diversas petições para subsidios de lactação a menores.

Auctorisou o pagamento de 1890 réis de 24 pastas destinadas a archivar correspondencia.

Auctorisou a reparação das fontes dos logares do Pico, Malaga, Venda do Cego, Trouxemil, Revellas e Cruz dos Morouços.

Mandou orçar a despeza a fazer com a reparação da fonte do logar do Loureiro.

Auctorisou a reparação do muro que desabou na cerea dos Jesuítas.

Resolveu pedir providencias ao chefe do districto para a extincção de pantanos que existem nas cereas de Santa Clara e de S. Francisco; e da direcção da 2.^a circumscripção hydraulica para a limpeza da valia que do Rocio de Santa Clara segue até o Almeige.

Auctorisou algumas avencas para o fornecimento d'agua a particulares.

Despachou requerimentos, attestando acerca do comportamento de diversos e auctorisando a collocação de letreiros e taboetas em estabelecimentos de commercio, exumações e renovação de taxas de pagamento no cemiterio; a abertura de janellas em uma casa nos casaes d'Eiras e um portal de entrada sem occupação de terreno, o levantamento de um deposito para uma obra na quinta de Santa Cruz; a canalisação do exgote d'aguas de casas no largo de D. Luiz; a reparação do caminho das Alpenduradas; o levantamento dos rebates das portas de uma casa na rua do Tenente Valadim por virtude de novos atterros e regularisação da rua; a exploração de pedra de alvenaria do morro que fica junto á rua de A. Herculano; a substituição de cantarias de portas de um predio em Anthuzede; a alteração da fachada de uma casa no becco da rua das Solias.

Indeferiu requerimentos, pedindo um alteração na fachada de dois predios na rua do Tenente Valadim; outro; o corte de arvores em Larã, e o terceiro a construcção de uma casa em Rios Frios, com occupação de terreno do concelho.

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje os editaes da Sociedade Philantropico-Academica relativos ao concurso do premio *Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto*, e admissão de subsidios no futuro anno lectivo. Publica-los-hemos no proximo numero.

Caridade

Recommendamos á caridade dos nossos leitores amigos e mais correligionarios um artista, antigo democrata d'esta cidade, muito doente e nas mais deploraveis circumstancias, com sua familia.

N'esta redacção recebe-se qualquer obulo que lhe seja destinado, e que será agradecido particularmente pelo beneficiado.

—Não sei; chegamos esta manhã a Paris;

—Quem veio contigo.

—João

E acrescentou:

—O meu creado.

—Para que te trouxe o teu creado aqui?

—Para ver morrer meu pae.

Ao ouvir isto todos os presentes se commoveram.

—Ah! teu pae morreu?

—Sim... o ultimo.

A creança debulhou-se em lagrimas. A Combat deu um passo á frente, para ouvir.

A creança disse por entre soluços: —João gritou: Viva o rei!... Então lançaram-se sobre elle muitos homens e levaram-no. Elle resistia; não queria deixar-me...

De maneira que tu estás agora só? lhe disse a mulher. Não conheces ninguém em Paris?

—Ninguém.

—Eu tenho já quatro filhos disse esta. Não ha ahi alguém que queria encarregar-se d'esta pobre creança?

A Combat avançou até ao meio do grupo.

—Eu.

—Pegou na mão da creança e affastou-se com passo rapido na direcção de boulevard.

(Continúa.)

40 Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

VIII

A GUILHOTINA

O sol poente illuminava a praça da Revolução.

D'um lado, estendiam-se as Tulherias, com os seus frondosos castanheiros verdes e grandes terraços; do outro os campos Elysios, arvores, restaurantes e chalets. Ao centro da praça, enorme estatua da liberdade defrontava com as pranchas e barrôtes da guilhotina pintados de vermelho côr de sangue.

Cem mil cabeças ondulavam no espaço immenso da praça.

Um regimento da guarda de Paris formava em quadrado á volta do cadafalso, sobre o qual o executor e os seus ajudantes esperavam os condemnados.

A guilhotina era um progresso. Inventada na Italia, e introduzida em França por um membro da Assemblia Constituinte, o doutor Guillotin, veio substituir o esquarteramento, o supplicio da roda, a decapitação, a fogueira,

os supplicios atrozes e infamantes do antigo regimen.

Tinha a grande vantagem de substituir o braço do homem, nem sempre firme, por um instrumento sem alma, insensivel como o pau e o ferro.

O executor faz um movimento e o cutello cahe em virtude do seu proprio peso.

O cutello escorrega entre dois encaixes, imitando por vezes o movimento horizontal e perpendicular da serra; separa a cabeça do tronco com a rapidez do relampago.

Não será doloroso? Quem o sabe? Em todo o caso, havia a enorme vantagem de rapidez, e isto era sufficiente para honrar o medico da Constituinte.

De repente, o murmurio da multidão cresceu. As cabeças e os braços voltaram-se para o mesmo lado. Ouviam-se apupos. Uma onda de povo armado de chuchos atravessou por entre a multidão desarmada que estava na praça; appareceram os gendermes a cavallo, escutando uma carreta...

Dentro da carreta, os condemnados de pé, apertados uns contra os outros, balouçavam a cada movimento das rodas.

Viam-se lá cabeças brancas e louras, uniformes, e toilletes de baile, habitos talares, e factos burguezes...

Chamava-se a isto uma forçada.

Os cavallos iam a passo, avançando com difficuldade atravez da turba. Levou cinco minutos, ou talvez dez, a

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1:000 réis

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas differentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarías.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Arrenda-se

17 Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades

Para tractar, com Joaquim Augusto Preces Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72 — Coimbra.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

16 Acabam de chegar a esta casa:

Chapeus redondos para senhoras e crianças.

Ditos capotas, últimos modelos.

Fazendas proprias para vestidos.

Capas romeiras, a principiar em 1\$000 réis.

Meias e piugas de fio de escocia.

Voiles, tanto liso como em ramagem.

Zephiros, muito chicis.

Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis.

Sombriñas, para senhoras e crianças.

Eucarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.

Arrenda-se

15 O 2.º andar e aguas furta-das de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

14 ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.



AOS BARBEIROS

Pó de Sabão.—Vende-se a 800 réis o kilo.

Dão-se amostras a quem as pedir. — Barberia Fonseca, rua dos Gatos, 13 a 15.

Arrendamento

20 Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

Trespasse

19 Antonio dos Santos Pereira, trespasse ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Sotta.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

ESCRITURARIO

18 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á Casa Havana, onde lhe serão prestadas todas as informações.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

13 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

12 MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24

COIMBRA

11 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

Casa com quintal

10 Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Banco Alliança

9 Os dividendos d'este Banco, pagam-se no Banco Commercial de Coimbra, do dia 8 do corrente em diante a 1\$500 réis por acção. Coimbra, 6 de julho de 1895.

Vinho de meza sem composição

8 Vende-se no Café Commercial, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

7 Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Aprendizes

6 Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

ARRENDA-SE EM CONTA

5 Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroi, 103, se trata.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

4 Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

LEITÕES

3 De pura raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao preço de 2 a 3 mil réis.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES
46, Rua Ferreira Borges, 48

2 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima!
Alta novidade!

Vinho verde

1 Especialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA
Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desoonto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarías e no Deposito geral—Pharmacia Andrade, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 41

COIMBRA — Quinta feira, 11 de julho de 1895

1.º ANNO

Instrução secundaria

Dentro de curto prazo dará a comissão nomeada pelo governo para examinar os compendios de instrução secundaria, por fim a missão de que foi incumbida, pela aprovação dos que julgou melhor elaborados entre aquelles que foram sujeitos á sua apreciação. Se o governo souber acatar o seu veredictum e tiver força para cumprir as disposições do decreto reorganizador da instrução secundaria, do que sempre duvidamos, serão indubitavelmente excluidos do ensino official muitos compendios cheios de ineptias e de imbecilidades que, com uma indulgencia verdadeiramente criminosa se a não supozermos reveladora da mais crassa ignorancia, tinham sido approvados pelo conselho superior de instrução publica e serviam de texto nos nossos lyceus.

Offender-se-ão assim gravemente interesses de muitas casas editoras, que haviam dispendido avultadas quantias na aquisição da propriedade e na publicação d'esses compendios. Só o facto de elles haverem sido approvados pelo conselho superior de instrução publica e adoptados nos nossos lyceus, deveria actuar sobre o governo para que não puzesse completamente de lado esses interesses, fixando um prazo mais ou menos longo para a implantação do novo systema. Mas outras circumstancias se dão, que mais injustificavel tornam a violenta medida do governo.

Ao mesmo tempo que está funcionando a comissão que ha de examinar os compendios em face dos actuaes programmas de ensino, é incumbido pelo governo da reforma d'esses mesmos programmas um espirito verdadeiramente illuminado em todos os ramos da humana e divina sciencia! Reconhece-se que são antiquados e defeituosos os actuaes programmas de instrução secundaria; confia-se a missão de os reorganizar a um sabio, para quem não ha segredos em qualquer das disciplinas que se professam nos cursos superiores, para que essa instrução é preparatorio, e decreta-se que sejam escolhidos os compendios por que se ministrará a instrução secundaria durante um certo periodo, em harmonia com os actuaes programmas!

Muito bem! Explica-se assim perfeitamente a pressa que se deu o governo em expulsar do ensino os compendios actualmente adoptados, sem se importar com os prejuizos que d'ahi derivavam.

Independentemente, porém, d'esta circumstancia, será o systema decretado pelo governo um meio tao eficaz e tao seguro de levantar a nossa instrução secundaria, que fosse reclamada pelo interesse publico a sua immediata inauguração? Sem hesitação alguma diremos que não.

Não depende tanto da bondade do compendio, que se adopta, como das habilitações do professor, a qualidade do ensino que se ministra. Com um mau compendio, pôde um professor consciencioso ministrar optimo ensino; o mau professor nunca o fará, por melhor que o compendio seja. Além d'isso só officialmente serão excluidos muitos compendios que actualmente servem de texto. Os professores que só esses compendios conhecem ou a quem elles devem a existencia, consideram-se como optimos expositores e continuarão a ensinar por elles. Para uns será commodo; para outros será commodo e lucrativo.

Não é com reformas d'esta ordem que a nossa instrução secundaria preencherá o fim a que principalmente se destina. Continuarão a matricular-se nos institutos de ensino superior alumnos que absolutamente desconhecem os principios necessarios para a intelligencia das disciplinas que nellés se professam. Ver-se-ão os professores d'esses institutos, do mesmo modo que hoje, na triste necessidade de ensinar materias com que elles já deviam ir preparados, sob pena de não serem entendidos.

Uma reforma da instrução secundaria, para ser eficaz, devia assentar em outras bases; para ella devia o governo orientar-se por um modo diverso d'aquelle por que se orientou, pedindo pareceres aos conselhos das escolas de ensino superior, que sempre têm sido postas de lado num assumpto para que devem ter competencia especial.

Ah! Mas esquecia-me que o Jayme Moniz é omnisciente... Elle, e o conselho superior de instrução publica.

Joaquim Madureira

Fez acto do 4.º anno juridico na segunda feira passada o nosso queridissimo amigo e collega de redacção Joaquim Madureira. Ficou approvado *nemine discrepante*.

O nosso talentoso camarada, que nas *Notas d'um azedo* tem honrado as columnas d'este jornal escarpellando em prosa faiscante e ousada as maselhas da nossa pobre litteratura, os grotescos e os frioleiros da politica portugueza, confirmou no acto a que se submetteu para obter o grau de bacharel a justa reputação em que é tido o seu talento de critico enojado e scintillante, desde a publicação do *A' Gandaia*.

Ao amigo affectuosissimo e collega insubstituivel endereçamos, pois, cordaes parabens.

Descobriu o *Reporter* que, em vez d'um chefe d'estado como a *Carta* determina, nós temos a ventura de possuir dois: D. Carlos e sua esposa.

Final, o erro não é tao grande como certos animos irritaveis têm dito. Porquanto, na aurora da grandiosa revolução franceza de 1789, — essa nossa grande mestra, — tambem a França tinha dois chefes de estado: Luiz XVI e Maria Antonietta.

Pelo menos, o povo julgou estar bem certo d'isso na hora da sua justiça.

Aos operarios

Se algum dia vos disserem que, em desconto de varios crimes, a monarchia portugueza tem, por intermedio das suas rainhas, creado asylos e outros institutos de caridade destinados a *aliviar a vossa fome e a cuidar da vossa velhice*, respondei:

—Que, por exemplo, o mais afamado e enaltecido de todos os hospicios de Lisboa, o das *Irmasinhas dos Pobres*, está organizado com muita ordem e acerto, mas é unica e simplesmente um asylo da creadagem invalida da nossa multissimo piedosa fidalguia, que nesta epocha de utilitario egoismo declina nos estranhos o encargo de albergar e manter os creados que envelheceram e se inutilisaram no serviço de suas pomposas residencias e beatissimas pessoas; e

—Que, por essa razão bem simples, não é a vossa fome diminuida, nem a vossa velhice albergada, por quaesquer esforços bem ou mal intencionados da monarchia portugueza, ou, em especial, das rainhas que nos governam.

Bagatellas

Um dos passeios que entrava em todos os programmas era a visita ás ruínas de Condeixa a Velha.

Se ali foi a antiga Conimbriga, cuja colónia fundou e povoou Coimbra; ou se Coimbra já existia, sob a denominação romana, com o nome de Eminio, e simplesmente lhe herdou a importancia e o nome, depois de destruida aquella povoação numa dessas convulsões vulgares na peninsula, após a queda do imperio do occidente, durante as subsequentes invasões barbaras: — questão é esta, sobre que os archeologos têm muito delectosamente corrido phantasias e dissertações sisudas.

Parece que nos ultimos tempos um novo documento epigraphico foi encontrado, que cae, como a espada de Brenno, na balança da discussão.

Isso é com elles!

As ruínas de Condeixa são um abundante jazigo de curiosidades romanas. A quantidade de objectos encontrados ao acaso dá a persuasão de como seria grande a colheita posta a descoberto, se uma exploração methodica fosse dirigida pelas indicações d'um estudo no proprio local.

Os blocos das muralhas ainda existentes, endurecidos pelos seculos, e o largo espaço comprehendido dentro dos limites fortificados; a quantidade de moedas de cobre e prata, — *realtos* lhe chamam, — que os habitantes do lugar proximo vendem aos forasteiros; os fragmentos d'architectura; peças de vidro e olaria, pedaços de mosaico, etc., tudo indica a importancia que esse centro de população, castro, ou posto militar, teve em outros tempos.

A disposição dos muros, erguendo-se do lado sul sobre penhascos alcantilados, tem a feição singularmente desoladora de idades primitivas, de atrocidades, de destruição — do marulhar humano a travéz dos seculos.

Ha alguns pannos de baluartes bem conservados, um lanço de estrada militar e vestigios do aqueducto das aguas de Alcabideque.

A paisagem é selvagem, arida e escavada; numa grande extensão nem cultura, nem verdura interrompe a cor uniforme dos terrenos calcareos.

A *Escola Livre das Artes do desenho*, que tao boa memoria deixou de si, estava então no periodo da sua mais util actividade e decidiu-se a fazer uma sondagem dentro do recinto murado.

Uns quinze associados de varapau e farnel a tiracolo, aos primeiros clareões d'uma madrugada fria e novoentada de março, seguiu estrada fóra, a passo de exercicio.

Apenas chegados, deu-se principio á tarefa; era preciso romper transversalmente um sulco na vertente occidental da *almedina*; e alguns cavadores, apalavrados de vespera, moviam as enchadas com desembaraço.

A pequena profundidade foi logo descoberto um pavimento de mosaico, *vermiculata*, a soleira d'uma porta e os alicerces de paredes internas, pintadas. No angulo de dois muros uma prodigiosa quantidade de cascas de ostras amontoadas.

Nestas alturas uma chuva miuda começou de cahir com persistencia e collocava-nos em embarços imprevistos. A continuação do trabalho tornava-se impossivel, e o aterramento da escavação feita, até melhor opportuni-

dade, era o expediente que naturalmente suggeria.

Mas o povo, atraído pelos rumores de investigação de thesouros ali escondidos, abertamente manifestava o proposito de por sua conta e risco, proseguir nas pesquisas.

Por tal forma condemnado o formoso mosaico a uma destruição certa, eramos obrigados a levar por diante a penosa operação, molhados até á pelle, enlameados e fuscados.

Os signaes d'um grande incendio ali occorrido são evidentes por toda a parte. E' vulgar serem encontradas porções de trigo queimado; e o subsolo em certos pontos vê-se misturado com cinzas e residuos carbonizados.

As cavidades abertas semelhavam-se a grandes tinteiros, porque a chuva ali represada tinha dissolvido as substancias negras.

Com dificuldades laboriosas, quasi insuperaveis, conseguiu-se a final a extracção de dois quadros de mosaico, de mais d'um metro quadrado, de cores e lavor caracteristicamente romano, além de outras pequenas porções de somenos valia.

A chuva redobrou; sobreveiu a noite; e não obstante, a empresa não foi malograda.

A retirada fez-se corajosamente e em ordem; sómente um pouco mais de vivacidade animava a cohorte exploradora, que, se se não rendeu á fadiga, entendeu dever premonir-se contra os agravos do humido elemento.

Nesta investigação foram recolhidos mais os seguintes objectos: uma lucerna de barro; uns restos de cadeia de ferro de elos circulares, inteiramente transformados pela oxidação; uma espora de agulhão bem conservada; fragmentos de utensilios de barro fino vermelho; um pedaço de cobre fundido com a forma convexa do cadinho; um tjiolo de exceptionaes dimensões e quantidade de dentes de javali, etc.

Está ali um empreendimento tentador a chamar a atenção e a iniciativa de qualquer corporação, ou d'um homem devotado aos estudos archeologicos, que hoje tanto seduzem os espiritos cultos, atrahindo-os por um sentimento sympathico de solidariedade humana e pela dedicação ao progresso das sciencias historicas.

Mas talvez nem valha a pena fallar n'isso!

O *Seculo* anda muito apprehensivo por que a tiragem o obrigou a dizer mal dos festejos jesuiticos durante quatro dias.

Comprehendemos a magna do collega e enviamos-lhe a expressão do nosso pezar sincero.

A relação de Lisboa annullou a sentença do juiz do 3.º districto de Lisboa sobre o caso dos carvoeiros, a que já em tempo nos referimos. A este respeito faz o *Jornal do Commercio* algumas considerações sensatas, perguntando se o ministro da justiça adoptará providencias para que sejam restituídas as quantias das fianças que os carvoeiros pagaram.

Que isso se deveria fazer, nenhuma duvida ha; mas parece-nos que tambem não se pôde duvidar de que o tal dinheiro das fianças foi alma que caiu no inferno.

E, se é verdade o que se diz, conseguiu-se impunemente o que se de sejava. Quanto á campanha levantada pela imprensa, já é sabido o resultado que dará! Fala uma semana, e fica tudo como estava.

O partido medico municipal

As obrigações a que fica sujeito o medico provido no partido, que a camara acaba de crear, constam da seguinte proposta:

«Considerando que o medico do partido urbano tem todas as obrigações que a lei prescreve aos facultativos municipaes, e além d'estas lhe incumbe accumular pelo novo codigo administrativo as funções de delegado de saude em todo o concelho; 1)

«Considerando que d'este modo tem mais a seu cargo a inspecção e fiscalisação hygienica de todos os estabelecimentos municipaes, como são: cemiterios, matadouros, mercados, cadeias, escolas, collegios, farmacias, fabricas, officinas, lavadouros, montureiras, fontes, chafarizes, esgotos, latrinas, canalisações, reservatorios, etc., etc.;

«Considerando que, na qualidade de medico-hygienista, tem responsabilidade sobre todos estes serviços de hygiene publica, e que deve propor á camara com a sua autonomia scientifica os meios de prevenir, evitar ou combater todas as causas de insalubridade das povoações;

«Considerando que lhe incumbe a inspecção dos generos alimenticios, como são, principalmente, vinho, vinagre, azeite, fructas, carnes e peixe; fazendo analyses pequenas e ligeiras, em quanto o municipio não possuir um laboratorio especial para este fim, de que este facultativo será o director;

«Considerando que é da sua attribuição como hygienista dar consultas e informar sobre a melhor construcção de edificios publicos e particulares, sobre a sua orientação e exposição, divisão, e em especial sobre a sua ventilação interior;

«Considerando que tem de proceder a visitas domiciliarias, e a desinfeccção pelas machinas apropriadas quando a camara as poder adquirir;

«Considerando que tem obrigação de responder a todas as consultas da camara e autoridade superior do districto sobre regulamentos e posturas, prestando os seus bons serviços de professional;

«Considerando que tem de fazer annualmente um relatório de todos os serviços hygienicos e melhoramentos, confeccionando estatisticas e mappaes demographicos e nosographicos de todo o concelho, soccorrendo-se de indicações de seus collegas das freguezias rurais, que neste ponto tem analogas attribuições;

«Considerando, finalmente, que estes serviços de boa hygiene não podem diminuir, antes todos os dias devem augmentar segundo as indicações da moderna sciencia;

«Propoño que o ordenado do partido medico hygienista urbano (já creado) se fixe no orçamento supplementar, ora discutido, em 300\$000 réis, e que estas considerações se tomem por base das obrigações do clinico que fór provido no concurso, ficando por isso transcriptas no desenvolvimento do mesmo orçamento.»

O nosso collega a *Correspondencia de Coimbra*, onde lemos esta proposta, precede-a de algumas considerações em que se declara que a camara attendera, para a criação do partido medico-hygienista da cidade, «a lei e ao pedido insistente do chefe do districto, em virtude da mesma lei (art.º 2.º do decreto n.º 4 de 10 de janeiro de 1895), que supprimiu os logares de delegado de saude nos districtos, e entregou as attribuições que aquelles funcionarios tinham aos medicos municipaes das capitães de districtos.»

Não quer a camara para si a responsabilidade da iniciativa da criação do partido medico da cidade; cedeu aos pedidos insistentes do chefe do districto. A insistencia no pedido leva nos a suppór que houve até recusa ou má vontade por parte da camara em o satisfazer, e, se isso se deu, é porque a camara reconhecia que havia inconvenientes na criação do partido medico. E cumpriria ella o seu dever, expondo ao governo esses inconvenientes, dizendo-lhe que em Coimbra não se tornava necessario um partido medico, e que havia meio de se obter a superintendencia nos serviços de saude publica sem que a camara creasse esse logar, indo assim agravar a situação financeira do municipio, já tao difficil? Cremos que não. E somos levados a presumir-o pelo facto de não haver a minima referencia a qualquer representação nesse sentido nas actas das sessões camararias.

A camara limitou-se a não acceder promptamente ao pedido que lhe fóra feito, o que determinou a insistencia do chefe do districto.

Em compensação, quando a camara deliberou crear o partido medico-hygienista e fixar o ordenado respectivo, fez um estudo demorado da legislação que o devia regular, consignando na acta da sessão uma proposta, que seria uma dissertação quasi regular para uma cadeira de direito administrativo. Attendendo-se, porém, ao fim que se teye em vista ao elaborar essa proposta, é um trabalho que, para não usar de termos feios, qualificaremos de extraordinario.

Para se determinar quaes as obrigações que ficavam impendendo sobre o medico que a camara havia resolvido prover no logar que creára, estuda-se a legislação administrativa, fazem-se algumas considerações a esse respeito mais ou menos sensatas, e conclue-se que essas «considerações se tomem por base das obrigações do clinico que fór provido no concurso».

Ora é necessario que se diga que, nas taes considerações, se não teve consideração alguma para com os serviços clinicos destinados a soccorrer a pobreza que existem em Coimbra muito bem organizados e devidamente dotados. Não se declara que a Misericordia tem tres partidos medicos para os pobres da cidade e que o medico provido em um d'esses partidos faz serviço na cadeia. Não se diz que o receituário d'esses medicos é gratuitamente aviado na pharmacia da Misericordia, circumstancia que só de per si determinará a completa inutilidade do logar, que a camara acaba de crear, pelo que respeito aos soccorros clinicos prestados á pobreza. E convem que desde já se fique sabendo que os regulamentos da Misericordia se oppõem a que na sua pharmacia sejam aviadas receitas para pobres da cidade, passadas por qualquer medico que não seja facultativo da Casa.

Ignora-se ou finge-se ignorar tudo isso, e nas taes considerações refere-se só o art. 138.º do código administrativo, sem ter em attenção as condições especiaes que se dão em Coimbra.

Nesse artigo impõe-se tambem ao medico de partido inspecção nas meatrizes, serviço que em Coimbra foi muito sensatamente distribuido pelos clinicos dos Hospitales da Universidade, que para isso recebem uma gratificação do governo. Ficará agora a cargo do medico de partido?

Não o sabemos nós nem decerto o sabe a camara, que mostra não ter feito estudos nem combinações algumas a esse respeito.

Sendo de suppor, porém, que esse serviço continue a ser desempenhado pelos facultativos dos Hospitales, no que ha as maiores vantagens, ficará o tal medico, que ha de ser provido no partido, sem ter coisa alguma que fazer como medico.

Mas não foi só creado para isso. E' tambem hygienista. E pesados serviços lhe foram distribuidos nas taes considerações!

Ha de ser o director do laboratorio municipal... quando a camara o tiver; ha de fazer desinfecções nas visitas domiciliarias... quando a camara puder adquirir machinas apropriadas. E desde já fica percebendo ordenado, para quando forem creados esses serviços! A camara conhece muito bem o systema adoptado pelos nossos governos: primeiro o pessoal, depois o material.

Como se vê das taes considerações, são muitas ainda as obrigações que recaem sobre o medico hygienista, mesmo sem a creação d'esses serviços. Para quem as quizesse cumprir seriamente, não seriam sufficientes 500,000 réis de ordenado.

Mas esses serviços eram desempenhados por muito menos antes da creação do tal partido medico-hygienista, e não faltavam pretendentes ao logar. Serão agora desempenhados melhor, porque se eleva o ordenado?

Quem elaborou a proposta, havia de pensar se seria tomada a sério. Pelo que respeita á pergunta que formulamos, já sabemos que o não é.

Como se organisam as contas do thesouro

Referindo-se do relatório ultimamente publicado pelo ministro da fazenda, diz o *Diario Popular*:

«Ahi por 1870 mandou o marquez de Angeja proceder ao recenseamento dos vados no paiz. Concluido o recenseamento, publicou Moraes Soares um folheto contendo não só a estatística dos animaes, mas tambem a da alimentação

publica. Os resultados officiaes eram baixos da mais e, contando com produção, importação e exportação de todos os generos alimenticios, via-se que cada cidadão portuguez não dispunha de sufficiente alimentação para viver e trabalhar. Então Moraes Soares, um pouco a dedo, suppondo que cada portuguez se alimentava sufficientemente, como a importação e exportação licitas eram conhecidas, corrigiu a produção, aumentando-a arbitrariamente em relação a cada genero.

«O professor Lapa, sem reparar no methodo seguido por Moraes Soares, tomou da estatística por este arranjada, comparou a com a da população, e provou que cada cidadão portuguez se alimentava sufficientemente. Poderá não, se a estatística arbitraria fóra feita nesta hypothese.

«Ora as contas da contabilidade publica são fabricadas pelo mesmo processo. Arranjam-se a dedo sob a hypothese que tudo vaee bem, e depois conclue-se que tudo vaee bem. Ha conta que é feita e refuta umas poucas de vezes até que tudo vaee bem, afim de melhor concluir que tudo vaee bem.»

Todos sabem que o redactor politico do *Diario Popular* é o celebre Marianno de Carvalho, que já foi ministro em duas situações.

Consta que o Carrilho encontrara nelle o verdadeiro homem para comprehender os processos de que usa na fabricação das contas, e até alguém pensa que elle lhe ensinara alguns novos meios de, por operações bem combinadas, augmentar a receita e diminuir a despeza... na contabilidade, bem sabido.

Não pôde, pois, deixar de ligar-se todo o credito á passagem que reproduzimos, que bem nos mostra o valor que deve attribuir-se ao celebrado relatório do ministro da fazenda.

E a proposito. Quando se resolverá o ministro da fazenda a publicar as notas da divida fluctuante em 30 de junho findo?

Parece que já vaee sendo tempo de ligar alguma importancia á campanha da imprensa nesse sentido.

A Companhia de Credito Predial começou a distribuir no dia 10 do corrente o dividendo de 742,5 réis por acção.

Victimado por uma pneumonia dupla, falleceu na segunda feira passada o intelligente pharmaceutico desta cidade, sr. Joaquim Adelino Simões de Carvalho e Castro.

Os nossos pezames a sua familia.

Pela Figueira da Foz

Está em progresso constante a formosa estancia balnear. No *Alto do Viso*, ao cimo da rua do Melhoramento, ergue-se uma vasta praça de touros, que a empresa conta poder inaugurar nos meados de agosto. Já está quasi concluida, embora só ha poucos mezes tivessem sido iniciados os trabalhos de construção. Alli não ha descanso. Nos proprios domingos, centenas de operarios trabalham activamente, estimulados, elles proprios, pelas vantagens que á sua querida terra decerto trará o *Colyseu Figueirense*.

E' uma observação já feita, mas que importa renovar, sobretudo em Coimbra, —que os habitantes da vizinha cidade maritima poderão ter as suas questunculas politicas e mesmo pessoas, mas sabem unir-se quando se cuida de promover o engrandecimento da terra commum. Seria bom que neste sentido os coimbricenses modificassem a sua maneira de encarar as questões de interesse geral.

Além do novo *Colyseu*, a Figueira apresenta nesta epocha, aos seus hospedes, um esplendido *Casino Peninsular*, que, na vastidão e nas diversões, pôde rivalisar, — sendo bem dirigido, — com os estabelecimentos similares do estrangeiro. Por sua parte, e assim estimulados, os proprietarios do *Casino Mondego* estão cuidando de nelle introduzir algumas reformas que estavam sendo insistentemente reclamadas.

Nenhum espanto, pois, que a concorrência áquella praia seja este anno enorme. Já alli estão algumas familias, e, na praia, vêem-se armadas bastantes barracas. E, ao que se deprehende das casas já arrendadas, os mezes de agosto e setembro vão ser d'uma grande animação e entusiasmo.

Pela nossa parte, e como vizinhos incapazes de ter inveja das mercês que Deus faz a outrem, felicitamos a formosa estancia balnear e cuidaremos de interessar os nossos leitores naquillo que, mais brilhante e notavel, alli occorrer.

Dr. Theophilo Braga

Neste domingo ultimo, — enquanto, no Porto, a *Voz Publica* inseria uma sincera homenagem de José Caldas ao illustre correligionario e venerando sabio que as instituições e os energummenos tentaram fazer perder, — em Lisboa o *Seculo*, prestimoso e subtil, alardeava, sem reparos, a informação que segue:

«O sr. conselheiro Jayme Moniz tem já bastantes trabalhos sobre o projecto de reforma do curso superior de letras.»

A quem haja assistido á recente campanha de infamissimo descredito e insulto soez, de acintosos persegução e malevolência vil, que os collegas de Theophilo Braga, apadrinhados pelo governo, lhe têm movido, causará justa indignação um procedimento tão vergonhoso como o d'aquelle ministro que nomeou este homem e d'este homem que, por encargo d'aquelle ministro, consentiu em se occupar de tal assumpto.

Jayme Moniz, o rhetorico sem valor, o palavroso sem ideias, incumbido de reformar o curso superior de letras, elle, que ergueu em torno de Theophilo Braga essa matilha de comparsas, que provocaria a repulsa mais vigorosa, se não despertassem o enjôo invencível! Nomeado para elaborar uma reforma, que ponha cobro ás infamias de que Theophilo Braga tem sido alvo, o mesmo homem que, — sem duvida alguma, — desejaria ver aniquilado, reduzido a pó e perseguido o nosso mais illustre homem de sciencia!

É infame, embora seja logico!

Sim, é logico, neste paiz, com estes governos de analfabetos pretenciosos e estadistas creados no rancor pelos homens de verdadeiro merito.

Diz bem José Caldas:

«Que optima moção para ferir um homem, que tem derrubado os seus contedores, oppondo ao insulto o trabalho honrado, á inveja o exemplo vivo de um cerebro seguro, e á miseria moral, á crápula publica, á devassidão politica, que, dia a dia, estão pedindo calcêta e Limcoeiro, o espectáculo novo, incomparavel mesmo, de uma reputação e de uma honestidade de vida superiores a todo o exemplo!»

Não ha duvida. É bem esse o aspecto do combate. E por isso dizemos ainda com José Caldas:

«Um homem assim, numa sociedade, como esta em que tudo se dá por favor — nome, reputação, fama e liberdade — numa crápula d'estas, um homem tal é um inimigo que importa exterminar. E a guerra a este tal homem tem sido de uma pertinacia antiga. E menos intenso fosse o seu empunho, ou, acaso, menos seguro o seu prodigiosissimo trabalho, que a muralha do silencio aleivoso que o pretende, ha muito, isolador do convívio espirital da sua epocha, fóra bastante para o annular e esquecer. Porque, ao passo que os registos da convencional imprensa se não cançam em noticiar primeiras de chronicos esperancosos, que passam a vida a prometter, como o servo, segundo os romanos, passa vida a annunciar, é significativo o silencio d'essa mesma imprensa no que diz respeito aos trabalhos do nosso grande luctador. Chega o espirito da seita a tal escandaloso, que, algumas vezes, como succedeu com a *Historia da Universidade de Coimbra*, o juizo de tão vasto trabalho veiu-nos primeiro dos de fóra do que dos naturaes.»

Quasi appetee agradecer á immunda legião dos rancorosos detractores da reputação scientifica e a segurança pessoal de Theophilo Braga as protervias que tem vomitado e os ataques que tem dirigido; pois serviram para que, no paiz inteiro e lá-fóra se erguesse, sem distincção de amigos e desconhecidos, de partidarios e discordantes, uma apothose tão vasta e digna, por parte dos que têm auctoridade moral para a fazer, ao homem que, pelo seu valor intellectual, pelo seu trabalho constante e pela sua honrabilidade, mais direitos tem ao amor e respeito do povo portuguez.

Digno de registro

Sob este titulo publicou a *Vanguarda*, da segunda feira ultima as seguintes palavras, que ao mesmo tempo honram o seu director e o partido que se enobrece por o contar na fileira dos seus correigionarios mais dedicados e honestos, e servem de comentario á isenção dos que, pelo órgão da *Gazeta*, affirmam defender por bons processos a moralidade contida na religião do Crucificado:

«Um jornal que ahi se publica com o nome de *Gazeta* fez no sabbado uma insinuação a respeito do destino dado ao producto da subscrição aberta na *Vanguarda* para o correr ás despezas do processo instaurado por causa dos escandalos da companhia real.

O sr. Alves Corrêa logo que viu essa local apressou-se a escrever uma carta ao director da *Gazeta* pedindo-lhe o favor de precisar o sentido da referida local e declarando-lhe que ficavam á sua disposição, para os examinar, os livros da administração da *Vanguarda*, nos quaes poderia verificar qual foi a despeza feita com o processo a que pôz termo um accordão do supremo tribunal de justiça, e a quanto monta o saldo d'essa subscrição, existente no monte-pio geral, saldo de que os subscriptores disporão como julgarem conveniente, havendo já um alvitre para que a maior parte d'elle seja entregue á benemerita associação das escolas moveis.

Pois a *Gazeta* nem publicou a carta que lhe foi dirigida, nem veio examinar os livros que pozemos á sua disposição, nem aclarou o sentido das suas palavras perdidas.

É claro que depois d'este procedimento do director da *Gazeta* nós só temos uma coisa a fazer, e é registrar o caso e dar ordem ao nosso continuo para que não ponha mais sobre a nossa mesa tal jornal.

E mais nada.

Ha na imprensa legitimista jornalistas leaes que nós nos honramos de ter como amigos. Quem quer que é que dirige a *Gazeta* está, porém, julgado desde que, tendo feito uma insinuação calumniosa e offerecendo-se-lhe o exame dos documentos necessarios para com toda a segurança se esclarecer a respeito da subscrição a que se referiu, não usou d'essa faculdade e nem sequer deu conta do offerecimento lealissimo que lhe foi feito.

Os antigos jornalistas legitimistas não eram capazes de proceder assim, e cremos que ninguem na imprensa portugueza, a não ser o director da *Gazeta*, procederia de tal modo.

Posto isto, pôde insultar-nos á vontade.»

Publicando estes periodos, cheios de alta dignidade, — não pretendemos desviar dos hombros de Alves Corrêa quaesquer suspiros, pois que, felizmente para o partido republicano, nem nos seus antagonistas mais ferozes encontra o illustre jornalista quem, sinceramente, o julgue capaz de qualquer infamia; — queremos apenas mostrar quão m-squina é a auctoridade com que a *Gazeta* agride republicanos e defende tramas jesuiticas e orleanistas.

Decididamente, os ultramontanos vão de mal para peor.

Descoberta

Ao demolir um muro no paço episcopal appareceu uma porção de galeria formada por uma serie de seis pequenos arcos com columnas e capiteis de estylo romanico da transição.

É difficil de conjecturar a simples vista que papel desempenhavam e a construção de que faziam parte.

Será de certo um acto de illustração muito louvavel, se a direcção dos trabalhos não perder este ensejo de colligir escriptos e monumentos apreciaveis, por meio d'uma sondagem ou escavação, aliás facilissima e nada dispendiosa, no terreno solto que lhe fica proximo.

Quem sabe se estaremos em presença dos unicos restos conhecidos da antiga igreja de S. João d'Almedina?

A averiguação d'este ponto seria uma informação interessante para a archeologia local.

Falleceu na terça feira, quasi de repente, a extremosa mãe do conceituado negociante desta cidade o sr. José Paulo Ferreira da Costa, a quem enviamos os nossos sentidos pezames.

Partiu ha dias para as Caldas dos Cucos, em Torres Vedras, o digno agente do Banco de Portugal nesta cidade, sr. Joaquim Augusto de Carvalho Santos.

Sociedade Philantropico-Academica

Fecharam-se ha dias as contas da gerencia desta sympathica associação, relativas ao periodo findo em 30 de junho, dando o seguinte resultado:

Receita, 1:722,825 réis — Despeza, 1:279,595 — Saldo, que passa para o anno de 95 a 96, 442,830.

Folgamos com o seu estado florecente e fazemos votos para que a actual direcção, que é quasi na totalidade a mesma do anno findo, continue a promover o seu engrandecimento.

Carta de Lisboa

9 de julho de 1895.

Ainda a respeito do centenario, alguns jornaes contam casos de ladroeiros varias praticadas nas kermesses.

Cerrando pudicamente os meus olhos, passo um véo sobre a longa série de historias ácerca do assumpto escriptas, encomendando á guarda do divertido santo as piedosas almas bemfeitoras das nossas algibeiras.

E assim passo adiante, deixando ao senhor patriarcha a redacção de uma fulminante pastoral contra os piedosos gatunos.

Que a paz do Senhor seja com elles!

×

Por estes calores de estio a politica perde todo o interesse. Emigram, á cata da bella batotinha, os deputados para longes praias e, com elles, se vão os politicos e poetas que nas gazetas e pianos parvoejam todo o anno em discursos, artigos ou poesias. Só ficam por aqui amanuenses ou alfacinhas renitentes, que jámais sahiram do bairro em que nasceram. Quando muito, a extravagancia dos que por cá ficam, limita-se ao banho nos barcos, immundicie aprazivel ao lisboeta, sempre porco.

Mas apesar do emigrar dos gallinaços politicos, ainda eu posso dizer qualquer coisa, que sirva, ao menos, de encher uma columna d'esta minha prosa tão mandriona e contrafeita, que faz decerto as delicias da velha Eufemia que eu ahi deixei, chorando-me como São a seus filhos — sem se poder consolar.

Velha Eufemia! Se não recesso cair na banalidade lyrica do bacharel saudoso, como eu havia de contar ao mundo as tuas raras virtudes de Madame Roland, da rua das Cosinhas!

Mas ninguem quereria comprehender-te, oh! dama transcendente. Rir-se-iam de ti, que desde 1890 viste desfilar sob os teus olhos cautelosos e maternas a longa revoada dos meus, dos nossos sonhos revolucionarios...

Se a Republica se proclamasse, duas coisas havia de exigir d'ella: primeiro a fundação de uma escola de sociologia applicada segundo as theorias do illustre democrata sobre a função da tibia e do peroneo na evolução social; depois um nicho com a imagem da Eufemia, ao alto da rua das Cosinhas.

Que lhes parece?

E' bom ir preparando estes projectos de lei.

×

la fallar-lhes do partido republicano de Lisboa; mas, francamente, eu que sou tido na conta de indisciplinado, diria palavras pouco agradaveis e algo perturbadoras da boa paz dos espiritos.

Além d'isso o calor aperta um pouco e eu consumiria, a escrever, energias que parece devo aproveitar, como todos os dignos e sinceros, para fins mais concludentes. Mas...

Sim, é claro que a paciencia cansa, e, quando uma pessoa está cheia de razão, quasi chega a ser tolice ou velhacaria ficar callado.

Ainda não é d'esta vez, comtudo, que eu fallarei, mas creio bem que não tardará uma symphonia de abertura.

Eu só lhes digo que muito me honro com a camaradagem dos nossos amigos de Coimbra e do Porto, e terei como grande satisfação se poder dizer um dia o mesmo a respeito de Lisboa.

Por enquanto, porém, só posso dizer-lhes que o partido em Lisboa confia muito nas promessas do sr. D. Sebastião, o *Desejado*.

É uma adhesão valiosa.

Valiosissima...

J. M.

Partiu para as Pedras Salgadas em companhia de sua ex.^{ma} familia o illustre professor da Escola Medica do Porto, sr. dr. Antonio de Oliveira Monteiro,

Dr. Daniel de Mattos

Ao nosso querido amigo e illustre homem de sciencia, endereçamos parabens muito sinceros pelo brilhante resultado dos exames de seu filho Alvaro, que hontem completou os trabalhos d'este anno, ficando distincto nos dois exames de Latim e Mathematica, que se apresentou a fazer.

Alvaro de Mattos tem 14 annos. Nesta curta idade fala correntemente o francez, o inglez e o allemão, e conta 10 distincções nos 12 exames que tem feito. As suas qualidades de espirito são tão brilhantes e conhecidas, que, — bem o sabemos todos, — elle teria já concluido os preparatorios, se seu pae o deixasse seguir a educação vulgar e official de todos os rapazes d'hoje.

O sr. dr. Daniel de Mattos é um espirito moderno, que conhece os excellentes processos da pedagogia mais avançada e os sabe applicar, com amoroso disvelo, á educação do filho dilecto, em cujos brilhantes triumphos se revê.

Porisso o felicitamos duplamente: pelos fructos que vae colhendo, e pelo exemplo que em volta de si espalha a sua actividade de pae intelligente e cheio de hombridade.

Festa da Rainha Santa

Realizou-se com toda a pompa, no domingo passado, a festa da Padroeira de Coimbra, no mosteiro de Santa Clara, havendo de manhã missa solemne e exposição do Santissimo, e de tarde Te-Deum e sermão prégado pelo rev. prior de Tentugal.

No proximo domingo ás 7 horas da tarde é conduzida processionalmente, no seu magnifico andar de talha dourada, da igreja para o convento, a veneranda imagem de Santa Isabel.

Na terça feira teve logar no pateo do convento a tradicional feira, com um concurso enorme de povo.

Actos na Universidade

Nos dias 8, 9 e 10 fizeram acto, ficando approvados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE THEOLOGIA

- 1.º anno—Alvaro José d'Abreu, Manuel Borges Pereira, Antonio Augusto de Miranda e Manuel de Brito.
- 2.º anno—Augusto Joaquim Alves dos Santos.
- 3.º anno—Luiz de Oliveira Alves Couto.
- 4.º anno—Mannel José Ferreira Troncho.
- 5.º anno—Manuel Gomes da Silva Ramos e Manuel José dos Santos Fariña.

FACULDADE DE DIREITO

- 1.º anno—Eduardo Alberto Barbosa, José d'Albuquerque Pimentel e Vasconcellos, José Paes Telles, José Augusto da Costa Eiras, José Augusto de Car-

valho, Sebastião Alexandre Limpo de Lacerda e Joaquim José Prado

3.º anno—Manuel Emygdio Furtado Garcia, Manuel Gomes Cruz, Manuel Joaquim Correia e Manuel José Moreira de Sá Couto, Manuel Pessoa Torreira da Fonseca, Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo, Pedro de Barros Rodrigues, Quintino Elycio Alves de Castro e Simão de Gusmão Corrêa Arouca.

4.º anno—Joaquim Nunes Borges Madureira de Carvalho, Joaquim Telles de Menezes Vieira de Meyrelles, José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles, José Alves Pereira, José Augusto Rodrigues Ribeiro, José Ferraz de Carvalho Mégre, José Figueira d'Andrade e José Maria da Silva.

5.º anno—José Mendes, D. Miguel Nicolau Solto Maior, Paulo José Ferreira d'Almeida, Pedro Alvares da Camara Paim de Bruges, Poncio Augusto Martins e Sumuel da Conceição Fernandes da Cruz.

FACULDADE DE MEDICINA

- 1.º anno—Ernesto Rodolpho Alves de Castro e Jardim de Mello Falcão.
- 2.º anno—Francisco Casimiro Pinheiro Torres e Pedro Doria Nazareth.
- 3.º anno—Ricardo Soares Machado e Alvaro Roxanes de Carvalho.
- 4.º anno—José Corrêa Dias e Manuel Diogo de Sousa Leite Valladares.

FACULDADE DE MATHEMATICA

- 1.º anno—João Antunes Guimarães, Manuel Rodrigues Cruz, Vicente Pedro Dias Junior, Antonio Augusto Paes, Anibal Dias, Manuel Firmino da Costa, Antonio da Silva e Sousa Torres, Camillo Correia Guimarães, José Xavier d'Andrade e Eugenio Augusto Sampaio Duarte.

3.º anno—Carlos da Silveira Brandão Freire Themudo, Jorge Soares Pinto Mascarenhas, Luiz Vasques da Cunha Braamcamp de Mancellos e Carlos Braamcamp Freire.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

- 1.ª cadeira—(chimica inorganica)—Eduardo Ferreira d'Oliveira, José dos Santos Alves, Affonso Henriques d'Albuquerque Corte Real, Eduardo Corsino Caldeira d'Albuquerque Vilhena, Delphim Augusto da Silva Pinheiro e Henrique Beato Diniz Miguens.
- 2.ª cadeira—(chimica organica)—José Cardoso de Menezes Martins, Alexandre da Silva Bastos, Luiz Martins da Costa Soares, Francisco Tello Gonçalves, Joaquim José Luiz Fernandes.
- 4.ª cadeira—(Botanica)—Antonio Alberto Dias Paredes, Arthur Vieira de Mello da Cunha Osorio.
- 5.ª cadeira—(Physica 2.ª parte)—Antonio da Gama Rodrigues e Amadeu Gonçalves Paul.
- 6.ª cadeira—(Zoologia)—José Henriques Lebre, José Tiburcio Monteiro e Luiz da Cruz Navega.

De visita passou dois dias nesta cidade o nosso amigo e collega do *Jornal da Louzã*, sr. Arthur Fernandes de Carvalho.

—Está bem! toma o outro na mão e caminha! Os meus filhos tambem andam descalços.

—Eu não posso andar!
Era verdade. A Combat tinha percebido. Está acolá um banco.
—Assentemo-nos! lhe disse.
Ouvia-se o *ça ira*, gritos, um tumulto.

Um bando de andrajosos descia o arrabalde levando no meio um desgraçado, vermelho, infurecido e exaltado.

Perto do boulevard, dois ou tres homens começaram a descer um candieiro.

—Morra o monopolista! gritava a multidão.

—Tem trigo nos celleiros, farinha nos armazens e recusa-se vendel-os ao povo!...

—Morra o monopolista!

Em seguida levam o homem para debaixo do candieiro. Passam-lhe uma corda ao pescoço.

Haviam dito a estes famintos:—Aquelle pôde matar-vos a fome se quiser. Não o quiz. Enforcavam-no.

A criancinha levantou-se precipitadamente.

—Ah! partamos, partamos; já não estou cansada!

—Não, fica! Eu quero ver morrer este aristocrata!

Escola Industrial Brotero

Os exames nesta escola principia-ram no dia 3, tendo havido até hoje as seguintes approvações:

DESENHO GERAL—CLASSE I

Albino Amado Ferreira, Alexandre Simões Misarella, Alfredo Gomes Tinoco, Antonio Alves Barata, Antonio Moita, Antonio Serra Maia, Armando Paes dos Santos, Eduardo Augusto Ferreira Santos, Eduardo Simões de Carvalho Pio, Evaristo Antonio dos Santos, Francisco Duarte Nunes, João da Silva Carvalho, José Alves, José Ferreira, José Maria, José Maria Gomes, José Maria Rodrigues, José Rodrigues Marques, Luiz Caba.

DESENHO GERAL—CLASSE II

Maria Izabel Teixeira Marques, Affonso Ribeiro, Alberto Carlos da Fonseca, Albino Amado Ferreira, Alfredo Gomes Tinoco, Antonio Alves da Silva Junior, Antonio Ferreira de Araujo, Antonio Francisco Bizarro d'Assumpção, Antonio José das Neves, Antonio de Serra Maia, Augusto Ferreira Arnaldo, Ayres Albino dos Reis, Domingos Martins Villaga, Francisco Antonio dos Santos, Joaquim Ferreira de Araujo, Joaquim Simões Canha, José Maria, José Maria Gomes, José Rodrigues Marques, Julio Fonseca, Samuel de Campos.

DESENHO ARCHITECTONICO

- 1.º anno—Alvaro da Assumpção, Carlos Pompeu da Silva, João Rocha.
- 2.º anno—Abel Simões Misarella, Antonio da Costa.
- 3.º anno—Manuel Gonçalves de Campos.

DESENHO ORNAMENTAL

- 1.º anno—Grasiella Gomes Paes, José Augusto da Conceição e Sousa.
- 2.º anno—Isabel da Fonseca, Maria do Carmo Teixeira Marques, Maria da Conceição Moura Bastos, Alfredo Pessoa, Antonio da Costa, Candido Augusto Nazareth, Desiderio Pina, Luciano dos Reis Alves.
- 3.º anno—Bebiana Elisa Augusta Soares, Emilia de Jesus Fonseca, José Gomes Tinoco, Manuel Gonçalves de Campos, Ricardo Rivo Junior.

Revue des Journaux et des Livres

11.º anno

Recomendando aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduz em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: —*Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romances, etc. etc.*, bem como numerosas gravuras d'actualidade: retratos, acontecimentos do dia, etc.

Em folhetins publica a *Revista* dois romances d'um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

O aristocrata era um negociante de trigo, que ia pagar com a vida o desejo de enriquecer rapidamente. Debatia-se entre as mãos dos esfomeados, offerecia-lhes dinheiro, protestava a sua innocencia, pedia para ser julgado...

—Ao candieiro! Ao candieiro!... Quando viu que todos os esforços eram inuteis, começou a gritar.

Mas a sua voz extinguiu-se no mesmo instante; ouvia-se apenas o ranger d'uma roldana, e a canção do *Çá ira*.

A criancinha escondeu a cabeça entre as mãos. Ella retirou-l'has. As suas faces sempre rosadas, estavam lividas.

Pegou na mão a Combat para se afastar mais depressa.

Um corpo pesado, suspenso da corda, balouçava ao centro da rua.

Era já noite quando chegaram á entrada do arrabalde de Santo Antonio, no fim do qual apparecia nua e triste a sua casa de habitação.

Apenas chegaram, a Combat, levantou uma cortina ao canto da casa; tirou de lá um embrulho de andrajos e lançou-se ao chão.

—Despe-te!

A criancinha vestia um facto de seda clara uma capa de seda preta, e tinha na cabeça um chapéu de palha guardado de rendas.

Despojou-se de tudo.

A colleção dos 10 primeiros annos da *Revue des Journaux* contém mais de 4.000 novelas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, e romances compzitos de *Alphonse Daudet, Henri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Mallot, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Emille Zola, etc.*, etc. A colleção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindens:—Um retrato a oleo, do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 francos, á escolha; um de 2 fr. e 50 c., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura:—Seis mezes, 8 fr.; um anno, 14 fr. Assigna-se:—1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes-Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte.

Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, Administrador, 13, rue Cojnas, Paris.

Bibliographia

Perfa contemporaneo — Recebemos e agradecemos o n.º 3 d'esta publicação, que traz o retrato do medico lisbonense D. Antonio de Lencastre.

Sahi o n.º 6 da interessante *Revista Serões e Sestas*, que se publica em Lisboa. Ingere os seguintes artigos:

Educação—Vida pratica—Hygiene da alma—Historia—Notas de arte—Romances—Chronicas alegres—Preceitos e Concelhos—Archivo pittoresco—Album de retratos etc.

SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA EDITAL

O *Doutor Julio Augusto Henriques, Presidente da Direcção da Sociedade Philantropico-Academica, etc.*

Faço saber que a Direcção d'esta Sociedade, em sessão de 2 do corrente, resolveu o seguinte:

1.º Em harmonia com o disposto nos estatutos d'esta Sociedade, os socios que durante o anno lectivo corrente foram subsidiados por esta Sociedade, devem, no prazo de tres mezes, á contar da data d'este, mostrar perante esta Direcção que concluíram com exito os seus trabalhos escolares; ou, não o tendo conseguido, justificar o motivo da perda d'anno, sem o que não poderão continuar a receber socorros no anno lectivo proximo futuro.

2.º Os socios, não subsidiados no actual anno lectivo, que pretenderem sel-o no anno proximo futuro, devem requerel-o á Direcção no mesmo prazo de tres mezes, para poderem ser attendidos, caso haja logar a isso.

Quaesquer requerimen os neste sentido devem ser instruidos com

- a) attestado de pobreza;
- b) documentos de bom comportamento;
- c) documentos de bom aproveitamento litterario.

E para constar se mandou lavrar o

—Bem! Veste isto! e impelliu com o pé o embrulho.

Ella vestiu um fato de lã escura, roto e muito curto, pôz um babeiro de algodão aos quadros, e na cabeça um bonnet todo amarrutado.

—Arruma esta marmita!

A criancinha levantou a marmita com uma das mãos, e com a outra dependurou-a no gancho proprio.

—Accende o lume!

Ella pegou no tubo de ferro e pôz-se a soprar.

—Põe a mesa enquanto eu vou cuidar do caldo!

Nas idas e vindas do *buffet* para a mesa deixou cahir um prato que se quebrou no lagado do pavimento.

A Combat deu-lhe uma bofetada.

Nunca tinha sido castigada; corou de vergonha.

Miguel acabava de entrar em casa, com o casaco ao hombro. Fez um gesto de espanto.

Sua mulher contou-lhe tudo o que naquelle dia se tinha passado na praça da Revolução, a morte do duque, o abandono da pequenina duqueza...

—Jenny, precisa sair para vender os laços; tu andas todo o dia no trabalho; eu não posso estar sempre em casa. O nosso filho tinha de ficar só.

Necessitavamos d'uma creada. Tomei esta!...

presente, que eu, José Figueira d'Andrade, secretario, subscrevi.

Sala das sessões da Sociedade Philantropico-Academica, de Coimbra, 5 de julho de 1895.

Doutor Julio A. Henriques.

SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA

PREMIO Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto

EDITAL

O *Doutor Julio Augusto Henriques, Presidente da Direcção da Sociedade Philantropico-Academica, etc.*

Faço saber o seguinte: Tendo a ex.ª sr.ª D. Maria Julia de Sousa Pinto, d'esta cidade, instituido um premio pecuniario de 40\$000 réis, para ser conferido por esta Sociedade, annualmente, durante a vida da instituidora, com a designação de «premio Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto», a Direcção d'esta Sociedade resolveu, em sessão de 2 do corrente e em harmonia com as condições da instituição do referido premio, abrir concurso documental entre os estudantes das faculdades de Mathematica e de Philosophia, afim de ser conferido o premio relativo ao actual anno lectivo (1894-95), devendo observar-se o seguinte:

1.º Só poderá ser contemplado o alumno que provar ser *falso de meios*; e que tiver dado provas de *applicação ao estudo*, nas cadeiras que frequentar das faculdades de Mathematica ou de Philosophia.

2.º O premio será conferido em concurso documental, preferindo os alumnos de Mathematica; a estes, seguir-se-ão os das cadeiras de Physica (3.ª e 5.ª de Philosophia); e, na falta d'estes, os mais distinctos em qualquer das cadeiras de Philosophia.

3.º Não havendo, entre os alumnos subsidiados pela Sociedade, nenhum que esteja nas condições indicadas, poderá o premio ser conferido a algum outro que tenha as exigidas *falta de meios e applicação ao estudo*, seguindo-se sempre na preferencia a ordem estabelecida no n.º 2.º

4.º Caso a Direcção da Sociedade Philantropico-Academica não julgue nenhum dos concorrentes digno de lhe ser conferido o premio, será a sua importancia (40\$000 réis) depositada na Caixa Economica Portugueza e servirá para premiar nos annos lectivos seguintes os que forem julgados no caso d'isso.

5.º Os requerimentos, devidamente documentados, devem ser remetidos ao Presidente da Direcção da Sociedade Philantropico-Academica, de Coimbra, até ao dia 15 de agosto proximo futuro.

E para constar se mandou lavrar o presente, que eu, José Figueira d'Andrade, secretario, subscrevi.

Sala das sessões da Sociedade Philantropico-Academica, de Coimbra, 5 de julho de 1895.

Doutor Julio A. Henriques.

Jenny entrou neste momento com o seu irmãosinho.

Ella trazia um braçado de flores; elle mostrava cheio de orgulho um ramo de cerejeira coberto de cerejas.

—Foi a cidadã Bernard que nos deu tudo isto, disse Jenny. E temos de voltar lá amanhã, para nos despedirmos do capitão Lenoir,—não é assim anjinho?...

O anjinho nada respondeu pela simples razão de ter a bocca cheia.

—Oh! o grande goloso que não falla! está todo enlabusado...

A pequena Jenny humedeceu um panno em agua e começou a limpar a criança.

De repente reparou na recém-vinda. Examinou attentamente os andrajos que a cobriam. Perguntou quem era. Quando a Combat acabou de contar-lhe a sua historia:

Dirigiu-se á recém-vinda.

—Como te chamas?

—Henriqueta.

—Bem! Henriqueta, pega neste ramo. E passou-l'ho ás mãos com um ar de grande senhora.

Estava radiante por ter uma criada.

—Para a mesa! disse Miguel. Porque não pões um prato para ti? perguntou á criancinha.

(Continúa)

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

IX

A PEQUENA DUQUEZA

A multidão enchia o boulevard, até junto da praça da Revolução; fazia um calor asphixiante.

A Combat caminhava tão depressa, que a criança era obrigada a correr para a acompanhar.

Uma vez parou.

A mulher do arrabalde, voltou para ella a sua face dura.

—Tenho pressa, anda para deante. E apertou o pulso da criança.

—Senhora, magoaes-me!

—Eu não sou senhora; has de chamar-me cidadã, ouviste?

—Sim, senhora. Sim cidadã.

A mulher pôz-se de novo a caminho; não levava a criança, arrastava-a.

A entrada do arrabalde Poissonnière parou outra vez.

—Que é que tens?

Perdi um sapato.

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal.

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço 1:000 réis

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª.

A venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

COMPANHIA DE SEGUROS
FIDELIDADE
FUNDADA EM 1835
SÉDE EM LISBOA
Capital réis 1.344:000\$000

Fundo de reserva 225:000\$000

Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

Acabam de chegar a esta casa:
Chapeus redondos para senhoras e crianças.
Ditos capotas, ultimos modelos.
Fazendas proprias para vestidos.
Capas romeiras, a principiar em 1\$000 réis.
Meias e piugas de fio de escocia.
Voiles, tanto liso como em ramagem.
Zephiros, muito chics.
Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis.
Sombrinhas, para senhoras e crianças.
Encarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.
Enviem-se amostras a quem as pedir.

Arrenda-se

2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

Aos photographos amadores

Acaba de chegar á Papellaria Central, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

MANOEL JOSÉ DA COSTA

SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24

COIMBRA

Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

Grande sortimento de cabelleiras para anjos. theatre, etc.

Vinho de meza sem composição

Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o appetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferrelra Borges, 34.—Coimbra.

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroio, 103, se trata.

CALDEIRA DA SILVA CIRURGIÃO-DENTISTA

Rua Ferreira Borges, 174

Consultas todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde. Collocação de dentes artificiaes por preços modicos.

LEITÕES

De para raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao preço de 2 a 3 mil réis.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

40, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima! Alta novidade!

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amarante. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno 2\$700

Semestre 1\$350

Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400

Semestre 1\$200

Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50%.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

AOS BARBEIROS

Pó de Sabão.—Vende-se a 800 réis o kilo.

Dão-se amostras a quem as pedir.—Barberia Fonseca, rua dos Gatos, 13 a 15.

Arrendamento

Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

Trespasse

Antonio dos Santos Pereira, trespasse ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Sotta.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á Casa Havaneza, onde lhe serão prestadas todas as informações.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com donches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no Deposito geral—Pharmacia Andrade, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 42

COIMBRA — Domingo, 14 de julho de 1895

1.º ANNO

Instrução publica Instrução primaria

I

Il y a deux politiques: s'attacher à ce qui est connu, expérimenté, et si, malgré soi, on s'en est écarter, y revenir, politique rétrograde; chercher le nouveau et le meilleur, politique du progrès.

J. SIMON

É evidentemente retrograda, sobretudo na instrução publica, a politica que ahí está sendo seguida, infelizmente sem protesto sério, antes com applauso de muitos, pelos nossos governantes. Politica de progresso, politica generosa, aberta, grande, capaz de fazer rejuvenescer este corpo doente e gasto, chamado nação portugueza, não a comprehendem os nossos pseudo-estadistas.

Fôra dos syndicatos escuros, de duvidosa reputação; para além dos interesses mesquinhos da grei, nada elles conhecem.

Desde que a instrução publica não serve para proteger ou encobrir negocios de limpeza mais que problemática; desde que aos interesses estreitamente dynasticos não convem que o paiz saiba ler: trata-se de a destruir, ou, pelo menos, de lhe contrariar a conveniente e natural expansão. É logico.

Ninguém desconhece—os factos ahí estão para o demonstrar—que se tenta ha muito uma regressão ao absolutismo; e, como este só ignorante se comprehende, claro é que todas as providencias dos governantes devem ser consentaneas ao fim que elles se propõem; e d'ahi uma serie de leis, de decretos, de portarias, de officios, de circulares, tudo inspirado numa idéa predominante, que a todos se sobrepuja—a de conservar o paiz na ignorancia vergonhosa em que sempre tem jazido e de que convem elle não saia.

Houve um momento de ingenuidade ou de fraqueza nos dirigentes; mas isso depressa passou. As reformas de 1878 e 1880, tentativas realmente generosas, começavam a produzir fructos perigosos: destruir, por conseguinte, a arvore que os produzia era necessario e urgente. Tentaram-se as primeiras experiencias. O exito foi completo. E d'ahi os attentados subsequentes; porque o paiz não quiz perceber os planos tenebrosos que timidamente se revelavam em medidas de alcance aparentemente limitado.

Não se attentou em que, por um simples artigo, subrepticamente enxertado numa lei que se apregoava como medida redemptora, se supprimiu, com gravissimo prejuizo do ensino e contra o exemplo das nações mais civilisadas, um serviço publico que estava produzindo já resultados admiráveis; ninguém quiz ver que tal facto denunciava o plano demolidor que já então começava a elaborar-se no ministerio do reino, plano cujas linhas principaes appareceram nitidas, perfeitamente determinadas nos decretos violentamente aggressivos de 92. Os decretos recentes são o complemento d'essa obra nefasta, pacientemente meditada, e cujo objectivo unico é fazer recuar o paiz para os tempos calamitosos do mais completo obscurantismo; porque os progressos realizados sob o regimen das reformas de 78 e 80 apavoravam já os governantes...

Em certas regiões começou a com-

prender-se que essas reformas estavam produzindo resultados nunca imaginados; viu-se bem que o professorado, sob um regimen que lhe proporcionava augmentos graduales e successivos de vencimento, ia trabalhando por se tornar digno da confiança e do respeito do paiz; as conferencias annuaes, que por toda a parte se iam organisando convenientemente, ao passo que fizeram perceber ao professorado o seu valor e a força que d'ahi lhe poderia advir, levaram ás altas regiões do poder o convencimento de que ellas, segundo a opinião auctorizada d'um distinctissimo homem de eschola, mr. Buisson, o eminente director geral do ensino primario em França, opinão nitidamente expressa num relatório por muitos titulos notavel, fazem renascer no pessoal ensinante *cet esprit de corps, cette liberté de discussion, cette émulation de bon aloi, ce sentiment de solidarité professionnelle qui donne à tous la conscience de leur force et à chacun la conscience de sa responsabilité*; os professores, compenetrados d'estas verdades, quizeram ser alguma coisa, mostrar que iam comprehendendo a grandeza da sua missão; tiveram até a velleidade de querer ser representados no parlamento e provarem, sem possibilidade de contestação séria, que, unidos e disciplinados, podiam ter força, impôr-se aos que constantemente os tem ludibriado; nestas condições, a democracia, a quem de direito elles pertencem, podia e devia aproveitá-los em beneficio da causa popular: e ahí estava o perigo, que a todo o custo era preciso evitar... As conferencias, tão uteis e tão necessarias, foram, pois, supprimidas, como medida de salvação... dynastica.

Foi o primeiro golpe, certo e profundo, na obra relativamente progressiva de 78 e 80; foi a primeira brecha que se abriu nas paredes do edificio que principiava a levantar-se, embora muito a medo; foi o ponto de partida d'essa enorme serie de attentados que contra a instrução publica se tem praticado com a cumplicidade affrontosamente passiva do paiz, que parece não ter força nem brio para sacudir o pesado jugo sob que está vergando.

Depois, veio a tremenda derrocada de 92, que será sempre a vergonha de quem a ella se prestou, esquecendo tradições honrosas que deveria sempre respeitar. E, como o paiz ainda se callou, appareceu agora uma nova serie de medidas que são como que o corollario necessario das primeiras arremettidas; constituindo tudo uma obra de ignorancia e de maldade que nos propomos pôr a descoberto, a ver se é possível acordar o paiz da sua profunda e perigosa lethargia.

Augusto Cymbron

Este nosso amigo e querido collega, um dos mais sympathicos rapazes da academia e vulto saliente do partido republicano, fez na passada sexta feira um esplendido acto do 2.º anno medico, sendo plenamente approvado.

Ao amigo dedicado e correligionario valioso, bem como a todos os seus, a expressão sincera dos nossos parabens.

Para assistirem ao acto de formatura do nosso amigo e collega João de Freitas, chegaram sexta feira à noite e retiram em breves dias, os nossos amigos dr. Bessa de Carvalho, director politico da *Voz Publica* e Germano Martins, o saudoso companheiro d'esta redacção.

O DEFICIT extinto

O sr. Hintze Ribeiro, o funebre sr. Hintze, que se está á frente d'um gabinete é porque em Portugal se perden de todo a noção da dignidade, apregoou num relatório mirabolante que o deficit está extinto.

Pode, porventura, tomar-se a sério que o Hercules d'esta hydra de cam cabeças fosse um homem sem energia intellectual capaz de matar a hydrasita modesta d'um modesto orçamento de junta de parochia?

Ninguém, claro é, o suppoz, nem poderia, logicamente, suppor-se.

O sr. Dias Ferreira deixou a divida fluctuante, em fevereiro de 93, em 16:408 contos; em março de 95, estava já em 25:982 contos; em abril, em 26:657 contos; em maio, em 27:489 contos.

D'onde se vê, pois, que de fevereiro de 95 a março de 95, subiu 8:995 contos; em abril, 675 contos; em maio, 832 contos.

Aos 27:499 contos, em que ficou a divida fluctuante em maio ultimo, juntem-se 1:745 contos provenientes da venda de obrigações dos tabacos.

Já se vê pois, que o deficit está extinto.

É verdade que tem subido espantosamente; considerado, porém, pelo prisma por que o sr. Hintze o olha, tanto diminuiu durante a administração de este governo, que se extinguiu de todo...

E não ha uma palavra bem sonora e bem caracteristica para commentario a tanta desfaçatez! Já é!

O cambio do Brazil

Tem melhorado sensivelmente o cambio do Brazil sobre Londres.

A morte de Saldanha da Gama e de Floriano Peixoto, entre os quaes se havia ferido tão rude lucta, não podia deixar de considerar-se como um facto que ha de contribuir poderosamente para que entre os partidos da florescente republica do Brazil se firme a desejada harmonia. Por outro lado, a notavel derrota que acabam de soffrer os revoltosos do Rio Grande do Sul, deve ter produzido em muitos espiritos a convicção de que terminará dentro de curto prazo essa guerra fratricida, mantendo-se a unidade politica da grande republica.

Estes factos explicam a subida do cambio.

Se ninguém duvida, cremos que nem os proprios monarchicos, de que é impossivel a substituição do actual regimen politico no Brazil, afgurava-se a muitos que continuariam a dar-se por muito tempo graves abalos perturbadores do seu regular desenvolvimento. Felizmente vão-se desvanecendo esses receios, e para isso devem ter concorrido os factos a que acabamos de nos referir.

Era natural, pois, que o cambio subisse, sendo demais certo que era injustificavel o estado em que se achava.

Com a implantação do sistema republicano, o Brazil desinvolveu-se extraordinariamente sob o ponto de vista economico, tendo sido subsidiadas pelos diferentes Estados diversas companhias, das quaes umas já estão dando e outras darão dentro de poucos annos os mais beneficos resultados. No momento actual, porém, essas companhias constituem um onus para os Estados, cuja situação financeira se agravou pelos subsidios concedidos. Além d'isso o Brazil tem gasto avultadas sommas em despesas de caracter extraordinario. E não obstante estas circunstancias, o governo brasileiro patrioticamente se recusou a contrair um emprestimo nas onerosas e indignas condições em que alguns syndicatos se promptificavam a realisá-lo, tendo por meio de simples operações de credito cumprido religiosamente to-

dos os seus encargos. Foi assim que recusou aceitar a condição, que alguns banqueiros pretendiam impor-lhe, de consignar, para garantia de amortização e juros do emprestimo, os rendimentos das alfandegas.

Ora parece que, havendo desapparecido algumas das causas determinantes dos passageiros abalos que tem soffrido a republica brasileira, um banqueiro telegraphara dizendo que aceitava as condições propostas pelo governo para a realização d'um emprestimo. Sendo conhecido este facto ou suspeitando-se que se daria, houve grande affluencia de papel ao mercado, elevando-se assim o cambio, quasi momentaneamente, de 9 5/8 a 11 1/16.

Não tardou, porém, que a reflexão mostrasse que o cambio não podia ter rapidamente uma alta muito importante, elevando-se a 18 como alguns suppozera, o que motivou nova descida do cambio, que todavia se mantem a 11 approximadamente.

Não duvidamos de que elle continue a subir; mas essa subida ha de operar-se lenta e gradualmente. Uma alta repentina de 7 ou 8 pontos determinaria gravissimos prejuizos ao Brazil, produzindo a ruina de muitas empresas industriaes e casas commerciaes, o que faria de novo baixar o cambio. E tambem se deve ter em consideração que o emprestimo contratado pelo governo brasileiro pouco fará augmentar o movimento de saques sobre a Europa, porque é destinado á consolidação de contas anteriores.

General Coelho de Campos

Veio passar alguns dias a Coimbra este nosso illustre amigo, cavalheiro de primoroso caracter e alevantado espirito, que honra sobremodo todos aquellos que a sua estima distingue.

Nós, dirigindo a s. ex.ª os nossos cumprimentos affectuosissimos, damos-lhe tambem parabens sinceros pelo bom resultado do exame de seu filho Luiz, moço digno da maior estima pelas suas excellentes qualidades de caracter e de educação.

Dr. João de Freitas

Formou-se hontem em direito, fechando a serie dos seus triumphos academicos com um acto brilhantissimo do 5.º anno, o nosso querido amigo dr. João de Freitas, caracter immaculado e talento erudito que varias vezes tem honrado a *Resistencia* com artigos lucidos e sensatissimos sobre a politica nacional.

Um dos poucos que ainda nos restavam da gloriosa pleiade de rapazes que convulsionaram o paiz com o fogo ardente do seu patriotico enthusiasmo, quando foi do Ultimatum inglez, o dr. João de Freitas deixa vinculado o seu nome ás paginas mais brilhantes da historia do movimento revolucionario contemporaneo em Coimbra, para cujo exito denodadamente luctou com a tenacidade e a altivez d'um espirito sereno e frio, servido por um honestidade inconcussa e uma intelligencia superior.

Methodico, trabalhador, d'um pessimismo sombrío, antheriano, o dr. João de Freitas era uma das cabeças pensantes do partido republicano academico, e, certo, sel-o ha agora do partido republicano portuguez que muito espera e tem a esperar da cooperação valiosissima que o nosso amigo, sacrificando os interesses proprios aos interesses de seu paiz, está disposto a prestar-lhe na vida pratica, sem desalentos, sem hesitações, com o mesmo enthusiasmo e o mesmo despreendimento, que, em quanto estudante, lhe conquistaram a admiração e a sympathia de todos os que hoje o saudam e, abrangendo-o como amigos dedicados, fazem votos pela sua prosperidade e pelos seus triumphos forenses.

Notas d'um azedo

X

XII—*Silva Pinto*—Restrictissimos os nomes, que, entre os vivos, dos maximos da litteratura contemporanea, eu tão incondicionalmente respeito como o do grande pamphletario, critico sensatissimo e estylista impecavel, *Silva Pinto*, o luctador fogoso, honesto, que, vae para 30 annos, vem protestando, sem treguas, sem desfalecimentos, ativo e digno, com coragem, com intelligencia, contra a charrá remelgueira da jennencia lusitana, sempre escancarada e aggressiva ás vezes.

Admiração consciente, desinteressada, sem espasmos lamechas, sem calculos videiros, não me detenho no meu caminho em genuflexões hypocritas, bajoujas contumelias, quando, por fortuna do meu espirito nelle me surge *Silva Pinto* com nova manifestação do seu valor, inedita confirmação do seu talento.

Simplesmente, naturalmente, sem olhar a platea, sem inquirir dos milrones, quitando medir os proventos resultantes, os prejuizos que advir possam, na serenidade leal, respeitosa de quem cumpre um dever, descubrome apenas: tiro o meu chapéu de noctambulo ou destraco a minha capa de estudante e, applaudindo sem restricções ou crivando de adversativas o meu applauso, eu passo adiante, alegre, tranquillo, na satisfação plena, íntima, de haver saudado uma intellectualidade superior, um dos raros da geração que nos precedeu e para quem o nosso respeito, a nossa homenagem não é, nem pôde ser, sarcasmo de maltrapilho ás purpuras desbotadas, esbatidas, d'uma mumia poeirenta de Museu prehistorico.

Sem restricções o meu applauso sincero, entusiasta, á *Philosophia de João Braz*; crivada de adversativas, a minha saudação breve, comedida, aos *Santos Portuguezes*.

Coherente, logico na minha linha de conducta a admiração pelo rude cyclope dos *Combates e Criticas*, não oscillou, não diminuiu, permanece immutavel.

Mas—primeira adversativa—da *Philosophia* aos *Santos* vae tão prodigiosa distancia, separa-os tão fundo, tão tenebrico abysmo, que, de chapéu na mão, perfilado como um galucho ante o seu general, eu, que chamei livro primoroso ao primeiro, 4) tenho a imprescindivel, inadiavel necessidade de chamar detestavel ao segundo.

E, como hontem não tive em mira, por lisonjeiro, uma promoção na ordem regimental, nem hoje, por atrevido me arreceio de ser passado pelas armas, talvez com quebra de disciplina, mas sem quebra de dignidade—com sua licença, meu general!—eu vou dizer da minha justiça.

X

A quando annunciados os *Santos Portuguezes* de *Silva Pinto* não fui dos muitos que se assustaram com a contradicção manifesta, gritante, entre o assumpto pio, ortodoxo d'este livro e as velhas, honradas tradições do grande polemista que no ardor d'uma mocidade buliçosa, agitada, terçou armas energicas, violentas, com a bisparia lusitana, com os phariseus, com os escribas, que, portas a dentro do Templo, renitentes ao azorrague do Christo, vem, historia em fóra, mercadejando,

1) *Insolencias*, 2.ª serie, n.º 3 — Janeiro de 1895.

em relaxamentos, em torpes ignominias, a religião poetica, alvissima, do Vidente da Galilea.

Embora costumado ao banditismo corrente, ao emporelhar repentino d'um nome aureolado, eu não me arreciei d'uma deserção, d'uma fuga que alem de ingloria seria ridicula.

Silva Pinto é um forte, um integro: responde por elle um passado de fome cheio de altivez, uma vida de privações, de orgulhos; morre mas não deserta, soffre mas não foge.

Tambem não fui d'aquelles que, ingenuos, pittorescos, abecados pelo livre-pensadeirismo provinciano, crystallizados na clerophobia voltaireana, antevendo verrina, farejando escandalo, grossa lambada nos costados largos, nas panças bojudas da padaria, lamberam os beiços, arreganharam a taxa e esfregaram as mãos num gaudioso patusco, bom rapaz, de meninos gulosos, cuspinhentos, que o mestre premeia com rebuçados.

Embora não extranhasse o ataque licito, opportuno, mais que nunca, mercê da mancebia, abençoada por Santo Antonio, d'el-rei Burnay com a Madre Igreja — esperava-o correcto, delicado, numa moderação cortez: Silva Pinto critica, raro insulta, ridicularisa, não achincalha e, se não usa a luva branca pegajosa, quasilenta, dos tatibitatis, é de sobra caritativo, bem educado, para não enlamear um vencido, para não dezancar um moribundo.

Por isso, não entoei fora de tempo, o *De Profundis* do transfuga, nem comecei de assobiar o *Cá irá* ao demolidor.

Muito quietinho, na expectativa benevola, aguardei o livro, li-o, pensei-o, e o meu desapatamento, a impressão má que tão rijo feriu o meu espirito não vem só da doutrina que é anodyna, incompleta, incongruente; vem principalmente, da forma, da plasticidade da prosa, que não é a prosa coleante, inteira, mascula, a prosa limpida, vivida, faiscante que faz de Silva Pinto um dos mais gloriosos e o mais vernaculo prosista de todos os modernos criticos portugueses.

A doutrina respigada, a trouxe-mouche e de fugida, de velhos agiologios fradescos adrede desbastados, aqui e alli, das excrescencias mais abstrusamente inverosímeis, não chega, porém, ao desejavel ponto de humanisar a santaria portugueza, que no ceu aguarda a occasião de ser vingada das piedosas calumnias dos seus biographos primitivos.

Breve resumo do *Flos Sanctorum* lusitano, com ligeirissimas e quasi sempre descabidas allusões aos tempos d'hoje, os *Santos Portuguezes*, faltos de sinceridade, de convicção, não podem satisfazer nas suas crenças religiosas a Alma da Plebe, ingenua e boa, de que a dedicatória nos falla.

Rapido additamento a um calendario lyurgico, com datas de nascimento e obitos, filiação, occupação e residencia, folhas corridas de santidade sem estudos d'epoca nem psychologias de caracter, notas a lapis com o editor á espera, escores biographicos de afogadinho (a citar, ao acaso, as 20 linhas sobre Fr. Gil de Santarem, o tenebroso Fausto nacional), os *Santos Portuguezes* não podem educar, pelo claro da lição, pelo brilhantismo do exemplo a Alma da Plebe maleavel e simples, que, ao passado tem de ir a retemperar as forças para as cruzeiras, para as oppressões de dia a dia.

Mas tudo isto seria insignificante, sem valorização apreciavel no meu espirito, se o sr. Silva Pinto tivesse attenuado os defeitos e deficiencias doutrinaes dos *Santos Portuguezes* revestindo-as dos nervosismos macabros, estonteantes da sua prosa sentida e pessoal, fazendo do seu livro em vez d'um volume de momento, para especulação antonina do editor, uma obra d'arte, complexa, cheia de subtilidades e requintes, apothose litteraria condigna, immorredoura, d'um escriptor de raça ás lendas piedosas do seu paiz.

Mas não. Fora raros lampejos luscentes, que, de longe em longe, atravessam o livro, no clarão rutilo, vertiginoso dos meteoros, illuminando pujantes algumas paginas magistraes do prefacio, os *Santos Portuguezes* arastam-se pesados, mazorros, somnolentos, numa factura tremida, inodora, incolor, que, se pôde inspirar invejas ao Alberto Pimentel, estylista de borra, destoa por completo, na obra gloriosa do grande estylista, que Camillo, num rasgo de justissima generosidade, retratou n'estes periodos altisonantes d'uma verdade apothosica e vingadora:

O seu estylo tem, de par com a elevação eloquentissima, uma nitida clareza — o v-nuz dos mestres, como disse não sei quem. Usa phrases compostas de sarcasmos e pontas de agulhas, e bom peculio de antiphrases ironicas. E' muito bilioso na polemica, arrebatado, critico de rija tempera, subtil na analyse, muito perspicaz de relance, pouquissimo caravel de periphrases e circumloquios, com uma temeridade sempre bem sorteada de viajar largos estadios de litteratura sem grande bagagem de expositores, e com as melhores armas de combate, muitas vezes ao serviço da verdade, e algumas vezes, com rara dexterdade, ao serviço do paradoxo. Tem ditos originaes, fins botes de esgrima faceta que se vão generalizando em outros escriptores. Ainda não conquistou a popularidade populaciêre. Para isso falta-lhe escrever mal. A sua correção ataviada a primor, e os donaires não espantosos da locução resabem a uma fidalguia á ralé. De *Edgard Poe* dizia T. Gautier: Il avait le malheur de bien écrire, ce qui a le don d'horripiler les sots de tous les pays.

Finalmente, em uma nacionalidade grande, capaz de antagonismos e tempestades de idéas, onde as instituições perigosas e os homens nocivos devem ser derruidos a catapultas de estylo bem hervado de eszarcos e ironias, Silva Pinto seria um pamphletario como o conde de Chesterfield, como Paul-Louis Courier, como H. Heine, como Cormenin.

E, citando as palavras do nosso Feld-Marchal, do saudoso Generalissimo, insubstituivel, incomparavel, que a morte nos arrebatou e a ingratição dos homens deixa apodrecer no jazigo d'Urbino...

— Meu general! Remetto-me ao silencio e queira desculpar a ousadia do mais obscuro e mal-amanhado dos seus galuchos...

F. V.

Liberdade de imprensa

O nosso collega de Bragança o *Nordeste* foi ha tempos processado por supposto abuso de liberdade de imprensa. O artigo incriminado era um protesto contra as infracções constitucionaes e abusivas illegalidades dos senhores absolutos d'estes reinos, encarados, é claro, pelo prisma azul e branco do partido progressista, em que o *Nordeste* milita.

O editor d'aquelle jornal interpoz recurso contra o processo instaurado na primeira instancia, allegando que em vez de crime era dever patriótico de todo o cidadão o apontar os desmandos do poder executivo e os seus ataques descaradissimos á lei fundamental do Estado.

A relação do Porto, com uma hombridade digna de registo e de applauso, em accordão de 3 do corrente, perflhou por completo estas suas doutrinas dando provimento ao recurso interposto pelo editor do *Nordeste*, o que não deve ter sido muito agradavel a mestre João Franco, dictador patusco que El-rei adora.

Pelas noticias dadas pela imprensa do Porto, vê-se que os operarios da companhia dos phosphoros não estão dispostos a aceitar a tabella dos preços que lhes foi recommendada pelo sr. Adriano Cavalheiro, commissario regio juncto da companhia. E' possível, pois, que surjam complicações que revistam um certo caracter de gravidade, se o commissario regio não conseguir que seja coroada de bom exito a sua intervenção neste assumpto.

Á Tarde, que tem quem o melhor da sua rhetorica a provar que o governo nenhuma connivencia teve no pagode *Jesuítico-Orleanista*, fazemos esta innocente pergunta: — Por que motivo receberiam as camaras municipaes, dos chefes dos respectivos districtos, confidencias reservadas, insinuando-lhes que ao governo seria grato que ellas se fizessem representar no centenário?

Politica estrangeira

XIV

SUMMARIO:

Italia:—Crispi e a opposição.
Allemanha:—O fiasco de Kiel.

Inaugurado o parlamento italiano, o ministerio Crispi, tendo conseguido já nas urnas populares a victoria que a politica sempre concedeu a todos os governos, fez vingar successivamente a eleição do presidente da camara e dos secretarios, com a facilidade que é de esperar das maiorias submissas, victorias estas que não são precisamente equivalentes ao esforço dos guerreiros antigos, que, na pittoresca formula do dizer popular, *mettiam uma lança em Africa*.

Foram-lhe faceis aquelles triumphos... todos conhecem como são accomodaticias e subservientes as maiorias parlamentares, e Montecitorio não vale mais do que S. Bento. Tem Crispi, porém, pela frente uma minoria audaciosa e forte, talentosa e turbulenta, que já tem mostrado como ha de converter em agruras as victorias politicas do illustre Crispi, forte na confiança real, prompta a amparalo e a protege-lo, que nem o abandonou quando sobre elle choviam as escandalosas accusações das suas *tripotages* bancarias.

Mas Crispi não faz caso da violencia da opposição. Diga o que disser Cavalloti, o seu mais tenaz adversario; faça o que fizer a opposição inteira, Crispi arrosta soberanamente com as tormentas todas... sorri, falla á sua hoste disciplinada e forte, e deixa passar a onda de invectivas e de insultos.

E não o abandona a sua maioria fidelissima. Ha poucos dias ainda obteve d'ella uma votação completa de confiança.

A camara approvou, por 261 votos contra 118, uma ordem do dia exprimindo confiança no governo, e na mesma sessão Crispi declarou que, pela sua parte, desdenha quaesquer ataques pessoas que lhe sejam dirigidos.

Que Crispi é homem de incontestavel valor, é um facto; que o rei Humberto tem nelle o homem da situação, é evidente.

Inveterado de todos os vicios do monarchismo continental e de toda a corrupção do parlamentarismo decadente, Crispi é um dos raros sustentulos de valor das dynastias reinantes.

X

Têm produzido um movimento de assombro na Europa os factos subsequentes á inauguração do Baltico, á festa de Kiel.

Parece que aquillo não é canal; que pouco mais é do que uma valla. O fiasco é completo, e Guilherme da Allemanha ha de estar a esta hora profundamente irritado com as censuras asperas e criticas azedas, que quasi toda a imprensa do seu paiz tem dirigido ás obras do Canal.

Garraram, durante a travessia inaugural, alguns navios de grande lotação; os couraçados francezes e russos não conseguiriam passar por elle... Por isso a Allemanha, precisando de navios como aquelles para collocar a sua marinha em condições de rivalisar com aquellas, não encontrará no canal, como elle se encontra agora, as condições necessarias para uma rapida mobilisação dos seus navios.

E' por este motivo que a imprensa o ataca.

Que profunda colera nevrotica não será a do rei-despota, que ia ligando ao seu reinado esta obra como uma gloria sua...

Pedi a sua aposentação o professor de desenho d'esta cidade, sr. Luiz Augusto Pereira Bastos. E' um professor muito illustrado e exacto cumpridor dos seus deveres, que deixa pela sua aposentação uma vaga que difficilmente será preenchida com vantagem.

O sr. João Arroyo

Este celebre politico, que se tem enichado num sem numero de companhias, foi ultimamente nomeado administrador da *Société anonyme pour l'incandescence par le gaz (système Auer) au Portugal*. O nosso valente collega *A Vanguarda* referiu-se immediatamente a este facto, mostrando que era tão insaciavel o sr. Arroyo, que não tiuha duvida, sendo administrador da companhia do gaz, em aceitar a administração d'outra, exploradora d'um invento destinado a poupar o gaz.

Dá se, porém, o caso inaudito, a ser exacto o que lemos em alguns jornaes, de o sr. Arroyo não aceitar o logar para que foi nomeado. Pois o sr. Arroyo recusa uma venesia!...

Pelo que vemos, o homem ainda não está completamente perdido. Resta-lhe um bocadinho de pundonor, que pôde ser devidamente aproveitado. E, para auxiliar a sua reabilitação, lembremos-lhe que deve envidar os maiores esforços para que o poder judicial dê rapido andamento á celebre questão do Nyassa. A vêr se fica a salvo de qualquer responsabilidade...

Dr. Teixeira Bastos

Acaba de ser promovido a lente cathedratico da faculdade de Philosophia este abalizado professor, a quem endereçamos as nossas felicitações.

Tornou-se digna de reparo a demora que houve na sua promoção, pois ha cinco mezes proximoamente que se deu a vaga em que foi provido.

Diz-se que o governo vae principiar a classificar os concelhos, em harmonia com os criterios fixados no actual codigo administrativo. Se tal succeder, não duvidamos de que venham a realisar-se em breve as eleições de deputados.

Mas conseguiria o governo dispôr já as cousas de modo que haja opposição? A julgar pela attitude do *Tempo*, que já não fala nas vantagens de que se formem agrupamentos occasionaes, parece que o sr. Dias Ferreira não conseguiu levantar a modorra em que o paiz se encontra, mesmo com o auxilio do governo.

Dr. Bernardo d'Albuquerque

Vae dentro de breves dias ser aposentado, a seu pedido, o illustre professor e decano da faculdade de Direito e nosso querido amigo, sr. dr. Bernardo d'Albuquerque e Amaral.

S. ex.^a é um d'estes raros homens que sabe alliar a maior rectidão no cumprimento dos seus deveres com a affabilidade de tracto e os primores de amizade para com todos quantos d'elle se acercam. Por sobre isto, é um caracter dignissimo, que tem honrado e enaltecido a corporação a que se ligou, estreitando cada vez mais os laços intimos que com ella o têm unido, e que sempre antepoz a prestação inaccidental de favores possiveis a quaesquer conveniencias mesquinhas do partido politico em que tem militado com dedicação inexcedivel.

Dotado de extrema prudencia e d'um cuidado metucoso na solução de todos os negocios difficeis, o sr. dr. Bernardo d'Albuquerque deixará em collegas e discipulos, em amigos e conhecidos, uma viva saudade, sempre alimentada pelo rasto de luz da sua intelligencia esclarecida e pelo brilhantismo inexcedivel da sua austera dignidade.

Cumprimentamol-o, porisso, num preito da mais respeitosa homenagem, — nós, que o temos por adversario politico, — neste momento em que vae abandonar o cargo exercido com tão elevada proficiencia durante 33 annos de serviço, — de que nem as ambições pessoas nem as glorias politicas poderam jamais desviar-o.

Sua Magestade Africana D. Antonio Ennes, por graça do D. Carlos de Moçambique a 50\$000 réis diarios etc. Houve por bem rematar a grossa patifaria de suppressão do *Futuro de Lourenço Marques*, que incorrera em seu regio desagrado, prohibindo que em seus dominios se habilite outro jornal.

Sua Magestade Africana D. Antonio Ennes, por graça do D. Carlos, senhor

de Moçambique a 50\$000 réis diarios, foi em tempos jornalista palavroso e libertador irascivel.

Agora prosegue a imprensa, e chupa dictatorialmente o melhor réis 18:250\$000 por anno ao feliz contribuinte.

Não ha razão de queixa. O da metropole ganha mais, faz dictaduras, supprime jornaes, caça perdizes, tem um governo que apadrinha ladrões, e não consta que o povo esteja descontente.

Antes pelo contrario, que esta vida é um pagode!

Noticia *O Tempo* que durante o mez de julho ultimo suspenderam o pagamento em Villa Nova de Gaya oito negociantes, cujos passivos excedem a 320 contos.

Este facto revela-nos d'um modo pre-remptorio as condições difficillimas em que vive o nosso commercio. E enquanto as notas forem girando com a facilidade com que giram actualmente, não se manifestará em toda a sua verdade a gravissima crise que a industria e o commercio atravessam. Venha qualquer facto que faça perder a confiança do publico no Banco de Portugal e então ver-se-á quanto são verdadeiros os dados do notabilissimo ministro da fazenda sobre a riqueza publica.

O caminho de ferro de Lourenço Marques

No dia 8 do corrente mez inaugurou-se com toda a solemnidade o caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transvaal, de que tantos beneficios podem derivar para aquella cidade, se o governo souber aproveitar-se devidamente d'aquelle melhoramento.

A cerimonia da inauguração assistiram forças militares do Transvaal, officiaes do exercito e da armada de Portugal, Allemanha, Inglaterra e Hollanda, os governadores inglezes do Cabo e da Natália, o commissario do Botchouznaland inglez, os officiaes do estado maior do exercito e da armada ingleza sul-africana e uma multidão de cerca de 10:000 pessoas. A festa foi esplendida, achando-se toda a cidade embebedada e havendo á noite brilhantes illuminações.

O governador do Cabo, sir Hercules Robinson, e o sr. Kueger, presidente da republica do Transvaal, foram muito aclamados.

Deixou a direcção politica do *Correio da Noite* o sr. Anselmo d'Andrade, que fica sendo substituido pelo sr. D. João d'Alarcão.

A imprensa progressista, depois de ter feito esforços gigantescos para defender o sr. Barros Gomes das declarações feitas no celebre congresso catholico ultimamente realisado e da sua incondicional adhesão ás conclusões que nelle se votaram, vem afirmar que nada têm com a sua qualidade de progressista essas declarações, que são puramente individuaes.

Mas não é d'isso que se trata, caros rabulas. O que se pretende saber é se o partido reconhece como um dos seus chefes mais graduados quem pugna pela restauração das ordens religiosas.

Legados

A sr.^a D. Maria da Conceição Adelaide Varques, que ha dias falleceu nesta cidade, legou algumas verbas importantes a instituições de beneficencia d'esta cidade.

Ao Asylo da Mendicidade, tres inscripções nominaes de 600\$000 réis, cinco ditas de 100\$000 réis, e cinco obrigações de 4 1/2 por cento do emprestimo de 1889; ao hospital da Ordem Terceira, vinte inscripções de réis 100\$000, quatro duzias de lençoes e somma igual de toalhas de mãos; ao Asylo da Infancia Desvalida, duas inscripções de 500\$000 réis e outras duas de 100\$000 réis; á Associação Consoladora dos Afflictoes, a quantia de 100\$000 réis; e aos pobres das freguezias da Sé Nova e da Sé Velha, 50\$000 réis.

Tambem deixou legados importantes a algumas pessoas d'esta cidade.

Está no prelo 2.^a edição do *guia historico do viajante no Bussaco*, do sr. dr. Simões de Castro,

Incendios

Aborrecidos, espapaçados com o calor, sexta feira á noite na sala da redacção.

Nisto um reboliço na rua, repiques nas torres, gritos estridentes: Fogo! Fogo! Um clarão avermelhado, intensissimo, illuminava o horizonte para as bandas da Sophia.

Agarrado com pés e mãos o protesto para a mandria, enfiou tudo escada abaixo numa ancia febril de heroismo e philantropias.

Ondas compactas de povareu precediam-nos, humanitarias, na correria desordenada para o logar do sinistro.

Espiritos negros, pessimistas, phantasiavam horrores, catastrophes medonhas:

—E' na Fabrica do Gaz:
—Quatro predios em cinzas, mortos, feridos, o diabo a quatro.

Almas azulineas, optimistas, em rasgos de sciencia astronomica tranquillizavam:

—Ora! qual fogo!... E' uma aurora boreal.

Afinal, junto a uma capella, a multidão apinhava-se, o clarão punha tons avermelhados nas caras da tricanagem, bombeiros insultavam-se, quietos, discutindo a quem pertencia o premio; fachinos armados, esbaforidos, atropelavam o povo sob o commando d'um alferes...

...E, socegadamente, tranquillamente, em crepitações pacificas, um baracão de palha ardia a meio da insua, para aquecer as rãs, para divertir os salgueiros.

Hontem, pelas nove horas da noute, deram novamente as torres o alarma de incendio, que se havia manifestado na chaminé d'uma casa em Fora de Portas, não tendo importancia alguma.

Na proxima quarta feira será dada posse á Mesa da Santa Casa da Misericórdia ultimamente eleita, que ha de administrar esta importante instituição no biennio de 1895-1897.

Theatro Gil Vicente

Representou-se hontem pela primeira vez neste pequenino theatro o *Santo Antonio*.

A reprise d'esta oratoria tão conhecida em Coimbra, onde ainda hoje são recordadas com saudade as creações de Braz Martins, José Novaes, Ferraz, etc., era uma verdadeira difficuldade para curiosos, e no publico revelava-se o desejo de ver como elles se desempenhariam de tão audacioso committimento. Com satisfação o dizemos: a impressão geral foi magnifica e alguns amadores revelaram-se verdadeiros artistas. Especialisaremos Luiz Ramos no papel de Frei Antonio, A. Brandão no do leigo Ignacio e Emilia Rosa no de donzella paduana.

Folhetim da RESISTENCIA
DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)
SEGUNDA PARTE: — 1793
IX
A PEQUENA DUQUEZA

—Não é preciso! disse a Combat. Que fique aonde está. E' o seu logar. Sentaram-se á mesa. Passado um momento, a Combat perguntou-lhe:
—Tens fome?
E sem esperar resposta, atirou um bocado de pão á pequena duqueza. Ella chorava sem cessar.

O terror que a dominava, percebia-se no seu olhar desvairado. Pensava no pae, no João, no homem do arrabalde Poissonniere; via o cadafalso pintado de vermelho, o seu criado arrastado no meio da populaça, o cadaver suspenso do candieiro...

Mas a fome era muito grande. Lançou-se ao pão e devorou-o.

—O nosso Claudio nem sempre teve pão á farta. Morreu!...

—Jenny, ensina-lhe a lavar a louça; e tu attende e obedece. E's a nossa criada.

Os coros, regidos pelo sr. Bernardo d'Assumpção, foram cantados com bastante harmonia, e o scenario pintado pelo nosso amigo João Machado, com excepção do ultimo quadro, d'um bello effeito.

Aos operarios que com tanta distincção aproveitam o pouco tempo que lhes sobra do seu trabalho quotidiano os nossos cordeacs parabens.

Musica regimental

Hoje, no Caes das Ameias, das 8 ás 10 da noite.

PROGRAMMA

1.ª PARTE

Trovador—Duetto (Verdi).
Die Grossfürstin—Ouverture (Flotóir).
Rigoletto—Scena e cavatina (Verdi).
Olé—Malgueña (Verguilha).

2.ª PARTE

Les Noces de Jeannette—Ouverture—(Massé).
La Nuit—Grande valsa (Metrá).
Polka.
Passo dobrado.

O mildiw

O mildiw tem-se desinvolvido espantosamente nestes primeiros dias de julho. As vinhas, que apresentavam optima producção, têm soffrido muito com o calor tropical que tem feito ultimamente.

No concelho da Covilhã o prejuizo é muito grande, sendo tal a violencia do mildiw que não tem poupado vinhas que já haviam sido tratadas duas vezes com calda da bordaleza.

Escola Industrial Brotero

Fizeram exame nesta escola, ficando approvados, os seguintes alumnos:

DESENHO MECANICO

2.º anno—Francisco Manuel da Silva Teixeira e João Gaspar de Mattos.
3.º anno—Caetano Rocha.

PHYSICA E MECANICA INDUSTRIAL

1.º anno—João Gaspar de Mattos.
2.º anno—José Antonio dos Santos e Manuel Joaquim de Miranda.
3.º anno—Francisco Manuel da Silva Teixeira.

CHIMICA INDUSTRIAL

1.º anno—Adolpho Paixão, Antonio Francisco Bizarro d'Assumpção, Aureliano José dos Santos Viegas e Joaquim Vieira de Sousa.

A criancinha, sem responder, acabou de comer o pão, enxugou os olhos, e mergulhou as mãosinhas brancas na tina de lavar a louça.

O duque tinha casado com a filha de um banqueiro.

Não representava o seu nome um capital? E haveria cousa mais legitima do que associar este capital a outro?

A duqueza era formosa, instruida, e tinha sido educada no convento por senhoras nobres. Rennia todas as qualidades que deve ter uma boa mulher e uma boa mãe. Mas tinha um defeito terrivel: era ciumenta. Quando se encontrava com o seu marido tinha sempre desejos de lhe saltar ao pescoço. O seu tom frio de grande senhor, continha-a. Então, arrependida, confusa, tímida, concentrava em si o seu grande amor, e cabia n'uma tristeza profunda.

O duque tratava-a como uma criança, beijava-a na fronte, dava-lhe pancadinhas nas faces, e ia procurar distracções fóra de casa.

Ao fim de pouco tempo, conheceu que era abandonada. A sua tristeza transformou-se em desespero. Haverá nada mais cruel, do que quando se é infeliz, patentar as nossas dores no meio de quem as não sente? Retirou-se para uma das suas propriedades dos Ardennes, que ficava a algu-

Audiencias geraes

Começam no proximo dia 30 as audiencias geraes d'este trimestre. Não ha crimes de extraordinaria gravidade. Simples furtos, um fogo-posto, alguns roubos, e disse.

Boa terra e santa gente!

Para o concurso para o douramento da capella da Universidade só apresentaram propostas dois douradores do Porto. Um d'elles avaliou a obra em 3:400\$000 réis.

Abriu um consultorio de cirurgiãodentista nesta cidade, na rua de Ferreira Borges, o sr. Francisco Pereira, que ha pouco fez exaite na Universidade.

Actos na Universidade

Nos dias 12 e 13 fizeram acto, ficando approvados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE THEOLOGIA

1.º anno—Florindo Nunes da Silva e Avelino José Rodrigues.
2.º anno—Luiz da Cunha Brandão.
3.º anno—Antonio Martins Malhado.
4.º anno—Manuel Leite Marinho.
5.º anno—José Marques Rito e Cunha.

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—Antonio Gaspar de Carvalho Homem, Sebastião dos Santos Proença, João Corrêa Mexia Ayres de Campos, Albino da Cruz Filipe e Domingos Augusto de Sousa Ribeiro.
2.º anno (*Economia Política*)—Carlos Baptista Gonçalves Guimarães, Francisco Barbosa Falcão de Azevedo, Raul da Cunha Paredes e Jayme Pinto.
3.º anno—D. Vicente de Paula Gonçalves Zarco da Camara, Antonio Pessoa de Barros Gomes, Alfredo Augusto de Frias Ribeiro, João Pimenta, Jorge da Silveira Freire Themudo de Vera e Porphirio da Costa Novaes.
4.º anno—José Pinheiro Mourisca Junior, José Teixeira Rebello, José Vicente Madeira e Julio Armando da Silva Pereira.
5.º anno—Victor Brandão Pereira Cardoso de Menezes, Francisco Nunes Correia, João José de Freitas e Henrique Maria Cisneiros Ferreira.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—João Francisco de Almeida, Antonio Guedes de Gouveia e Alberto Simões da Costa Rego.

1.º anno—Antonio Gaspar de Carvalho Homem, Sebastião dos Santos Proença, João Corrêa Mexia Ayres de Campos, Albino da Cruz Filipe e Domingos Augusto de Sousa Ribeiro.

2.º anno (*Economia Política*)—Carlos Baptista Gonçalves Guimarães, Francisco Barbosa Falcão de Azevedo, Raul da Cunha Paredes e Jayme Pinto.

3.º anno—D. Vicente de Paula Gonçalves Zarco da Camara, Antonio Pessoa de Barros Gomes, Alfredo Augusto de Frias Ribeiro, João Pimenta, Jorge da Silveira Freire Themudo de Vera e Porphirio da Costa Novaes.

4.º anno—José Pinheiro Mourisca Junior, José Teixeira Rebello, José Vicente Madeira e Julio Armando da Silva Pereira.

5.º anno—Victor Brandão Pereira Cardoso de Menezes, Francisco Nunes Correia, João José de Freitas e Henrique Maria Cisneiros Ferreira.

Quando chegou aos vinte annos morreu.

O seu corpo foi encerrado no mausoleu ducal.

O duque, enquanto a filha não completava os 12 annos, resolveu deixal-a alli, confiada aos cuidados do cura e das pessoas do Castello, entre os quaes havia um velho criado, em que tinha absoluta confiança.

Henriqueta cresceu, livremente, feliz e boa. Tinha a sensibilidade viva da mãe. A todos os instantes, nos seus passeios encontrava rostos attentos, modos respeitosos e obsequiadores.

Os criados de libré fallavam-lhe sempre na terceira pessoa, como se ella fosse já uma senhora, e, aos domingos na capella, quando se assentava no seu banco senboreal, os servidores do rei e as auctoridades locais inclinavam as suas cabeças grisalhas e brancas diante da sua cabeça loura.

2.º anno — Alfredo Leal dos Santos Gascão, Augusto Cymbron Borges de Sousa, Antonio José Duro e Augusto Hylario da Costa Alves.

3.º anno — João da Silva Lino, Joaquim Luiz Martha, Victor José de Deus e Joaquim Possidonio Coelho.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.º anno—Antonio de Mattos Cid, Antonio Aurelio da Costa Ferreira, João d'Andra da Motta Feliz, Annibal Paes de Brito, Eduardo Corsino Galdeira d'Albuquerque Vilhena, Delphim Augusto da Silva Pinheiro, Henrique Bacta Diniz Migueus e Sebastião da Gama Lobo Salema.

3.º anno—José Carlos de Barros e Alfredo Balamino de Seabra Junior.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira—(*chimica inorganica*)—Carlos Henrique Lebre, Accacio Augusto Pereira da Costa, Illydio d'Aquino Correia, Carlos de Carvalho Braga e João Antunes Guimarães.

4.ª cadeira (*Botanica*)—José Augusto Lobato Guerra.

5.ª cadeira—(*Physica 2.ª parte*)—João Alexandre Lopes Galvão, João Luciano Torres e João Luiz Affonso Vianna.

6.ª cadeira (*Zoologia*)—Antonio Rodrigues Correia da Fonseca, Thomaz Mendes Norton de Mattos Prego, Luiz Maria Rosete e Joaquim José d'Abreu.

Bibliographia

Da imprensa da Universidade recebemos e muito agradecemos uma esplendida edição,—nitida e acuradissima, em optimo papel, de margens amplas,—do *Codigo de Processo Commercial de 1895*, e o *Projecto do Regulamento da Imprensa da Universidade*, elaborado superiormente pelo ar. reitor, dr. Costa Simões

Publicou-se o n.º 16 do semanario *Revista das Escolas*, de que é director o sr. Antonio de Mesquita. Agradecemos o exemplar recebido.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 4 de julho de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto de Almeida Araujo Pinto—vice-presidente.

Vereadores presentes: João da Fonseca Barata—João Antonio da Cunha—Manuel Miranda—Antonio José Dantas Guimarães—Joaquim Justiniano Ferreira Lebo, effectivos; e José Correia dos Santos, substituto.

Approvou a acta da sessão anterior, entrando na sala o administrador do concelho.

Registrou-se na acta uma declaração feita pela presidencia de que a familia Araujo Pinto consente na passagem da canalisação das aguas por um terreno que possui na rua do Carmo, para que assim se abasteçam de agua predios vizinhos.

Tomou conhecimento da approvação supe-

ria de deliberação pela qual se resolveu ampliar o cemiterio da Conchada.

Encarregou a presidencia de estudar a execução das condições com que foi approvada superiormente a deliberação acerca do terreno de novo escolhido na quinta de Santa Cruz para a construcção de um edificio para o matadouro.

Cedeu 3.º,60 de terreno em Souzellas, para alinhamento de um predio, a 350 réis cada um metro, segundo a avaliação.

Cedeu 29.º,00 de terreno na rua de Castro Mattoso para alinhamento de um predio, ao preço de 300 réis cada um metro, seguindo-se a linha de vedações anteriores, executadas nestas condições.

Resolveu agradecer á camara municipal de Lisboa o convite feito pela commissão respectiva para as festas do centenario de Santo Antonio, bem como as deferencias para com os representantes da camara de Coimbra, a quem se dirigem tambem agradecimentos.

Mandou enviar ao commissario de policia a participação exigida do administrador interino do cemiterio acerca do roubo de uma lampada de prata de um jazigo particular, pedindo-se as investigações necessarias.

Attestou acerca de diferentes petições para subsidios de lactação a menores.

Resolveu dar o nome de calçada de Santa Isabel á ladeira de Santa Clara.

Nomeou uma commissão de tres vereadores para estudar as circumstancias do mercado, relativamente ao gado que se abate no matadouro, dando o seu parecer sobre o preço regular para a venda de carnes.

Mandou inventariar de novo todos os objectos existentes nas diferentes repartições da sua dependencia.

Mandou sondar as nascentes d'agua da quinta de Santa Cruz, que abastecem a abegoiaria e o Hospicio, orçando-se as despezas a fazer para melhoramento de antigas canalisações.

Resolveu, em vista d'irregularidades de que tomou conhecimento, fazer substituir por espaço de 30 dias o porteiro do cemiterio da Conchada pelo guarda da estação do material d'incendios na quinta de Santa Cruz, desempenhando aquelle as funções officiaes d'este empregado.

Admittiu quatro individuos para o corpo de bombeiros municipaes.

Mandou intimar diversas pessoas para o pagamento de taxas em divida por deposito de cadaveres no jazigo municipal.

Auctorizou diversos pagamentos e 47 avencas sobre impostos indirectos relativos ao trimestre de julho a setembro.

Concedeu 60 dias de licença, sem vencimentos, ao amanuense da repartição dos impostos.

Mandou intimar um proprietario da Cioga do Campo para restituir ao gozo do publico a agua, que em seu beneficio aproveita do ribeiro que abastece o lavadouro dos povos.

Informou acerca da admissão definitiva de duas creanças no hospicio dos abandonados.

Despachou requerimentos, attestando acerca do comportamento, moral e civil de diversos, e auctorizando a collocação de uma linha telefonica entre dois estabelecimentos na couraça de Lisboa e na rua de Ferreira Borges; a collocação de taboletas em outros; a reconstrucção d'uma casa em Almalaguez, sem occupação de terreno publico; a limpeza de canos d'aguas de exgoto em diversas ruas da cidade; a abertura de uma serventia particular para a calçada de Santa Isabel, ou ladeira de Santa Clara, salvando prejuizos de terceiro; e concedendo a exoneração pedida por um bombeiro.

Não era alta; mas tinha a certeza do seu grande poder, a consciencia de que pertencia a uma raça diferente, e, quando os filhos dos camponezes brincavam diante d'ella, ella olhava-os sorrindo, como uma rainha, sem se juntar com elles nos seus brincue-dos.

Era extremamente bondosa; sentia um prazer infinito em socorrer os necessitados; todas as miserias humanas lhe apertavam o coração e a faziam chorar. A perda da mãe tinha-lhe deixado impresso no rosto uma certa melancholia que adoçava um pouco o seu caracter alegre. Mas, de resto, em todas as cousas da vida, era muito feliz; as suas faces rosadas, a seu ar sadio, o seu viver tranquillo, faziam d'ella uma pequena santa, que os camponezes adoravam e de que os miseraveis não diziam mal.

A sua existencia era uma continua primavera. O capellão do Castello tinha ensinado a ler; mas o resto do tempo, passava-o correndo o campo e os bosques, passeando em carruagem, saudando os camponezes á sua passagem, ou a pé seguidos de dous criados, e de meia duzia de cães. Era a fada encantada das Ardennes e a patrona das aldeas visinhas.

Um dia, chegaram até ao Castello rumores longiquos; viu os creados segredarem uns aos outros. Fallava-se

de roubos, incendios, mortes. João de accordo com o capellão decidiu que todos os dias ao cair da tarde se fechassem as portas e que se desse a cada creado uma arma, pólvora e ballas.

Passados dias o socego voltou; mais tarde novos rumores se ouviram nas visinhanças; tinha havido assembleas; os camponezes chegam trazendo bandadas incarnadas á cinta, laços tricolores nos barretes, e bandeiras nas mãos.

O capellão tinha partido; João estava inquieto; nas estradas passavam muitos soldados, ouvia-se o rufar dos tambores e nos intervallos cantos desconhecidos.

Henriqueta perguntava: «— Onde está meu pae?... Que faz meu pae?... Porque não vem meu pae ver-me?...»

Chegou finalmente. Uma noite um cavallo a galope parou á porta do Castello. Um homem, fatigado, com o factico coberto de pó acabava de bater á porta dizendo o nome. Era o senhor do Castello.

Depois tudo o que se passou foi um sonho. Ouviam-se gritos; homens com archotes guilavam de noite os soldados. Um bando de homens semi-nus, e mulheres semelhando furias, tinham chegado á porta do Castello. Bateram...

(Continúa.)

Estabelecimento Thermal
Dos mais perfectos do paiz
Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club
Magnificas accomodações
Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moihos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



E ESTA?!

Pois a casa **LEÃO D'OURO** não teima em querer vender *Bicycletas Pneumaticas* para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa, Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?!

Parece incrivel, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditareis!

Mas como poderá isto ser?

É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como lanternas e campainhas simples e de repetição para as mesmas e que vende por **preços excepcionaes**.

Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas; porque além de terem todos os aperfeiçoamentos modernos, são:

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro

117, Rua Ferreira Borges, 121—Coimbra

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á *Casa Havana*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

Arrendamento

Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Arrenda-se

Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades

Para tractar, com Joaquim Augusto Preces Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72—Coimbra.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito **exclusivamente para venda por atacado**, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

Arrenda-se

2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

Trespasse

Antonio dos Santos Pereira, trespassa ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Sotta.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra. Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroló, 103, se trata.

LEITÕES

De pura raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao preço de 2 a 3 mil réis.

Maria da Cruz, moradora na roa dos Coutinhos, 9, encarrega-se de arranjar criadas.

Aos photographos amadores

Acaba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatre, etc.

AOS BARBEIROS

Pó de Sabão.—Vende-se a 800 réis o kilo.

Dão-se amostras a quem as pedir.—Barbearia Fonseca, rua dos Gatos, 13 a 15.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50%.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 43

COIMBRA — Quinta feira, 18 de julho de 1895

1.º ANNO

Instrução publica

Instrução primaria

II

Il y a deux politiques: s'attacher à ce qui est connu, expérimenté, et, si, malgré soi, on s'en est écarter, y revenir, politique rétrograde; chercher le nouveau et le meilleur, politique du progrès.

J. SIMON.

Os governantes, em Portugal, com raríssimas, mas efêmeras intermitências, não conhecem senão a primeira das duas políticas a que allude o illustre publicista francez, num dos seus melhores e mais apreciados livros—a política de retrocesso; escolhendo de preferença o terreno da instrução publica, para ahí exhibir a sua falta de orientação, o desconhecimento completo das mais graves questões que, em tal assumpto, se debatem na actualidade, e, por sobre tudo isto, o seu servilismo para com principios já absolutamente julgados e condemnados, não só como caducos, mas ainda como incompatíveis com a dignidade humana e com a civilisação do tempo em que vivemos.

Compreende-se, porém, o proceder dos nossos estadistas e legisladores, adivinhando-se facilmente a causa por que assim procedem. A ignorancia das massas populares é realmente o principal e porventura unico sustentaculo do que actualmente já mal se pôde admitir, e querem ver se podem sustentar a vaga que ha de fatalmente submergi-lo...

Dissemos no artigo anterior que o primeiro e profundo golpe vibrado contra as reformas relativamente progressivas de 78 e 80 fôra a supressão das conferencias annuaes dos professores, organisadas definitivamente em virtude das disposições contidas naquellas reformas.

Ninguem ignora hoje, nem se atreve a pôr em duvida, os beneficios d'essas conferencias, não só sob o ponto de vista das boas relações que é conveniente existirem entre todo o pessoal docente, mas também e especialmente pela influencia altamente benéfica que exercem no ensino. E é fácil a demonstração d'esta grande verdade.

Por mais habil que seja o professor, por maior que seja a somma dos seus conhecimentos, por grande que seja o seu zelo pela nobre missão a que se devotou, não pôde permanecer no isolamento, porque este irremediavelmente o inutilisa. Isto é correntissimo e não carece de demonstração. Na vida intellectual nada é mais pernicioso do que o isolamento, por este conduzir necessariamente a uma deploravel inacção.

Ora a sciencia pedagogica, como todas as outras sciencias, progride constantemente. Transformam-se os methodos, modificam-se sem cessar os processos de ensino, como judiciosamente observa um mestre eminente. Porque, convençamo'-nos todos d'esta verdade profunda: em instrução publica, e especialmente na primaria, o mais importante, a maior difficuldade, não é propriamente adquirir conhecimentos; é transmitti-los.

Ha muito quem tenha grandes e solidos conhecimentos, mas ha pouco quem possua o segredo de communicá-los com bom exito. E por isso é que a missão de ensinar se torna muitissimo espinhosa e delicada.

As conferencias entre professores

são, pois, consideradas como um grande remedio para prevenir os inconvenientes que temos indicado, e como taes são preconizadas pelas autoridades mais conceituadas no assumpto. E em toda a parte onde ellas têm sido organisadas se apregoam como eminentemente beneficos os seus resultados.

Em circular de 10 de agosto de 1880, reconhecia mr. J. Ferry, o grande e inolvidavel reformador do ensino publico em França, que era indispensavel evitar os perigos do isolamento, que *paralyse pouco a pouco as vontades mais firmes*, recommendando aos reitores com a maior instancia a organização das conferencias; porque os professores, *jeunes ou vieux, sortis ou non d'une école normale, ont besoin de faire effort pour ne pas se laisser gagner par le découragement ou par la routine*. E noutra circular notabilissima affirmava mr. Bardoux, outro ministro benemerito da instrução publica, que onde quer que as conferencias se haviam organizado, não tardaram a colher-se os excellentes fructos de tão util quanto necessaria instituição.

Entre nós houve também alguns visionarios que assim o entenderam, devendo notar-se entre todos o saudoso D. Antonio da Costa, porventura o unico ministro, depois de Rodrigo da Fonseca, que cuidou muito a serio da reforma da nossa desorganizada instrução publica.

As conferencias, funcionando regular e definitivamente pela primeira vez, em 1883, começaram logo a evidenciar a sua grande utilidade. Razão de mais, por conseguinte, para as destruir em apenas se deparou en-sejo favoravel...

Haveria irregularidades numa ou noutra d'essas conferencias? Desviariam-se alguma vez os professores do verdadeiro caminho a seguir? A sua direcção não seria sempre a mais consentanea com o fim que as conferencias devem atingir? É possível. Nem facilmente se acredita que uma instituição nascente comece logo a produzir todos os fructos que d'ella é licito esperar. O que é certo, porém, o que é absolutamente incontestavel, é que, em geral, foram bem dirigidas e os professores se mostraram compenetrados das suas responsabilidades, colhendo-se, apesar de tudo, resultados maravilhosos.

Demais, se houve irregularidades, a culpa não foi propriamente dos professores; foi da administração superior, a qual, que nos conste, não deu nunca as mais insignificantes instrucções sobre serviço de tanta importancia e de não menor responsabilidade. Verdade, verdade, não é isso muito para admirar, por motivos que facilmente se comprehendem...

Conhecido o valor das conferencias e as consequencias beneficas que d'ahi se haviam de derivar para o professor e para a escola; avaliado bem nas altas regiões do poder o perigo que podia resultar do incremento que ia tendo o ensino, cujo valor educativo augmentava prodigiosamente, resolveu-se logo o movimento de retrocesso a que alludimos no artigo anterior, e que veiu a dar na tremenda derrocada, cujos efeitos perniciosos começamos agora a senti-los com extrema dureza.

E tal era o empenho de acabar com um dos melhores elementos de regeneração da escola, que, apenas appro-

vada a supressão, embora d'um modo indirecto—e nisto se revela a perfidia de tão ruim obra—, se tratou de evitar que ellas podessem tornar a reunir-se.

Fallaremos d'isto no proximo artigo, que o assumpto bem merece explanação.

As folhas governamentais, todas denegosas e meliúas, tecem elogios a mestre Hintze e ás suas habilidades e escamoteios d'alta finança, a que attribuem a alta dos fundos externos. E sem razão, é claro, porque os fundos subiram apenas por lá na Extranja se desconfiar que o Navarro mais o Mariano, arredados da Arcada, audavam a exercer as suas funções pelas batotas thermaes.

Felizmente para os batoteiros, é infundado o boato.

Novas divisões administrativa e judicial

O governo, atrevido mas cauteloso, vae agora pôr em pratica o seu desejo de remodelação territorial,—tão apregoado, em tempo, pelos jornaes officiosos e tão mal apodado pelas gazetas adversas.

Cremos que as pacificas povoações dos districtos da Guarda, Vianna do Castello e Evora, offendidas desde já pela furia governamental, não se lembrarão de perturbar a digestão do sr. D. Carlos com o levantamento de tumultos, out'ora tão vulgares em povos maltratados nas suas regalias. Mas auguramos muito mal da continuação da façanha, porque, ao lado de populações mansas, ha por esse paiz além alguns espiritos energicos que saberão congregar todos os portuguezes na defesa de direitos, que lhes são roubados em plena e monstruosa illegalidade.

Sabemos, de resto, que a obra do governo, em vez de melhorar, peôra; e em vez de destrinçar, mais confunde; e que, obediente a mesquinhos mandões electoraes, o sr. João Franco calcará mais uma vez aos pés os direitos sagrados da nação.

Conceitos foram suprimidos, que tradições locais obrigariam a conservar, intactos, em seu territorio e privilegios. Outros, de criação facticia, mas em que o elemento regenerador, desenvolvido como cogumelos, é preponderante, foram ampliados.—e hoje, ensorhecidos pelos adimplementos territoriaes, beijam de frente rojada o galopim e o ministro que, com desfalque dos fronteiros, aquella melhora lhes conseguiram.

Immoralidades, então, contam-se já por dezenas. E ainda agora o *Diario do Governo*, não obstante as emendas impostas telegraphicamente por influentes esquecidos, vae no comeco da sua tarefa immoral e insolente.

Aí! como nós lamentamos que, de tantas tradições vivas e sãs, se haja precisamente obliterado, no coração dos beirões nossos amigos e dos trasmontanos nossos irmãos, a d'aquelles nodosos marmeleiros, com que se varriam as feiras e se poderia esborrachar um governo imprudente e um throno ablorecido!

Guilherme Braga

Um grupo de liberaes do Porto, com o grande poeta Guerra Junqueiro á frente, pensam em realisar um cortejo cívico á sepultura de Guilherme Braga, o rude atleta das luctas anti-clericaes de ha 20 annos.

Posto não sejamos fanaticos d'estas romarias piedosas, applaudimos incondicionalmente este alvitre, como protesto expressivo contra os manejos reaccionarios da sr.ª D. Amelia de Santo Antonio e dos seus compadres jesuitas, e como homenagem justissima e glorificadora a um dos maiores poetas do nosso tempo.

Antonio Thomé

Completo a sua formatura em Direito este nosso amigo, que, pelas qualidades brilhantes do seu espirito lucidissimo e pela honestidade inconcussa do seu caracter immaculado, é digno do respeito e da admiração de todos.

Saudando o sr. dr. Antonio Thomé, significamos lhe, assim, o muito que o prezamos, augurando-lhe um futuro radiante e prospero, de que é digno quem tanto se tem assinalado pelo trabalho e pelo talento.

Ao Antonio Thomé um abraço effusivo de muita dedicação e muito affecto.

A *Vanguarda*, apostrophando a policia pelo seu procedimento com o dr. João Barral, prophetisa que qualquer dia é o proprio João Franco que irá a pontapé para uma esquadra.

Antes, porém, ha de ir o Carlos Valbom numa rusga de borboletas; e em qualquer dos casos, não se poderá alcinhar de arbitraria e grosseira a policia.

Antes pelo contrario.

Curioso!

Um jornal do Rio de Janeiro abriu um plebiscito sobre quaes sejam, em varios ramos de actividade, as mais apreciadas notabilidades do Brazil e de Portugal. Deixemos de banda o paiz irmão, que não ha, mau grado o interesse da noticia, espaço para tanto; e fallemos, por de leve, dos resultados até fim de junho attingidos pela gazeta fluminense.

Eis os votos obtidos por alguns conterraneos:

—Para *políticos mais honrados e sagazes*: Magalhães Lima, 10; Theophilo Braga, 9; José Luciano e Beirão, 7; Eduardo Abreu, 6; João Franco, 3; e Hintze Ribeiro, 2.

—Para *jornalistas de mais talento*: João Chagas, 22; José Caldas, 19; Joaquim Martins de Carvalho, 18; Magalhães Lima, 16; Alves Correia, 14; Heliodoro Salgado, 9; Eugenio da Silveira, 8; Cecilio de Sousa, 5.

—Para *publicistas de mais valor*: Theophilo Braga, 10; Rodrigues de Freitas, 9; José Sampaio (Bruno), Teixeira Bastos e Visconde d'Ouguella, 8; Magalhães Lima e Cunha e Costa, 6; Alves da Veiga, 5; Fernando Martins de Carvalho e Antonio de Serpa, 3.

—Para *poetas de mais vigor e colorido*: João de Deus, 28; Guerra Junqueiro, 21; Thomaz Ribeiro, 18; Theophilo Braga, 15; Gomes Leal, 14; Eugenio de Castro, 7; Carlos de Lemos, 5.

—Para *romancistas mais secundos e brilhantes*: Teixeira de Queiroz, 17; Alberto Pimentel, 9; Eugenio da Silveira, 5; Bernardino Pinheiro, 4.

—Para *oradores de mais flamma e valia*: Eduardo Abreu, 16; Antonio Candido, 15; Magalhães Lima, 14; Gomes da Silva, 12; José Alpoim, 10; Beirão, 6; Carlos Valbom, 4.

—Para *jornaes mais agradaveis*: Seculo, 15; Voz publica, 11; Folha do Povo, 7; Batalha e Correio da Noite, 6; Vanguarda, 4; Novidades, 3.

E aqui nos quedamos Os leitores terão admirado a sagacidade dos respondentes ao plebiscito, e, a esta hora, as suas mãos esquerdas terão já feito diversos e multiplicados signaes da cruz.

Corra, então, mundo, sem commentario a noticia; e os amantes da intellectualidade portugueza consolem-se com esta:

—No plebiscito collaboram também os brazileiros!

Sans rancune!

Por Cuba continuam muito turvos os ares para as tropas do governo.

Deus não dorme e o Martinez não faz milagres.

Que isto de milagres e malandrices não é synonimo.

Cuidado!

Encerrados os trabalhos do congresso catholico ao estrondear dos ultimos foguetes nas festas antoninas, vão agora os mais denodados campeões da reacção jesuitica conjugar os seus esforços e as suas manhas para, de accordo com o paço e o governo, levar aos males de que enferma a sociedade contemporanea a panacéa das conclusões praticas votadas na santa assembleia de S. Vicente Fóra.

O publico, que leu e commentou os discursos que lá se proferiram e as afirmações petulantes que se fizeram, de certo não terá esquecido que, entre varias questões de fé dogmaticas, inoffensivas pelo seu caracter theorico, e risiveis pelos despauterios promanados da bocca de sabios de pacotilha, se pediu o restabelecimento das ordens monasticas, o ensino religioso obrigatorio, e se levou o desplante até ao ponto de calcar aos pés as mais rudimentares conveniencias diplomaticas e internacionaes, reclamando, com o applauso unanime dos assistentes, uma intervenção efficaz do clero e do governo para o restabelecimento do poder temporal do pontifice nos antigos estados da Santa Sé, que, annexados ha vinte e cinco annos pelo pae da sr.ª D. Maria Pia, vieram lançar a ultima pedra na obra da unidade italiana.

Tomando na devida conta as intenções dos illustres proceres da igreja, claramente manifestados no congresso, o povo de Lisboa soube dar uma resposta condigna aos manejos bem combinados dos sacripantas que, com a inequivoca annuencia das altas regiões do poder, se apregoam como os unicos desinteressados dispensadores de todas as graças e de toda a felicidade temporal.

A seriedade e a imponencia que revestiu o congresso anti-catholico, promovido pelos mais auctorizados representantes do partido operario da capital, e em que as theses retrogradadas da assembleia catholica eram calorosamente representadas e unanimemente substituidas por principios mais em harmonia com o espirito moderno, mostrou de um modo incontestavel quanto são illusorias as esperanças do papado e do clero de conquistar a adhesão das classes proletarias e a sua confiança na efficacia dos meios propostos pela igreja para lhes suavizar as durezas intoleraveis de uma situação que faz succumbir tantos desgraçados ás consequencias inevitaveis da concorrência economica.

E os trabalhadores não se limitam a negar a proficuidade das soluções que a igreja pretende ter descoberto para lhes minorar as angustias da miseria; mas duvidam ainda da sinceridade de intenções com que ella se apresenta a offerecer-lhes espontaneamente um auxilio que no passado nunca lhes prestou, senão no momento—já tão distante!—em que os primeiros christãos, conservando ainda bem nitidas na memoria as palavras do Mestre, chamavam para o seu seio todos os desherdados d'este mundo, todos os maltrapilhos, todos os parias da velha sociedade romana, para, immersos na miseria commum, alcançarem, sem distincção de grandes e pequenos, de senhores e escravos, uma felicidade chimerica no reino de Deus.

Os opprimidos de hoje mostraram, nas suas justas demonstrações de protesto, ter comprehendido bem que o desinteresse e a abnegação dos primitivos tempos tiveram apenas uma

1 A reforma de 7 de setembro de 1835, devida á iniciativa d'este estadista, é digna de uma referencia honrosa.

duração ephemera na evolução historica do catholicismo; que, firmando o seu triumpho definitivo sobre as ruinas da civilização greco-romana, depressa o espirito equalitario que animava os primeiros apostolos da nova crença cedeu o logar á ambição desenfreada de poder e de riquezas, que na idade media e ainda nos tempos modernos fizeram dos ministros da igreja uma classe privilegiada e aristocratica; que, abalado o seu prestigio espiritual, economico e politico pelas revoluções que assignalaram o começo da epocha contemporanea, a classe ecclesiastica, abatida do seu pedestal secular, veio assentar sobre a burguezia os novos alicerces da sua auctoridade. E tambem sabem que, só quando a propria burguezia vê minadas as bases sobre que, ha pouco mais de um seculo, julgava ter construido o edificio seguro do seu predomínio, é que a Igreja, acudindo em auxilio da sua nova aliada, vem querer convencer os sectarios das novas reivindicções do caracter sagrado e indestructivel dos direitos das classes que possuem, e promete aos primeiros, em affirmações vagas e infantis, a felicidade a que têm todo o direito, na pratica das virtudes e nos preceitos do Evangelho, que ella propria foi a primeira a abandonar e esquecer.

Ainda bem que isto é sabido de todos, e que aos partidarios da reacção falta o indispensavel apoio no coração do povo.

Mas é necessario ter sempre em vista que ella é naturalmente perseverante nos seus planos e que, quando ao encontrar graves obstaculos, parece por um momento ceder, é apenas para encontrar desarmado o adversario e vencel-o de surpresa num futuro lance.

E, agora que ella conta com o apoio incondicional da sr.^a D. Amelia, do governo, das classes dirigentes e dos mais graudos representantes do capitalismo e da finança, não haverá meio a que não recorra, nem violencia de que não lance mão.

Se, pois, a resistencia dos seus adversarios se limitar aos protestos feitos ultimamente em Lisboa, os quaes por muito energicos e significativos, nem por isso deixam de ser platonicos por não obstem a realisação das ideias expandidas no congresso, não levará muito tempo a serem postas em pratica as conclusões votadas. E então a opposição que venha a fazer-se será, por tardia, inteiramente inutil.

Francisco Patricio

O ultimo bohemio que se vae da geração academica d'hoje, tão falba de espiritos scintillantes e alegres.

Intelligente e bom o — sr. dr. Patricio, que durante muitas gerações, a academia ha de chamar sempre — o Chico Patricio — lá se vae, e, com elle, as gargalhadas francas, os graciosos espirituosos, que sempre hão de ser lembrados.

O Patricio, a boa alma... E agora só fica ali, d'essa pleiade esfusante de *verve*, o Fernandes... e mais ninguém!

Triste é dizer-lo, mas o alegre espirito academico d'outras eras, foi-se... e, pelo que se vê, não volta mais.

Dando ao Patricio o abraço da despedida, estreitei-mo-nos por elle e pela bohemia que se perdeu.

Ha graves divergencias entre os ministros. Assim o declaram os orgãos mais auctorizados do partido progressista, que, em columnas compactas, de ha muito vêm explorando o facto de haverem sido postos de lado, á excepção d'um, os projectos de fomento colonial apresentados pelo ministro da marinha e as amabilidades que por esse motivo têm trocado entre si alguns orgãos ministeriaes.

E promettem continuar nessa campanha, com o que o paiz tem muito a lucrar e o proprio governo. Decerto, Carlos Valbom, que é politico habilidoso, já terá invocado esse facto como argumento, para que entre os membros do gabinete se estreitem as relações. E ha de conseguilo, porque a razão é forte e elle usa de processos tentadores,

Bismarck doido

Acerca da saude do ex-chancellor, que durante tantos annos fez vergar a Alemanha ao jugo de ferro da Prussia, tem corrido noticias terroristas, a que o *Bureau Wolff* de Berlim oppoz um timido desmentido.

Tem rasão de ser o desmentido, quanto ao estado physico do chancellor de ferro; pelo que, porém, diz respeito ao seu estado mental, o castellão de Friedrichsruhe inspira cuidados sérios. Assaltou-o uma melancolia gravissima; as suas attitudes são cada vez mais extranhas e preoccupam seriamente os que o rodeiam.

Que quer dizer o euphemismo? Que está doido o chancellor, não é verdade? Velhice, dirão uns; o imperador, dirão outros...

E não serão estes os que se enganam.

Telegrammas de Sofia informam a Europa espavorida de que o sr. Stambuloff, estadista bulgaro, foi atacado por 3 individuos que lhe iam dando cabo do canastro.

Os estadistas lusitanos passam sem novidade na sua importante saude. D'onde se conclue que a civilização está mais adeantada em Portugal que na Bulgaria: cá os facinoras matricularam-se todos na Sociedade Protectora.

Uma pagina d'amor

O circumspecto e solemnisimo **Memorial diplomatique**, que nas suas paginas estuda os mais graves e complexos problemas da administração politica dos Estados, dá logar nas suas columnas a um trecho interessante de galanteria amorosa.

Galanteria principesca, amores aristocraticos... têm perfeito cabimento entre a politica mazorra do grave **Memorial**.

Ahi vae a historia:

«Conta-se que, no wagon occupado pelo duque e pela duquesa d'Aosta, foi encontrado um pequenino livro, encadernado em setim azul-celeste e prata, intitulado *Flores de laranja*, paginas de Mauroi, e que, na pagina 27, a modo de vinheta, estava uma violeta secca.

«Nesta pagina do volume conta-se uma historia d'amor cuja conclusão, segundo o auctor, explica o uso seguido pelas noivas jovens de se dirigirem para o altar com a cabeça cingida d'uma corôa de flores de laranja.

«Immediatamente ás ultimas palavras do conto, está escripto á margem:

Emmanuel à Hélène

e abaixo, numa letra feminina muito accentuada, lê-se:

Mon chéri... chéri!

«Si l'histoire n'est point vraie... elle n'en est pas moins de circonstance.»

Conclue d'este modo o nada bregeiro **Memorial diplomatique**, n.º 28, de 14 de julho de 95, pag. 334 3.ª col.

O que não seria — se a sua piedosa e dolorida romagem á Palestina, no romanesco episodio dos seus ardentes amores com o duque de Clarence, não dulcificasse a commovente e fina sensibilidade do seu coração e a limpeza da sua alma — como diz a conspiciua **Mala da Europa**, de domingo passado.

«Si ce n'est pas ainsi — diremos agora nós — il n'en serait pas moins de circonstance.»

Fallecimento

Na avançada idade de 81 annos, falleceu no Porto o conselheiro dr. José Ferreira de Macedo Pinto, lente jubilado de medicina, antigo deputado e par do reino. Como professor, honrou brilhantemente a cathedra universitaria publicando varios e profundos trabalhos sobre medicina legal, hygiene publica e toxicologia. Foi sempre irreprezivelmente honesto na sua vida universitaria e de homem publico.

Que descanse em paz o honrado ancião, e o nosso pesame a sua familia e em particular a seu sobrinho e nosso amigo e valente correligionario Victor José de Deus.

Encylica d'um vagabundo a Sua Alteza D. Ayres — Grão Senhor d'este burgo

Ao mui nobre e poderoso soba da aringa coimbrã, creador omnipotente do Manuel Miranda mais dos urinoes de ferro, do partido medico mais do elevador, Messenas intelligente, que compra quadros a metro, Solon conspicio que em Samsão legisla.

Senhor das casas, senhor dos Campos D'esta cidade,

ao mui alto e omnisciente Senhor Ayres de Campos, todo misericordioso, presidente da Camara Municipal, bacharel em Direito, quarenta maior contribuinte, cavalleiro de varias ordens a pé e a cavallo, etc.

O nosso saudar, respeitoso, a leitura serena d'estas linhas:

Senhor! Atravimento villão é este de, sem mais aquellas, sem apresentação prévia, sem o ceremonial da etiqueta, subir ao aurifugente throno da Vossa gloria um verme ruim, sem eira nem beira, maltrapilho e mal educado, a depór a Vossos pés, por via d'esta *Resistencia*, jacobina, de negras tradições em Vossa Corte, um memorial insulto; desalinhavado, mas que representa, Senhor, homenagem espontanea d'um Vosso subdito sequioso de luz, ás luminosas qualidades da Vossa luscetece intelligencia, grandiosa e magnanima como a de todos que Deus Nosso Senhor fadou para bodes expiatorios dos ridiculos e grotescos de uma classe endinheirada e *parvenue*.

Senhor! Já lá vae o tempo em que a modestia era apanagio dos finos engenhos e a vaidade privilegio exclusivo dos parlapatões, dos dentistas, que, num alarde altisonante, berrador, d'hypotheticas aptidões d'espirito ou de caracter, não deixavam os seus creditos por mãos alheias.

Nesses tempos ominosos, um homem, nas Vossas condições financeiras e sociaes, servido por um rasoaavel bom senso, recolher-se-ia á vida privada, gosaria com os seus os fartos proventos da Fortuna, que a Providencia lhe metterá nos cofres — sempre mãos-rotas com os pobres de espirito a quem além tumulo prometteu o reino dos ceus. E modestamente, num desprendimento sensato das ridiculas gloriolas politicas, baniria, por completo, do seu programma os triumphos da coisa publica, deixava-se, numa palavra, de cavallarias altas.

Poderia ser um perdulario, um agiota, um libertino ou um devoto das coisas santas.

Poderia ser tudo, um benemerito ou um inutil, mas nunca seria um politico.

Agora, Senhor, os tempos são outros. Demais o sabe Vossa Grandeza e a recheada bolsinha das suas extravagancias. Suppridas, á força de massa, as parlapaticas qualidades dos dentistas que atraz aponte, heis-Vos guindado, Senhor, por identicos processos, do palacio dos Vossos maiores, ás espeluncas onde se legisla o bem dos povos, ás tascas immundas onde elle se espatifa. Numa roda-viva de Samsão para a Arcada, da Arcada para S. Bento — que Deus haja — num corropio burlesco, ora troçado pela ingratição do João Franco, ora escarnecido pelas picuinhas do Oliveira Mattos, andaes, Senhor, cheio de amor pelos vossos conterraneos, prenhede de disvelos pelo paiz que Vos viu nascer, num assodamento civico, que o riso desperta aos invejosos, desfalcando, benemerito, os Vossos fundos e prestes a conquistar a Immortalidade.

Não sois modesto, mas ninguém poderá negar que sois pittoresco.

×

Ora, Senhor, nas complexas e innumeras bemeitorias que o povo escarinho Vos ha merecido, tendes olvi-

do um melhoramento indispensavel, sem o qual pericita a moral domestica dos Vossos eleitores, a honra e o bom nome das Vossas conterraneas.

Com a vasta erudição, com a solida omniscencia que poucos Vos conhecem e eu Vos admiro, heis de saber que, se uma montanha pôde dar á luz, num parto difficil, um misero rato, uma simples ratazana pôde conceber uma montanha, ou que, em linguagem menos figurada, d'um facto insignificante, minuscuro, pôde surdir um acontecimento estupendo, maravilhoso, d'aquelles cataclysmos cosmicos que esmigalham um mundo ou subvertem uma sociedade.

Facto insignificante o que vou apontar-Vos. Estopendas as consequencias que d'elle poderão advir.

Por informações do ventriquoquo bardo da Vossa Corte, do fogueteiro illustre da Vossa privança sabeis, á certa, ser costumeira velha o ir a fina flor do madamismo coimbrão todos os domingos á noite a apanhar o fresco, e esmoer a paparoca, a ouvir a musica, debaixo das amoreiras do Caes.

Regabofe licito, honestissimo, que a Carta benevola permite e o João Franco generoso ainda não prohibiu, é d'encantar o quadro: Damas gentis, formosas, Venus de Milo ambulantes e não manetas, saltitam, espartilhadas, pescando com o anzol das suas graças, com a isca dos seus olhares, genros esbeltos para os seus papás, pacificos burguezes, de panças bojudas, penhascosos joanetes, que, em sentido inverso, vão digerindo o jantar, em guarda e de atalaya contra os noivos das suas meninas, numa má cara repontona, quisilenta, de fazer calafrios nas velhas capas negras dos Tenorios das suas consortes.

Quando ha luar, é idyllico, azulineo o passatempo hygienico e harmonioso, mas, quando a lua, por desfastio, por mandria, se mette entre os lençoes de nuvens e, esquecida dos seus deveres, nem sequer espreita por baixo do édreton, banhando com a sua claridade as trevas negras... outro gallo nos canta, excelso Senhor!... e se em Coimbra houvesse senhoras que não fossem honestas, se todos os machos que no Caes se pavoneiam não fossem liliaes São D. Luizes, castos, pudibundos, com o horror ao Peccado, as scenas lubricas do Hyde-Park londrino, os velhos deboches da Capua romana, teriam de fugir envergonhados, corridos, ante o espectáculo obnoxio da luxuria coimbrã.

Resa a historia que, já em tempo de El-rei D. Sancho — o Povoador — as damas de Coimbra eram de são costumes e boas manhas, e conta a tradição que jámais foram frascarios os estudantes da nossa Universidade; mas, nunca fiando, Senhor, que, se a ociosidade é a mãe de todos os vicios, a escuridão é a avó de todas as poucas vergonhas.

E a escuridão do Caes em noites sem lua, é tenebrosa, é completa.

A não andarem as damas munidas d'um toco de stearina — o que além de dispendioso é pouco decente — a não andarem os homens com fogos de bengala nas abas da sobreecasaca — o que além de improprio é um tanto perigoso — não sei, Senhor, como evitar os encontrões, os equivocos, os precalsos, que, se podem levar á igreja, não deixarão de conduzir, as mais das vezes, aos prazeres illicitos que a Moral reprova.

E o meio unico, salutar, de pôr cobro a semelhante desaforo, é, illustre Senhor, o que passo a apontar-Vos, inspirado nos bons principios de Castidade que me metteram no Corpo, nos respeitosos sentimentos de admiração pela Vossa luminosa intelligencia e mais partes.

Disse-Vos, mais acima, que não sois modesto e, d'ahi, o concluir que não Vos ficará mal o outorgar-Vos o marmore glorificador que a Posteridade, atarefada em me glorificar, jámais Vos outorgará.

No synhedrio de conspicios varões

a que presidis em Samsão, resolveu-se ha dias reformar o coreto do Caes.

Pois bem. Que seja a reforma radical, de *fond en comble*, que, do barracão de madeira ora existente, surja obra acabada, apilaradissima, cheia de arte e de justiça, ante a qual os seculos futuros se banzarão de pasmo, de enternecimento.

Assim, pouco mais ou menos:

Numa penha elegante, formada pelos urinoes da Vossa invenção, com bicos de gaz nas cupulas e cloreto no interior — para illuminarem sem mau cheiro, — erguer-se-á o coreto; estatuas dos Vossos collegas na verreação camararia, de chinellos d'ourello e sem suissas, com focos de luz a jorrarem pelo nariz, servirão de suporte a um telhado magestoso, afunilado, cheio d'arabescos e globos multicores. No vertice a Vossa estatua pedestre, de chapu alto e sobreecasaca, tornada incandescente pela electricidade, illuminará o Caes, o Mondego, as ramarias verdejantes do Choupal, os becos escusos da cidade, as consciencias dos Vossos eleitores e — quem sabe? — os recantos obscuros do Vosso cerebro de soba da aringa coimbrã, creador omnipotente do Manuel Miranda mais dos urinoes de ferro, do partido medico mais do elevador, de Messenas intelligente que compra quadros a metro, de Solon conspicio que em Samsão legisla, de

Senhor das casas, senhor dos Campos D'esta cidade

a quem envio o meu saudar e este projecto de monumento luminoso, moralizador, que salva o bom nome das damas, preserva a castidade dos homens, arrasta, immortalidade fóra, o Vosso agosto nome... e encheu duas columnas d'esta *Resistencia* jacobina, de negras tradições em Vossa Corte.

F. V.

Por causa d'uma desordem insignificante, no regresso dos touros, em que se envolveram o conhecido *sportman* lisboense João Barral e um seu criado, e de que ambos sahiram contundidos pelas furias grosseiras dos janisaros do Moraes Sarmiento, barafusta indignada a imprensa da capital pedindo providencias.

Concordando em absoluto com a campanha contra a policia de Lisboa, estúpida e brutal como nenhuma outra, notamos este caso de que a obsequiosidade d'um amigo nos informa: O *Seculo*, que, moderado e prudente, se remette ao silencio quando um maltrapilho é espancado nas esquadras, dedica ao caso em que está envolvido o rico *sportman* todas as asneiras que lhe cabem num artigo do fundo.

Como exemplo de democracia patusca, é completo e... expressivo.

Partiu hontem para Lisboa com demora de poucos dias o bacharel Joaquim Madureira, nosso collega de redacção.

Foi approvedo o orçamento da Santa Casa da Misericordia para o anno economico de 1895-1896.

Guilherme II — maestro

Conheciamos já o imperador da Alemanha sob o multiplice aspecto de guerreiro, socialista e rhetorico, mas não o sabiamos musico. Pois é esta mais uma manifestação d'aquella complexa psychologia imperial, que allia, numa amalgama incomprehensivel, diversas individualidades tão disparatadas e incoherentes.

Sua magestade imperial anda passeando na Suecia, inteiramente absorto em devaneios artisticos, bebendo na paisagem nebulosa das montanhas a inspiração que incendiou os cerebros divinos de Wagner e de Offenbach.

Guilherme II, o imperador casernero, está escrevendo a musica para uma operetta, cujo libretto é escripto pelo conde Eulenburg.

Que sairá d'esta combinação aristocratica? Uma operetta para amadores nos salões da cõrte...

Carta de Lisboa

15 de julho de 1895.

Com estes longos dias de calor a politica descança, e não ha caso de interesse que possa preocupar-nos durante a molle indifference que nos pesa sobre os hombros como uma tonelada de chumbo.

Eu, tambem, nestes dias, tenho falado pouco sobre casos que offereçam curiosidade; e, afastado das conversas politicas, empreguei o meu tempo vendo o *Guerrita* e ouvindo no Colyseu a companhia russa.

O *Guerrita*, sabem-no o Quim e o Madureira, é capaz de tornar afficionado o socio mais casmurro da *Proteccion dos Animales*, que tanto descarta, apesar do titulo, a sorte de muita gente que eu conheço por aqui...

A *Companhia Russa* é um orpheon admiravel, executando canções populares da Russia, marchas militares allemãs heroicas e sombrias, e cantigas portuguezas, algumas em linguagem mais clara e nitida que a usada vulgarmente pelos actores dos nossos theatros. Tenho ido ouvir os russos todas as noites, encontrando lá sempre o dr. Manuel d'Arriaga, que, durante a vibracão dos canticos religiosos,—eu chamolhes assim,—d'aquelles mysteriosos habitantes do paiz da neve, para num extasis tão puro como a sua boa imaginação de poeta lyrico envenenado pela politica.

Um nosso companheiro foi tambem, numa das noites de concerto, o dr. Azevedo e Silva, que por momentos descansou o seu fatigado espirito de trabalhador,—como se fora um leito de nuvens,—na melodia de aquella canção mysteriosa que tanto nos encantou, a *Kass Bulat*, que faz verdadeiramente sonhar.

Nessa noite, como a platéa parecesse estar na plena posse da aliança franco-russa, tomando mesmo alguns respeitaveis chefes de familia a attitude de pesados ursos brancos, cheios de convicções pelo respeito devido ao czar, veiu a pello fallar-se nos nihilistas e nas torturas que elles têm soffrido.

Eu, então, disse que não sympathizava com a aliança da Republica e do Imperio e citei o livro de Tolstoi—*L'esprit Chrétien et le Patriotisme*.

E, a proposito d'esse livro, falei num manifesto de estudantes russos, nelle publicado e que transcrevo nesta carta. E' um protesto dirigido pelos estudantes do Imperio Moscovita aos seus camaradas francezes e que *nenhum jornal de França quiz publicar*...

Começa o protesto encimado por estas palavras:

«Carta aberta aos estudantes francezes»

«Ha pouco tempo, um pequeno comité de estudantes de direito de Moscow, com os seus inspectores á frente, teve a audacia de falar em nome dos es-

tudantes de Moscow, a proposito das festas de Toulon.

«Nós, que representamos a *União dos Compatriotas*», protestamos, em primeiro logar, contra o titulo que se arrogou o comité referido, e, em segundo logar, contra a troca de felicitações que houve entre elles e os estudantes francezes. Nós tambem temos pela França uma profunda affeição e um profundo respeito,—porque vemos nella uma grande nação que tem seguido sempre na vanguarda do progresso e sabido inspirar e expandir, pelo mundo inteiro, as grandes ideas de liberdade, egualdade e fraternidade,—e porque foi essa nação a primeira que fez audaciosas tentativas de realisacão d'essas grandes ideas. Sim, a melhor parte da mocidade russa esteve sempre decidida a felicitar a França, porque ella nos precedeu na batalha pelo bem futuro da humanidade.

«Mas não pensamos que festas como as de Cronstadt e de Toulon possam servir de pretexto para semelhantes felicitações. Pelo contrario: essas festas são o indicio d'um triste phenomeno,—queremos erer que passageiro:—a traição da França ao papel historico, desempenhado por ella até hoje. O paiz,—que outr'ora incitava o mundo inteiro a quebrar as cadeias do despotismo e que offereceu um auxilio fraternal a todos os povos revoltados pela sua independencia,—esse paiz, agora, incensa o governo russo, que paralyza systematicamente o desenvolvimento normal e organico da vida do povo moscovita, e que, sem piedade, inutilisa todos os esforços que a sociedade russa tem envidado para alcançar a liberdade e a civilisacão.

«A manifestação de Toulon é um dos actos do drama provocado, entre a França e a Alemanha, pelo antagonismo de Napoleão III e Bismarck. Esse antagonismo força a Europa inteira a viver em armas e faz com que o arbitro dos destinos do mundo seja o absolutismo, que foi sempre o mais firme esteio do arbitrio contra a liberdade dos exploradores contra os exploradores.

«Um sentimento de enorme dor pelo nosso paiz, uma profunda piedade pela cegueira d'uma grande parte da sociedade franceza,—eis o que provoca em nós esta serie de festas. Estamos intimamente convencidos de que a nova geração franceza não se deixará levar pelo *chauvinismo* nacional e que estará decidida a lutar pela corrente social que arrasta a humanidade. Esperamos que a juventude da França saberá julgar, como convém, os acontecimentos actuaes. Esperamos que o nosso ardente protesto encontrará acolhimento no coração da mocidade franceza.»

(a) O conselho da União dos 24 grupos regionaes da Universidade de Moscow.

Bellas e santas palavras, que se perderam no barulho das festas, se alguem as ouviu dos labios da generosa

mocidade russa, porque lel-as ninguem as leu senão no livro de Tolstoi. A imprensa franceza não quiz publicar este manifesto. Porquê? Talvez porque ligava mais attenção a factos como este, que em seguida exponho, transcrevendo-o do livro a que me refiro.

Eis as proprias palavras do mestre: «Um jornal escreve que um francez lhe disse, num baile, que difficilmente se encontraria em Paris uma mulher, que não estivesse disposta a esquecer os seus deveres para satisfazer os desejos de um marinheiro russo; e tudo isto passou despercebido, como a coisa mais natural d'este mundo.»

Eu não commento. Penso naquelles que, pela idéa santa de Humanidade, morriam aquella hora desterrados nas minas da Siberia, e oiço as palavras dos estudantes russos que a imprensa franceza não quiz ouvir. Podéra! Quem faz caso do que dizem rapazes!

Estou agora a lembrar-me do interesse que haverá em dizer qualquer coisa d'aquelles sonhadores humanitarios da Russia.

Fica para a outra carta.

J. M.

Rodrigues da Silva

Partiu para Luso, em companhia de sua ex.^{ma} irmã e de seu querido sobrinho, o nosso prestante correccionario e presado amigo Rodrigues da Silva, membro da commissão executiva do partido republicano.

Perante a China encontra-se actualmente a Russia numa situação que a Inglaterra e a Alemanha invejam. O emprestimo chinês realisado na Russia, apesar da opposição tenaz d'aquellas duas nações, que ameaçavam a China com uma nova guerra proxima e com o predomínio russo no Celeste Imperio, dá, na verdade, vantagens consideraveis ao imperio moscovita.

Agora a Russia dilata a sua influencia nessa vastissima região da Asia e o mundo assistirá a uma exaltação poderosa do seu prestigio.

Pelo serviço que ella acaba de prestar á China, depois de ter feito com que o Japão renunciasse á provincia de Liao Tong, o seu commercio estender-se-á incalculavelmente pelo immenso imperio chinês, e as fronteiras d'este ser-lhe-ão reducto forte contra «s investidas inimigas que por ventura se preparam.

A Inglaterra, que até hoje exercia na China uma influencia grande, tanto politica como commercial, vê abalado, senão derruido, o seu prestigio. A Alemanha, que para a Russia é adversario declarado, vê com receio justificado o desenvolvimento politico e economico d'este grande povo.

Por isso estes dois povos tão fortemente se opposeram á realisacão do emprestimo chinês pela Russia.

Fugir! A' noite? Para onde?...

A noite atemorisa as crianças. —Am-nhã, quando romper o dia, procurarei salvar-me!

A idéa da liberdade trouxe-lhe á lembrança João. Que era feito de João? E, pensando em João, lembrou-se de seu pae, e os soluços recommencaram a soffocal-a.

Noite interminavel e triste!... A fadiga acabou por dominar a angustia; Henriqueta adormeceu.

Quando, de manhã, a Combat abriu a porta para acordar a pequena duqueza e mandar-lhe accender o lume, devia sentir-se satisfeita no seu odio.

A pequena fada elegante e cõr de rosa do castello ducal, tinha-se transformado numa pobre filha do povo, vestida sem graça, constringida nos seus movimentos, as faces sumidas, e no rosto estampada a dor d'um soffrimento atroz.

—Levanta-te! lhe disse a Combat. A criancinha obedeceu.

Mas apenas se levantou, o seu corpo dorido, cansado, fê-la involuntariamente cair sobre as palmas em que tinha passado a noite.

—Levanta-te! repetiu a megera.

Então poude sustentar-se de pé, mas a contracção do rosto denunciou o seu soffrimento.

—Estás prompta? Aqui está agua, uma toalha... Tens os cabellos muito crescidos; devem por força incommodar-te, hão de cortar-se. Anda d'abi!

Cosinha economica

Consta-nos que esta instituição, que tão bons resultados devia produzir, tem luctado com algumas difficuldades.

Por parte da sua gerencia sabemos nós que ha o maior empenho em que ella corresponda ao fim que se propoz; mas não basta isso. É necessario que o publico a auxilie.

E os individuos que a frequentam prestar-lhe-ão um grande auxilio, declarando até ás 10 horas da manhã as refeições que pretendem tomar. Evitar-se-á assim que haja falta de comida ou que seja preparada em excesso.

Esteve em Coimbra, honrando-nos com a sua visita, o sr. Ramiro Guedes, nosso conceituado correccionario de Abrantes.

Faculdade de Direito

Já terminou o serviço d'actos no 2.º, 3.º e 5.º anno. No 1.º e no 4.º fadará esse serviço no dia 24, devendo realisar-se a congregação final no dia 25

Foram pelo governo dispensados do exame de grego os alumnos do 5.º anno da faculdade de Philosophia.

A respectiva portaria, baseando-se numa consulta do Conselho Superior d'Instrucção Publica desfavoravel á exigencia do grego, e a que, em tempo, nos referimos, veiu publicada no *Diario do Governo* chegado hontem a Coimbra.

Foi concedido pelo governo á Misericordia de Coimbra o subsidio de 1:481\$400 réis, correspondente á deducção no juro das suas inscripções.

Escola Industrial Brotero

Fizeram exame nesta escola, ficando aprovados, os seguintes alumnos:

CHIMICA INDUSTRIAL

2.º anno—Antonio Augusto Ferreira da Silva Cortezão, Antonio de Lacerda Pereira Forjaz Junior, Augusto Luiz Martha Junior, Alvaro Julio Marques Perdigão, Joaquim Gomes Paredes, José Antonio dos Santos, Manuel Joaquim Miranda, Matheus José Ferreira, Vicente José de Seica e Victor da Silva Feitor.

Actos na Universidade

Nos dias 15, 16 e 17 fizeram acto, ficando aprovados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE THEOLOGIA

1.º anno—Avelino José Rodrigues.

5.º anno—José d'Oliveira.

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—Fernando José Limpo Toscano, Alfredo Ayres de Freitas Leal, Miguel Crespo Pacheco, José Marques Loureiro, Antonio d'Amaral Corte Real,

Quando chegaram á sala commum disse-lhe:

—Faze as camas, varre, limpa tudo!...

A criancinha obedeceu sem dizer palavra.

—Julgas, por ventura, que este vaso ha de ficar aqui?...

A pequena duqueza hesitou. Depois pegou no vaso.

—Onde tenho de o levar?...

A Combat mostrou-lhe atravez dos vidros da janella um terreno inculto. —Acolá em baixo, no centro, detraz d'aquelle monte de pedras!

—Está bem, senhora! A criancinha desceu a escada, atravessou o terreno rapidamente, sem olhar paratraz, até ao lugar que lhe havia sido indicado.

Uma vez alli, cumprido o seu humilhante serviço, olhou attentamente para o lado da casa. As janellas estavam fechadas; ninguem a vigiava.

Esquecendo a fadiga, as dores, o mal estar que a opprimiu durante a noite, começou a correr. Quasi ao fim do terreno, á direita, um passadigo abobadado dava passagem para uma rua. Chegando alli, a criancinha voltou-se para ver se era seguida. Não viu ninguem no terreno nem ás janellas da casa.

Tomou o ar de quem vae fazer uma compra, dar um recado. Sem se apressar entrou no passadigo e desembocou na rua.

Manuel Simões Pinto, Joaquim Herculano de Freitas e Silva e Alberto Eduardo Placido.

2.º anno (*Economia Política*)—Adalberto Novaes de Carvalho Soares de Medeiros, José Collaço Alves Sobral, Alberto Augusto das Neves Rocha e Custodio Luiz d'Oliveira Pessa.

3.º anno—Ricardo Paes Gomes, Antonio da Cunha Vaz, Eduardo d'Almeida Saldanha, Manuel Teixeira Pimentel, Adelino da Cunha Pinto, Theodoro da Fonseca Mesquita, Antonio Feliciano Rodrigues, Francisco Navarro Marques de Paiva, Antonio de Sousa Ribeiro e Joaquim de Moraes Sarmento.

4.º anno—Luiz Augusto da Fonseca Dinne, Luiz Bettecourt de Medeiros e Camara, Manuel d'Abrantes Moraes, Manuel Alberto Vieira Monteiro, Manuel Cardoso Baptista, Manuel Ferreira da Costa Amador Valente, Manuel José de Almeida e Manuel Joaquim Vieira Junior.

5.º anno—Manuel Pires Bento, Francisco Simões dos Reis, Antonio José da Silva Basto Junior, Ramiro Augusto de Figueiredo, Antonio Thomé e Francisco Antonio Patricio Junior.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—Henrique Simões d'Oliveira e José Alves Moreira.

3.º anno—Luiz Antonio Trincão.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.º anno—Antonio Francisco de Sousa, Pedro Paulo Bon de Sousa, João Ribeiro Braga, Alvaro Colen, Antonio Roxanes de Carvalho e Carlos de Carvalho Braga.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira—(*chimica inorganica*)—Curso de *Marinha Militar*.—Custodio Luiz de Oliveira Pessa, Raul Augusto de Sampaio, Camillo Correia Guimarães, Luiz Carlos d'Almeida Cassasa, José Xavier d'Azevedo.

4.ª cadeira (*Botanica*)—Alexandre da Silva Bastos.

5.ª cadeira—(*Physica 2.ª parte*)—José Henriques Lebre, Joaquim d'Assumpção Ferraz Junior, Joaquim Marques da Mesquita Montenegro Paul, José de Mattos Sobral Cid, Manuel de Mello Nunes Giraldes, José Baptista Monteiro e José Novaes de Carvalho Soares de Medeiros.

6.ª cadeira (*Zoologia*)—Affonso Maria de Sousa Teixeira da Motta, Antonio da Silveira Teixeira da Motta, Fernando Pinto d'Albuquerque Stockler e Guilherme Urbano da Costa Ribeiro.

Cadeira de Hebreu—João da Ressurreição de Paiva, Antonio Ferreira Pinto e Albino Francisco Ramos.

Cadeira do Grego—José Joaquim de Oliveira Guimarães Junior, José Nave Catalão, José Norberto Araujo Esmoriz, Luiz da Cunha Brandão, Alberto Nunes Bicca, Antonio Martins Malhado, Alfredo de Moraes Almeida, Jayme Alves Machado, João Gomes de Carvalho, João da Ressurreição de Paiva e José Alves Correia da Silva.

Um grito de pavor lhe saiu dos labios: Viu a Combat, alli, de pé.

—Eu esperava-te!

A criancinha ajoelhou-se-lhe aos pés cheia de medo.

—Põe-te a pé! Vae no mesmo instante buscar o que deixaste acolá. E por agora, basta!

Pegou-lhe na mão como na vespera, e caminhou para a cidade.

Depois de passar junto á Bastilha e percorrer as avenidas, entrou no arrabalde de S. Diniz.

No extremo do arrabalde via-se uma casa de aspecto triste. Antes da Revolução, esta casa era um priorado. Os reis de França faziam paragem alli duas vezes: quando entravam em Paris depois da sua sagração em Reims e quando eram transportados a S. Diniz. O priorado foi convertido por sua vez em caserna, prisão do Estado e casa de correcção. Alli eram encerrados os frades, os soldados, os conspiradores e as mulheres de má vida. Nenhuma casa em Paris tinha o aspecto mais pesado e triste. Reconhecia-se esse monumento publico por um farrapo azul e encarnado, desbotado, preso a um mastro pintado de preto, collocado por cima da porta. Numa placa de marmore negro estava gravada a tinta branca a seguinte inscripção revolucionaria:

Republica una e indivisivel
Egualdade, Fraternidade, ou morte
(Continúa).

43 Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

IX

A PEQUENA DUQUEZA

A criancinha, ouviu tocar os sinos; viu os clarões d'um incendio; reconheceu o pae, de cabeça descoberta, e de mãos atadas, no meio dos camponezes; depois um sopro da brisa acariciou-lhe o rosto, e despertou ao som d'uma voz conhecida, que dizia:

—Emfim, eis nos livres; pôde ir dormir, menina.

E ella passou alguns dias com João na casa d'um guarda ao fundo da floresta. Pouco depois elle disse-lhe:

—Vamos procurar vosso pae.

E de albergue em albergue, de carro em carro, guardando o mais completo silencio nas estradas, tomadas d'um terror panico, chegaram a uma grande cidade em que as ruas estavam atulhadas de povo. Alli, numa praça, ella tornou a ver seu pae; mas viu-o pela ultima vez...

Oh! como todos estes factos estavam vivos e presentes na sua memoria!...

A pequena duqueza, assentada so-

CALDAS DA FELGUEIRA
CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club
Magnificas acomodações
Desde 1200 réis, compreendendo serviço, club, etc.

Estabelecimento Thermal
Dos mais perfeitos do paiz
Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.^a, 5.^a classe, duas salas com duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.^a, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, a Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

Cimentos: loglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para ferrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



E ESTA?!

Pois a casa **LEÃO D'OURO** não teima em querer vender *Bicycletas Pneumaticas* para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa, Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?!

Parece incrível, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditaréis!

Mas como poderá isto ser?

É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como lanternas e campainhas simples e de repetição para as mesmas e que vende por **preços excepcionaes**.

Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas porque além de terem todos os aperfeiçoamentos modernos, são

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro

117, Rua Ferreira Borges, 121—Coimbra

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por módica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á *Casa Havaneza*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

Arrendamento

Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Trespasse

Antonio dos Santos Pereira, trespassa ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Solla.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

Arrenda-se

2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

Vendem-se duas estantes para livros, gesto antigo, guarnecidas de molduras torcidas, e com ferragens amareladas; tendo de altura 2 m, largura 1 m,25 e de fundo 0 m,40. Cada estante tem quatro prateleiros; são proprias para gabinete.
Largo do Theatro n.º Luiz, 46-42

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o appetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra.

Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.^a—Coimbra.

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroujo, 103, se trata.

LEITÕES

De pura raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao preço de 2 a 3 mil réis.

Maria da Cruz, moradora na rua dos Coutinhos, 9, encarrega-se de arranjar criadas.

Aos photographos amadores

Acaba de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.^a—Coimbra.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranite. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatre, etc.

AOS BARBEIROS

Pó de Sabão.—Vende-se a 800 réis o kilo. Dão-se amostras a quem as pedir.—Barbearia Fonseca, rua dos Gatos, 13 a 15.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frlas

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 44

COIMBRA — Domingo, 21 de julho de 1895

1.º ANNO

Tudo dentro da ordem!

Acaba o governo de supprimir alguns concelhos e comarcas, acto de que derivarão para algumas povoações graves prejuizos e para outras importantes interesses. Protestam aquellas e fazem estas ruidosas manifestações de regosijo. Era o que o governo esperava, e preparada estava a sua imprensa para attenuar o valor dos protestos e até os ridicularisar, e para fazer avultar a importancia das manifestações de regosijo. Nestas, vê essa conspicua imprensa uma prova de que foram bem recebidas e são justas as medidas governamentais; naquelles, mal cabidos despeitos e os naturaes desabafos de quem soffre um prejuizo. Não nos surprehe de semelhante attitudé, porque de sobejo conhecemos a logica da imprensa monarchica.

O que ainda nos causa certa admiração é que alguns concelhos, que resolveram protestar contra o decreto por que foram supprimidos, adoptassem como norma fundamental do seu procedimento a celebre fórmula — *dentro da ordem e da legalidade*. Quando o governo, feita pedaços a constituição do Estado, pratica as maiores prepotencias e abusos; quando, por meio de monstruosas illegalidades, fere as mais veneraveis tradições historicas, os povos deliberam protestar dentro da ordem! Afinal, para alguma cousa havia de servir a decantada colligação liberal, que foi apregoar em diversos pontos do paiz a pacata theoria de que ha remedio para tudo dentro da constituição. Muito conseguiu essa colligação, e tambem muito ha a esperar dos protestos dos concelhos supprimidos.

Teremos comícios e representações. Talvez sejam muito concorridos os comícios... para ouvir a palavra quente de alguns tribunos populares. Votar-se-á, no meio do maior ou menor entusiasmo que elles despertem, uma moção para que se represente ao rei, e será nomeada para esse effeito uma commissão.

Em carruagem de primeira classe partirá ella para Lisboa e pedirá uma audiência da majestade. Se a representação fór elaborada em harmonia com a pragmatica constitucional, será recebida a commissão e ouvirá a fórmula sacramental: *Recommendaréi o assumpto ao meu governo*. E depois de ter heijado muito submissamente a mão ao mesmo rei que assignou o decreto, aproveitará a commissão o bilhete de volta para regressar ao seu concelho, talvez muito satisfeita pela bella figura que fez.

E todos ficarão alegres e tranquilos. Fez-se um comício e uma representação em que allegaram e provaram os seus direitos. E dentro da ordem, pensam elles, não se podia fazer mais.

Mas pôde fazer muito mais o governo fóra da ordem e da legalidade, em quanto a historica heroicidade portugueza se manifestar d'um modo tão corarde. Bem pôde elle continuar a satisfazer as pretensões das influencias regeneradores na classificação dos concelhos em que, postas de lado quaesquer considerações de justiça e de pundonor, se decretarão as mais revoltantes desigualdades.

Pôde fazê-lo e fa-lo-á. Não temos duvidas a esse respeito, como tambem as não temos de que apparecerão mais protestos, mas sempre dentro da ordem e da legalidade. Não as temos nós; não as tem o governo. Se as tivera, outro seria o seu procedimento. Pro-

vas de sobejo tem elle dado de que não é capaz de cumprir um decreto contra que se levante um protesto energico.

Se nos causa ainda alguma admiração que os concelhos suprimidos sejam tão pacatos nos seus protestos, tambem nos surprehe que haja manifestações de regosijo nas sedes dos concelhos a que foram annexadas novas freguezias. Essas manifestações não de contribuir poderosamente para que mais se accentuem as rivalidades que já existem em algumas, e que em grande parte são determinadas por tradições historicas. Dão, pois, uma prova de mau senso os concelhos que têm realizado espaventosas festas, e digno é de censura que algumas auctoridades, incluindo até as judicias, tomem parte nessas manifestações, se é que não lhes pertence a iniciativa.

Mas a imprensa do governo pretende vêr nessas manifestações uma prova de que é justa a classificação dos concelhos. Continuem ellas, pois, a registar e enaltecer essas manifestações, para honra e gaudío dos *bandidos* que estão no poder.

Talvez assim se consiga que nem só dentro da ordem e da legalidade se proteste. Que se as virtudes civicas já não existem em peitos portuguezes, ha nelles pequeninos rancores, odios accumulados.

A *Vanguarda* appella para a dignidade profissional do sr. Moncada afim de que se promova a punição dos heroes do Nyassa.

A *Vanguarda* esquece-se de que ha razões d'estado que impedem o sr. Moncada de fazer punir todos os grandes bandidos.

De tal maneira que se torna escusado o appello: pois o sr. Moncada tem a dignidade profissional estúpida com o *monco da razão d'estado*.

Marianno de Carvalho acaba de comprar um *yacht* ao sr. infante D. Afonso, e, para o experimental, foi até Gibraltar.

Não pôde aqui dizer-se que o sr. Marianno tem cem annos de perdão; pois decerto pagou, e, por outra parte, o illustre duque do Porto, sobre exaltado, tem outros defeitos que, entretanto, não o identificam com o Navarro nem com o Calcinhas.

Mas... se algum do povo, no dia do ajuste, tomar posse do formoso barco, esse, sem duvida, terá cem annos de perdão...

Crispi, o grande homem da monarchia italiana, parece que não está gosando das boas graças da maioria parlamentar, ainda ha pouco eleita, que propositadamente tem faltado às sessões da camara, impedindo assim que esta funcione.

É o caso que, tendo o deputado Paschano, da extrema esquerda, proposto uma emenda ao projecto sobre os alcooes para que fosse diminuido o imposto e havendo o sr. Crispi dado indicação á maioria para que a rejeitasse, quando se procedeu á chamada para a votação, já não havia numero para funcionar. Esperava-se que o houvesse na sessão seguinte, mas ainda no dia 15 a maioria do grande Crispi estava com medo dos seus eleitores.

Na Italia ainda os deputados tem medo dos eleitores, porque existe opinião publica!

Em Portugal é o que se vê. A opinião publica é de tal ordem que até se diz impunemente ser Sergio de Castro um dos nossos mais brilhantes jornalistas e um caracter sério e honrado.

Santo paiz!

AO SR. DR. AUGUSTO ROCHA

O sr. dr. Augusto Rocha, lente da faculdade de Medicina e director da *Coimbra Medica*, disse no dia 18 do corrente, na sala dos capellos, ao principiar a sua argumentação ao sr. dr. Silva Basto, estas palavras:

«... e todavia por esse motivo (na occasião do congresso de tuberculose) eu estava sendo insultado por alguns meninos fundibularios dos logares communs cá da terra».

Não me julgo visado nestas palavras, porque me reconheça no epitheto de insultador, ou porque aos meus 28 annos quadre com justiça o titulo affável de *menino*. Mas o facto de s. ex.ª me ter feito já outra referencia a respeito do congresso, em local, hora e dia que poderei citar; o facto de s. ex.ª ter por habito o preoccupar-se com a minha personalidade, encarando-a sob varios aspectos; o facto de s. ex.ª entrar tão fundo na minha vida a ponto de discutir, pela maneira que é notoria e nas suas linhas mais intimas e pessoais, o meu programma de revolucionario; o facto de o *Correio Medico*, em artigo que s. ex.ª leu, me insinuar, nas entrelinhas da sua prosa, como chefe de conspiração contra s. ex.ª e contra o congresso; o facto de eu ter tido uma attitudé especial em face do mesmo congresso, — attitudé que não agradou ao sr. dr. Augusto Rocha, como poderei provar-lhe, — esta série de circumstancias, finalmente, levam o meu espirito á convicção de que s. ex.ª se referiu a mim no dia 18, e quando não só a mim, pelo menos a mim tambem.

Acceito, pois, a carapuça que me foi lançada do alto dos doutorates, tomando a palavra *insultado* como uma maneira, aliás pouco fiel, de que s. ex.ª se serviu para traduzir a independencia da minha critica. Acceito-a, a despeito de algum poder ver no caso a vangloria, pela minha parte, de ser combatido na sala dos capellos. Nem vejo, demais, razões para me não perceber alvejado nas palavras, em que varios circumstantes viram uma referencia que mal tentou disfarçar-se.

Tem s. ex.ª o direito de me atacar onde mais agradável lhe seja. Não tenho fóros de inviolabilidade, e s. ex.ª está, como todo o homem, em plena posse dos seus direitos de combatente. Mas não é menos verdade, tambem, que eu não abdicó do direito que me assiste de entrar em todos os recontros para onde me leve a impetuosidade do animo, ou para onde me chame o desafio dos adversarios.

Sendo assim, para que, finalmente, rebente a tensão de espirito que uma serie de circumstancias creou entre nós, lembro a s. ex.ª uma solução. S. ex.ª tem a *Coimbra Medica*, eu tenho a *Resistencia*. Ponhamo-nos a postos, e ataquemos mutuamente as nossas fortificações.

Se ficar vencido, dispenso o sorriso magnanimo do legionario triumphante. Tambem, se vencer, desde já o declaro ás turbas lisongeiras, dispenso a corôa civica.

Tenho velhas questões pessoases com s. ex.ª, a que mais tarde, como é sabido, me hei de referir.

Se o não tenho feito até hoje, é que, por um elemental principio de correção e lealdade, não desejava confundir os agravos que recebi como homem com as responsabilidades intellectuaes que me assistem na qualidade de discipulo de s. ex.ª. A face das praxes que regulam esta especie de pugnas, seria, demais, uma fraqueza

procurar eu encobrir, com as iras do pamphletario, as responsabilidades intellectuaes do estudante, — responsabilidades que eu jámais tentei alijar.

Cada coisa no seu lugar. Sómente, pelo mesmo principio de correção e lealdade, tenho feito publico o proposito da futura liquidación, para que se não diga que a cobardia entra no plano das minhas luctas, ou que a traição macula os propositos do meu animo.

Se, todavia, s. ex.ª quizer, desde já, entrar no campo do desforço, que é inevitavel, tem-me ao seu dispor.

Nesse sentido lhe envio estas palavras, talvez excessivamente romanticas na forma, mas absolutamente decisivas na intenção.

Coimbra, 19, julho, 1895.

Antonio José d'Almeida.

Em França

O conselho da Legião d'Honra pediu ao presidente da republica a sua demissão em virtude de haver sido censurado na camara dos deputados por não ter retirado as insignias da Legião a Eiffel, e não haver deputado nem membro do governo que defendesse o seu procedimento.

Eiffel, que em França gosa de grande nome como engenheiro e que se immortalizou pela grandiosa concepção e execução da torre que se levantou em Paris por occasião do centenario da revolução, tomou parte no celebre syndicato do Panamá, e foi isso sufficiente para que a acção da justiça caísse implacavel sobre elle. E como o conselho da Legião d'Honra não retirasse as insignias a um membro que havia praticado um acto indigno, é censurado no parlamento, que approva o projecto em que se propõe a sua reorganização.

Ao mesmo tempo que a justiça procede com tanto desassombro em França, não deixando de punir nomes gloriosos como este, em Portugal encobrem-se miseravelmente as maiores torpezas, as mais reñadadas ladroerias, os mais hediondos attentados quando os seus auctores têm alguma influencia politica. Veja-se o que se deu com a celebre questão da companhia real dos caminhos de ferro e com a da outra metade, e o que se está passando com a do Nyassa, sobre cujo processo está dormindo profundamente o poder judicial, sem que os brados da imprensa sejam capazes de o acordar.

A que miseravel situação chegámos! E ainda ha quem, para defender a nossa cara monarchia, vá buscar exemplos á França!

Idiotas!

A requerimento da fazenda nacional foi feita penhora em alguns predios pertencentes ao dr. Urbino de Freitas para pagamento das custas do processo.

Guilherme Braga

A manifestação anti-jesuítica que se realisará junto ao tumulo de Guilherme Braga, e de que já demos noticia, adheriram as seguintes agremiações:

Grupo Dramatico Filhos de Talma, Associação de beneficencia 31 de Janeiro, Instituto Industrial e Commercial do Porto, Monte-Pio Prosperidade Portuense, Associação de Classe União dos Operarios Manipuladores de Tabacos, Associação Liberal Portuense e Associação de classe dos operarios Tecelões de Sêda.

Os jornaes *Batalha* e *Patria* enviaram tambem a sua adhesão; a *Patria* é representada no cortejo pelo sr. Graça e Cruz que depõe no tumulo do poeta um bouquet de flores naturaes.

A occupação da Lunda

Devido á iniciativa do ministro da marinha, foi ha dias publicado na folha official um decreto que manda occupar os vastos territorios da Lunda, situados ao leste da provincia de Angola, creando nelles um novo districto, além dos quatro que já existiam no littoral.

Ninguém contesta que a occupação d'esses territorios, de ha muito reclamada pelo corpo commercial da provincia, corresponda a uma necessidade urgente da nossa administração ultramarina e, o que é mais, ao interesse indiscutivel da propria conservação da mais rica colonia portugueza.

A enorme distancia a que a região da Lunda se encontra da capital da provincia e, por outro lado, a maior proximidade do Estado Livre do Congo tornavam até agora impossivel, ou, pelo menos, muito difficil, uma vigilancia efficaz por parte das auctoridades do districto de Loanda. D'ahi a detenção exclusiva do commercio com o interior pelos commerciantes belgas e francezes, que, atravessando o Congo e cruzando livremente em todos os sentidos os nossos territorios, transportavam pelo curso dos rios Cuango e Cassai, isentas de direitos, todas as mercadorias indigenas. É bem de ver quanto a classe commercial de Loanda e os proprios interesses da fiscalisação aduaneira seriam prejudicados, vendo monopolizado por estrangeiros, em terras portuguezas, com evidente infracção das nossas leis, uma parte preciosa do trafico commercial da colonia.

As velhas e reiteradas instancias dos que mais directamente eram affectados com esta espoliação, respondiam os ministros com a criminosa indiferença e cynico desprezo a que de longa data costumam ser votados os mais caros interesses do paiz.

Como quer que o sr. Ferreira de Almeida se resolvesse a dar satisfação ás legitimas exigencias que a inepcia e desleixo dos seus antecessores por tanto tempo desattenderam, desata agora quasi toda a imprensa num coro unisono de hossanas e louvores, a incensar as qualidades do ministro da marinha, proclamando aos quatro ventos o que ella chama a «rasgada iniciativa» e «devotado patriotismo» do mesmo senhor.

Pela nossa parte, protestamos não nos associar a essas louvaminhas, com que se pretende alçar o sr. Ferreira d'Almeida ao setimo ceu da immortalidade, pelo simples facto de não ter continuado, com respeito ao assumpto em questão, as conhecidas tradições de incuria e incapacidade que têm assignalado a gerencia do ramo mais complexo da nossa administração. Não pertencemos ao numero dos que entendem que uma obra boa absolve o seu auctor de todos os erros e de todas as infamias que lhe denigrem o passado, ou mesmo o resto dos seus actos presentes.

Ora o sr. Ferreira d'Almeida tem, em toda a sua carreira publica, e em especial na gerencia da sua pasta, commettido taes vergonhas e tão monstruosos attentados, que nem os mais fervorosos beneficios prestados á nossa administração colonial seriam sufficientes para apagar o caracter particularmente odioso da sua personalidade. Desde as suas fluctuações partidarias até ás suas formaes e categoricas affirmações jacobinas, que lhe gran-gearam a admiração de alguns inge-

nuos republicanos; desde a sua deserção traiçoeira até ao infame abandono em que deixou alguns desgraçados expedicionários de Moçambique que, devorados pelas febres, foram obrigados a regressar a Lisboa; e d'ahi até ao recente escândalo denunciado pela *Vanguarda*, e em que se revela, em toda a evidencia, o abuso de poder mais impudente e despotico, a figura moral do sr. Ferreira d'Almeida destaca como o typo repugnante de um biltre, capaz de todas as protervias e das perfidias mais inverosímeis.

Acceitámos, portanto, a sua obra, pelo que diz respeito á effectiva occupação dos nossos territorios da Africa Occidental, até agora abandonados pelos que o precederam. Mas não o applaudimos com aclamações que em boa justiça lhe não cabem, nem lhe attribuamos uma gloria que não mereceu. A sua intervenção limitou-se a deferir uma pretensão justissima, de ha muito formulada, e que ainda não tinha sido satisfeita por lhe faltar apenas a chancellaria ministerial. E se, entretanto, ha a notar que o actual ministro a tomasse em melhor conta que os anteriores, devemos ter em vista tambem que o resto dos seus actos deixa completamente na sombra o que neste possa haver de meritorio.

Esperemos; que, lançando o veu do esquecimento sobre as façanhas já conhecidas, muito mais teremos ainda a recriminar no futuro.

O escândalo do Nyassa

A respeito d'esta celeberrima questão, informa o nosso collega a *Vanguarda*:

«Consta-nos que nos ultimos dias alguém do governo tem feito altos esforços para reconciliar os dois grupos de lobos do Nyassa a fim de evitar novas revelações escandalosissimas.

«Parece que na Boa Hora não terá seguimento por este motivo o processo criminal requerido pela firma Arroyo-Centeno contra o grupo Asseca, nem o que foi requerido por este grupo contra aquella firma.

«Os melhores astrologos prophetisam que acabará tudo em um santo accordo, do qual o paiz terá de pagar as custas.

«Nós achamos naturalissimo que assim aconteça e que, em sendo novamente ministro do sr. D. Carlos, o sr. Arroyo conceda ao sr. Moncada o premio que lhe fica devendo por não ter requerido coisa alguma contra os heroes do Nyassa.

«O sr. Moncada é, sem duvida, um homem de largo futuro. Tem feito tantos e tão assignalados favores a influentes politicos poderosos, que só se elles forem muito ingratos deixarão de o proteger com a sua omnipotencia.»

Desde que está provado que o governo está comprometido nos extraordinarios escândalos que se deram na companhia do Nyassa, só seria para admirar que o poder judicial procedesse desassombadamente. Vae se habituando tanto a dobrar a cerviz!

Haja vista ao que se deu com os celebrados accordãos sobre os impostos decretados dictatorialmente.

Vamos ter mais festas ás magestas. Agora são as Caldas da Rainha que se preparam, sob a direcção do governo, para dispender grossas quantias na recepção do rei.

Para manifestações de regosijo sempre por meio das bandeiras, musicas e foguetes, não ha paiz como Portugal. Um nunca acabar.

Assombroso

Dia a dia se alastra mais a onda de corrupção e de perversidade, que ha muito tempo invadiu as altas esferas do poder. Repetem-se sem cessar factos tão escandalosos como o da outra metade do Cazengo, da compra de predios ouerados, das promoções determinadas por exclusivo interesse do proprio ministro que as impõe.

Agora dá-nos o nosso valente colle-

ga *A Vanguarda* noticia d'um, que seria sufficiente para justificar a immediata expulsão do poder dos bandidos que tanto têm abusado d'elle, para praticar as maiores prepotencias e os mais revoltantes escândalos.

Transcrevemos:

«O sr. capitão de mar e guerra Marques da Silva tinha uma pessoa de familia implicada num caso grave. Esta pessoa estava presa a bordo do transporte *India*, e seguiu o processo, quando um dia o sr. Ferreira d'Almeida, sem alçada para isso, mandou pôr pedra no processo e soltar o individuo preso. Depois d'estes factos, o sr. Marques da Silva foi agradecer ao ministro, e foi nesta occasião que este lhe disse: — *Muito bem, agora tambem quero pedir-lhe uma coisa; como o sr. Marques da Silva sabe, faltam-lhe alguns mezes para atingir o limite da idade, e, apesar de ser o numero um da classe, não tem probabilidades de ser promovido, porque, ainda que se dê uma vaga, deve entrar um supranumerario. Portanto, peço-lhe que solicite a sua reforma.*

O sr. Marques da Silva respondeu que não estava disposto a pedir a reforma, porque se achava ainda com forças para todo o serviço, e que isso o vinha prejudicar muito.

Então o ministro replicou: *Pois então se o senhor se não quer reformar, eu mando prender o seu parente, logo que chegue a Cabo Verde ou a qualquer outro porto.*

Colocado assim entre a prisão d'uma pessoa de familia ou a sua reforma, o pobre official optou pelo mal menor; comprometteu-se a pedir a reforma.

O sr. Ferreira d'Almeida esqueceu-se de que ás vezes as paredes têm ouvidos, e de que sua ex.^a fala muito alto. Desalfamol-o, porém, a que negue, se é capaz, que as coisas se passaram assim, e pedimos-lhe que classifique este seu procedimento para com um official que tem 52 annos de serviço effectivo, que é condecorado com a Torre Espada, ganha em combate nos mares da China, um chefe de familia exemplar, um official seu superior carregado de serviços.

Para corroborar o que dizemos, temos a acrescentar que, segundo consta, este official declarou, quando foi presente á junta, que não tinha desejos de se reformar, mas que se vira obrigado a comprometter a sua palavra para o fazer, e que os motivos d'este facto os devia saber a junta, porque eram do dominio de toda a corporação da armada.»

A accusação é feita nos termos mais precisos e categoricos, e da gravidade do facto imputado ninguém, por um momento sequer, pôde duvidar.

Para se ver até onde chega a hediondez do facto que se attribue ao ministro da marinha, notaremos ainda que a pessoa, cujo nome invocou para se impôr ao sr. Marques da Silva, é um filho d'este.

Venham agora os desmentidos da imprensa, que, para esse effeito, deve ser largamente subsidiada. Já sabemos o que elles valem e o que significam. Ainda menos, que a limpeza que o ministro da marinha mandou fazer na sua secretaria.

Dr. Antonio Cabral

Deve chegar hoje a Coimbra este nosso amigo, distincto medico em Villa Franca do Campo, lha de S. Miguel, e membro da commissão municipal republicana d'aquella villa.

Noticia um jornal allemão, sob reserva, que está gravemente enfermo o rei de Italia.

Nas eleições que acabam de se realisar na Inglaterra foram eleitos 308 unionistas, 75 liberaes, 42 irlandezes e 2 operarios. O partido liberal soffreu uma grave derrota, que é em grande parte attribuida ao facto de terem abandonado esse partido os endinheirados lords por causa do projecto de suppressão da camera dos lords.

Que as eleições na grave Inglaterra tambem custam muito dinheiro,

A insurreição de Cuba

São gravissimas, e cada vez mais symptomaticas do grau elevado de importancia que tem attingido a insurreição de Cuba, as noticias que de lá acabam de chegar a Hespanha.

Telegrammas de 19, recebidos em Madrid, dão informaçoes terribles e alarmantes da pessima situação em que se encontram em Cuba as tropas legaes. Num reconto de Martinez Campos, o *brav' general* de Sagunto e esperanza fanada da monarchia Hespanhola, um outro general, Santocilles, e mais alguns officiaes, morderam o pó do campo de combate e o proprio Martinez, o heroe de campanhas de poeira, teve de fugir a pés de cavallo. Este sustentaculo da monarchia e da ordem, que tão mal se sustentando em Cuba o nome e o prestigio do seu paiz, está reclamando urgentemente de Hespanha milhares de soldados, e calcula-se que é necessario concentrar em Cuba cem mil homens!

Pelo que se vê, as noticias optimistas que os hespanhoes faziam correr mundo, e as hyperbolicas ostentações de heroicidade e prestigio com que enalteciam o nome de Martinez Campos, vão cahindo medonhamente num derruir constante, que ha de arrastar consigo essa personalidade sinistra e odiosa, que uma traição sangrenta arvorou em defensor d'uma familia reinante.

E' mais do que provavel, já, attenta a impotencia, não do brio hespanhol, que é heroico e que é nobre, mas do valor do general, que é baixo e que é charro, e, muito mais ainda, tendo em vista os recursos enormes de que dispõem os insurgentes, é mais do que provavel já, diziamos, que a preciosa Cuba, de que a Hespanha tanto se orgulhava, vae fugir ao dominio hespanhol, libertando-se, assim, da força extranha que a tem dominado.

Nem os milhares de soldados que têm Cuba erigida de baionetas; nem as centenas de contos, com que o heroe Martinez pretendia comprar os chefes insurgentes; nem os recursos colossaes que o guerreiro traidor reclama da metropole; nem os fuzilamentos infames e bediondos, em nome, não d'uma disciplina austera e rigida, mas d'uma indole sanguinaria e cobarde... nada porá dique á insurreição que avança, nada obstará a que se liberte Cuba.

Doe-nos como povo amigo e visinho que a Hespanha soffra a dolorosa perda do seu mais legitimo orgulho colonial; magoa-nos, sobretudo, o golpe profundissimo que está supportando o seu brio militar heroico, acendrado numa historia gloriosissima; collocamos, porém, acima de tudo, o direito incontestavel que cabe a qualquer povo, constituido e feito, de estabelecer a sua vida social autonoma e independente, elevando-se, assim, ao lugar que de direito compete a qualquer paiz civilisado no concerto das nações.

Liberte-se, pois, Cuba; desfralde a todos os ventos a sua bandeira de povo livre, onde já palpita, nobremente, o sopro do seu heroismo... E' uma conquista respeitavel e alevantada.

E arrastada atraz do seu carro triumphal, no dia da victoria, irá acorrentado á gargalheira da sua ineptia o heroe Martinez Campos, que na traição de Sagunto conquistou as estrellas de mantenedor da monarchia hespanhola.

Como cá

Falando da pessima situação em que se encontra o professorado primario em Hespanha, diz uma *chronica* do *El Imparcial* de Madrid:

«Segundo nos telegrapha o nosso correspondente em Malaga, nada menos que cinco mestre-escolas andaram nestes dias pedindo esmola pelas ruas d'aquella formosa cidade.

(Já d'isto demos noticia).

«Cinco professores esfaimados!

«Recommendamos este quinteto aos fornecedores de peças dos theatros á hora. Por certo, o *revistiro* que ponha em scena aquellos cinco personagens obterá palmas e dinheiro.

«Em Hespanha somos assim! del-xamos morrer de fome os educadores

de nossos filhos e em troca fazemos chacota da sua miseria.

«Isto não obsta a que enchamos a bocca falando do sagrado ministerio do ensino, que ponhamos nas nuvens os nomes de Froebel e Pestalozzi, e repetamos emphaticamente aquella celebre phrase de Castellar: — Quando os judeus queriam encarnecer Jesus, chamavam-lhe rei; quando queriam honral-o, chamavam-lhe mestre.

«Mas uma coisa é prégar e outra é dar pão Temos dinheiro para indemnisar o libusteiro Mora; augmentamos o numero dos directores influentes... mas no que toca a pagar aos professores... estamos-nos pagas tintas.

«Consequencia logica do systema de não pagar, é o que acontece em tudo o que se refere á instrucção primaria: as escolas das aldeias e muitas das cidades estão installadas em celeiros, sotãos e até em estrebarias; o material pedagogico brilha pela sua ausencia, e nesses antros, como Ugozinho na sua torre, o pobre professor deita aos discipulos olhares d'anthropophago.

«E, no entanto, estes heroes ensinam... não sei se grammatica, arithmetica, doutrina christã; mas de que elles ensinam muita coisa não ha duvida.

«E muitos d'elles não tem uma camisa»

Exactamente o que cá se está dando. Ao mesmo tempo que se pagam enormes ordenados a quem nada faz; que se manda para Lourenço Marques o Lazarista Ennes a 50\$000 réis por dia como *commandante em chefe do exercito*; que se paga o ordenado de professor da Universidade ao sr. João Arroyo que está em Lisboa fazendo serviço junto de varias companhias, — dão-se miseraveis ordenados aos professores de instrucção primaria e fazem-se reformas no intuito de ainda obter mais economias.

E o que tem graça é que o jornal dos manos Arroyos, que transcreve tambem a passagem do *Imparcial*, concorda e commenta:

«O professorado primario do Porto ainda não chegou a tal extremo, mas... trabalha-se para isso.»

Quasi que chegamos a ter pena dos ministros!

Ha tanta ingratição por este mundo!

O *Correio da Noite* diz muito gravemente que, se os concelhos e comarcas supprimidos não oppozerem resistencia á prepotencia governamental, ficarão mortos e para sempre. Nós tambem assim o cremos, mesmo porque estamos convictos de que o partido progressista, quando subir ao poder, ha de respeitar a grande obra realisada pelos seus antecessores.

Até o proprio decreto que estabeleceu o novo systema eleitoral ha de ser acatado por elle e posto em pratica com toda a lealdade.

Diz-se que ha esperanças de que seja creada pelo governo a aula de commercio que ha tempo pediu a Associação Commercial. Estimaremos que assim succeda, e que, uma vez creada, essa aula seja muito concorrida.

Foi muito bem recebida em Coimbra a mudança de horario do comboio mixto n.º 1, descendente.

Com essa mudança fica havendo entre o comboio descendente e o ascendente um intervallo de 5 horas aproximadamente, que permite o regresso no mesmo dia a quaesquer pessoas que tenham de vir a Coimbra fazer compras ou tratar de outros negocios. A diligente e zelosa direcção da Associação Commercial é digna de elogio por ter obtido mais este importante beneficio para Coimbra.

Acham-se nos Cucos, a uso de banhos, o sr. Manuel Gonçalves Pereira Guimarães, acreditado commerciante d'esta praça, e o sr. José Lourenço da Costa, illustrado escrivão d'esta comarca.

Carta de Lisboa

19 de julho de 1895.

Esta manhã o ministro da Russia encontrou-se commigo e disse-me furioso:

— O sr. anda a complicar a questão do Oriente e a querer revolucionar a Russia!

— Eu!?

— Sim sr. Eu lhe explico. Primeiro, fez com que ha dias partisse para a Russia um seu collega revolucionario, e as boas obras que elle fez pôde vê-las neste telegramma.

— Quaes boas obras? Quem é esse meu amigo?

— O sr. sabe quem elle é; agora as boas obras ahí as tem: «Morreu o sr. Stambuloff, que ha dias foi atacado a tiros e entiladas por tres mysteriosos conspiradores.»

— Mas que tenho eu com isso?

— Que tem? Ainda m'o pergunta!

O sr. sabe melhor do que eu as deliberações, que toma com certos correccionarios seus. Os factos, de resto, são d'uma evidencia incontestavel. A chegada do seu amigo a Sofia precedeu 12 horas o assassinato de Stambuloff. O seu amigo escapa-se, não ha documentos, mas nós sabemos quem elle é. O seu nome circula por todo o paiz.

Calei-me comprometido, pois não sabia como provar a minha innocencia depois de ver que tudo se conspirava para me fazer cúmplice de manejos para mim desconhecidos.

— Demais, disse o ministro da Russia, o sr. anda ligado com os nihilistas.

— Eu!

— Sim, o senhor! Aquelle seu amigo, de que lhe falo, foi enviado com cartas da maçonaria para os mais terribles revolucionarios.

— Mas se eu não sei quem elle é?

— Não sabe? E não sabe tambem para que publicou aquella carta dos estudantes russos aos seus camaradas francezes, na *Resistencia*?

— Oh! sr. ministro, mas foi um passatempo; aquillo vem num livro de Tolstoi.

— Vem, sei que vem no livro d'esse sr. Tolstoi, que me saiu tambem um exaltado insupportavel. Mas a publicação d'ella em portuguez obedece a planos já conhecidos da policia russa e do cabo Morgado da policia portugueza.

— Sr. embaixador, v. ex.^a está a disfructar-me?

— Não sr., estou a avisa-lo de que tudo se sabe e de que não dejejo, porque o estimo, que as suas imprudencias o comprometam. O sr., demais a mais, tem a mania de provocar questões internacionaes. Olhe a guerra dos makololos! Emfim, adeus e seja menos rapaz.

— Adeus, meu amigo.

Contei isto ao Madureira, que me disse gravemente: Eu bem te aviso. Provocas dissensões civis, internacionaes, o diabo! Rapaziadas. Faz-te homem de bom senso. Olha o conselheiro Accacio. Que feliz marmanjo!

J. M.

Foi indeferida pelo governo o pedido dos alumnos do 2.º anno da faculdade de Medicina para serem dispensados dos exames de grego e allemão.

Musica regimental

Hoje, das 8 ás 10 horas da noite, no Caes das Ameias.

Programma:

Trovador—Duetto (Verdi).

Rigoletto, *Scena e Cavatina* (Verdi).

La Nuit—Grande Valsa (Metra).

La Cesarina—Mazurka Russa (Lois Ganne).

2.ª PARTE

Lucia de Lamermoor.—Final do 2.º acto (Donizetti).

Polka—Rodrigues.

Passo Dobrado.

Carne de vacca

Referem os jornaes da Figueira que a maior parte dos talhos baixaram já, alli, o preço da vacca de 220 para **200 réis**.

E ainda, aqui, os senhores camaristas estão atados! Ainda, nesta cidade cheia de miséria, se paga a **280 réis** cada kilo de carne de vacca!

Julgão os illustres senadores que deitam poeira nos olhos do povo com a sua *comissão de tres membros incumbida de averiguar as condições do mercado bovino?* Não saberão que, por ali, á bocca cheia, se insinua que *nada querem fazer contra o monopólio dos marchantes colligados para nos explorarem?*

É preciso erguer bem alto o protesto, fazer bem sonoras as censuras a uma administração municipal, que permite sejam diariamente *fraudados em 60 a 80 réis* por cada kilo de vacca comprado. É urgente que a população se revolte contra este longuíssimo e ignobil embocramento d'uma infame exploração.

Aveiro e Figueira, onde os marchantes pagam eguaes ou maiores impostos camararios, têm vacca a **200 réis**. Porque a não terá também Coimbra? Porque havemos de consentir no empobrecimento de tanta gente, só para que medrem com rapidez alguns marchantes?

Ponha a camara d'nma vez e sem detenças cobro a tal infamia, aliaz o povo fará justiça por suas mãos desmascarando os exploradores e os que os encobrem gananciosamente,—e recorrerá, como já se alvitra, ao expediente de mandar vir a vacca de Aveiro ou Figueira, pois vale mais dar ganho ás linhas ferreas que a quatro ou cinco insaciaveis exploradores.

Voltaremos, se nos obrigarem, ao assumpto; e a camara, então, terá que ouvir.

A Faculdade de Theologia resolveu abrir concurso por 60 dias para o preenchimento de duas vagas de lentes substitutos na mesma Faculdade.

Hontem e hoje repetem os amadores do Theatro de St. Vicente a oratoria do *Thaumaturgo ou Santo Antonio de Lisboa*.

Como já dissemos, o desempenho merece muitos applausos.

Reuniu-se na terça feira a congregação final da faculdade de Theologia, votando as informações ao doutor e bachareis formados da mesma faculdade, e as classificações seguintes:

INFORMAÇÕES—Dr. Joaquim Mendes dos Remedios, M. B. 17.

Bachareis formados:—Antonio Gonçalves Corteado Monteiro, S. 10; Joaquim Coelho Pereira, B. 11; José Ferreira Gomes de Pinho, S. 10; José Jorge Domingues Mariz, B. 12; José Pereira da Costa, S. 8; Manuel Gomes da Silva

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

IX

A PEQUENA DUQUEZA

A Combat parou diante da porta do corpo da guarda, no limiar da qual os *sans-culottes* jogavam as cartas, e, apertando fortemente a mão da pequena duqueza, disse:

—Vês esta casa? E' uma prisão, a prisão de S. Lazaro. E' alli que está preso o teu João por ter gritado: «Viva o rei!» Toma bem sentido nisto!...

E a Combat, —que não dava um passo de balde,—desceu o arrabalde e dirigiu-se para a praça da Revolução.

O carrasco descansava neste dia, mas a sinistra machina continuava erguida no meio da praça deserta.

A pequena duqueza fechou os olhos para a não ver.

—Ah! reconheces o logar! Eu trouxe-te aqui de proposito. E agora toma bem sentido no que vou dizer-te: Teu pai morreu aqui; e o teu criado morrerá também se tu algum dia fugires de nossa casa!

Ramos, B. 11; Manuel José dos Santos Farinha, B. 12; José Marques Rito e Cunha, S. 9, e José d'Oliveira, B. 12.

CLASSIFICAÇÕES—1.º anno—José Joaquim da Silva, *distinto*.

2.º anno—Augusto Joaquim Alves dos Santos, *accessit*.

3.º anno—José Alves Correia da Silva, *accessit*.

5.º anno—José Jorge Domingues Mariz, Manuel dos Santos Farinha e José d'Oliveira, *distinctos sem graduação*.

Acha-se gravemente doente o nosso correligionario Germano d'Araujo, membro da Commissão municipal republicana d'esta cidade, e habil director das officinas de carruagens do sr. Manuel José da Costa Soares.

Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

Está em Coimbra, fazendo serviço nos actos do 5.º anno da Faculdade de Philosophia, o conselheiro Bernardino Machado, par do reino pelo collegio sciéntifico e grão mestre da maçonaria portugueza.

Concluíram as provas do concurso para os logares vagos na faculdade de Medicina, sendo unanimemente aprovados, os srs. drs. Lucio Martins da Rocha e Francisco José da Silva Bastos.

Em todas as provas que deram affirmaram mais uma vez, ambos os concorrentes, o seu vigoroso talento.

O ultimo numero do *Mundo legal e judicario* traz o retrato e dá um esboço biographico do talentoso professor da faculdade de Direito e nosso nosso presado amigo, dr. Antonio Lopes Guimarães Pedroza.

Exames de Grego

Os alumnos do 5.º anno da faculdade de Philosophia, apesar de haverem requerido ao governo para que os dispensasse do exame de grego, e de ter sido deferida a sua pretensão, fizeram todos o referido exame.

Ficou distincta Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho; e aprovados Pedro Joyce Diniz, Angelo Rodrigues da Fonseca, José Luiz d'Andrade Mendes Pinheiro, Thomaz Alexandre d'Oliveira Lobo, Manuel Gomes Filipe Coelho e Antonio Alfonso Maria Vellado.

Escola Industrial Brotero

Fizeram exame uesta escola, ficando aprovados, os seguintes alumnos:

CHIMICA INDUSTRIAL

3.º anno—Antonio Baptista Leite de Faria, Carlos Leite Monteiro, Virgilio Alfonso da Silva Piores e Manuel José Marques.

A criancinha pôz-se a tremer como um vime.

—Eu não torno a fugir, nunca mais!... Mas partamos!...

Nessa tarde, quando a familia se achava reunida, Miguel e Jenny viram com espanto a attitude da sua criada.

A pequena duqueza tinha deixado de chorar, as suas feições alteradas não tinham animação; os seus olhos azues, tão doces ainda de vespera, na sua expressão dolorosa, tinham agora uma cor fria. Quando lhe diziam: «Faze isto!» ella fitava;—«Faze aquillo!» fitava ainda. Depois obedecia, sem dizer uma palavra.

Uma ou duas vezes, Jenny dirigiu-lhe a palavra, como quem queria entabolar conversa. Ella, porém, respondia sempre com um *sim* ou um *não*.

Então, Jenny deixava de a interrogar.

—E' orgulhosa! dizia Miguel.

—O que não a impede de comer o nosso pão! respondeu a megera.

A pequena duqueza, que naquelle momento devorava um bocado de pão que lhe haviam atirado, retirou-o da bocca. Hesitou um momento. Mas, depois continuou a comer.

Na segunda noite a fadiga venceu-a. Adormeceu apenas se deitou.

Ao despertar tornou a pensar no seu destino.

Os dias succediam-se aos dias; as

Dr. Fernandes Costa

A esposa d'este nosso querido collega de redacção, acaba de dar á luz uma galante menina, que, juntamente com o Joãosito, o Chico, e o illustre D. Manuel, filhos dilectos do nosso amigo, deve suavisar a lucta intempestiva da vida a este pae amantissimo.

Um aperto de mão ao nosso talentoso camarada.

Festividade

Em Santo Antonio dos Olivaeis houve hontem á noite fogo preso, tocando a philharmonica *Boa-União*. Houve grande concorrência.

Hoje celebra-se na igreja a festividade de Nossa Senhora das Dores, havendo de manhã missa cantada a vozes e instrumental, e sermão pelo revd.º prior de Castello Viegas, e de tarde *Te-Deum* e sermão pelo revd.º prior da freguezia, e em seguida sairá a procissão.

Actos na Universidade

Nos dias 19 e 20 fizeram acto, ficando aprovados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—Antonio da Costa Godinho do Amaral, Alfredo Telles de Sampaio Rio, Amadeu Leite de Vasconcellos, Augusto Cesar de Mattos Azambuja, Antonio Francisco, Patricio Eugenio de Mascarenhas Judice.

2.º anno —(*Economia Política*)—Fernando Alfonso Leal Gonçalves, e Bernardo de Aguiar Teixeira Cardoso.

4.º anno—Manuel Pinto Pimentel, Maximiano Maria d'Azevedo Faria, Miguel Correia Carneiro, Plinio Gomes Vianna, Rufino Cesar Osorio Junior e Sebastião Ferreira de Carvalho.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—Albino Augusto Pacheco, Augusto de Sousa Rosa, Joaquim Navarro Marques de Paiva.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.º anno—Antonio Pereira de Sousa Neves, Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, João Salema de Sousa Abreu Gouvêa e Faria Carvalho Pereira e João Sebastião Egas d'Azevedo e Silva.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

5.ª cadeira —(*Physica 2.ª parte*)—Luiz Vasques da Cunha Braamcamp de Mancellos, Carlos Braamcamp Freire, e Manuel José Vaz Leitão Saraiva, José Carlos de Barros, Manuel de Lucena, Mario Negrão de Vasconcellos Monterozo Antonio Rodrigues da Fonseca.

6.ª cadeira (*Zoologia*)—José de Mattos Sobral Cid, e Manuel de Mello Nunes Geraldes, Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho, e Jayme Constantino Ferreira Leal.

7.ª cadeira (*Mineralogia*)—Jorge Soares Pinto de Mascarenhas, Fiel da Fonseca Viterbo.

decadas ás decadas, e a pequena duqueza, silenciosa, continuava a servir os operarios.

Miguel saía ordinariamente de manhã; a pequena Jenny,—depois de pentear, lavar e vestir o irmão—saía tambem. Henriqueta ficava só com a Combat e o pequeno.

Algumas vezes, fludos os arranjos domesticos, assentava-se, trabalhando em alguma obra grosseira, junto da mulher do arrabalde, que habitualmente fazia meia.

Trabalhavam ambas, sem se olharem e sem dizerem palavra. Ás vezes, involuntariamente, encontravam-se os seus olhares. Então fitavam-se. Os olhos da megera exprimiam colera: —Filha d'um biltre, não teres o prazer de ver o fim dos teus dias?...

A outra, fria e feroz, respondia: —Não.

—Então esmagar-te-ei!

—Pode fazel-o; mas eu desprezo-a!

A Combat levantava-se bruscamente. Apontava-lhe com o dedo algum pesado fardo para arrumar, algum serviço degradante para fazer. Henriqueta pegava no fardo, e fazia o serviço. Assentava-se em seguida, e o duello silencioso entre a criancinha e o seu carrasco começava de novo.

O filho da megera era um gordo e bochechudo rapaz, que nunca tinha

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 11 de julho de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto de Almeida Araujo Pinto—vice-presidente.

Vereadores presentes: João da Fonseca Barata — João Antonio da Cunha — Manuel Miranda — Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivo; e José Correia dos Santos, substituto.

Approvou a acta da sessão anterior.

Nomeou uma commissão de tres vogaes para fazer o estudo necessario acerca das disposições do decreto de 27 de junho, que modifica outras anteriores sobre instrucção primaria.

Mandou orçar a despeza a fazer com a canalisação d'aguas até o porto dos Bentos, na estrada da Beira.

Attestou acerca de um requerimento para a concessão de um subsidio de lactação a um menor.

Informou uma reclamação ao recrutamento pedindo a dispensa de um manco.

Mandou annunciar a arrematação em praça de trabalhos do alieamento do rocio de Santa Clara na extensão de 41,240, entre a estrada districtal de Coimbra a Penella e a casa de Augusto Luiz Martha, junta á estrada real de Lisboa—orçamento de 488,260 réis.

Approvou um orçamento para a abertura de uma valta de exgoto ás aguas de um poço que existe em terrenos do asylo de Celas—na importancia de 61,800 réis.

Resolveu fazer descontar o vencimento de tres dias ao vigia dos impostos n.º 14, por se ter retirado algum tempo do respectivo posto fiscal.

Resolveu pedir ao chefe do districto para reiterar perante o Governo o pedido feito para o pagamento do subsidio para o asylo de Celas e das despezas feitas com a conservação e limpeza do edificio do Governo Civil.

Mandou annunciar a feira de S. Bartholomeu para o proximo mez d'agosto.

Auctorizou a aquisição de mais sessenta pastas para conservar documentos no archivo da municipalidade.

Auctorizou a presidencia a providenciar convenientemente acerca da execução d'obras particulares, sem a aprovação dos respectivos alcados.

Mandou annunciar de novo a venda de terrenos na quinta de Santa Cruz.

Approvou o rol de lançamento da contribuição de serviço para o corrente anno, mandando annunciar a sua exposição para o effecto de reclamações.

Auctorizou alguns pagamentos e onze contratos de avença sobre impostos indirectos.

Despachou requerimentos, concedendo licenças a alguns empregados, durante o mez de d'agosto, attestando acerca do comportamento moral e civil de diversos individuos e auctorizando exumações de cadaveres no cemiterio da Conchada, canalisações de exgoto d'agua para os enos geras das ruas da cidade, a vedação de um predio fronteiro ao edificio da Penitenciaría na estrada de Celas, mediante obrigações impostas ao proprietario; a demolição de uma casa em Souzaellas e a sua reconstrução, sujeitando-se o proprietario, ao alinhamento determinado, sem occupação de terreno publico; a construção de um predio ao fim da rua da Sophia, segundo o alçado aprovado para a respectiva fachada; e a construção de uma presa para rega, na valta do Mogo na freguezia de Vil de Mattos.

Bibliographia

O numero da *Revista Theatral* que acabamos de receber insere o seguinte:

Origens do theatro portuguez, por Theophilus Braga.

Revista dos theatros — Theatro D. Amelia; Companhia italiana de Dora Lambertini, por J. M.

Recitas e concertos — O *Ermani*, por amadores.

feito mal a uma mosca; mas os filhos, como os macacos, imitam tudo. Vendo tratar a criancinha como uma criada, tratava a assim tambem; dava-lhe ordens e gritava-lhe: «Traz-me isto!» Fazia de senhor. Aos seis annos tinha exigencias de criança de berço e chorava quando ella tardava um minuto em obedecer-lhe.

Um dia em que a Combat tinha saído, e em que elle começou a insultar Henriqueta, esta aproximou-se d'elle e, friamente, deu-lhe uma bofetada.

—Eu direi a minha mãe!

Ella deu-lhe outra bofetada.

Então elle calou-se.

Á tarde, ella esperou.

Mas elle nada disse.

X

A DECADE

O dia em que estavam era o ultimo da Decada. A Revolução tinha applicado ao calendario o systema dos pesos e medidas, havendo apenas, em cada dez dias, um de descanso. É verdade que no fim do anno se descansava durante cinco dias seguidos, para compensação. Os novos domingos eram consagrados com uma certa solemnidade.

Desde pela manhã se ouvia o estrondo da artilheria, despertando os patriotas. Ás oito horas, as guardas

Questões do dia—Uma campanha (As companhias estrangeiras) VI.

Correspondencias—De Paris, por Garcia de Miranda.

O theatro na sala — Historia d'um cão, por Luiz Guimarães.

Curiosidades—O theatro nautico; por Charles Magnin.

Bibliographia — El-rei, Santo Antonio, Os Filhos do Fidalgo, Imprensa Theatral Estrangeira, por Lector.

Investigações—D. Ignez de Castro, por Silva Pereira.

Neurologia—Suppé, Amaro, Emilia Letroublon.

Variedades.

Bibliotheca Dramatica—«Jucunda» comedia original de Abel Botelho — Acto I, scenas III a VI (fl. 2).

Revista das Escolas, anno 1.º, n.º 18, cujo sumario é o seguinte:

Secção scientifica:—vascular portugueza.—Quadro dichotomico para a determinação das familias.—O futuro congresso do professorado primario portuguez, por M. J. Cortêa.—Investidura maçonica.—A. F. M. L. **Legislação escolar**:—Portaria de 6 de julho, approvando o quadro do pessoal docente e auxiliar e do pessoal menor das escolas primarias, centros e parochias de Lisboa constante da relação que da mesma portaria faz parte.—Despachos pela direcção geral da instrucção publica.

Movimento escolar:—Mais benefícios ao professorado primario.—O ensino religioso nas escolas.—O estado da instrucção primaria.—Outras noticias.—**Correspondencia**.—**Chronica da semana**.

Revue des Journaux et des Livres

11.º anno

Recomendando aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduz em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros:—*Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romances, etc. etc.*, bem como numerosas gravuras d'actualidade: retratos, acontcimentos do dia, etc.

Em folhetins publica a *Revista* dois romances d'um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos da *Revue des Journaux* contém mais de 4000 novelas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de *Alphonse Daudet, Henri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Gustave Flaubert, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Emile Zola, etc.* A collecção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes:—Um retrato a oleo, do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 francos, á escolha; um de 2 fr. a 50 c., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignaturas:—Seis mezes, 8 fr.; um anno, 14 fr. Assigna-se:—1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes-Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte.

Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, Administrador, 13, rue Cujas, Paris.

nacionaes e os 6:000 homens do pequeno exercito de Paris reuniam-se para a parada e exercicio. Os *maires*, os ajudantes, os officiaes municipaes vestiam os seus uniformes de gala. Nas ruas viam-se apenas *Carmagnoles*, barretes encarnados, penteados polvilhados, calças de linho ás riscas cor de rosa e brancas, casacos castanhos e azues com botões de aço, gibões brancos com grandes barras, bandas e laços das cores nacionaes.

Em cada quarteirão, uma deusa da Razão, de vestido azul com estrelas de prata, symbolisava a immensidade e eternidade da materia. Á frente do cortejo vinham mulheres e homens, abraçar o choupo da Liberdade.

A procissão penetrava no templo e, diante da deusa assentada sobre o altar, os fleis,—segundo o costume antigo,—entoavam côros. Os cantos eram divididos por secções moraes: havia o da velhice, o da juventude e o da infancia. Nesse momento as mulheres levantavam os filhos no ar, e os guerreiros apresentavam armas. Um hymno em honra do Ser Supremo se elevava até ás abobodas, enquanto as chammas das caçoulas dos perfumes illuminavam o altar com clarões azulados.

Os cidadãos reuniam-se, em seguida, em banquetes civicos, cujo preço variava de sete a quatorze soldos.

(Continúa)

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal.

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1.000 réis

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmaeias e drogarlas.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Caldeira da Silva
CIRURGIÃO-DENTISTA

Participa aos seus clientes que acaba de contractar um empregado, especialista na collocação de dentaduras artificiaes e com longa pratica na America, podendo por isso garantir, a par da modicidade de preço, perfeição e solidez em todos os trabalhos de prothese dentaria, executados no seu gabinete.

Colloca dentes artificiaes, em todos os systemas conhecidos, desde um até dentadura completa. Operações de cirurgia dentaria e tratamento de molestias da bocca.

Serviço gratuito aos pobres, bem como a creados e creadas de servir.

Rua Ferreira Borges, 174, esquina do largo do Principe D. Carlos.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Arrendamento

Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

Trespasse

Antonio dos Santos Pereira, trespasa ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Sotta.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

VINHO ANALEPTICO

DE
A. GUERRA

Util nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o appetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Arrenda-se

Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o pago do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades

Para tractar, com Joaquim Augusto Preces Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72—Coimbra.

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á Casa Havanesa, onde lhe serão prestadas todas as informações.

POMADA DO DR. QUEIROZ



Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres de gala. Filas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Arrenda-se

2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

Vinho de meza

sem composição

Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.ºs 9 e 11. A. Marques da Silva.

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao portó dos Bêntos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

Acabam de chegar a esta casa:

Chapeus redondos para senhoras e crianças. Ditos capotas, ultimos modelos.

Fazendas proprias para vestidos. Capas romeiras, a principiar em 15000 réis.

Meias e piugas de fio de escocia. Voiles, tanto liso como em ramagem.

Zephires, muito chics. Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis. Sombrinhas, para senhoras e crianças.

Encarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.

Enviem-se amostras a quem as pedir.

ARRENDAR-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroyo, 103, se trata.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima! Alta novidade!

Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24

COIMBRA

Este antigo estabelecimento lo cobrem-se de novo guarda-soes com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lâsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de de Amaranthe.

Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administracção

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 25700

Semestre..... 15350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400

Semestre..... 15200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetiçoes, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles que remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas accommodações

Desde 15200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalacção, pulverisacção, e aspiracção, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear—e Rua de S. Julião, 80, 1.ª, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarlas e no Deposito geral—Pharmacia Andrade, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 44

COIMBRA — Domingo, 21 de julho de 1895

1.º ANNO

Tudo dentro da ordem!

Acaba o governo de supprimir alguns concelhos e comarcas, acto de que derivarão para algumas povoações graves prejuizos e para outras importantes interesses. Protestam aquellas e fazem estas ruidosas manifestações de regosijo. Era o que o governo esperava, e preparada estava a sua imprensa para atenuar o valor dos protestos e até os ridicularisar, e para fazer avultar a importância das manifestações de regosijo. Nestas, vê essa conspicua imprensa uma prova de que foram bem recebidas e são justas as medidas governamentais; naquellas, mal cabidos despeitos e os naturaes desabafos de quem sofre um prejuizo.

Não nos surprehe semelhança attitudinal, porque de sobejo conhecemos a logica da imprensa monarchica. O que ainda nos causa certa admiração é que alguns concelhos, que resolveram protestar contra o decreto por que foram supprimidos, adoptassem como norma fundamental do seu procedimento a celebre fórmula — dentro da ordem e da legalidade.

Quando o governo, feita pedação a constituição do Estado, pratica as maiores prepotencias e abusos; quando, por meio de monstruosas illegalidades, fere as mais veneraveis tradições historicas, os povos deliberam protestar dentro da ordem! Afinal, para alguma cousa havia de servir a decantada colligação liberal, que foi apregoar em diversos pontos do paiz a pacata theoria de que ha remedio para tudo dentro da constituição. Muito conseguiu essa colligação, e tambem muito ha a esperar dos protestos dos concelhos supprimidos.

Teremos comícios e representações. Talvez sejam muito concorridos os comícios... para ouvir a palavra quente de alguns tribunos populares. Votar-se-á, no meio do maior ou menor entusiasmo que elles despertem, uma moção para que se represente ao rei, e será nomeada para esse effeito uma commissão.

Em carruagem de primeira classe partirá ella para Lisboa e pedirá uma audiência da majestade. Se a representação fór elaborada em harmonia com a pragmatica constitucional, será recebida a commissão e ouvirá a fórmula sacramental: Recommendarei o assumpto ao meu governo. E depois de ter beijado muito submissamente a mão ao mesmo rei que assignou o decreto, aproveitará a commissão o bilhete de volta para regressar ao seu concelho, talvez muito satisfeita pela bella figura que fez.

E todos ficarão alegres e tranquilos. Fez-se um comício e uma representação em que allegaram e provaram os seus direitos. E dentro da ordem, pensam elles, não se podia fazer mais.

Mas pôde fazer muito mais o governo fóra da ordem e da legalidade, em quanto a historica heroicidade portugueza se manifestar d'um modo tão cobarde. Bem pôde elle continuar a satisfazer as pretenções das influencias regeneradores na classificação dos concelhos em que, postas de lado quaesquer considerações de justiça e de pundonor, se decretarão as mais revoltantes desigualdades.

Pôde faze-lo e fa-lo-á. Não temos duvidas a esse respeito, como tambem as não temos de que apparecerão mais protestos, mas sempre dentro da ordem e da legalidade. Não as temos nós; não as tem o governo. Se as tivera, outro seria o seu procedimento. Pro-

vas de sobejo tem elle dado de que não é capaz de cumprir um decreto contra que se levante um protesto energico.

Se nos causa ainda alguma admiração que os concelhos suprimidos sejam tão pacatos nos seus protestos, tambem nos surprehe que haja manifestações de regosijo nas sedes dos concelhos a que foram annexadas novas freguezias. Essas manifestações não de contribuir poderosamente para que mais se accentuem as rivalidades que já existem em algumas, e que em grande parte são determinadas por tradições historicas. Dão, pois, uma prova de mau senso os concelhos que têm realisado espaventosas festas, e digno é de censura que algumas auctoridades, incluindo até as judicias, se mem parte nessas manifestações, se é que não lhes pertence a iniciativa.

Mas a imprensa do governo pretende vêr nessas manifestações uma prova de que é justa a classificação dos concelhos. Continuem ellas, pois, a registar e enaltecer essas manifestações, para honra e gaudío dos bandidos que estão no poder.

Talvez assim se consiga que nem só dentro da ordem e da legalidade se proteste. Que se as virtudes civicas já não existem em peitos portuguezes, ha nelles pequeninos rancores, odios accumulados.

A Vanguarda appella para a dignidade professional do sr. Moncada afim de que se promova a punição dos heroes do Nyassa.

A Vanguarda esquece-se de que ha razões d'estado que impedem o sr. Moncada de fazer punir todos os grandes bandidos.

De tal maneira que se torna escusado o appello: pois o sr. Moncada tem a dignidade professional estúpida com o monco da razão d'estado.

Marianno de Carvalho acaba de comprar um yacht ao sr. infante D. Alfonso, e, para o experimentar, foi até Gibraltar.

Não pôde aqui dizer-se que o sr. Marianno tem cem annos de perdão; pois decerto pagou, e, por outra parte, o illustre duque do Porto, sobre exaltado, tem outros defeitos que, entretanto, não o identificam com o Navarro nem com o Calcinhas.

Mas... se algum do povo, no dia do ajuste, tomar posse do formoso barco, esse, sem duvida, terá cem annos de perdão...

Crispi, o grande homem da monarchia italiana, parece que não está gosando das boas graças da maioria parlamentar, ainda ha pouco eleita, que propositadamente tem faltado às sessões da camara, impedindo assim que esta funcione.

É o caso que, tendo o deputado Paschano, da extrema esquerda, proposto uma emenda ao projecto sobre os alcooes para que fosse diminuido o imposto e havendo o sr. Crispi dado indicação á maioria para que a rejeitasse, quando se procedeu á chamada para a votação, já não havia numero para funcionar. Esperava-se que o houvesse na sessão seguinte, mas ainda no dia 15 a maioria do grande Crispi estava com medo dos seus eleitores. Na Italia ainda os deputados tem medo dos eleitores, porque existe opinião publica!

Em Portugal é o que se vê. A opinião publica é de tal ordem que até se diz impunemente ser Sergio de Castro um dos nossos mais brilhantes jornalistas e um caracter sério e honrado.

Santo paiz!

AO SR. DR. AUGUSTO ROCHA

O sr. dr. Augusto Rocha, lente da faculdade de Medicina e director da *Coimbra Medica*, disse no dia 18 do corrente, na sala dos capellos, ao principiar a sua argumentação ao sr. dr. Silva Basto, estas palavras:

... e todavia por essa becação (a ocasião do congresso de tuberculose) eu estava sendo insultado por alguns meninos fundibularios dos logares communs cá da terra.

Não me julgo visado nestas palavras, porque me reconheça no epitheto de insultador, ou porque aos meus 28 annos quadre com justiça o titulo afavel de menino. Mas o facto de s. ex. me ter feito já outra referencia a respeito do congresso, em local, hora e dia que poderei citar; o facto de s. ex. ter por habito o preocupar-se com a minha personalidade, encarando-a sob varios aspectos; o facto de s. ex. entrar tão fundo na minha vida a ponto de discutir, pela maneira que é notoria e nas suas linhas mais intimas e pessoases, o meu programma de revolucionario; o facto de o *Correio Medico*, em artigo que s. ex. leu, me insinuar, nas entrelinhas da sua prosa, como chefe de conspiração contra s. ex. e contra o congresso; o facto de eu ter tido uma attitudinal especial em face do mesmo congresso, — attitudinal que não agradou ao sr. dr. Augusto Rocha, como poderei provar-lhe, — esta série de circumstancias, finalmente, levam o meu espirito á convicção de que s. ex. se referiu a mim no dia 18, e quando não só a mim, pelo menos a mim tambem.

Acceito, pois, a carapuça que me foi lançada do alto dos doutoraes, tomando a palavra *insultado* como uma maneira, aliás pouco fiel, de que s. ex. se serviu para traduzir a independencia da minha critica. Acceito-a, a despeito de alguém poder ver no caso a vangloria, pela minha parte, de ser combatido na sala dos capellos. Nem vejo, demais, razões para me não perceber alvejado nas palavras, em que varios circumstantes viram uma referencia que mal tentou disfarçar-se.

Tem s. ex. o direito de me atacar onde mais agradável lhe seja. Não tenho fóros de inviolabilidade, e s. ex. está, como todo o homem, em plena posse dos seus direitos de combatente. Mas não é menos verdade, tambem, que eu não abdicoo do direito que me assiste de entrar em todos os recontros para onde me leve a impetuosidade do animo, ou para onde me chame o desafio dos adversarios.

Sendo assim, para que, finalmente, rebente a tensão de espirito que uma serie de circumstancias creou entre nós, lembro a s. ex. uma solução. S. ex. tem a *Coimbra Medica*, eu tenho a *Resistencia*. Ponhamo-nos a postos, e ataquemos mutuamente as nossas fortificações.

Se ficar vencido, dispenso o sorriso magnanimo do legionario triumphante. Tambem, se vencer, desde já o declaro ás turbas lisongeiras, dispenso a corôa civica.

Tenho velhas questões pessoases com s. ex., a que mais tarde, como é sabido, me hei de referir.

Se o não tenho feito até hoje, é que, por um elemental principio de correcção e lealdade, não desejava confundir os agravos que recebi como homem com as responsabilidades intellectuaes que me assistem na qualidade de discipulo de s. ex. A face das praças que regulam esta especie de pugnas, seria, demais, uma fraqueza

procurar eu encobrir, com as iras do pamphletario, as responsabilidades intellectuaes do estudante, — responsabilidades que eu jámais tentei alijar. Cada coisa no seu logar.

Sómente, pelo mesmo principio de correcção e lealdade, tenho feito publico o proposito da futura liquidação, para que se não diga que a cobardia entra no plano das minhas luctas, ou que a traição macula os propositos do meu animo.

Se, todavia, s. ex. quizer, desde já, entrar no campo do desforço, que é inevitavel, tem-me ao seu dispor.

Nesse sentido lhe envio estas palavras, talvez excessivamente romanticas na forma, mas absolutamente decisivas na intenção.

Coimbra, 19, julho, 1895.

Antonio José d'Almeida.

Em França

O conselho da Legião d'Honra pediu ao presidente da republica a sua demissão em virtude de haver sido censurado na camara dos deputados por não ter retirado as insignias da Legião a Eiffel, e não haver deputado nem membro do governo que defendesse o seu procedimento.

Eiffel, que em França gosa de grande nome como engenheiro e que se immortalizou pela grandiosa concepção e execução da torre que se levantou em Paris por ocasião do centenario da revolução, tomou parte no celebre syndicato do Panamá, e foi isso sufficiente para que a acção da justiça caísse implacavel sobre elle. E como o conselho da Legião d'Honra não retirasse as insignias a um membro que havia praticado um acto indigno, é censurado no parlamento, que approva o projecto em que se propõe a sua reorganisação.

Ao mesmo tempo que a justiça procede com tanto desassombro em França, não deixando de punir nomes gloriosos como este, em Portugal encobrem-se miseravelmente as maiores torpezas, as mais refinadas ladroerias, os mais hediondos attentados quando os seus auctores têm alguma influencia politica. Veja-se o que se deu com a celebre questão da companhia real dos caminhos de ferro e com a da outra metade, e o que se está passando com a do Nyassa, sobre cujo processo está dormindo profundamente o poder judicial, sem que os brados da imprensa sejam capazes de o acordar.

A que miseravel situação chegámos! E ainda ha quem, para defender a a nossa cara monarchia, vá buscar exemplos á França!

Idiotas!

A requerimento da fazenda nacional foi feita penhora em alguns predios pertencentes ao dr. Urbino de Freitas para pagamento das custas do processo.

Guilherme Braga

Á manifestação anti-jesuitica que se realisará junto ao tumulo de Guilherme Braga, e de que já demos noticia, adheriram as seguintes aggregações:

Grupo Dramatico Filhos de Talma, Associação de beneficencia 31 de Janeiro, Instituto Industrial e Commercial do Porto, Monte-Pio Prosperidade Portuense, Associação de Classe União dos Operarios Manipuladores de Tabacos, Associação Liberal Portuense e Associação de classe dos operarios Tecelões de Sêda.

Os jornaes *Batalha e Patria* enviaram tambem a sua adhesão; a *Patria* é representada no cortejo pelo sr. Graça e Cruz que depõe no tumulo do poeta um bouquet de flores naturaes.

A occupação da Lunda

Devido á iniciativa do ministro da marinha, foi ha dias publicado na folha official um decreto que manda occupar os vastos territorios da Lunda, situados ao leste da provincia de Angola, creando nelles um novo districto, além dos quatro que já existiam no littoral.

Ninguém contesta que a occupação d'esses territorios, de ha muito reclamada pelo corpo commercial da provincia, corresponda a uma necessidade urgente da nossa administração ultramarina e, o que é mais, ao interesse indiscutivel da propria conservação da mais rica colonia portugueza.

A enorme distancia a que a região da Lunda se encontra da capital da provincia e, por outro lado, a maior proximidade do Estado Livre do Congo tornavam até agora impossivel, ou, pelo menos, muito difficil, uma vigilancia efficaz por parte das auctoridades do districto de Loanda. D'ahi a detenção exclusiva do commercio com o interior pelos commerciantes belgas e francezes, que, atravessando o Congo e cruzando livremente em todos os sentidos os nossos territorios, transportavam pelo curso dos rios Cuango e Cassai, isentas de direitos, todas as mercadorias indigenas. É bem de ver quanto a classe commercial de Loanda e os proprios interesses da fiscalisação aduaneira seriam prejudicados, vendo monopolizado por estrangeiros, em terras portuguezas, com evidente infracção das nossas leis, uma parte preciosa do trafico commercial da colonia.

As velhas e reiteradas instancias dos que mais directamente eram afectados com esta espoliação, respondiam os ministros com a criminosa indifferença e cynico desprezo a que de longa data costumam ser votados os mais caros interesses do paiz.

Como quer que o sr. Ferreira de Almeida se resolvesse a dar satisfação ás legitimas exigencias que a ineptia e desleixo dos seus antecessores por tanto tempo desattenderam, desata agora quasi toda a imprensa num côro unisono de hossanas e louvores, a incensar as qualidades do ministro da marinha, proclamando aos quatro ventos o que ella chama a «rasgada iniciativa» e «devotado patriotismo» do mesmo senhor.

Pela nossa parte, protestamos não nos associar a essas louvaminhas, com que se pretende alçar o sr. Ferreira d'Almeida ao sétimo ceu da immortalidade, pelo simples facto de não ter continuado, com respeito ao assumpto em questão, as conhecidas tradições de incuria e incapacidade que têm assignalado a gerencia do ramo mais complexo da nossa administração. Não pertencemos ao numero dos que entendem que uma obra boa absolve o seu auctor de todos os erros e de todas as infamias que lhe denigrem o passado, ou mesmo o resto dos seus actos presentes.

Ora o sr. Ferreira d'Almeida tem, em toda a sua carreira publica, e em especial na gerencia da sua pasta, committido taes vergonhas e tão monstruosos attentados, que nem os mais fervorosos beneficios prestados á nossa administração colonial seriam sufficientes para apagar o caracter particularmente odioso da sua personalidade. Desde as suas fluctuações partidarias até ás suas formaes e categoricas affirmações jacobinas, que lhe granjearam a admiração de alguns inge-

nuos republicanos; desde a sua deserção traçoira até ao infame abandono em que deixou alguns desgraçados expedicionarios de Moçambique que, devorados pelas febres, foram obrigados a regressar a Lisboa; e d'ahi até ao recente escandalo denunciado pela *Vanguarda*, e em que se revela, em toda a evidencia, o abuso de poder mais impudente e despotico, a figura moral do sr. Ferreira d'Almeida destaca como o typo repugnante de um biltre, capaz de todas as protervias e das perfidias mais inverosimeis.

Acceitemos, portanto, a sua obra, pelo que diz respeito á efectiva occupação dos nossos territorios da Africa Occidental, até agora abandonados pelos que o precederam. Mas não o applaudamos com aclamações que em boa justiça lhe não cabem, nem lhe attribuamos uma gloria que não merecem. A sua intervenção limitou-se a deferir uma pretensão justissima, de ha muito formulada, e que ainda não tinha sido satisfeita por lhe faltar apenas a chancellaria ministerial. E se, entretanto, ha a notar que o actual ministro a tomasse em melhor conta que os anteriores, devemos ter em vista tambem que o resto dos seus actos deixa completamente na sombra o que neste possa haver de meritorio.

Esperemos; que, lançando o veu do esquecimento sobre as façanhas já conhecidas, muito mais teremos ainda a recrinar no futuro.

O escandalo do Nyassa

A respeito d'esta celeberrima questão, informa o nosso collega a *Vanguarda*:

«Consta-nos que nos ultimos dias alguém do governo tem feito altos esforços para reconciliar os dois grupos de lobos do Nyassa a fim de evitar novas revelações escandalosissimas.

«Parece que na Boa Hora não terá seguimento por este motivo o processo criminal requerido pela firma Arroyo-Centeno contra o grupo Asseca, nem o que foi requerido por este grupo contra aquella firma.

«Os melhores astrologos prophetisam que acabará tudo em um santo accordo, do qual o paiz terá de pagar as custas.

«Nós achamos naturalissimo que assim aconteça e que, em sendo novamente ministro do sr. D. Carlos, o sr. Arroyo conceda ao sr. Moncada o premio que lhe fica devendo por não ter requerido coisa alguma contra os heroes do Nyassa.

«O sr. Moncada é, sem duvida, um homem de largo futuro. Tem feito tantos e tão assignalados favores a influentes politicos poderosos, que só se elles forem muito ingratos deixarão de o proteger com a sua omnipotencia.»

Desde que está provado que o governo está comprometido nos extraordinarios escandalos que se deram na companhia do Nyassa, só seria para admirar que o poder judicial procedesse desassombadamente. Vae se habituando tanto a dobrar a cerviz!

Haja vista ao que se deu com os celebrados accordãos sobre os impostos decretados dictatorialmente.

Vamos ter mais festas ás magestades. Agora são as Caldas da Rainha que se preparam, sob a direcção do governo, para dispendir grossas quantias na recepção do rei.

Para manifestações de regosijo sempre por meio das bandeirolas, musicas e foguetes, não ha paiz como Portugal. Um nunca acabar.

Assombroso

Dia a dia se alastra mais a onda de corrupção e de perversidade, que ha muito tempo invadiu as altas esferas do poder. Repetem-se sem cessar factos tão escandalosos como o da outra metade, do Cazengo, da compra de predios onerados, das promoções determinadas por exclusivo interesse do proprio ministro que as impõe.

Agora dá-nos o nosso valente colle-

ga a *Vanguarda* noticia d'um, que seria sufficiente para justificar a immediata expulsão do poder dos bandidos que tanto têm abusado d'elle, para praticar as maiores prepotencias e os mais revoltantes escandalos.

Transcrevemos:

«O sr. capitão de mar e guerra Marques da Silva tinha uma pessoa de familia implicada num caso grave. Esta pessoa estava presa a bordo do transporte *India*, e seguia o processo, quando um dia o sr. Ferreira d'Almeida, sem alçada para isso, mandou pôr pedra no processo e soltar o individuo preso. Depois d'estes factos, o sr. Marques da Silva foi agradecer ao ministro, e foi nesta occasião que este lhe disse: — Muito bem, agora tambem quero pedir-lhe uma coisa; como o sr. Marques da Silva sabe, faltam-lhe alguns mezes para atingir o limite da idade, e, apesar de ser o numero um da classe, não tem probabilidades de ser promovido, porque, ainda que se dê uma vaga, deve entrar um supranumerario. Portanto, peço-lhe que solicite a sua reforma.

O sr. Marques da Silva respondeu que não estava disposto a pedir a reforma, porque se achava ainda com forças para todo o serviço, e que isso o vinha prejudicar muito.

Então o ministro replicou: Pois então se o senhor se não quer reformar, eu mando prender o seu parente, logo que chegue a Cabo Verde ou a qualquer outro porto.

Colocado assim entre a prisão d'uma pessoa de familia ou a sua reforma, o pobre official optou pelo mal menor; comprometteu-se a pedir a reforma.

O sr. Ferreira d'Almeida esqueceu-se de que ás vezes as paredes têm ouvidos, e de que sua ex.^a fala muito alto. Desafiámo-lo, porém, a que negue, se é capaz, que as coisas se passaram assim, e pedimos-lhe que classifique este seu procedimento para com um official que tem 52 annos de serviço effectivo, que é condecorado com a Torre Espada, ganha em combate nos mares da China, um chefe de familia exemplar, um official seu superior carregado de serviços.

Para corroborar o que dizemos, temos a acrescentar que, segundo consta, este official declarou, quando foi presente á junta, que não tinha desejos de se reformar, mas que se vira obrigado a comprometter a sua palavra para o fazer, e que os motivos d'este facto os devia saber a junta, porque eram do dominio de toda a corporação da armada.»

A accusação é feita nos termos mais precisos e categoricos, e da gravidade do facto imputado ninguem, por um momento sequer, pôde duvidar.

Para se ver até onde chega a hediondez do facto que se attribue ao ministro da marinha, notaremos ainda que a pessoa, cujo nome invocou para se impôr ao sr. Marques da Silva, é um filho d'este.

Venham agora os desmentidos da imprensa, que, para esse effeito, deve ser largamente subsidiada. Já sabemos o que elles valem e o que significam. Ainda menos, que a limpeza que o ministro da marinha mandou fazer na sua secretaria.

Dr. Antonio Cabral

Deve chegar hoje a Coimbra este nosso amigo, distincto medico em Villa Franca do Campo, ilha de S. Miguel, e membro da commissão municipal republicana d'aquella villa.

Noticia um jornal allemão, sob reserva, que está gravemente enfermo o rei de Italia.

Nas eleições que acabam de se realisar na Inglaterra foram eleitos 308 unionistas, 75 liberaes, 42 irlandezes e 2 operarios. O partido liberal soffreu uma grave derrota, que é em grande parte attribuida ao facto de terem abandonado esse partido os endinheirados lords por causa do projecto de suppressão da camera dos lords.

Que as eleições na grave Inglaterra tambem custam muito dinheiro.

A insurreição de Cuba

São gravissimas, e cada vez mais symptomaticas do grau elevado de importancia que tem attingido a insurreição de Cuba, as noticias que de lá acacham de chegar a Hespanha.

Telegrammas de 19, recebidos em Madrid, dão informações terroristas e alarmantes da pessima situação em que se encontram em Cuba as tropas leaes. Num reconto de Martínez Campos, o *brav' général* de Sagunto e esperanza fanada da monarchia Hespanhola, um outro general, Santocilles, e mais alguns officiaes, morderam o pó do campo de combate e o proprio Martínez, o heroe de campanhas de poeira, teve de fugir a pés de cavallo. Este sustentaculo da monarchia e da ordem, que tão mal vae sustentado em Cuba o nome e o prestigio do seu paiz, está reclamando urgentemente de Hespanha milhares de soldados, e calcula-se que é necessario concentrar em Cuba cem mil homens!

Pelo que se vê, as noticias optimistas que os hespanhoes faziam correr mundo, e as hyperbolicas ostentações de heroicidade e prestigio com que enalteciam o nome de Martínez Campos, vão cahindo medonhamente num derruir constante, que ha de arrastar consigo essa personalidade sinistra e odiosa, que uma traição sangrenta arvorou em defensor d'uma familia reinante.

E' mais do que provavel, já, attenta a impotencia, não do brio hespanhol, que é heroico e que é nobre, mas do valor do general, que é baixo e que é charro, e, muito mais ainda, tendo em vista os recursos enormes de que dispõem os insurgentes, é mais do que provavel já, diziamos, que a preciosa Cuba, de que a Hespanha tanto se orgulhava, vae fugir ao dominio hespanhol, libertando-se, assim, da força extranha que a tem dominado.

Nem os milhares de soldados que têm Cuba erigida de baionetas; nem as centenas de contos, com que o heroe Martínez pretendia comprar os chefes insurgentes; nem os recursos colossaes que o guerreiro traidor reclama da metropole; nem os fuzilamentos infames e bediondos, em nome, não d'uma disciplina austera e rigida, mas d'uma indole sanguinaria e cobarde... nada porá dique á insurreição que avança, nada obstará a que se liberte Cuba.

Doe-nos como povo amigo e visinho que a Hespanha soffra a dolorosa perda do seu mais legitimo orgulho colonial; magoa-nos, sobretudo, o golpe profundissimo que está supportando o seu brio militar heroico, acendrado numa historia gloriosissima; collocamos, porém, acima de tudo, o direito incontestavel que cabe a qualquer povo, constituido e feito, de estabelecer a sua vida social autonoma e independente, elevando-se, assim, ao logar que de direito compete a qualquer paiz civilisado no concerto das nações.

Liberte-se, pois, Cuba; desfralde a todos os ventos a sua bandeira de povo livre, onde já palpita, nobremente, o sopro do seu heroismo... E' uma conquista respeitavel e alevantada.

E' arrastada atraz do seu carro triumphal, no dia da victoria, irá acorrentado á gargalheira da sua ineptia o heroe Martínez Campos, que na traição de Sagunto conquistou as estrellas de mantenedor da monarchia hespanhola.

Como cá

Falando da pessima situação em que se encontra o professorado primario em Hespanha, diz uma *chronica* do *El Imparcial* de Madrid:

«Segundo nos telegrapha o nosso correspondente em Malaga, nada menos que cinco mestre-escolas andaram nestes dias pedindo esmola pelas ruas d'aquella formosa cidade.

(Já d'isto demos noticia).

«Cinco professores esfaimados!

«Recomendamos este quinteto aos fornecedores de peças dos theatros á hora. Por certo, o *revistelo* que ponha em scena aquelles cinco personagens obterá palmas e dinheiro.

«Em Hespanha somos assim! delixamos morrer de fome os educadores

de nossos filhos e em troca fazemos chacota da sua miseria.

«Isto não obsta a que enchamos a bocca falando do sagrado ministerio do ensino, que ponhamos nas nuvens os nomes de Fröbel e Pestalozzi, e repitamos emphaticamente aquella celebre phrase de Castellar: — Quando os judeus queriam encarnecer Jesus, chamavam-lhe rei; quando queriam honral-o, chamavam-lhe mestre.

«Mas uma coisa é prégar e outra é dar pão. Temos dinheiro para indemnisar o libusteiro Mora; augmentamos o numero dos directores influentes... mas no que toca a pagar aos professores... estamo-nos nas tintas.

«Consequencia logica do systema de não pagar, é o que acontece em tudo o que se refere á instrucção primaria: as escolas das aldeias e muitas das cidades estão installadas em celeiros, sotãos e até em estrebarias; o material pedagogico bñlha pela sua ausencia; e nesses antros, como Ugolino na sua torre, o pobre professor deita aos discipulos olhares d'anthropophago.

«E, no entanto, estes heroes ensinam... não sei se grammatica, arithmetica, doutrina christã; mas de que elles ensinam muita coisa não ha duvida.

«E muitos d'elles não tem uma camisa.»

Exactamente o que cá se está dando. Ao mesmo tempo que se pagam enormes ordenados a quem nada faz; que se manda para Lourenço Marques o Lazarista Ennes a 50\$000 réis por dia como *commandante em chefe do exercito*; que se paga o ordenado de professor da Universidade ao sr. João Arroyo que está em Lisboa fazendo serviço junto de varias companhias, — dão-se miseraveis ordenados aos professores de instrucção primaria e fazem-se reformas no intuito de ainda obter mais economias.

E o que tem graça é que o jornal dos manos Arroyos, que transcreve tambem a passagem do *Imparcial*, concorda e commenta:

«O professorado primario do Porto ainda não chegou a tal extremo, mas... trabalha-se para isso.»

Quasi que chegamos a ter pena dos ministros!

Ha tanta ingratidão por este mundo!

O *Correio da Noite* diz muito gravemente que, se os concelhos e comarcas supprimidos não oppozerem resistencia á prepotencia governamental, ficarão mortos e para sempre. Nós tambem assim o cremos, mesmo porque estamos convictos de que o partido progressista, quando subir ao poder, ha de respeitar a grande obra realisada pelos seus antecessores.

Até o proprio decreto que estabeleceu o novo systema eleitoral ha de ser acatado por elle e posto em pratica com toda a *lealdade*.

Diz-se que ha esperanças de que seja creada pelo governo a aula de commercio que ha tempo pediu a Associação Commercial. Estimaremos que assim succeda, e que, uma vez creada, essa aula seja muito concorrida.

Foi muito bem recebida em Coimbra a mudança de horario do comboio mixto n.º 1, descendente.

Com essa mudança fica havendo entre o comboio descendente e o ascendente um intervallo de 5 horas approximadamente, que permite o regresso no mesmo dia a quaesquer pessoas que tenham de vir a Coimbra fazer compras ou tratar de outros negocios.

A diligente e zelosa direcção da Associação Commercial é digna de elogio por ter obtido mais este importante beneficio para Coimbra.

Acham-se nos Cucos, a uso de banhos, o sr. Manuel Gonçalves Pereira Guimarães, acreditado commerciante d'esta praça, e o sr. José Lourenço da Costa, illustrado escrivão d'esta comarca.

Carta de Lisboa

19 de julho de 1895.

Esta manhã o ministro da Russia encontrou-se commigo e disse-me furioso:

—O sr. anda a complicar a questão do Oriente e a querer revolucionar a Russia!

—Eu!?

—Sim sr. Eu lhe explico. Primeiro, fez com que ha dias partisse para a Russia um seu collega revolucionario, e as boas obras que elle fez pôde vê-las neste telegramma.

—Quaes boas obras? Quem é esse meu amigo?

—O sr. sabe quem elle é; agora as boas obras aqui as tem: «Morreu o sr. Stambuloff, que ha dias foi atacado a tiros e cutiladas por tres mysteriosos conspiradores.»

—Mas que tenho eu com isso?

—Que tem? Ainda m'o pergunta! O sr. sabe melhor do que eu as deliberações que toma com certos correligionarios seus. Os factos, de resto, são d'uma evidencia incontestavel. A chegada do seu amigo a Sofia precedeu 12 horas o assassinato de Stambuloff. O seu amigo escapa-se, não ha documentos, mas nós sabemos quem elle é. O seu nome circula por todo o paiz.

Calei-me comprometido, pois não sabia como provar a minha innocencia depois de ver que tudo se conspirava para me fazer complice de manejos para mim desconhecidos.

—Demais, disse o ministro da Russia, o sr. anda ligado com os nihilistas.

—Eu!

—Sim, o senhor! Aquelle seu amigo, de que lhe falei, foi enviado com cartas da maçonaria para os mais terribes revolucionarios.

—Mas se eu não sei quem elle é?

—Não sabe? E não sabe tambem para que publicou aquella carta dos estudantes russos aos seus camaradas francezes, na *Resistencia*?

—Oh! sr. ministro, mas foi um passatempo; aquillo vem num livro de Tolstoi.

—Vem, sei que vem no livro d'esse sr. Tolstoi, que me saiu tambem um exaltado insupportavel. Mas a publicação d'ella em portuguez obedece a planos já conhecidos da policia russa e do cabo Morgado da policia portugueza.

—Sr. embaixador, v. ex.^a está a disfructar-me?

—Não sr., estou a avisa-lo de que tudo se sabe e de que não deajo, porque o estimo, que as suas imprudencias o compromettam. O sr., demais a mais, tem a mania de provocar questões internacionaes. Olhe a guerra dos makololos! Enfim, adeus e seja menos rapaz.

—Adeus, meu amigo.

Contei isto ao Madureira, que me disse gravemente: Eu bem te aviso. Provocas dissensões civis, internacionaes, o diabo! Rapaziadas. Faz-te homem de bom senso. Olha o conselheiro Accacio. Que feliz marmanjo!

J. M.

Foi indeferida pelo governo o pedido dos alumnos do 2.º anno da faculdade de Medicina para serem dispensados dos exames de grego e allemão.

Musica regimental

Hoje, das 8 ás 10 horas da noite, no Caes das Ameias.

Programma:

Trovador—Duetto (Verdi).

Rigoletto, *Scena e Cavatina* (Verdi).

La Nuit—Grande Valsa (Metra).

La Cesarina—Mazurka Russa (Lois Ganne).

2.ª PARTE

Lucia de Lamermoor.—Final do 2.º acto (Donizetti).

Polka—Rodrigues.

Passo Dobrado.

Carne de vacca

Referem os jornaes da Figueira que a maior parte dos talhos baixaram já, alli, o preço da vacca de 220 para **200 réis**.

E ainda, aqui, os senhores camaristas estão atados! Ainda, nesta cidade cheia de miseria, se paga a **280 réis** cada kilo de carne de vacca!

Julgarão os illustres senadores que deitam poeira nos olhos do povo com a sua *comissão de tres membros incumbida de averiguar as condições do mercado bovino?* Não saberão que, por ahí, á bocca cheia, se insinua que *nada querem fazer contra o monopólio dos marchantes colligados para nos explorarem?*

É preciso erguer bem alto o protesto, fazer bem sonoras as censuras a uma administração municipal, que permite sejam diariamente *fraudados em 60 a 80 réis* por cada kilo de vacca comprado. É urgente que a população se revolte contra este longuíssimo e ignobil emcobrimento d'uma infame exploração.

Aveiro e Figueira, onde os marchantes pagam eguaes ou maiores impostos camararios, têm vacca a **200 réis**. Porque a não terá também Coimbra? Porque havemos de consentir no empobrecimento de tanta gente, só para que medrem com rapidez alguns marchantes?

Ponha a camara d'uma vez e sem detença cobro a tal infamia, aliaz o povo fará justiça por suas mãos desmascarando os exploradores e os que os encobrem gananciosamente, — e recorrerá, como já se alvitra, ao expediente de mandar vir a vacca de Aveiro ou Figueira, pois vale mais dar ganho ás linhas ferreas que a quatro ou cinco insaciaveis exploradores.

Voltaremos, se nos obrigarem, ao assumpto; e a camara, então, terá que ouvir.

A Faculdade de Theologia resolveu abrir concurso por 60 dias para o preenchimento de duas vagas de lentes substitutos na mesma Faculdade.

Hontem e hoje repetem os amadores do Theatro de Gil Vicente a oratoria do *Tharumaturgo ou Santo Antonio de Lisboa*.

Como já dissemos, o desempenho merece muitos applausos.

Reuniu-se na terça feira a congregação final da faculdade de Theologia, votando as informações ao doutor e bachareis formados da mesma faculdade, e as classificações seguintes:

INFORMAÇÕES—Dr. Joaquim Mendes dos Remedios, M. B. 17.

Bachareis formados:—Antonio Gonçalves Carteador Monteiro, S. 10; Joaquim Coelho Pereira, B. 11; José Ferreira Gomes de Pinho, S. 10; José Jorge Domingues Mariz, B. 12; José Pereira da Costa, S. 8; Manuel Gomes da Silva

Ramos, B. 11; Manuel José dos Santos Farinha, B. 12; José Marques Rito e Cunha, S. 9, e José d'Oliveira, B. 12.

CLASSIFICAÇÕES—1.º anno—José Joaquim da Silva, *distincto*.

2.º anno—Augusto Joaquim Alves dos Santos, *accessit*.

3.º anno—José Alves Correia da Silva, *accessit*.

5.º anno—José Jorge Domingues Mariz, Manuel dos Santos Farinha e José d'Oliveira, *distinctos sem graduação*.

Acha-se gravemente doente o nosso correligionario Germano d'Araujo, membro da Comissão municipal republicana d'esta cidade, e habil director das officinas de carruagens do sr. Manuel José da Costa Soares.

Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

Está em Coimbra, fazendo serviço nos actos do 5.º anno da Faculdade de Philosophia, o conselheiro Bernardino Machado, par do reino pelo collegio scientifico e grão mestre da maçonaria portugueza.

Concluíram as provas do concurso para os logares vagos na faculdade de Medicina, sendo unanimemente approvados, os srs. drs. Lucio Martins da Rocha e Francisco José da Silva Bastos.

Em todas as provas que deram affirmaram mais uma vez, ambos os concorrentes, o seu vigoroso talento.

O ultimo numero do *Mundo legal e judiciario* traz o retrato e dá um esboço biographico do talentoso professor da faculdade de Direito e nosso nosso presado amigo, dr. Antonio Lopes Guimarães Pedroza.

Exames de Grego

Os alumnos do 5.º anno da faculdade de Philosophia, apesar de haverem requerido ao governo para que os dispensasse do exame de grego, e de ter sido deferida a sua pretensão, fizeram todos o referido exame.

Ficou distincta Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho; e approvados Pedro Joyce Diniz, Angelo Rodrigues da Fonseca, José Luiz d'Andrade Mendes Pinheiro, Thomaz Alexandre d'Oliveira Lobo, Manuel Gomes Filipe Coelho e Antonio Affonso Maria Vellado.

Escola Industrial Brotero

Fizeram exame nesta escola, ficando approvados, os seguintes alumnos:

QUIMICA INDUSTRIAL

3.º anno—Antonio Baptista Leite de Faria, Carlos Leite Monteiro, Virgilio Affonso da Silva Pinares e Manuel José Marques.

A criancinha pôz-se a tremer como um vime.

—Eu não torno a fugir, nunca mais!... Mas partamos!...

Nessa tarde, quando a familia se achava reunida, Miguel e Jenny viram com espanto a attitudo da sua criada.

A pequena duqueza tinha deixado de chorar, as suas feições alteradas não tinham animação; os seus olhos azues, tão doces ainda de vespera, na sua expressão dolorosa, tinham agora uma cor fria. Quando lhe diziam: «Faze isto!» ella fitava;—«Faze aquillo!» fitava ainda. Depois obedecia, sem dizer uma palavra.

Uma ou duas vezes, Jenny dirigiu-lhe a palavra, como quem queria entabolar conversa. Ella, porém, respondia sempre com um *sim* ou um *não*.

Então, Jenny deixava de a interrogar.

—E' orgulhosa! dizia Miguel.

—O que não a impede de comer o nosso pão! respondeu a megera.

A pequena duqueza, que naquelle momento devorava um bocado de pão que lhe haviam atirado, retirou-o da bocca. Hesitou um momento. Mas, depois continuou a comer.

Na segunda noite a fadiga venceu-a. Adormeceu apenas se deitou.

Ao despertar tornou a pensar no seu destino.

Os dias succediam-se aos dias; as

Dr. Fernandes Costa

A esposa d'este nosso querido collega de redacção, acaba de dar á luz uma galante menina, que, juntamente com o Joãosito, o Chico, e o illustre D. Manuel, filhos dilectos do nosso amigo, deve suavisar a lucta intempestiva da vida a este pae amantissimo.

Um aperto de mão ao nosso talentoso camarada.

Festividade

Em Santo Antonio dos Oliveas houve hontem á noite fogo preso, tocando a philarmonica *Boa-União*. Houve grande concorrência.

Hoje celebra-se na egreja a festividade de Nossa Senhora das Dores, havendo de manhã missa cantada a voz e instrumental, e sermão pelo rev.º prior de Castello Viegas, e de tarde *Te-Deum* e sermão pelo rev.º prior da freguezia, e em seguida sairá a procissão.

Actos na Universidade

Nos dias 19 e 20 fizeram acto, ficando approvados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—Antonio da Costa Godinho do Amaral, Alfredo Telles de Sampaio Rio, Amadeu Leite de Vasconcellos, Augusto Cesar de Mattos Azambuja, Antonio Francisco, Patricio Eugenio de Mascarenhas Judice.

2.º anno —(*Economia Política*)—Fernando Alfonso Leal Gonçalves, e Bernardo de Aguiar Teixeira Cardoso.

4.º anno—Manuel Pinto Pimentel, Maximiano Maria d'Azevedo Faria, Miguel Correia Carneiro, Plinio Gomes Vianna, Rufino Cesar Osorio Junior e Sebastião Ferreira de Carvalho.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—Albino Augusto Pacheco, Augusto de Sousa Rosa, Joaquim Navarro Marques de Paiva.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.º anno—Antonio Pereira de Sousa Neves, Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, João Salema de Sousa Azevedo e Faria Carvalho Pereira e João Sebastião Egas d'Azevedo e Silva.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

5.ª cadeira —(*Physica 2.ª parte*)—Luiz Vasques da Cunha Braamcamp de Mancellos, Carlos Braamcamp Freire, e Manuel José Vaz Leitão Saraiva, José Carlos de Barros, Manuel de Lucena, Mario Negrão de Vasconcellos Monterozo Antonio Rodrigues da Fonseca.

6.ª cadeira (*Zoologia*)—José de Mattos Sobral Cid, e Mannel de Mello Nunes Gerales, Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho, e Jayme Constantino Ferreira Leal.

7.ª cadeira (*Mineralogia*)—Jorge Soares Pinto de Mascarenhas, Fiel da Fonseca Viterbo.

decadas ás decadas, e a pequena duqueza, silenciosa, continuava a servir os operarios.

Miguel saia ordinariamente de manhã; a pequena Jenny,—depois de pentear, lavar e vestir o irmão—salia tambem. Henriqueta ficava só com a Combat e o pequeno.

Algumas vezes, findos os arranjos domesticos, assentava-se, trabalhando em alguma obra grosseira, junto da mulher do arrabalde, que habitualmente fazia meia.

Trabalhavam ambas, sem se olharem e sem dizerem palavra. Ás vezes, involuntariamente, encontravam-se os seus olhares. Então fitavam-se. Os olhos da megera exprimiam colera:—Filha d'um biltre, não terei o prazer de ver o fim dos teus dias?...

A outra, fria e feroz, respondia:

—Não.

—Então esmagar-te-ei!

—Pode fazel-o; mas eu desprezo-a!

A Combat levantava-se bruscamente. Apontava-lhe com o dedo algum pesado fardo para arrumar, algum serviço degradante para fazer. Henriqueta pegava no fardo, e fazia o serviço. Assentava-se em seguida, e o duello silencioso entre a criancinha e o seu carrasco começava de novo.

O filho da megera era um gordo e bochechudo rapaz, que nunca tinha

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 11 de julho de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto de Almeida Araujo Pinto—vice-presidente.

Veredores presentes: João da Fonseca Barata — João Antonio da Cunha — Manuel Miranda — Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos; e José Correia dos Santos, substituto.

Approvou a acta da sessão anterior.

Nomeou uma commissão de tres vogaes para fazer o estudo necessario acerca das disposições do decreto de 27 de junho, que modifica outras anteriores sobre instrucção primaria.

Mandou orçar a despeza a fazer com a canalisação d'aguas até o porto dos Bentos, na estrada da Beira.

Attestou acerca de um requerimento para a concessão de um subsidio de lactação a um menor.

Informou uma reclamação ao recrutamento pedindo a dispensa de um mancebo.

Mandou annunciar a arrematação em praça de trabalhos do alteamento do rocto de Santa Clara na extensão de 41,240, entre a estrada districtal de Coimbra a Penella e a casa de Augusto Luiz Martha, junta á estrada real de Lisboa—orçamento de 488,260 réis.

Approvou um orçamento para a abertura de uma valia de exgoto ás aguas de um poço que existe em terrenos do asylo de Celas —na importancia de 64,900 réis.

Resolveu fazer descontar o vencimento de tres dias ao vigia dos impostos n.º 14, por se ter retirado algum tempo do respectivo posto fiscal.

Resolveu pedir ao chefe do districto para reiterar perante o Governo o pedido feito para o pagamento do subsidio para o asylo de Celas e das despezas feitas com a conservação e limpeza do edificio do Governo Civil.

Mandou annunciar a feira de S. Bartholomeu para o proximo mez d'agosto.

Autorisou a acquisição de mais sessenta pastas para conservar documentos no archivo da municipalidade.

Autorisou a presidencia a providenciar convenientemente acerca da execução d'obras particulares, sem a approvação dos respectivos alçados.

Mandou annunciar de novo a venda de terrenos na quinta de Santa Cruz.

Approvou o rol de lançamento da contribuição de serviço para o corrente anno, mandando annunciar a sua exposição para o effeito de reclamações.

Autorisou alguns pagamentos e onze contractos de avença sobre impostos indirectos.

Despachou requerimentos, concedendo licenças a alguns empregados, durante o mez de d'agosto, attestando acerca do comportamento moral e civil de diversos individuos e autorisando exhumações de cadaveres no cemiterio da Concheda, canalisações de exgoto d'agua para os e-nos geraes das ruas da cidade, a vedação de um predio fronteiro ao edificio da Penitenciaría na estrada de Celas, mediante obrigações impostas ao proprietario; a demolição de uma casa em Souzaes e a sua reconstrução, sujeitando-se o proprietario, ao alinhamento determinado, sem occupação de terreno publico; a construção de um predio ao fim da rua da Sophia, segundo o alçado approved para a respectiva fachada; e a construção de uma presa para repa, na valia do Mogo na freguezia de Vil de Mattos.

Bibliographia

O numero da *Revista Theatral* que acabamos de receber insere o seguinte:

Origens do theatro portuguez, por Theophilo Braga.

Revista dos theatros — Theatro D. Amelia: Companhia italiana de Dora Lambertini, por J. M.

Recitas e concertos — O *Ernani*, por amadores.

feito mal a uma mosca; mas os filhos, como os macacos, imitam tudo. Vendo tratar a criancinha como uma criada, tratava a assim tambem; dava-lhe ordens e gritava-lhe: «Traz-me isto!» Fazia de senhor. Aos seis annos tinha exigencias de criação de berço e chorava quando ella tardava um minuto em obedecer-lhe.

Um dia em que a Combat tinha saído, e em que elle começou a insultar Henriqueta, esta aproximou-se d'elle e, friamente, deu-lhe uma bofetada.

—Eu direi a minha mãe!

Ella deu-lhe outra bofetada.

Então elle calou-se.

Á tarde, ella esperou.

Mas elle nada disse.

X

A DECADE

O dia em que estavam era o ultimo da Decada. A Revolução tinha applicado ao calendario o systema dos pesos e medidas, havendo apenas, em cada dez dias, um de descanso. É verdade que no fim do anno se descansava durante cinco dias seguidos, para compensação. Os novos domingos eram consagrados com uma certa solemnidade.

Desde pela manhã se ouvia o estrondo da artilheria, despertando os patriotas. Ás oito horas, as guardas

Questões do dia—Uma campanha (As campanhas estrangeiras) VI.

Correspondencias—De Paris, por Garcia de Miranda.

O theatro na sala — Historia d'um cão, por Luiz Guimarães.

Curiosidades—O theatro nautico; por Charles Magnin.

Bibliographia — El-rei, Santo Antonio, Os Filhos do Fidalgo, Imprensa Theatral Estrangeira, por Lector.

Investigações—D. Ignez de Castro, por Silva Pereira.

Neerologia—Suppé, Amaro, Emilia Letroublon.

Varietades.

Bibliotheca Dramatica—«Jacunda» comedia original de Abel Botelho — Acto I, scenas III a VI (fl. 2).

Revista das Escolas, anno 1.º, n.º 18, cujo sumario é o seguinte:

Secção scientifica—vascular portugueza.—Quadro dichotomico para a determinação das familias.—O futuro congresso do professorado primario portuguez, por M. J. Corrêa.—Investidura magonica.—A. F. M. — **Legislação escolar**—Portaria de 6 de julho, approvando o quadro do pessoal docente e auxiliar e do pessoal menor das escolas primarias, centraes e parochiaes de Lisboa constante da relação que da mesma portaria faz parte.—Despachos pela direcção geral da instrucção publica.—**Movimento escolar**—Mais beneficios ao professorado primario.—O ensino religioso nas escolas.—O estado da instrucção primaria.—**Outras noticias**.—**Correspondencia**.—**Chronica da semana**.

Revue des Journaux et des Livres

11.º anno

Recomendando aos nossos leitores esta excellente revista hebdomadaria, prestamos-lhe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e a mais interessante da nossa epocha. Reproduce em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros:—*Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romanças, etc. etc.*, bem como numerosas gravuras d'actualidade: retratos, acontecimentos do dia, etc.

Em folhetins publica a *Revista* dois romances d'um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a *Revista* e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

A collecção dos 10 primeiros annos da *Revue des Journaux* contém mais de 4000 novelas litterarias e contos diversos, assignados pelos mais illustres escriptores, e romances completos de Alphonse Daudet, Henri Rochefort, Octave Feuillet, Ludovic Halévy, Hector Mallot, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Emile Zola, etc., etc. A collecção composta de 10 magnificos volumes de 825 pag., contendo materia de mais de 100 volumes, solidamente encadernados, vende-se a 14 francos o volume.

Brindes—Um retrato a oleo, do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 francos, á escolha; um de 2 fr. e 50 c., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente.

Assignatura—Seis mezes, 8 fr.; um anno, 14 fr. Assigna-se:—1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes-Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio de saque sobre uma casa de Paris.

Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo o porte.

Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, Administrador, 43, rue Cujas, Paris.

nacionaes e os 6:000 homens do pequeno exercito de Paris reuniam-se para a parada e exercicio. Os *matres*, os ajudantes, os officiaes municipaes vestiam os seus uniformes de gala. Nas ruas viam-se apenas *Carmagnoles*, barretes encarnados, penteados polvilhados, calças de linho ás riscas cor de rosa e brancas, casacos castanhos e azues com botões de aço, gibões brancos com grandes barras, bandas e faços das cores nacionaes.

Em cada quarteirão, uma densa da Ração, de vestido azul com estrellas de prata, symbolisava a immensidade e eternidade da materia. Á frente do cortejo vinham mulheres e homens, abraçar o choupo da Liberdade.

A procissão penetrava no templo e, diante da deusa assentada sobre o altar, os fleis,—segundo o costume antigo,—entoavam còros. Os cantos eram divididos por secções moraes: havia o da velhice, o da juventude e o da infancia. Nesse momento as mulheres levantavam os filhos no ar, e os guerreiros apresentavam armas. Um hymno em honra do Ser Supremo se elevava até ás abobodas, enquanto as chammas das caçoulas dos perfumes illuminavam o altar com clarões azulados.

Os cidadãos reuniam-se, em seguida, em banquetes civicos, cujo prego variava de sete a quatorze soldos.

(Continúa).

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

IX

A PEQUENA DUQUEZA

A Combat parou diante da porta do corpo da guarda, no limiar da qual os *sans-culottes* jogavam as cartas, e, aperiando fortemente a mão da pequena duqueza, disse:

—Vês esta casa? É' uma prisão, a prisão de S. Lazaro. É' alli que está preso o teu João por ter gritado: «Viva o rei!» Toma bem sentido nisto!...

E a Combat,—que não dava um passo de balde—desceu o arrabalde e dirigiu-se para a praça da Revolução.

O carrasco descascava neste dia, mas a sinistra machina continuava erguida no meio da praça deserta.

A pequena duqueza fechou os olhos para a não ver.

—Ah! reconheces o logar! Eu trouxe-te aqui de proposito. É agora toma bem sentido no que vou dizer-te: Teu pae morreu aqui; e o teu criado morrerá tambem se tu algum dia fugires do nossa casa!

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal.

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Crítica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço 1.000 réis

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarías.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

Caldeira da Silva

CIRURGIÃO-DENTISTA

Participa aos seus clientes que acaba de contractar um empregado, especialista na collocação de dentaduras artificiaes e com longa pratica na America, podendo por isso garantir, a par da modicidade de preço, perfeição e solidez em todos os trabalhos de prothese dentaria, executados no seu gabinete.

Colloca dentes artificiaes, em todos os systemas conhecidos, desde um até dentadura completa.

Operações de cirurgia dentaria e tratamento de molestias da bocca.

Serviço gratuito aos pobres, bem como a creados e creadas de servir.

Rua Ferreira Borges, 174, esquina do largo do Principe D. Carlos.

ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

Casa com quintal

16 Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Arrendamento

15 Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

Trespasse

14 Antonio dos Santos Pereira, trespasa ou arrenda o seu estabelecimento de mercearia e taberna sita no largo das Ameias, (por baixo do hotel Mondego) com frente para o mesmo largo e para a rua da Solla.

O motivo do trespasse é por ter outros negocios a tratar e não poder estar á testa d'elle.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

13 Útil nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Arrenda-se

12 Do S. Miguel de 1895, em diante, a casa n.º 1, na rua das Colchas, com frente para o paço do Bispo; bem como, as respectivas lojas. Tem boas commodidades

Para tractar, com Joaquim Augusto Precês Diniz, rua Visconde da Luz, n.º 72 — Coimbra.

ESCRITURARIO

11 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á Casa Havaneza, onde lhe serão prestadas todas as informações.

POMADA DO DR. QUEIROZ



10 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

9 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Arrenda-se

8 2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

Vinho de meza sem composição

7 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Deposito de enxofre e sulphatos de cobre, com grande desconto para revender.

Pulverisadores «Fíguro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

6 MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

ESTAÇÃO DA MODA

DOMINGOS JOSÉ GOMES

102, Rua do Visconde da Luz, 106

COIMBRA

5 Acabam de chegar a esta casa:

Chapeus redondos para senhoras e crianças.

Ditos capotas, ultimos modelos.

Fazendas proprias para vestidos.

Capas romeiras, a principiar em 15000 réis.

Meias e piugas de fio de escocia.

Voiles, tanto liso como em ramagem.

Zephtires, muito chics.

Fazendas enfeitadas para vestidos, a principiar em 240 réis.

Sombrinhas, para senhoras e crianças.

Eucarrega-se de mandar lavar luvas, pelo preço de 160 réis.

Enviem-se amostras a quem as pedir.

ARRENDAR-SE EM CONTA

4 Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente.

Mont'arroyo, 103, se trata.



AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 46

3 Roupas completas para homem, de 55000 réis para cima!

Alta novidade!

Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24

COIMBRA

2 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

Vinho verde

1 Especialidade em vinho verde de Amaranthe.

Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho

COIMBRA

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno 25700

Semestre 15350

Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 25400

Semestre 15200

Trimestre 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 15200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear—e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarías e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 45

COIMBRA — Quinta feira, 25 de julho de 1895

1.º ANNO

Instrução publica Instrução primaria

III

Il y a deux politiques : s'attacher à ce qui est connu, expérimenté, et, si, malgré soi, on s'en est écarté, y revenir, politique rétrograde; chercher le nouveau et le meilleur, politique du progrès.

J. SIMON.

Falta de seriedade, ausencia completa de principios definidos, carencia absoluta de idéas, bem determinadas, claras e precisas, processos tortuosos, a pedirem cauterio energico, a hypocrisia mais refalsada, em tudo e por tudo, nos negocios internos como nas relações externas: eis os caracteres predominantes, essenciaes, e porventura unicos, do nosso systema politico — cheio de contradicções e de perfidias — e da nossa administração publica — inquinada, absolutamente compromettida, totalmente vilipendiada, pelo *morbis* syndicateiro, que por completo nos escravisa e humilha, e simultaneamente nos depaupera e enivela, aos olhos do mundo civilizado.

Liberaes na opposição, sobretudo quando a gamella orçamentaria se lhes afigura muito difficil de atingir, proclamando então como legitimas e inadiaveis as mais largas reivindicações democraticas; reaccionarios até ao despotismo, humildes e servis até ao ridiculo, quando as instituições os acariçam, deixando-lhes caburgar em socego o osso do poder; ora altaneiros, atrevidos e indisciplinados, rugindo como tigres, ao verem escapar-se-lhes a ambicionada presa; ora timidos, submissos e supplicantes, rojando-se ante os degraus do throno, quando este lhes parece disposto a condeor-se das suas *desgracas*; sem idéas definidas, a respeito do mais insignificante problema social; sem orientação scientifica, que os habilite a decretar medidas de largo folego e de reconhecido alcance moral e economico; sem probidade governativa, que os liberte a elles e liberte o paiz da tutela humilhante a que todos têm estado submettidos; sem outra bussola a dirigi-los, que não sejam os interesses proprios e os dynasticos: os nossos politicos de cutilique — uns estadistas tão legitimos e authenticos como o sceptro dos reis de Yvetot — vogam sem cessar á mercê do acaso, isto é, ao sabor das conveniências palacianas, de todo alheios a outros quaesquer interesses, além dos da propria conservação e das carcomidas instituições, com as quaes se abraçam intimamente, a ver se ellas podem cobrir-se e cobri-los com aquelle celebre e celebrado manto, que o paiz todo tão bem conhece. . . Abundam infelizmente as provas, ao mesmo tempo demonstrativas e convenientemente elucidativas d'estas verdades que acabamos de enunciar.

Convém, por exemplo, apparentar idéas de descentralisação, de alargamento das franquias populares? Convém, num dado momento, fingir amor desvelado pela instrução publica, para illudir a ignorancia do paiz e os estrangeiros de boa fé, que estudam as nossas instituições escolares nos grossos volumes da nossa legislação? É cousa facil. Não importa saber se quem governa tem ou não auctoridade moral, pela escola politica a que diz pertencer e a que tem ligadas as suas responsabilidades, para executar o plano que nas altas regiões se imagi-

nou com o fim unico de ludibriar o publico. A questão é simplesmente de saber se convém ou não convém aos interesses strictamente dynasticos que este ou aquelle plano se execute. O resto é de pequena importancia para os nossos politicos de pechisbeque.

E assim é que, contra os principios mais elementares do decoro politico, da logica e do bom senso, não é o partido que se diz liberal, mas sim o mais genuinamente conservador que, um bello dia, nos presentea com leis quasi de suffragio universal, com uns codigos inspirados nos principios da escola liberal e democratica!

Mas, pouco depois, a necessidade, real ou apparente, d'uma tal ou qual transigencia com as tendencias manifestadas da época, havia desaparecido, na opinião dos dirigentes; já não era preciso afivelar a mascara da hypocrisia; e por isso, julgando o momento opportuno e a monção favoravel para o movimento de retrocesso, lançou-se fóra aquella mascara e entrou-se abertamente no caminho da reacção.

E—cousa singular!—com o mesmo respeito pelos principios da logica e da moralidade politica, com uma incoherencia de pasmal, quem se presta a executor do novo plano de regressão ao passado são exactamente aquelles que mais abertamente se apregoavam como paladinos da causa popular e com ella se diziam absolutamente identificados! Esquece-se tudo quanto se havia apostolisado durante um bom quarto de seculo, unicamente para se ter a gloriola de *governar com o paço*, em vez de se governar *com a praça*, como era justo que se governasse! E esse primeiro ensaio de politica palaciana foi a ponte lançada imprudentemente, senão subservientemente, entre dois extremos, afim de se dar passagem franca á reacção que ali se ostenta triumphante!

E no terreno particular da instrução publica, em que pretendemos encerrar as nossas considerações, as incoherencias, as contradicções, as perfidias, são talvez ainda mais revoltantes. Esta politica insidiosa, vésiga, tortuosa, perfida, hypocrita, que se tem assignalado tão deploravelmente na administração publica, em geral, muito mais em evidencia se nos apresenta neste capitulo da instrução publica, como teremos occasião de avaliar.

Com a suppressão das conferencias de professores procedeu-se perfeitamente em harmonia com os principios de moral politica que temos posto em relêvo. Demonstrá-lo-hemos.

Como se provára, por factos eloquentissimos que não por palavras, que as conferencias eram d'uma utilidade absolutamente indiscutivel, sob todos os pontos de vista por que possamos encara-las; como o ensino ia melhorando d'um modo nunca imaginado, e como o professorado se ia educando convenientemente, adquirindo um valor, um prestigio que podia convertê-lo num elemento poderoso a que seria necessario attender: a sua condemnação foi logo decretada. E para começo d'essa bella obra, nada melhor podia encontrar-se do que annullar-lhe um dos seus elementos de maior valia. Por conseguinte foi resolvida nos conciliabulos governamentais a suppressão das conferencias.

Como, porém, seria descobrir demasiadamente o jogo arcar com ellas de frente, mais uma vez se pozeram em acção os processos habituaes da nossa politica. Não propoz o governo a suppressão das conferencias, nem

abertamente tal suppressão se faria. Adoptou-se um processo que produziria o resultado que se desejava, sem que o malevolo designio ficasse bem em evidencia.

No projecto que depois se converteu na lei de 9 d'agosto de 1888, nem sequer se alludia ás conferencias; mas, quando elle se discutia, dois Iscariotes quaesquer encarregaram-se da execução do tenebroso plano. Propozeram, por isso, um artigo adicional (o artigo 10.º), pelo qual se declarava *meramente facultativa das camaras municipales a despeza com as conferencias*. E a comedia estava tão bem ou tão mal ensaiada que o relator do projecto, sem ouvir nem o governo, nem os seus collegas, declarou immediatamente que accitava a emenda proposta, sem ao menos fingir que desejava estudá-la, pedindo que ella fosse enviada á respectiva commissão! . . .

Foi isto numa sessão nocturna, porque é de noite que se commettem os grandes attentados. E essa ruim obra, esse grandissimo attentado contra a instrução primaria, não podia ser praticado á luz do dia.

E' bem de ver—o plano havia sido admiravelmente combinado—que declarada facultativa a despeza com as conferencias, difficilmente poderiam tornar a realisar-se. Os professores sem subsidio, pela mesquinhez dos seus vencimentos, não podiam concorrer, e com a subservencia das camaras, contava-se absolutamente. Como, porém, uma ou outra, dedicada ao ensino popular, como ainda succedeu, poderia recalcitrar, intercedendo no seu orçamento a verba necessaria para occorrer á despeza com as conferencias, tomaram-se logo todas as providencias possiveis para que o plano destruidor vingasse por completo. Onde quer que as camaras reagissem — e isso succedeu em alguns concelhos — lá estavam as commissões tutelares com o cutello afiado, para secundar e completar o plano governativo. . . .

Isto é edificante, mas nós ainda havemos de ver cousas muito melhores.

Hypocritas e ineptos

O *Correio da Noite* não quiz publicar uns telegrammas falsos, que, ácerca do regosijo popular nas Caldas, tem inserido o *Diario do Governo*, a *Tarde* e mais dois ou tres pasquins. D'ahi resultou ter a *Tarde* enderegado rijas censuras ao órgão progressista e elaborado a sua prosa de modo que agradasse ao rei.

Em resposta, o *Correio* chegou hoje dizia o seguinte:

«As censuras não nos conseguiram incomodar. A *Tarde* julga que o melhor meio de conservar para o governo os affectos da corda, está em malquistar esta comosco, desvirtuando os nossos actos e intenções. Continúe no seu caminho e creia que é fazer bem mau juizo do espirito d'aquelle a quem tanto quer agradar, suppondo que se perturbará com as suas *habilidades*.»

Já alguém viu inepta mais vergonhosa? Pois um jornal d'esta ordem não tem a coragem dos seus actos e ousa praticar baixezas tão indignas, só para que o rei não se descontente com os progressistas?

Ah! que — se a opinião erguer uma força para nella morrerem, de cara descoberta, os regeneradores que têm traçoado a patria, menosprezados os direitos populares e offendido a nação na sua honra,—uma enxovia immunda deverá também ser preparada para, ignobilmente, nella morrerem de fome, de frio e de podridão aquelles progres-

sistas que, hypocritamente, têm praticado e estão promptos a praticar as mesmas infamias, dando-se, porém, ares de que são honestos e liberaes!

E que, se causam horror os bandidos que, frente a frente, nos assassinam, infundem pavor aquelles que, pelas costas, nos atraçoam, enquanto, cara a cara, fugem achar justiça em todos os nossos brados de vingança, e querem fazer-nos acreditar que estão promptos a partilhar da nossa indignação!

Mais uma prepotencia

Noticia um jornal do Porto :

«O sr. governador civil não permite que se realice a manifestação, projectada para domingo, em honra de Guilherme Braga. O sr. conselheiro José Novaes apenas consente que vão pequenos grupos collocar cordões ou bouquets sobre a campa do illustre poeta, sendo prohibidos os discursos.»

É assim que se garante aos cidadãos a livre manifestação das suas opiniões! É assim que o governo do rei respeita as garantias que se acham consignadas na nossa lei fundamental!

Não é decorrido um mez desde que em Lisboa se fizeram, sob pretexto de festejar o centenario de Santo Antonio, as mais reaccionarias affirmações num congresso a cuja sessão inaugural assistiu um representante do governo, e que nas ruas da capital se ostentaram, em palhaçadas tão atrevidas como ridiculas, vis exploradores da idéa religiosa. E o governo não se limitou a permitir essas manifestações; protege-as, adeantou avultadas sommas e activa o nosso exercito.

Vivamente atacadas essas manifestações e o proceder do governo pela imprensa liberal, tanto monarchica como republicana, a *Tarde*, órgão officioso do governo, veio declarar muito solemnemente que o governo era liberal e portanto tolerante; que não se opporia a realisação do congresso catholico e das outras manifestações jesuiticas, do mesmo modo que não se opporia a qualquer congresso socialista.

Não tendo razão alguma que justificasse o seu procedimento, o governo, em flagrante opposição com o seu passado, falseando completamente o papel que desempenhara nos festejos antonios, pretendeu hypocritamente abrigar-se sob a capa da tolerancia politica, fazendo publicar no seu jornal que garantiria, dentro da ordem, a livre manifestação de quaesquer idéas.

Conhecendo os sentimentos dos politicos que, para nossa vergonha, tão miseravelmente e ignobilmente como criminosamente estão dirigindo os destinos da nação, não podiamos de modo algum acreditar na sinceridade do governo ao mandar fazer pela sua imprensa assalariada tão extraordinaria asserção.

Embora porém não fosse sincero, cumpria ao governo, se nelle existisse qualquer vislumbre de dignidade e de coherencia, garantir aos liberaes que livremente manifestassem as suas idéas. Não succede, porém, assim.

Ao mesmo tempo que permite que os jesuitas affrontem impunemente os sentimentos liberaes dos cidadãos; que por manifestações ridiculas alardeiem a sua pretendida força, prohibe que se faça junto do tumulo que encerra as cinzas d'um grande poeta, d'um cidadão eminentemente liberal, uma manifestação pacifica!

Perante tão ignobil procedimento, em face de taes prepotencias, é necessario que os espiritos liberaes se congreguem para de vez se libertar a nação da nefasta e ultrajante acção d'este governo, que parece apostado a fazela soffrer as maiores affrontas e vexames. Liberta-la do governo e de quem incondicionalmente o apoia e com elle é solidario.

OS HUMILDES

I

«Les classes inférieures sont spoliées aujourd'hui de la façon la plus dure. C'est par suite du brigandage international universel et du parasitisme interne. Certains hommes emploient la force brutale pour confisquer le produit du travail d'autrui. La est le mal qu'il faut détruire. Il faut mettre un terme, le plus tôt possible, à ces exactions. . . .»

(Novicow, *Les Gas-pillages des sociétés modernes*, 1894, pag. 305.)

Proporcionou-nos o *Diario do Governo*, de 10 do corrente, a leitura d'um mirífico *Regulamento para o serviço de inspecção e vigilancia para segurança dos operarios maiores e menores nos trabalhos de construcções civis*.

Ao documento não escassearam encomios. A imprensa governamental soube ergue-lo a maximas alturas. A opposicionista doeu-se, bem claramente, de que, do ventre ministerial, houvesse saído obra que não é totalmente imperfeita. E até nós, adversarios convictos da garotada do poder, calámos largo tempo os reparos que o diploma nos merecia, por nos parecer mal-appropriado o momento para esboçar as criticas que sentiriamos dever fazer-lhe.

E' que o *Regulamento*,—á parte a preocupação rhetorica que atraçoou os seus auctores e que é sempre desobediencia a documentos d'esta natureza,—tem effectivamente uma somma de preceitos até certo ponto dignos de applauso. Podem arguir-se os motivos da intervenção do governo na materia. E' facil dizer-se que não é este o ideal dos corações generosos que apontam para o futuro em busca de uma nova redempção social. Tambem pôde mostrar-se que, na sociedade de hoje e com os elementos até agora recolhidos, poderia fazer-se mais util decreto. Mas o que, através de tudo, é innegavel, é o merito intrinseco d'algumas disposições, que nos apressariamos a applaudir. . . se alguma d'ellas estivesse destinada a ter n'este paiz de 4:000 exploradores e de 4 milhões de humildes, uma execução pratica effizaz.

Vamos proval-o, com exemplos de ao pé da porta.

Divide-se o *Regulamento* em seis capitulos. O ultimo, occupando-se das disposições transitorias, diz, nos artigos 45 e 46, que elle «será posto em execução decorridos sessenta dias da data da sua publicação na folha official.» e que «as obras já em andamento e ás que se começarem dentro d'aquelle prazo só serão applicadas as disposições do presente regulamento, que se referem directamente á segurança dos operarios, e ao regimen do trabalho dos menores.»

Não precisamos, pois, de que o dia 10 de setembro chegue. O regulamento está em vigor, naquella parte e com aquelles intuitos, desde já.

Supponhamos, assim, as obras do caes. Todos terão presenciado o trabalho de aterro. Alli andam cem ou mais operarios acarretando areia. Quasi todos esses operarios são menores. As disposições relativas ao seu trabalho estão, portanto, em pleno vigor, e devem ser rigorosamente executadas.

Será assim?

Compulsemos.

O art.º 14.º exige que o menor

tenha **doze annos completos** para poder ser empregado em trabalhos de construcções civis. Pois no atterro do Caes encontram-se **dezenas de creanças que nos disseram ter nove, dez e onze annos.** Que deveria succeder, se o decreto regulamentar se applicasse nos termos do artigo 46? O encarregado das obras do caes,—que, no dizer empolado do artigo 22, deveria ser «o protector nato dos seus auxiliares e companheiros de trabalho» e ter para com elles, «além dos sentimentos humanitarios e altruistas, os cuidados que a sua situação lhe impõe,» —mereceria ser punido judicialmente «com a multa de 1\$000 a 10\$000 réis por cada menor admittido em taes condições», sendo rapidamente executado no caso de não pagar logo a totalidade da multa (artigos 37 e 44). Repetindo o encarregado a façanha, —deveria ser punido com multas dobradas e o juiz poderia mandar publicar a sentença num jornal muito lida ou ordenar a sua affixação na proprio obra, em logar visivel (art.º 40).

Ainda mais.
O § 2.º do artigo 11 declara que **«é absolutamente prohibida a applicação de castigos corporaes.»** Pois nós temos visto um homem de feia catadura vergastando todos os dias, —por causa d'um simples afrouxamento da marcha,—precisamente as creanças mais novas e fracas! O decreto, applicado, obrigaria o figurão, ou quem para alli o mandou, ao pagamento da multa de 1\$000 a 20\$000 réis pela primeira vergastada, e ao dobro pela immediata, etc. E' pouco, como premio de selvageria infame; mas nem esse pouco se cumprirá jámais!

Tambem o decreto prohibe, sob penas identicas, que os menores trabalhem mais de **dez horas;** e elles alli andam desde as 6 ás 12 da manhã e desde as 2 ás 8 da tarde, isto é, **doze horas.** Egualemente, os menores hão de ter o seu trabalho dividido em **tres partes;** e, entretanto, alli, so na **duas,** pois que o descanso do almoço não attinge a duração que o regulamento exige. Além d'isso cada periodo de trabalho só pôde attingir **cinco horas,** e, naquellas obras do estado os menores trabalham, sem interrupção, **seis horas** de manhã e **seis horas** de tarde (art.º 12).

Vejamos ainda outro exemplo.
O art.º 15.º prohibe que os menores transportem, á cabeça ou ás costas, mais de **10 kilos** de carga tendo 12 até 14 annos,—ou mais de **15 kilos** tendo 14 até 21 annos. E', porém, certo que os creancinhas de 9 annos andam alli,—na presença de todas as auctoridades que têm obrigação de participar e fazer punir os crimes publicos,—com carga igual á dos rapazolas de 20 annos, isto é, com 15 ou mais kilos de areia molhada,—num vae-vem continuo!

Note-se, de resto, que a exigua e diminutissima paga,—em vez de ser igual para todos, pois que todos acarretam idêntica porção de areia, ou de ser mais elevada para as creancinhas, porque são ellas as que **mais força vital** gastam no trabalho.—começa quasi em zero nos pequenitos insignificantes e vae subindo, successivamente, á medida que a idade attingida é maior! Em cretinismo, não se pôde ser mais habil!

Por esta forma, o decreto, letra morta, irá para o esquecimento e será desprezado, exactamente porque a stricta e equitativa applicação d'algumas das suas disposições constituiria um beneficio, embora ligeiro e rudimentar, para os operarios em geral e, muito mais, para as criancinhas, desde o berço condemnadas á vil exploração do fraco pelo forte.

Nem sequer as auctoridades administrativas, pelo menos d'esta região, têm empregado os meios ao seu alcance para que ao decreto regulamentar de 6 de julho seja dada a maior publicidade,—como alias lhes cumpre

pelo disposto no § unico do artigo 45!

Comprehendemos o que os farçantes querem. Não conseguirão, porém, os seus propositos. Antes que o diploma desça ao tumulo, teremos de examinal-o com detença, sobretudo nos seus intuitos, relacionando o seu apparecimento com alguns factos de mais larga significação que não paiz,—reflexo de varios outros povos,—se estão produzindo com satisfação de aquelles que só em radiante futuro vêem a salvação da humanidade. Assim, poderão todos os interessados aquilatar-lhe o valor e, mesmo, aprender a medir justamente o grau de força que, publicando-o, lhes reconheceu este governo tão inepto como vergonhoso.

Marçal Pacheco publica nos jornaes hoje chegados uma carta dirigida ao presidente da camara dos pares, na qual se escusa de ir assistir ao julgamento de dois collegas por estarmos em plena dictadura e não haver respeito á lei fundamental; a junta que não quer obedecer a caprichos arbitrarios que, num dia, suspendem, por encerramento, o regimen representativo da nação, para o fazerem reviver, opportunamente, quando muito bem lhes apraz, á mercê de conveniencias partidarias ou de velleidades cezarianas.

Muito bem! Muito bem! Pena é que este digno par do reino use o mesmo nome que um certo patife illustre que, no escandalo dos alcoes, revelado por Eduino Abreu, ficou tão justa e tão indelevelmente infamado.

Concelhos supprimidos

Vae assumindo dia a dia proporções mais graves o movimento de protesto dos concelhos suprimidos e comarcas extintas pelos ultimos direitos do governo.

Já se effectuou em Villa Nova de Cerveira um comicio, no qual, depois de terem falado varios oradores, se tomaram as deliberações sacramentaes em casos d'esta natureza: representações ao governo pedindo a conservação do concelho e comarca, e que as armas da villa fossem cobertas de crepes até lhe ser feita justiça.

Além dos concelhos já suprimidos, pertencentes aos districtos de Vianna, Guarda e Evora, outros ainda, que estão ameaçados, vão formular os usuaes protestos.

Entre muitos, dispõem-se a proceder desde já os de Montemor-o-Novo, Ferreira do Alentejo, Alter e Alfofina.

O concelho e comarca de Fornos de Algodres, cuja extincção já foi decretada, parece ser, ao que informam os ornaes, aquelle que mais energicamente se propõe sustentar a sua autonomia.

Como o povo se recusasse a alojar as forças militares que para lá foram enviadas, officiou o commissario de policia da Guarda, servindo de administrador, ao provedor da Misericordia, a requisitar, para as instalar, o hospital, que lhe foi recusado pelos mesarios.

O commissario então fez arrombar a porta e installou a forças no edificio.

Os commerciantes e o povo negam-se tambem abertamente a fornecer quaesquer artigos e serviços ás forças militares, que, por seu turno, se dispõem a compelli-los pela força.

Estes já vão protestando um pouco fóra da ordem. Se os restantes concelhos ameaçados se resolverem a seguir o mesmo caminho, abandonando a divisa commoda, mas impotente—dentro de ordem e da legalidade—o governo ha-de ver-se forçado a ceder, como tem feito sempre que o encontra deante de si adversarios submissos.

Cuba

As ultimas noticias confirmam a derrota soffrida por Martinez Campos, que parece estar concentrando em Bayamo forças sufficientes para dar um ataque decisivo nos insurrectos.

De Hespanha vão ser enviados para Cuba mais 23:850 homens de todas as armas. É chamada ao serviço a primeira reserva de infantaria e na folha official já appareceu convite para o alistamento voluntario.

Supressão de concelhos e comarcas. — Carta de Poyares

22—julho—95

A noticia publicada pelo *Seculo*, de que um dos concelhos eliminados pelo ministro do Alcaide seria o de Poyares, tem causado aqui profunda indignação. O concelho de Poyares não está, incontestavelmente, nas condições de ser suprimido, porque tem pessoal habilitado para as funções administrativas e meios de vida propria, que com um leve gravame tributario facilmente lhe permitem fazer face não só ás despesas obrigatorias de um concelho de 3.ª ordem, como tambem fomentar regularmente o desenvolvimento e prosperidade do concelho, dotand-o com os melhoramentos que só sabe promover e realisar uma séria administração local.

A percentagem lançada aqui pela camara sobre as contribuições é apenas de 45 %, e com esta pequena percentagem, sem grandes sacrificios nem vexames, honroso é dizelo, a camara alguma coisa tem feito para o bem estar dos seus municipes.

Ninguem, por certo, ignora as difficuldades com que lutam os pequenos municipios, e o de Poyares não tem sido exempto d'esta regra; não são porém difficuldades de tamanha importancia, que, no intuito de as remediar, se vá applicar ao doente um medicamento que o não faz morrer da doença, mas o mata pela cura.

Por certo que essas pequenas faltas, porventura provenientes do desequilibrio organamental do municipio, não são argumento concludente para a sua eliminação, e para a completa ruina e decadencia que advirá para a agricultura, a industria e o commercio d'este povo, da perda das suas regalias e autonomia.

Repetimos e declaramos bem alto: o concelho de Poyares, pôde e deve ser classificado em 3.ª ordem, porque se lhe não pôdem negar os elementos necessários para a sua manutenção.

No meio, porém, d'esta perspectiva de extorsão que nos querem fazer, repugna e enoja o ver que os adeptos do governo neste concelho, para se desculparem do cobarde desleixo a que votam os interesses do povo, para fazerem recair o odioso sobre o partido republicano, alardeiam por ahí que a supressão do concelho é devida ao protesto que se fez contra a reforma administrativa!!!

E' pasmosa d'audacia, reveladora de crassa ignorancia esta asserção.

Pois o concelho tem, como confessam e como effectivamente é, direitos incontestaveis a ser conservado e até, como dizem, melhor classificado, e atrevem-se a dizer que uma simples critica aos actos do governo origina acto de tão hedionda violencia?

Então o governo inspira-se para a organização administrativa do paiz nos interesses materiaes e economicos de elle, ou na opposição e critica que os cidadãos, no gozo de um direito que por ora lhe não cercearam, faz á sua administração?

Coitados, não vêem que estas desculpas são a sua condemnação. Era mais proficuo que, em vez de andarem de cocoras a beijar as sandalias do sr. do Alcaide, se unissem de alma e coração, com a coragem e energia que dá a defesa dos nossos legitimos direitos, e todos por um e um por todos repellissem a força pela força, oppondo-se tenazmente a que nos roubem os costumes e herança que os nossos antepassados enraizaram no coração dos povos.

C.

Partiu para Coruche com sua ex.ª familia o nosso amigo sr. Alfredo Augusto Cunhal.

Paschoal José de Mello Freire

A faculdade de Direito resolveu na congregação hoje effectuada celebrar o centenário do fallecimento d'este genial jurisconsulto e sabio professor.

É merecedora dos maiores encomios esta deliberação.

Sé Velha

Na parede, e inferiormente ao grande quadro que representa a Rainha Santa Isabel, via-se pintado a fresco um brazão episcopal, contendo cinco vieiras e por debaixo esta inscripção:

No anno de 1794 se achou | neste lugar a sepultura de hum bispo, q. aqui se conserva com as armas asima.

Procedendo-se á sensata investigação que o caso pedia, demolindo a parede, acaba de ser posto a descoberto um tumulo de pedra com a estatua de um bispo estendida, horrorosamente despedaçada.

Resta a cabeça mitrada e o vulto das roupagens com abundantes bordaduras, quasi de todo mutiladas.

Da urna, que devia ter sido toda ornada de decorações architectonicas gothicas e pequenas figuras, pouco resta; e só se pôde avaliar da sua sumptuosidade pelos fragmentos mettidos da alvenaria.

Reconhece-se ser obra dos fins do seculo XV.

Assente sobre a figura collocaram a lapide com o brazão a que a legenda se refere: effectivamente com as cinco conchas e chapéu episcopal.

Neste momento não está ainda de todo desobstruido e não podemos por isso dar mais completa noticia.

Concurso

A faculdade de Direito resolveu abrir concurso por 60 dias para o preenchimento de cinco logares de substitutos.

Albino Pacheco

Fez um acto brilhante da 1.ª anno de Medicina este distinctissimo academico. Felicitamo-lo calorosamente e tanto mais quanto é certo ser o sr. Pacheco um estudante, habituado de ha muito a varios triumphos intellectuaes, baseados numa enorme somma de trabalho intelligente e forte.

A dissertação que o sr. Pacheco elaborou para o seu acto é d'isso mais uma prova eloquente, e como tal merece especial menção. É um trabalho extenso e brilhante sobre a estrutura do systema nervoso.

Após alguns traços geraes, mas d'uma nitidez flagrante, da historia do assumpto, occupa-se o illustre academico, em especial, do grande sympathico, referindo e criticando com lucidissimos pontos de vista os mais auctorizados trabalhos que têm saído dos modernos gabinetes de histologia.

Termina por um estudo sobre a evolução dos elementos nervosos, os do sympathico em particular, chegando a brilhantes conclusões com grande cunho de originalidade. Para prova do que avançamos basta dizer que o sr. Pacheco viu, posteriormente aos seus trabalhos, confirmadas as suas opiniões por Ramou Cajal, illustre professor da Universidade de Madrid, que numa carta que lhe dirigiu lhe dava conta dos seus mais modernos trabalhos com os quaes são perfeitamente harmonicos os do sr. Pacheco, realisados no gabinete de histologia da Universidade.

A dissertação, finalmente, do sr. Albino Pacheco é illustrada com 20 figuras, desenhos feitos sobre as melhores das suas preparações.

Por estes dados fugitivos se comprehende bem o valor da dissertação do talentoso academico. Não só porque firma e radica os bellos creditos da sua intelligencia, mas porque é uma prova eloquentissima de como os alumnos da faculdade se vão dedicando aos trabalhos praticos de investigação e analyse, base segura da consciencia scientifica.

O estudante de medicina de Coimbra, em geral, não é já hoje o palrador rethorico, mais ou menos musical—uma especie de procurador, junto á faculdade, do sr. Lino d'Assumpção. Não. Muitos espiritos juvenis têm nos ultimos annos tentado com exito a grande via de elucidação scientifica. Entre elles tem já um bello logar o sr. Pacheco, que sabrá nobilitar a sciencia e honrar a escola que frequenta. Não lhe faltam para isso nem o talento nem facultades de trabalhador, que as tem grandes e poderosas.

Sobretudo o sr. Pacheco é um bello e immaculado caracter, caso raro nos tempos que correm.

Carta de Lisboa

23 de julho de 1895.

Neste governo de *bandidos* salienta-se agora tristemente o ministro da marinha. Sabem do caso que o pôz em evidencia: fazer *chantage* com a vergonha d'um pae ameaçado de ver o seu filho preso por ladrão. Um caso d'estes desafia todos os epithetos cruéis contra o homem que o pratica. Eu, porém, não o insulto. Elle já saiu da esphera até aonde alcançam as palavras offensivas. Para se saber o que elle é, dispensam-se os improperios. Elle descobriu o melhor meio de o apreciarem. Insultou-se a si proprio.

Talvez devesse parar, porque a tinta negra com que escrevo é mais clara do que a acção que elle praticou. Mas este homem pertence-nos; somos nós, os republicanos, que temos de executá-lo. Eu digo porquê.

Um dia o sr. Ferreira d'Almeida deu duas bofetadas no seu ministro. O que mandava a tactica dos regeneradores? Aceitar o progressista desertor. Assim se fez e o actual ministro da marinha foi aclamado como um triumphador. Passados annos este homem queria satisfazer a sua eterna ambição de ser ministro. Não o era, porém. Dentro do partido progressista tornava-se impossivel. Lá talvez o accetariam de novo; elle decerto não hesitaria em voltar, se conseguisse o que desejava; mas um certo pudor que ás vezes surge na chamada opiniao publica, podia contrariar-lo. Ficou no logar para onde tinha fugido. Mas concededor do processo que levou a ministros o Marianno e o Navarro, sabendo como os assomos revolucionarios de um Antonio Ennes e d'um Fuschini, perorando e ameaçando com a Liga Liberal, produziram o effecto desejado; elle fez tambem a experiencia. Os dissidentes são os que triumpham. Começou escrevendo na *Vanguarda*. Não o pôde negar, que o director d'aquelle jornal o contradictaria fulminantemente. Em certo logar pré-gava a revolução. Aquelle marinheiro d'agua doce começaram a olha-lo como se fóra o Vasco da Gama, que iria descobrir o verdadeiro caminho da Republica. Era intelligente, diziam, rebelde e audaz. Nem todos assim o consideravam. Conheço até quem em certas palestras, chamemos-lhe assim, quando se dirigia a elle, dizia sempre:—

«O sr. ministro da marinha...» — «Não aspirei, não aspiro e não aspirarei a se-lo», rugia o Adamastor. É um homem sincero, diziam aquelle que lhe chamava ministro. Era muito sincero. Passados dois mezes caia o Neves Ferreira e subia elle. Ainda nesse dia elle estivera em conversa, insultando os ministros de que ia ser collega. Tão bom como elles, ou, por outra, elles com tanta vergonha como elle.

Quando foi da questão do *Em regra*, rugia como uma fera contra o seu collega de agora Carlos Valbom, auctor da phrase, ao que se diz. Os camaradas exclamavam: o Zé Bento é teso. E o Zé Bento pouco depois, com a sua tesura, transferia, reformava, descompunha, fazia o diabo aos camadas. Numa palavra, vingava-se. Com o gaudio d'um *parvum*, refestelou-se na poltrona e fez-se dictador. Parece aquelle estampa em que o Marquez de Pombal, de sobrececho carregado, sentado numa cadeira real, aponta sobranceiro os barcos que levam para fóra do Tejo os jesuitas. Ah! o têm agora, o Zé Bento. Que dizem d'elle todos os officiaes de marinha? O que ha de peor. É um protesto unanime, indignado, cheio de accusações terribes que elle não provou serem falsas. Porque está elle no poder? Porque o consentem, porque muita gente o recebe. Accusam-no todos os jornaes da opposição? Somentes tres ou quatro. O Marianno que o atacava, calou-se. O Navarro que o insultava, calou-se. Porquê? Perguntas ingenuas, a que se dá a resposta antes de serem feitas.

Um dos processos de que o minist-

tro da marinha usa para intimidar os inimigos é a ameaça de empregar a força physica. Os seus musculos aterrorizam os cobardes e os canalhas. E triumpho, este é o caso. Todo elle é força, um Hercules. Vae dar um muro, todos tremem. Santa gente, santa canalha!

No fim de contas era facil fazer entrar na ordem o ministro tubarão. Hoje não ha fracos nem fortes.

Mas o processo verdadeiro para dominar o homem que os republicanos têm o dever de acusar constantemente, de não esquecer nunca para exemplo de que a ingenuidade é perigosa, o processo para dominar este homem, digo eu, seria relega-lo á competencia dos medicos. Porque, no fim de tudo, elle, sendo um mau, é primeiramente um doído. Sanguineo, exaltado, disparatando constantemente, com uma terrivel depressão mental, elle tem na sua constituição organica, nas suas manifestações exteriores, expressa, indiscutivel, a revelação de uma loucura aggressiva na ameaça constante de que usa contra todos a proposito da coisa mais futil! Póde emparceirar-se, ao lado do José Gatuno, homem de forças, celebre rifão politico, segundo a cassificação que um nosso amigo está fazendo de certos homens da monarchia.

Não é mais que um doído. Dissell'o mesmo em Paris um medico por elle consultado:—V. ex.ª precisa tranquillidade, não se exaltar, comer pouco, ser moderado em tudo, pois corre o perigo de enlouquecer ou de soffrer um insulto apoplectico. Doído! Doído, nada mais. Senão, vejamos esta: agora anda furioso com o centenário da India, afirma que o que Vasco da Gama fez, tambem elle o faria! «Aquelle Vasco da Gama, diz furioso, se vivesse agora precisava reformado. Olha que admiração, descobriu o caminho marítimo para a India. Existindo a India e havendo mar, que grande façanha!»

Então que dizem a isto?

×

Eu não quero a queda do ministro da marinha. Quero a queda da monarchia. Que saia elle e entre o paspalhão Antonio Ennes, que nos importa? Que caiam os regeneradores e subam os progressistas que nos interessa? Nós queremos a queda da monarchia. A nossa lucta deve ser principalmente contra o rei. Mas nada se perde, quando apparece um homem como este ministro da marinha, em atacal-o. Quiz explorar commosco. Foi um farçante. Prégou a revolução, hoje defende a monarchia. Precisamos escutal-o. Assim fizemos ao Mariano e ao Navarro que atacavam o rei D. Luiz, assim fizemos ao Ennes

que atacava a monarchia, assim fizemos ao Fuschini que tão bem sabemos em que relações estava com o partido republicano. Este não podia ser excepção. Mas que o simples incidente de o atacarmos não nos faça esquecer que os seus collegas no poder formam um governo de bandidos. Todos são criminosos. Simplesmente, cada dia é diferente o executor.

Jocelli.

O Seculo, que ante-hontem nos forneceu o visinho do lado, inseria uma predica sobre as virtudes e mais parte d'um **ex-314** (policia) que tinha roubado um coupon. O chefe Ferreira, auctor do sermão, declarava que absolvia o criminoso e que estava prompto a consideral-o um justo tal com Jean Valjean. Acrescentava o articulista que o culpado do roubo era o governo, que devera ter-se informado do numero de filhos do policia para lhe pagar ordenado maior.

!!!

E outras euormissimas asneiras que arrearpiariam a sensibilidade do Calino, se o Calino não estivesse ha muito na redacção do Seculo.

Realmente, chega a causar vergonha pertencer a um paiz em que tal Seculo attingiu cincoenta mil leitores, isto é, em que cincoenta mil asnos, d'entre os que sabem lêr, estão já revelados...

...Que o visinho do lado nos desculpe.

O BISPO

Recebemos, offerecido pelo editor, este extraordinario poema do altissimo poeta, que em vida se chamou Guilherme Braga. Obra de revolta valorosa, sob uma forma artistica que assombra, o Bispo figura na litteratura de combate d'este seculo como uma das mais bellas creações do espirito humano.

Esta publicação tem uma grande actualidade neste momento em que o jesuitismo calca, como uma serpente, estrangulando-as as consciencias. E' uma evocação, de resto, á memoria querida do grande revolucionario cuja ossada é hoje, nesta occasião desoladora, o nucleo atrativo de todos os espiritos liberaes.

Agradecemos a offerta.

Actos na Universidade

Nos dias 22, 23 e 24 fizeram acto, ficando approvados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE DIREITO

1.º anno—José Alexandre Duffner, Antonio Joaquim de Sá Oliveira, Antonio Ferreira Soares, Possidonio Matheus Laraujo Coelho, Joaquim Gonçalves de Miranda Serejo, José Ferreira Marcelino e Luiz Antonio Vieira de Sousa Sereno.

Saint-Gervais, no Montin-Joli, em vinte logares dos arrabaldes e suburbios.

Jane e Henrique tinham passado os nove dias que precediam o ultimo da decada, no goso intimo da sua felicidade.

Verem-se depois d'uma tão longa separação! Encontraram-se depois d'um anno passado longe um do outro! E que anno! Tão longo por os acontecimentos, tão perturbado, tão cheio de angustias, de commoções, de perigos!...

—Tu foste o meu salvador! repetia ella sem cessar.

E elle:

—E tu deste-me a coragem!...

—Sou muito feliz por te dever a vida e a liberdade, meu Henrique!

—Eu tambem sou muito feliz por ter podido testemunhar-te o meu grande amor!

Entre as recordações do passado e os futuros prazeres, havia sempre logar para um beijo, e ás palavras succediam as obras...

Por toda a parte os nossos exercitos tomavam a defensiva. A inergia da Convenção tinha feito milagres. Os velhos generaes, cujo patriotismo era duvidoso, tinham sido substituidos por outros, novos como a Revolução e fortes como o povo.

O exercito do Norte ia reunir-se ao do Sambre-et-Meuse. Passariam o Rheno; encontrariam alliados nas nações irmãs; em toda a parte os tyranos se-

4.º anno—Venancio Jacintho Deslandes Correia, Viriato de Sá Pragos, Manuel Bento da Rocha Peixeiro, João de Bettencourt Barcellos Machado, Manuel dos Passos de Freitas e Sebastião d'Avila Furtado.

FACULDADE DE MEDICINA

1.º anno—Adrião de Moura, Antonio Fernandes Gaspar, D. Fernando de Almeida, Augusto Perreira de Abreu e Sousa e Antonio Maria do Valle.

FACULDADE DE MATHEMATICA

1.º anno—Rodrigo Affonso Alves de Sousa, Raul Lucas, Jayme Correia de Sousa, Tristão Augusto Noronha Freire d'Andrade.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

5.ª cadeira — (Physica 2.ª parte)—José Augusto Cobato Guerra, Affonso Maria de Sousa Teixeira da Motta Antonio da Silveira Teixeira da Motta, Guilherme Urbano da Costa Ribeiro.

6.ª cadeira (Zoologia)—Joaquim José Cerqueira da Rocha, Joaquim José Luiz Fernandes, José Cardoso de Menezes Martins Guimarães.

5.º anno—7.ª e 8.ª cadeiras (Mineralogia e Anthropologia)—Angelo Rodrigues da Fonseca, D. Domitilla Hormisinda Ferreira de Carvalho.

Cadeira do Grego—Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho, Thomaz Alexandre d'Oliveira Lobo, Monnel Gomes Philippe Coelho, e Antonio Affonso Maria Vellado Alves Pereira da Fonseca.

Faculdade de Direito

Na congregação final, que acaba de se reunir, resolveu a faculdade de Direito conceder aos doutores e bachareis formados abaixo relacionados as seguintes

Informações

DOCTORES

Arthur Pinto de Miranda Montenegro, M. B. 17.
Antonio José Teixeira d'Abreu, M. B. 17.
Alfonso Costa, M. B. 17.

BACHAREIS FORMADOS

Albertino da Veiga Preto Pacheco, S. 10.
Alberto Centeno, S. 10.
Alberto Maria da Silva Casqueiro, S. 10.
Alvaro da Costa Machado Villela, M. B. 16.
Antonio d'Abreu Leite Velloso, S. 9.
Antonio Biscaya de Macedo, B. 11.
Antonio Caetano Salvado, B. 11.
Antonio Candido Vieira d'Araujo, S. 10.

riam expulsos das capitaes. Então viria a paz, a paz universal. Não mais soldados nem exercito, nem sangue derramado; o lavrador voltaria para os seus campos, e o artista para o seu atelier.

Elle, o orgulhoso dos renhidos combates feridos em nome da justiça, estava satisfeito por poder passar uma tarde, á porta da antigo *Rei Dagoberto*; abraçar seu velho pae; tornar a ver a sua querida Jane de quem não se separaria mais.

As arvores da pequena casa tinham crescido; desenvolver-se-iam ainda mais, e a sua folhagem, em breve, occultaria como um muro o interior do jardim ás vistas dos que passavam na rua. E haveria porventura necessidade que extranhos presenciassem a nossa felicidade? E que felicidade sem igual não será passar alli os dias juntos, as mãos dadas, sem importunos que distraiam os nossos colloquios amorosos, a não ser para presenciar os brincos dos nossos filhos, ou para responder ás suas primeiras perguntas...

Por outro lado recordar as luctas ardentes, o forum, a tribuna! Os cidadãos não tinham ideal no meio de tantas agitações. As ambições perturbam sempre as republicas. Depois da grande agitação, necessaria para criar o futuro, as vidas deviam ter apenas um fim:

Antonio Homem de Mello Macedo, S. 10.

Antonio Maria Fructuoso da Silva, S. 10.

Antonio Tavares Xavier, B. 12.

Arnaldo Antonio Pimenta, S. 9.

Arthur Maciel de Faria Machado, B. 11.

Augusto da Conceição Teixeira da Motta, B. 11.

Augusto de Mattos Cid, B. 12.

Carlos Ferreira Pires, B. 11.

Delfim Martins Flores, B. 11.

Diogo Alcoforado da Costa, B. 11.

Eduardo Ernesto de Faria, B. 14.

Eduviges Goulart Prieto, S. 10.

Eugenio Augusto Dias Colonna, S. 10.

Fernando da Cunha e Souto, S. 9.

Fortunato dos Santos Pinto, S. 9.

Francisco Joaquim Fernandes, M. B. 16.

Francisco José Fernandes Costa, B. 12.

Gaspar Alves Moreira, B. 11.

Guilhermino Augusto de Barros Junior, S. 10.

Gustavo de Lima Brandão, B. 12.

Jayme Rodolpho de Carvalho Abreu, S. 8.

João Duarte de Menezes, S. 10.

João Lopes Garcia Reis, B. 11.

João Maria Sucena, S. 10.

Joaquim Rodrigues Davim, B. 11.

José Bento de Novaes Peixoto, B. 11.

José Ferreira Marnoco e Sousa, M. B. 16.

José de Jesus Joaquim d'Araujo, B. 12.

José Joaquim da Rocha, S. 7.

José Manuel Cardoso, S. 10.

José Maria de Magalhães Pimentel Cochofel, B. 11.

José Maria Soares Vieira, S. 9.

José Ramos Preto, S. 10.

José da Silva Fiadeiro, S. 10.

José Teixeira de Queiroz, S. 9.

Julio Augusto Sampaio Duarte, S. 9.

Luiz da Cunha Nogueira, B. 11.

Luiz Neves Alves Baptista, S. 10.

Manuel José Ferreira Troncho, B. 11.

Manuel José Mendes, B. 11.

D. Miguel Nicolau Sotto Mayor, B. 11.

Paulo José Ferreira d'Almeida, B. 11.

Pedro Alvares da Camara Paim de Bruges, B. 12.

Poncio Augusto Martins, B. 13.

Samuel da Conceição Fernandes da Cruz, B. 12.

Victor Brandão Pereira Cardoso de Menezes, B. 11.

Francisco Nunes Corrêa, B. 11.

João José de Freitas, B. 14.

Henrique Maria Cisneiros Ferreira, S. 9.

Manuel Pires Bento, B. 11.

Francisco Simões dos Reis, S. 8.

Antonio José da Silva Basto Junior, B. 12.

Ramiro Augusto de Figueiredo, S. 10.

Antonio Thomé, B. 14.

Francisco Antonio Patricio, S. 10.

Tambem a mesma faculdade conferiu as seguintes

Classificações

1.º anno

1.º distinctos, pela ordem de matricula:

Joaquim Pedro Martins, Macario da Silva, Patricio Eugenio Mascarenhas Judice, Antonio Joaquim de Sá Oliveira

2.º distinctos, pela ordem de matricula:

Antonio Lino Netto, José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, Antonio Ferreira Soares, Luiz Antonio Vieira de Sousa Bereno.

3.º anno

Premio, José Maria Joaquim Tavares.

Accessit, José Alberto dos Reis.

Distinctos: 1.º, Eduardo d'Almeida Saldanha; 2.º Antonio Corrêa Teixeira de Vasconcellos Portocarrero.

4.º anno

Accessit, Abel Pereira d'Andrade.

Distinctos: 1.º, Alipio Albano Camello; 2.º, Amadeu de Castro Pereira e Solla; 3.º, Alfredo Martins Fernandes Nogueira.

5.º anno

Accessits, sem gradação: Alvaro da Costa Machado Villela, Francisco Joaquim Fernandes e José Ferreira Marnoco e Sousa.

Reuniu-se na terça feira a congregação final da faculdade de Mathematica, votando as informações aos licenciados e bachareis formados da mesma faculdade, e as classificações seguintes:

INFORMAÇÕES—Licenciados: Antonio dos Santos Lucas, M. B. 18, e Alvaro José da Silva Basto, M. B. 19.

Bachareis formados:—Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho, B. 14, Fiel da Fonseca Viterbo, B. 14.

CLASSIFICAÇÕES—1.º anno—Eugenio Trajano de Bastos Guedes, premio; Antonio Francisco de Sousa, accessit; Raul Lucas, Jayme Pinto, distinctos sem gradação.

2.º anno—José Joaquim Pereira dos Santos Motta, José Augusto Lobato Guerra, Jayme Pinto, distinctos.

3.º anno—Carlos da Silveira Brandão Freire Themudo, Luiz Vasques da Cunha Braamcamp de Mancellos, José Carlos de Barros, Jorge Soares Pinto Mascarenhas, distinctos.

5.º anno—Manuel Xavier, Fiel da Fonseca Viterbo, distinctos sem gradação.

outros M.^{me} Longueville; conspirava; montava a cavallo; galopava de noite pelas estradas, ao clarão das estrellas; brandia de dia a espada em alguma batalha ou apontava o canhão á entrada do arrabalde de Santo Antonio.

Amava Henrique, mas este amor não era só por elle. Admirava-o, e tinha então impulsos do coração que a levavam a cair nos seus braços. No dia seguinte alguma nova phantasia vinha distrahir a sua imaginação de mulher nervosa.

Quando ao romper do dia d'esta bella decada de julho, se ouviu o troar do canhão disse:

—Henrique, se queres, vamos hoje correr pelo campo. Queria ver outras arvores, agua e gente que se de-virta. Vamos a qualquer parte, a Montmartre ou a Saint-Ouen.

Henrique sorria, e respondia que era tambem esse o seu desejo, mas mais tarde,—o mais tarde possivel.

Por fim cedia; ella então fazia concessões. Não é isto proprio de namorados?

Ao meio dia estava já vestida; ás duas horas chegava a pequena Jenny, com o seu bello vestido de cauda. Jantaram alegremente juntos. Depois, partiram por o arrabalde, rua de Bas-Froid, rua da Roquette, rua Pincourt, para chegar ao campo.

(Continúa)

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

X

A DECADA

As duas horas iam em perigrinação á Montanha.

As Montanhas eram comoros, no cimo dos quaes havia uma explanada, e ao centro uma arvore symbolica cheia de bandeiras tricolores entremeadas com folhas e fructos.

As estreitas veredas em espiral que davam accesso á Montanha eram guardadas de lanças, symbolo da guerra. As criancinhas caminhavam na frente das mães aos saltos, até á explanada onde eram levadas para ouvirem os oradores maldizer a hydra da anarchia, inactivar a tyrania, ou fazer votos pelos heroes.

A' noite, seguiam-se os divertimentos do dia, mas com mais animação.

Os velhos entravam nos botequins e pagavam por mil francos de assignados uma garrafa de vinho, e os rapazes dançavam em Romainville, no Pré-

Estabelecimento Thermal
 Dos mais perfectos do paiz
 Excellentes aguas mineraes
 para doenca de pelle,
 estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA
 CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA
 Abertura do estabelecimento
 thermal em 15 de maio
 e do hotel
 em 15 de maio

Grande Hotel Club
 Magnificas accomodações
 Desde 1200 réis,
 comprehendendo serviço,
 club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.
Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.
 Para esclarecimentos, em **Lisboa**, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º; referente ao Grande Hotel.
 Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.
 As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

Deposito da Fabrica Nacional
 DE
BOLACHAS E BISCOITOS
 DE
JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO
 128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
 percevejos
 baratas
 traças
 formigas
 moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.
 A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

E ESTA?!

Pois a casa **LEÃO D'OURO** não teima em querer vender *Bicycletas Pneumaticas* para passeios e corridas, ultimos modelos de 1895, por menos que qualquer outra casa de Lisboa, Porto ou Coimbra, sendo estas machinas em nada inferiores ás melhores, até hoje conhecidas?
 Parece incrível, mas ide ver a nova remessa que acaba de receber e acreditareis!
 Mas como poderá isto ser?
 É porque o proprietario d'aquella casa é o unico concessionario do fabricante em Portugal, com o qual acaba de fazer um contracto vantajosissimo e tambem o unico que actualmente em Coimbra as recebe directamente do estrangeiro; assim como lanternas e campainhas simples e de repetição para as mesmas e que vende por **preços excepcionaes**.
 Estas machinas satisfazem aos mais exigentes velocipedistas, porque além de terem todos os aperfeiçoamentos modernos, são:

Elegantes, solidas, ligeiras e baratas



Casa Leão d'Ouro
 117, Rua Ferreira Borges, 121 — Coimbra

Arrematação
 (1.ª publicação)

No dia 11 do proximo mez d'agosto, pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal de Justiça d'esta comarca, pela execução hypothecaria que D. Maria da Conceição Roxo, proprietaria de Coimbra, move contra Luiz Salgueiro e mulher e fiadores Manuel Augusto de Mattos e mulher, proprietários, do logar e freguezia de S. Martinho do Bispo, serão postos em praça e entregues a quem maior lance offerecer além das quantias em que foram avaliados, os predios seguintes:

- Uma morada de casas terreas, com um pequeno quintal ao nascente, no logar de S. Martinho do Bispo, avaliada em 70\$000
 - Umás casas terreas com quintal, no logar de S. Martinho do Bispo, avaliadas em 80\$000
 - Umás casas terreas com quintal, no logar de S. Martinho do Bispo, avaliadas em 65\$000
- Pelo presente são citados quaesquer credores incertos. Verifiquei a exactidão
 O Juiz de Direito,
 Neves e Castro

PIANO

Vende-se um piano vertical. Para tratar Augusto Luiz Martha.
 76, Praca do Commercio, 78
 COIMBRA

Caldeira da Silva
 CIRURGIÃO-DENTISTA

Participa aos seus clientes que acaba de contractar um empregado, especialista na collocação de dentaduras artificiaes e com longa pratica na America, podendo por isso garantir, a par da modicidade de preço, perfeição e solidez em todos os trabalhos de prothese dentaria, executados no seu gabinete.
 Colloca dentes artificiaes, em todos os systemas conhecidos, desde um até dentadura completa.
 Operações de cirurgia dentaria e tratamento de molestias da bocca.
Serviço gratuito aos pobres, bem como a creados e creadas de servir.
 Rua Ferreira Borges, 174, esquina do largo do Principe D. Carlos.

LEITÕES

De pura raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao preço de 2 a 3 mil réis.

BANCO COMMERCIAL
 DE
COIMBRA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Provinem-se os srs. accionistas de que o dividendo do 1.º semestre de 1895, são 500 réis por acção e que a começar do 1.º d'agosto, se paga na sede e nas suas agencias de Lisboa e Porto.
 Coimbra, 25 de julho de 1895
 Os gerentes,
 Bazilio Augusto Xavier d'Andrade
 Antonio Clemente Pinto.

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida. Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Casa com quintal

Arenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.
 Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.
 Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Vendem-se duas estantes para livros, gosto antigo, guarnecidas de molduras torcidas, e com ferragens amarelhas; tendo de altura 2.ª jarra 1.ª e de fundo 0.ª, 30. Cada estante tem quatro prateleiros; são proprias para gabinete.
 Largo do Theatro D. Luiz, 40-42

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.
 Quem precisar queira dirigir-se á *Casa Havana*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

ARRENDAM-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.
 Tambem se arrendam os andares separadamente.

POMADA DO DR. QUEIROZ



Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª
 N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

Arrematação
 (1.ª publicação)

No dia 11 do proximo mez d'agosto, pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal de Justiça d'esta comarca, pela execução hypothecaria que Ernesto Lopes de Moraes, negociante d'esta cidade, move contra Eduardo Verissimo de Lemos Portugal e esposa e Alatyba Duarte de Sousa e esposa, tambem d'esta cidade, serão postos em praça, e entregues a quem maior lance offerecer além das quantias em que foram avaliados, os predios seguintes:

- Metade d'uma casa situada na rua Ferreira Borges d'esta cidade, avaliada em tres contos e quinhentos mil réis 3:500\$000
 - Uma terra de semeadura com oliveiras, e pedreiras em exploração, junta á Ladeira da Forca, freguezia de Santa Cruz, d'esta cidade, avaliada em quinhentos e sessenta mil réis 560\$000
- Pelo presente são citados quaesquer credores incertos. Verifiquei a exactidão
 O Juiz de Direito,
 Neves e Castro.

VINHO ANALEPTICO
 DE
A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.
 Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.
 Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

Arrendamento

Arenda-se do S Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.
 Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

Arrenda-se

O 2.º andar e aguas furadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.
 Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.



AGUIA D'OURO
 FRANCISCO P. MARQUES
 46, Rua Ferreira Borges, 48

Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima!
 Alta novidade!

Fernão Pinto da Conceição
CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.
 Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra. Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

AOS BARBEIROS

Pó de sabão.—Vende-se a 800 réis o kilo. Dão-se amostras a quem as pedir.—Barbearia Fonseca, rua dos Gatos, 13 a 15.

Aos photographos amadores

Acabá de chegar á *Papelaria Central*, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

COMPANHIA DE SEGUROS
FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835
 SÉDE EM LISBOA
 Capital réis 1.344.000\$000
 Fundo de reserva 225.000\$000
Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Bazilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

"RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
 ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR
 João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
 (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:	
Anno	2\$700
Semestre	1\$350
Trimestre	680
Sem estampilha:	
Anno	2\$400
Semestre	1\$200
Trimestre	600

ANNUNCIOS
 Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS
 Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

N.º 46

COIMBRA — Domingo, 28 de julho de 1895

1.º ANNO

O julgamento de Mendonça Cortez

Acaba de ser absolvido pela camara dos pares, constituida em tribunal de justiça, o muito alto e poderoso senhor Mendonça Cortez, a quem a moralidade do regimen em que vivemos alçou, de professor da Universidade, ás culminancias do pariato e do Tribunal de Contas.

Em todos os paizes e sob todas as formas de governo tem sido, por vezes, occupados alguns dos mais elevados cargos politicos e administrativos por funcionarios prevaricadores que, calcando aos pés a justiça e os preceitos da honra, descem até á craveira moral dos criminosos communs.

Não ha, nem pôde haver, instituições ou normas governativas sufficientemente perfeitas para inhibirem, d'um modo absoluto, o accesso a qualquer posição elevada de todo o homem capaz de delinquir. Tanto mais que o interesse, o calculo, a esperança de satisfazer no futuro a ambição do presente, actuam frequentemente em certos caracteres como motivos determinantes da correcção de conducta, emquanto esta é reputada indispensavel para atingir o fim que se pretende; depois, perdido o estimulo que obrigava a affectar uma honestidade apparente, fica evidenciada em plena luz toda a perversão de sentimentos que até então não fôra possível descobrir.

Mas, — e eis aqui a differença fundamental — em qualquer paiz onde a probidade de character seja considerada a qualidade mais essencial de todo o cidadão, e a virtude não seja olhada com desprezo como uma velharia de outras eras, a justiça social, obedecendo ao embate irresistivel da opinião publica, fortemente disciplinada e efficaçamente moralisadora, nunca deixa de exigir a todo o funcionario, sem distincção de categorias, sobre quem incida a accusação de um crime, rigorosas contas dos actos que constituam uma violação dos seus deveres profissionaes ou das regras de proceder geralmente observadas na sociedade em que vive.

E a severidade da justiça não atenuada por consideração á alta categoria do delinquenté, ao contrario do que costuma succeder entre nós, antes é e deve ser proporcionada á prominecia do logar, que, quanto maior fôr, mais fundas responsabilidades acarreta e mais stricta obrigação impõe a quem o occupa, de o desempenhar em harmonia com a lei e os principios da consciencia moral.

Em Portugal, porém, tem sido diversa a pratica seguida nos tribunaes.

Os magistrados portuguezes estão, como é sabido, muito longe de possuir a necessaria independencia para administrarem imparcialmente a justiça, porque o poder executivo querendo ter no judicial um instrumento submisso da sua vontade, não se tem cansado nos ultimos tempos de, por modos diversos, cercar a escassa autonomia de que ainda gosava. Os resultados são bem visiveis.

Os juizes, na applicação da justiça, attendem, primeiro que tudo, á categoria do criminoso. Mas não vá confundir-se este systema com o criterio propugnado pela moderna escola positiva que em direito penal se propõe substituir os principios da escola classica. Aquella pretende graduar a pena ao delinquenté, não exclusivamente segundo a gravidade do crime ou

a natureza do direito violado, mas principalmente segundo as qualidades psychicas do auctor do crime e o perigo que representa para a ordem social.

Ha pois uma grande differença. Os nossos tribunaes não se preocupam com os caracteres pessoais intrinsecos, tão attentamente recommendados pelos criminalistas modernos, mas com as suas qualidades extrinsecas: a posição social do delinquenté, a sua influencia politica e eleitoral, o *quantum* dos seus haveres, o favor que lhe é dispensado nas altas regiões do poder.

Todas estas circunstancias têm quasi sempre por effeito attenuar a sua responsabilidade, quando de todo em todo não seja possível assegurar-lhe uma impunidade completa.

As consequencias d'esta pratica indecorosa e abusiva são por demais conhecidas.

Desde os escandalos das obras do porto de Lisboa, em que estava envolvido um ministro de estado, enviado mais tarde para a legação de Paris, como premio das suas faanhas; desde os desfalques do Banco Lusitano, cujos auctores, pronunciados na primeira instancia, foram despronunciados pela relação de Lisboa; desde os assaltos aos cofres da thesauraria districtal de Evora e da junta geral do Porto; desde as maroteiras da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, denunciadas numa syndicancia que o publico teve occasião de apreciar; desde que nos ultimos annos começou a desenrolar-se toda essa longa cadeia de crimes commetidos pelos funcionarios mais graduados, que uma magistratura de corruptos tem deixado impunes, a onda de immoralidade alastrou assustadoramente, estendendo-se, por influencia imitativa, dos superiores aos que nas diversas hierarchias da administração publica occupam as mais modestas posições.

Toda a enorme serie de ladroerias, commetidas pelos empregados subalternos dos correios, das obras publicas, das recebedorias comarcãs e das thesourarias districtaes, têm sido determinadas principalmente pela observação quotidiana de factos semelhantes, que a justiça deriva no esquecimento, quando attribuidas a banqueiros considerados e a burocratas graúdos.

Nós repetidas vezes temos dicto que não acreditavamos que se procedesse criminalmente contra os administradores da companhia do Nyassa, explicando o acto praticado pelo governo pela necessidade em que este se viu, attenta a campanha da imprensa, de declinar as responsabilidades que sobre elle recaiam. Não esperavamos, porém, que houvesse semelhante solução.

É realmente incrível que o delegado do procurador regio não ache motivo para proceder, quando foi o proprio governo, depois de ter ouvido a procuradoria geral da corça, que provocou a acção do poder judicial! Se não havia criminalidade nos actos praticados pela administração da companhia do Nyassa, como é que a procuradoria geral da corça aconselhou o governo a que mandasse proceder criminallymente?

E como se explica que seja um agente do ministerio publico que vá exautorar essas entidades, de quem é subordinado?

Afinal ha uma unica explicação para todas estas anomalias: não ha justiça para os grandes potentados politicos. E como poderia have-la, se é o governo que dispõe de tudo, estando o proprio poder judicial por mil modos sujeito ás suas arbitrariedades prepotencias, e se é exactamente o governo que pratica os maiores escandalos, as mais abominaveis infamias!

A decisão da camara, que ninguém considera justa, foi ao menos coerente com o proceder das justicas ordinarias.

Ora o nepotismo ignobil que assegura a impunidade aos delinquentes de alto cothurno, reservando apenas aos desvalidos de posição e de fortuna as durezas da justiça criminal, não é dos factores que menos influencia têm exercido na crise moral que atravessamos. É a garantia da irresponsabilidade pelas torpezas mais audaciosas, a causa fundamental do aviltamento degradante em que, neste final de seculo, cahiu a sociedade portugueza.

Guilherme Braga

Noticia o nosso collega *A Voz Publica*:

«São já cerca de cem as collectividades que adherem á grande manifestação anti-jesuitica de amanhã, apesar das contrariedades e embargos que lhe oppõe o governo; sendo de notar que todas as que têm enviado a adhesão posteriormente á insensata prohibição comunicada pela auctoridade superior do districto, tem conjunctamente enviado vehementes palavras do mais indignado protesto.

Evidentemente, a prohibição afforvorou os adormecidos zelos, e ç opinião liberal despertou saucida da sua lethargia pelo repto da reacção, lançado por intermedio do poder administrativo.

Ainda bem!
—Ha mais as adhesões que seguem:
Cooperativa União e Trabalho, de Gaya, commissão executiva do partido republicano em Gaya, Escola do Bom Pastor, no Candal. Cooperativa de Produção dos Operarios Tanoeiros de Gaya, Monte-pio União dos Chapeleiros Portuguezes, Sociedade Camillo, Castello Branco, Academia Republicana de Coimbra, Cooperativa Trabalho e Igualdade, de Gaya, Grupo Musical Gayense e Associação de Soccorros Mtuos Protectora das Classes Trabalhadoras no rio Douro.»

A *Resistencia* far-se-á representar pelo nosso valioso correligionario dr. Duarte Leite.

A commissão organisadora publicará amanhã um manifesto, protestando contra o acto praticado pelo governo.

A questão do Nyassa

Noticia o *Diario Popular* que lhe consta que o delegado do procurador regio, depois de haver examinado os documentos que o governo lhe enviara relativos ás irregularidades praticadas pela administração da companhia do Nyassa, reconheceu que em face d'esses documentos, não havia base para pronuncia.

Nós repetidas vezes temos dicto que não acreditavamos que se procedesse criminalmente contra os administradores da companhia do Nyassa, explicando o acto praticado pelo governo pela necessidade em que este se viu, attenta a campanha da imprensa, de declinar as responsabilidades que sobre elle recaiam. Não esperavamos, porém, que houvesse semelhante solução.

É realmente incrível que o delegado do procurador regio não ache motivo para proceder, quando foi o proprio governo, depois de ter ouvido a procuradoria geral da corça, que provocou a acção do poder judicial! Se não havia criminalidade nos actos praticados pela administração da companhia do Nyassa, como é que a procuradoria geral da corça aconselhou o governo a que mandasse proceder criminallymente?

E como se explica que seja um agente do ministerio publico que vá exautorar essas entidades, de quem é subordinado?

Afinal ha uma unica explicação para todas estas anomalias: não ha justiça para os grandes potentados politicos. E como poderia have-la, se é o governo que dispõe de tudo, estando o proprio poder judicial por mil modos sujeito ás suas arbitrariedades prepotencias, e se é exactamente o governo que pratica os maiores escandalos, as mais abominaveis infamias!

«Santos Portuguezes»

Respondeu Silva Pinto, na sua carta de Lisboa para a *Voz Publica*, ás criticas que o nosso querido amigo e collega Fernão Vaz dirigiu aos *Santos Portuguezes*. Publicamos, gostosamente, essa resposta, aguardando o regresso do nosso amigo e a renovação dos seus escriptos, para que elle proceda como mais convenha á independencia da sua critica e á prosperidade das letras nacionaes.

«No jornal *A Resistencia*, de Coimbra, maltrata o meu livro *Santos Portuguezes* o academico Joaquim Madureira, scintillante prosador genero Fialho, que eu já conhecia pelas *Insolencias* — publicação sua, em que me tratou com excessos de generosidade. Não gosta do livro em questão e, sempre amavel, pede-me licença para dizer mal d'elle, tendo louvores ao meu character—apesar de umas notas amargas á minha sinceridade. Ponto discutivel no arrazoado do meu collega, pois que, se eu falto á sinceridade, o meu character não merece louvores. O meu annotador ha de ter a bondade de reflectir, mas não precisa de explicar.

Devo, pelo que toca ao livro que desagradoou ao estimavel academico, declarar, e generalizando,—que, em regra, um auctor está dispensado de acudir pela sua obra, quando diversas opiniões se produzem publicamente a respeito d'ella. Se em toda a linha dizem que um livro é mau, ou que um livro é tolo, o auctor procede briosamente, e, de certo modo, obrigatoriamente—defendendo o producto do seu espirito. Mas os *Santos Portuguezes*, recommendados pelo *Movimento Catolico*, orgão do episcopado hespanhol, como «uma pagina importante, ou interessante, para a historia Ecclesiastica das Hespanhas»,—noticiado pelo *Correio Nacional*, aos seus leitores devotos, sem a minima censura, e sem que eu lh'o remetesse,—considerado por jornaes de diversas indoles, como o *Seculo*, as *Novidades*, o *Primeiro de Janeiro*, *Correio da Noite*, o *Jornal do Commercio*, etc., e por varios individuos competentissimos, assim das Letras como do Clero, um trabalho de consciencia, habilitou-se a ser por mim considerado digno da minha estima, independente da sinceridade em que eu o firmára.

Effectivamente, é de todos os meus livros o que mais me agrada: é o meu filho dilecto,—bondoso, ora em bucolismos, logo em meditações graves, conversando affavelmente com velhos frades de boas entranhas, não perdendo de vista o honrado projecto de apresentar ao espirito da plebe os santinhos da patria e arrebatando estes ás *Armadilhas reaccionarias*: tudo isto num estylo que me agrada (hão de perdoar!), desataviado, accommodado ás situações e na medida das minhas forças. Não! o juvenil academico não foi justo. Pois que lhe agrada encontrar no meu trabalho materia para louvor, releia o livro; e tracte pelo menos de não perder de vista a ideia inicial d'esse trabalho, expressa no Prefacio e em diversas paginas de considerações intercaladas nos apontamentos biographicos. É, sobretudo, não perca de vista a doce humildade com que eu prometti na primeira edição da obra expurgar de algum erro, ou beneficiar com indicações novas, esse arranque de seis semanas num gabinete da Bibliotheca de Lisboa.

Ficamos nisto?»

Brazil e Inglaterra

Surgiu um conflicto diplomatico entre o Brazil e a Inglaterra por causa da occupação da insignificante ilha da Trindade, fronteira á Bahia. Por enquanto os jornaes são escassos sobre o estado da questão, e nenhum julzo pôde fazer-se, seguro, a respeito d'ella. Essa a razão por que a não temos referido e porque só o ligeiro reparo que ahí fica hoje lhe fazemos.

Bagatellas

Quem viaja pelo norte do paiz, como, de resto, em todo elle, por toda a parte encontra a demonstração tocante da confusão e do atraso da educação portugueza e da inferioridade nefasta com que a administração publica tem desprezado os elementos mais poderosos e fecundos aos interesses da civilização.

A função preponderante que a arte desempenha no mundo actual, como aliás em todos os grandes periodos da evolução humana, considerada quer como factor de prosperidade economica, quer como exigencia de ostentação social, como documento de superioridade e illustração, ou como facto de fé patriótica e honra nacional, parece ser em Portugal absolutamente desconhecida.

Os mais preciosos monumentos religiosos encontram-se sacrilégamente deturpados, transformados e destruidos ás mãos da imbecilidade beata; e o capricho irresponsavel das populações analfabetas corre parelhas com o zelo audacioso das corporações illustradas. O estrago é o mesmo.

Diante d'esta solicitude devastadora os representantes do poder cruzam os braços, e dá-se em Portugal o caso fantastico e burlesco—de ser trancado na cadeia, com o rigor implacavel e rispido das velhas ordenações, o ebrio que corta um arbusto plantado á borda da estrada, ou parte o vidro d'um lampião publico; ao passo que não ha em toda a legislação pennalidade effectiva, applicavel a uma confraria que desfigura e destroe um quadro, uma estatua, um edificio unico, que pôde ser a gloria d'um povo!

Dum extremo ao outro do paiz será difficil de encontrar uma construção de algum merito, indemne das auctoridades do canteiro moderno.

Quinze dias pelo norte do paiz, em confrontos artisticos e em surpresas irritantes de vandalismos, lançam no espirito uma impressão de lastima para tres mezes de desabafos vehementes!

Os roubos, as vendas illegaes, as usurpações fraudulentas andam pelos soalheiros locais na bocca de toda a gente e com elucidações pessoais. O cynismo pela impunidade!

E o que se dá nas confrarias certanejas, succede, com maior gravidade ainda, nas corporações—ás quaes, pela sua representação e cultura, cumpriria mostrarem-se limpas e dignas. A collegiada de N.º S.º da Oliveira, de Guimarães, vendeu ainda ha pouco por 250 mil réis uma tapeçaria antiga, que depois foi negociada pelo comprador como objecto de valia rara. O facto corre, citam-se nomes e pormenores; e ninguém lhes pede contas!...

Contigua á igreja da mesma collegiada levanta-se a torre manuelina; e a quadra do rez do chão é uma capella funeraria, onde jazem o letrado Pedro Esteves Cogominho, tendo por cabeceira um livro, e sua mulher Isabel Pinheiro, representadas em estatuas jacentes, na sumptuosidade dos seus trage luxuosos, dos fins de seculo XV.

O toucado da dama, num requinte extravagante de moda, é d'um esmero de lavor, que bem certifica a exactidão historica d'estes dois documentos da idumentaria nacional.

Pois, apesar d'isso, o estado de immundicie e de desleixo, em que o visitante encontra esta bella antiqualha, seria um opprobrio para os brios das reverendas *Inutilidades*, se a collegiada

para elles representasse alguma coisa mais, que a simples gamella da cevadeira canonica!...

O tumulo é de calcareo d'Ançã; a abobada da camara de granito de má qualidade, em corrosão salitrosa. As particulas desagregadas accumulam-se sobre o sarcophago; e se, como tudo indica, ali chove, avalie-se com que rapidez progride o estrago da bella obra, sepultada sob o montão de detritos e entulho, humido durante os mezes do inverno. Os pés de quem ali entra enterram-se em poeira, que se estende sobre as figuras, litteralmente escondidas sob uma camada de mais d'um palmo de espessura. O visitante terá de munir-se d'uma vassoura.

O resultado é facil de calcular: as estatuas estão inteiramente gastas, principalmente na metade inferior: restam os bustos e as formas mais ou menos indecisas das roupagens.

Pelos modos, os inclitos Cogominhos têm representantes numa familia de prosapias, que por Lisboa se derranca em bajulações cortezãs; mas, como isto é a manifestação d'um mal organico e geral, estes actuaes Cogominhos estão mais podres e gastos, que o vulto do Pedro Esteves da collegiada!...

Mas, se os illustres Cogominhos nada fazem, não nos dispensaremos de perguntar, no fim d'estas lamurias, o que têm feito os cogumelos insignes da *Commissão dos monumentos nacionaes*, em incumbação serodia de mais de dois annos de espalhafatos pedantes!...

A.

Os decretos dictatoriaes e o poder judicial

Em accordam proferido hontem pelo Supremo tribunal de justiça em processo de revisão de sentença, pedida por um réo que invocou o decreto de 27 de fevereiro de 1895, dois membros d'aquelle tribunal apresentaram como questão prévia a seguinte declaração:

«Sendo o poder judicial independente (artigo 119.º da Carta Constitucional); sendo da competência dos juizes applicar a lei (mesmo artigo); não devendo o poder judicial reconhecer outra coisa se não a lei e a sua consciencia, como diz Rossi; recaído o poder legislativo nas mãos com sanção do rei (artigos 73.º e 45.º, § 6.º, da Carta Constitucional); é evidente que os decretos do poder executivo sem approvação das côrtes não são lei e portanto o decreto dictatorial de 27 de fevereiro de 1895 não tem força de lei.»

Esta é a verdadeira doutrina, e só é para sentir que o poder judicial não tenha tido a hombridade sufficiente para a sustentar efficazmente.

Prepotencias do capital

A Empresa Industrial Portuguesa suspendeu o trabalho aos seus 358 operarios pela seguinte futil razão:

Dois d'elles foram, na manhã de quinta feira, avisados de que tinham sido despedidos. Os interessados por uma parte e os seus camaradas por outra, interrogaram o gerente sobre os motivos do facto. Não quizeram dizer-lhes coisa alguma!

Em consequencia, muito logica, da prepotencia odiosa, e por um espirito de solidariedade que é muito para enaltecer, os operarios recusaram-se a trabalhar enquanto lhes não fosse dada satisfacção, e por isso, ao meio dia, foi pelos directores suspenso o trabalho em todas as officinas.

Assim ficaram, temporariamente, sem pão 358 familias, isto é, quasi dois mil proletarios! Por um motivo singelissimo, são lançadas a todos os horrores da fome as creancinhas innocentes, as pobres mães desvalidas e os operarios dignos!

Demais,—se é exacto o que se aventa,—a baixaza dos directores da Empresa apparece por detraz de razão tão ligeira. Parece, com effeito, que a fabrica tinha de dar prompta, no dia 15 d'agosto, uma certa machina de fazer polvorosa, devendo pagar a multa de 20\$000 réis por cada dia de demora. Ora a machina só poderia estar prompta em janeiro!

Assim, a prepotencia vem juntar-se a infamia, e, se a asserção se confirma, um quarto no Limoeiro deve ser offerecido a esses poderosos directores, apanhados em flagrante delicto de burla.

Guilherme Braga

Deveria realizar-se hoje no Porto, a terra onde o paiz inteiro costuma ver alcandorada a aguia da Liberdade, uma imponente e significativa manifestação de protesto intemerato e ativo contra a propaganda tenebrosa do jesuitismo em Portugal, manifestação tanto mais elevada e nobre, quanto ella se dirigia ao espirito brilhantissimo e audaz do poeta mais audacioso e revolucionario da nossa terra.

A peregrinação ao tumulo de Guilherme Braga, prohibida incoherentemente, criminosamente, pelo governo retrogrado e reaccionario que fomentou o congresso de S. Vicente, teria uma significação altisonante e honrada, alevantada e honesta, perante a corrente immoralissima e repugnante do jesuitismo a triumphar.

Guilherme Braga, fazendo dos seus versos fasciculos de lategos frementes, chicoteou ardentemente, com a vehemencia impetuosa do seu caracter de revolucionario e com a ardente indignação do seu espirito immaculado e lidimo, as ovancias impudentes da reacção tripudiante. E ainda, então, o espirito reaccionario ia colleando silencioso no movimento insinuante e calmo do reptil rastejante na sombra.

Hoje, porém, ergue-se já, desassombrada e franca, fortalecida na protecção aberta de governos e imperantes e robustecida na ignorancia assombrosa que alastra pelo paiz inteiro, falho de ideal e de virilidade, de consciencia e de critica, a legião dominadora do jesuitismo.

Mas houve por bem esse governo de imbecis prohibir a manifestação projectada, esse governo, que pôz à disposição da clerezia reaccionaria os soldados e officiaes do nosso exercito para as espectaculosas farçadas de cortejos ridiculos, que rodeou de tropas armadas as procissões jesuiticas, que deu ao famoso congresso de S. Vicente o concurso e auxilio da sua influencia.

Nós, hoje, protestando, como protestamos, como protestaremos sempre, contra o apoio impudente que os governos do nosso paiz aos manejos jesuiticos têm prestado,—vimos tambem trazer à memoria venerada do grande poeta, que foi ao mesmo tempo um grande e illuminado espirito e um altissimo caracter, a homenagem do nosso respeito ardente e fervoroso.

Melilla

Têm sido recebidas de Madrid noticias alarmantes sobre a attitude dos mouros em Melilla. De ha muito que se notava nos mouros um certo retrahimento, não comparecendo aos mercados nos dias em que costumavam frequental-os e passando as noutes a disparar tiros, e parece que agora se vae manifestando d'um modo inequivoco o seu espirito hostil.

Tendo sido ha dias encontrado dentro do territorio hespanhol, por uma força de cavallaria que percorria o campo entre o forte de Camellos e o forte n.º 1, gado pertencente aos rifenhos, ordenou o commandante da força aos guardadores do gado que se afastassem d'esse territorio.

Oppuzeram-se os rifenhos, insultando os hespanhoes. D'ahi uma lucta, que attrahiu ao local do conflicto mais de 300 mouros.

Dada ordem de prevenção às tropas da praça, saíram duas baterias de artilheria e cornel, general de brigada, à frente de 60 soldados de cavallaria, dirige-se para o local e obriga os mouros a sair do territorio hespanhol.

Foram derrubados pelos rifenhos os postes que marcam os limites do territorio hespanhol, sendo collocados de novo por alguns engenheiros hespanhoes.

A linguagem dos mouros é provocadora.

O governo hespanhol já adoptou providencias e diz se que vae enviar reforços militares para Melilla. Se porventura se abrirem as hostilidades, a Hespanha ver-se-á em sérias difficuldades, tendo de manter o seu prestigio em Cuba e Melilla ao mesmo tempo.

As ultimas noticias recebidas de Cuba dão a Martinez Campos uma brilhante victoria sobre os insurrectos. É necessario, porisso, não confiar demasiadamente nessas noticias, attenta a sua origem.

Haja vista ao que succedeu com a derrota soffrida por esse general, cuja gravidade a principio tão attenuada foi.

É sempre assim

Um ministro da corôa, abusando das suas funcções, manda soltar um empregado publico que havia prevaricado e, como compensação do serviço prestado, exige que o pae, official de marinha mais antigo que elle, requeira a sua reforma. Abre-se uma campanha na imprensa tanto republicana como monarchica, em que se tornam salientes a *Vanguarda* e o *Reporter*, jornal regenerador, pondo-se em relevo a infamissima acção praticada pelo ministro. Declara o *Reporter* repetidas vezes que muitos officiaes de marinha enviaram cartões á sua redacção, mostrando assim que lhes era sympathica a attitude d'esse jornal. O official reformado publica uma carta em que, em vez de defender, mais compromette o ministro.

Pois bem! Depois de tudo isto, sem que o governo mande processar os jornaes que formularam uma accusação tão grave contra um dos seus membros, sem que na sua imprensa appareça um só artigo em que se defenda energicamente o ministro da marinha, vae fazer-se silencio sobre o caso!

O *Reporter*, depois de haver afrouxado no ataque, já não trata do assumpto no ultimo numero. Amanhã callar-se-ão os órgãos do partido progressista. E a *Vanguarda*, esse nosso valente correligionario, quando reconhece que está só, quando veja que as suas accusações não abalam a opinião publica, callar-se-á tambem.

E o ministro, que tão miseravelmente enodoou não só a farda de ministro mas a de official da marinha, continuará no seu posto!

É mais um facto que vem demonstrar que os ministros podem fazer o que quiserem, sem que o acto mais indigno que praticarem os inutilise. Tem sido sempre assim e continuará a se-lo, se os cidadãos dignos não resolverem intervir efficazmente nos negocios publicos, supprimindo uma monarchia desprestigiada e expulsando do poder esses miseraveis sem crenças nem dignidade que têm praticado os mais vis attentados.

O *Diario do Governo* publicou hontem um accordão da Escola Medico-Cirurgica do Porto condemnando a dois annos de exclusão dos cursos da mesma escola o alumno Francisco Augusto Regalla, que ha tempos aggreديو o professor sr. Ricardo d'Almeida Jorge, dentro da escola, quando saia dos actos de pathologia geral, em que tinha sido reprovado.

A hydrophobia

Ha bastante tempo já que parte da imprensa da capital levantou uma questão grave e importantissima, a que não vemos que tenha correspondido da parte das auctoridades respectivas o interesse que este grave assumpto merece.

A hydrophobia é um *morbus* terrivel, que ultimamente se tem alastrado horrorosamente pelo paiz fóra. Tem-se aventado alvitres, alguns dos quaes sensatos e praticos, e entre elles lembra-se ás auctoridades administrativas que lancem sobre os cães uma tributação pesada, que não permitam que elles andem pela rua sem açamo, e que, sobre tudo, cuidem da extincção dos cães vadios e lazarentos, que pelas ruas se andam arrastando de miseria e de fome.

Não vemos, porém, que a nada tenha attendido quem para isso tem obrigação. Os cães por ahi andam, de noite e de dia, sem açamo, livres de qualquer vigilancia policial, de dia embaraçando o passo aos transeuntes, de noite procurando no lixo das ruas um osso esburgado que lhes engane a fome.

Não ha razão para que as auctoridades administrativas providenciem? Esperamos que o sr. governador ci-

vil cumpra o seu dever, ordenando aos administradores dos concelhos e ao commissario de policia que sem demora promovam, por todos os meios convenientes, não só a extincção dos cães vadios, como a prohibição de andarem sem açamo pelas ruas.

Bismarck e o Imperador

É bem conhecida a tensão de relações mantida actualmente entre o imperador Guilherme II da Alemanha e o ex-chancellor de ferro, o unificador do imperio allemão, o maior amigo de Guilherme I. Foi relegado para Friedrichsruhe o chancellor do imperio, despido de todo o favor imperial; mais tarde, e não ha muito ainda, o imperador foi ao castello de Bismarck apresentar, pessoalmente, ao castellão exilado, as felicitações do povo allemão pelo anniversario do chancellor; viam todos uma aproximação clara e affectuosa do imperador e de Bismarck.

Mas não durou muito tempo esta *entente* amigavel. Estão de novo descobertas as baterias, e, d'esta vez, parece que o despeitado de Friedrichsruhe vae atacar sem reservas o seu imperial adversario.

Foi agora demittido o conde Bantzau, genro de Bismarck, do seu lugar de ministro plenipotenciario, e affirmase que esta demissão é o preludio d'uma campanha aberta pela familia do ex-chancellor contra o imperador.

O castellão de Friedrichsruhe possui alguns documentos cuja publicação será desagradabilissima a Guilherme II. Estes documentos referem-se a um emprestimo e a alguns negocios intimos de caracter extremamente delicado.

Quem deve dirigir o ataque é o conde Herbert Bismarck, que para este fim brevemente partirá para Inglaterra, onde estão depositados os preciosos documentos.

Partiu para as Caldas da Felgueira o sr. conselheiro Neves e Sousa, governador civil d'este districto.

Historia de Portugal

José Sampaio (Bruno) recomeçou, em fim, a publicação da obra monumental de Henrique Schaefer, vertida por Assis Lopes, e que o nosso illustrado correligionario promette continuar sob o mesmo plano até nossos dias. Suspensa ha muitos mezes, a edição tão apreciada e difundida vae agora regularmente seguir curso. O volume segundo terminou a meio do reinado de D. João II, d'esse «nosso Luiz XI, executor sombrio do duque de Bragança e do duque de Vizeu» e já as primeiras folhas do 4.º volume comecaram a distribuir-se. Oxalá não venha nova interrupção desanimar outra vez os espiritos.

Partido republicano

Está constituida a commissão republicana do concelho da Horta:

Effectivos—Antonio Gonçalves Vianna da Silva, commerciante e proprietario; José Augusto de Sequeira, commerciante, industrial e proprietario; Vicente Silveira Bettencourt, proprietario; Caetano Moniz de Vasconcellos, proprietario; Domingos Homem Garcia, proprietario; Othão Pereira da Silva, guarda-livros; Joaquim Cardoso Ayres Pinheiro, pharmaceutico e proprietario; Manuel Francisco da Silva Ribeiro, proprietario; João Raposo d'Oliveira, commerciante.

Substitutos—José Cardoso Pinheiro, commerciante e proprietario; José Correia Junior, commerciante e proprietario; Candido A. d'Oliveira, commerciante e proprietario; Francisco Silveira Pacheco, commerciante e proprietario; Victor de Lemos e Silva, typographo; Antonio Rodrigues Ferreira, commerciante; José Maria das Neves, commerciante e proprietario; José Francisco Dutra, industrial; Manuel Nunes da Silva, industrial e proprietario.

Commissão executiva—Antonio Gonçalves Vianna da Silva, José Augusto de Sequeira, Vicente Silveira Bettencourt.

Tambem será brevemente eleita a commissão municipal de Lisboa, de que farão parte homens importantes da sciencia e do commercio.

LITTERATURA E ARTE

Um duello de morte

I.

Os adversarios e testemunhas chegaram ao local do combate.

Era uma luxuosa casa de jantar, onde se via uma mesa magnificamente servida, e em que apenas tinham sido collocados dois talheres: os talheres dos contendores.

Conveniencias particulares obrigam-me a designar os dois adversarios com os nomes suppostos de Julião e conde de Falbaire.

Na noite anterior, um d'elles havia insultado tão gravemente o outro, que não houve remedio senão combinar um duello.

Igualmente dextros no manejo da espada e da pistola, renunciaram ao emprego de armas vulgares.

Ambos glutões—na accepção mais heroica da palavra—Julião e o conde de Falbaire resolveram bater-se a comer.

As condições de tão terrivel e extravagante duello foram escrupulosamente combinadas pelos padrinhos.

Deveriam comer sem descanço até que um dos adversarios ficasse fóra do combate.

II.

—Vamos, meus senhores!—disseram as testemunhas.

A este signal, os dois combatentes sentaram-se á mesa, depois de terem trocado um cumprimento.

Os padrinhos tomaram logar numa pequena mesa, d'onde podiam observar todas as peripecias da luta.

Eram 8 horas da noite.

As dez, o jantar, que se compunha de doze pratos exquisitos, tinham terminado sem que se notasse vantagem a favor de qualquer dos dois contendores.

Julião sorria e o conde de Falbaire assegurava que tinha jantado admiravelmente.

As testemunhas chamaram o dono do restaurante, encarregaram-o de trazer mais comida não menos succulenta e abundante que a anterior, e deram signal para comecar a ceia.

Carne, peixe, aves de toda a especie, vinhos os mais excellentes desapareceram rapidamente, no meio da conversação que os ferozes combatentes tinham entabulado sobre a boa qualidade dos manjares.

Parecia que o jantar não fóra senão um aperitivo para a ceia.

As testemunhas olhavam uma para a outra estupefactas, sem todavia se atreverem a abandonar o seu papel, puramente contemplativo.

III.

—Ceemos!—disse o conde Falbaire, depois de ter saboreado a ultima gota da sua chavena de café.

—Ceemos!—repetiu Julião.

A coisa já estava prevista. Aos pratos quentes succediam-se carangueijos, lagostas, saladas russas, fiambres, regadas com vinhos do Rheno, Porto e Champagne.

A ceia correu animadissima e alegre. O duello entrava no seu periodo decisivo. Cada um dos adversarios fazia esforços inauditos para vencer o seu rival.

Julião comia com muito brilhantissimo; mas o outro fazia-o com mais correcção.

Um e outro estavam certos do seu triumpho, a ajuzar pelas palavras que trocavam e pelos epigrammas que mutuamente se dirigiam.

Apesar d'isto, as maxilas de Julião iam insensivelmente tingindo-se de vermelho.

O conde Falbaire notou isto e disse:

—Quer o senhor que mande abrir a janella? Parece-me que está com muito calor.

Julião atirou-lhe um olhar terrivel e continuou a comer.

Num dado momento, Julião quiz cantar.

Os padrinhos, porém, prohibiram-lhe, o alegando que o canto facilitava o trabalho da digestão.

Esta prohibição constituia uma desvantagem para Julião, e equivalia à primeira arranhadura.

Era indubitavel que Julião luctava com os primeiros symptomas da embriaguez, visto que os seus olhos procuravam um ponto de apoio e um ligeiro tremor lhe agitava as mãos.

—O senhor pára? perguntou o conde de Falbaire.

Julião rangeu os dentes, e como unica resposta bebeu trez taças de champagne.

O conde fez o mesmo com a maior tranquillidade do mundo.

Depressa Julião se faz pallido como um defuncto e inclinou a cabeça para a frente, como se quizesse apoiar-a sobre a mesa.

—O senhor quer dar-se por vencido? perguntou-lhe o conde.

—Não senhor,— respondeu Julião energicamente.— Almoceemos.

—Almoceemos.

IV

As testemunhas, assombradas ao ouvir esta palavra, conferenciaram durante pouco tempo, e acabaram por acceder aos desejos dos seus amigos.

Tinha amanhecido, e a manhã viuha muito a proposito para se começar o almoço.

Julião, que, pelo visto, tinha conseguido renovar as forças, precipitou-se impetuosamente sobre ostras, carne, aves, Sauterne e Bourgogne.

Aquillo já não era uma resolução, mas um transporte, um verdadeiro delirio.

O conde Falbaire seguia-o passo a passo, sem que lhe fizesse impressão a gymnastica do seu adversario.

Chegou, porém, um momento em que o fero impulso de Julião se transformou repentinamente: comia machinalmente sem saber o que comia, de uma maneira inconsciente e fatal, com um ruido de mandibulas regular, monotonico, insupportavel.

As dez da manhã levantou-se Julião para brindar pelos deuses infernaes.

Este movimento devia ser-lhe funesto.

O infeliz cambaleou e caiu para de baixo da meza.

Depois de alguns segundos de expectativa, as testemunhas declararam solememente que o duello estava terminado e a honra satisfeita.

Os dois adversarios tinham luctado como heroes durante quatorze horas.

E o conde Falbaire, apesar de estar terminado o duello, continuava comendo, sereno e impavido, como se não tivesse ainda alcançado a palma da victoria. CARLOS MONSELOT.

Novo escandalo

A meio d'um artigo de fundo veheamente, a *Vanguarda* declara ter «entre mãos um novo e gravissimo escandalo a respeito d'uma compra de madeiras para o Arsenal da Marinha, compra feita pelo sr. Ferreira d'Almeida com certo fim», e promete explicar a seu tempo qual seja esse fim.

Em presença de tanta infamia, julgamos sinceramente que o sr. Ferreira d'Almeida está bem ao lado do governo e aos pés do rei.

Criticando o procedimento do governo por não permittir a manifestação junto do tumulo de Guilherme Braga, diz o *Tempo*:

«Não ha governo mais inconstante, mais hysterico do que o actual. Permittiu os congressos catholico e socialista em Lisboa, e prohibe a manifestação ao grande poeta Guilherme Braga!

Deixou que se soltassem gritos subversivos contra o governo d'uma nação amiga e ao qual nos ligam laços os mais estreitos, e não quer agora que se vá deixar sobre uma cova ramos de flores.

E assim anda um governo sem uma ideia, sem uma norma de proceder, á merce dos acontecimentos e do irrequietismo nervoso do sr. ministro do reino!»

Dr. Daniel de Mattos

Partiu hontem para a Granja, para acompanhar sua ex.^{ma} esposa e filho, que naquella aprazivel praia vão passar a epoca balnear, este nosso querido amigo e brilhante ornamento da faculdade de Medicina.

Partiu para a Figueira da Foz com sua ex.^{ma} esposa e nosso presado amigo sr. dr. Manuel da Cunha Novaes, digno official do governo civil d'este districto.

Por jubilação do sabio professor da faculdade de Direito e nosso presado amigo, sr. dr. Bernardo d'Albuquerque, vão ser promovidos a decano o sr. dr. Manuel Nunes Giraldes, e a cathedrático o nosso collega dr. Guilherme Moreira.

Consortio

Em Elyas, onde está exercendo as funções de recebedor de comarca, matrimoniou-se com a sr.^a D. Herminia Bacellar d'Ornellas o sr. Guilherme Augusto Rocha.

Aos noivos as nossas felicitações.

Foi á assignatura regia o decreto concedendo a aposentação ordinaria ao lente de vespera da faculdade de Medicina, sr. dr. Epiphanyo Marques.

Foram collocados na estação telegraphica postal de Coimbra os aspirantes auxiliares Antonio Rocha Manso e Luiz José Baptista.

taes defrontavam com as casas de barro negro...

Jenny embrenhou-se pelas veredas tortuosas do velho Montmartre, ladeadas de estabulos, vaccarias, e jardins.

Seguiu pelas ruas em espiral; subiu escadas; correu ao longo do velho cemiterio.

Por entre o arvoredado viam-se casas de campo, retiros para pacatos, vinhedos, um bebedouro onde se banhavam os cavallos, e uma fonte em estylo antigo, na borda da qual as mulheres se sentavam.

Chegaram a Buttes: A vertente do lado da planicie de Saint-Quen mostrava-se em todo a sua garridice, com os seus atalhos ladeados de espinheiros, e tabuleiros de diferentes culturas, e no horizonte uma linha de collinas azuladas e a basilica de S. Diniz, viuva do seu campanario.

Olhando para o outro lado, via-se Paris, com os seus milhares de tectos banhados por uma nebelina d'ouro, e grossas nuvens de purpura no occidente.

Havia gente no alto. Famílias inteiras assentadas, esperavam o fresco da tarde. Fazia-se cauda á porta do cerrado do primeiro moinho.

Mello Freire

Noticiamos no ultimo numero da *Resistencia* que a faculdade de Direito havia resolvido celebrar o centenario d'esse notabilissimo juriscosulto.

As propostas que foram apresentadas a este respeito pelo sr. dr. Manuel Emygdio Garcia são as seguintes:

1.^a Que a faculdade celebre condignamente, em honra e homenagem a Paschoal José de Mello, a data do centenario, dando a esta solemnidade character e feição puramente scientifica.

2.^a Que, para iniciar os trabalhos preparatorios e elaborar o competente programma, seja nomeada uma comissão de cinco membros, um por cada anno da faculdade, presidida pelo prelado universitario.

3.^a Que o sr. reitor dê immediato conhecimento ao governo d'estas resoluções, e solicite do mesmo todo o possivel auxilio official.

Consta-nos que o conselho da faculdade só approvou a proposta relativa á celebração do centenario, devendo em outra congregação nomear uma comissão que para elaborar o programma respectivo.

Ao concurso aberto pela faculdade de Direito para provimento de cinco vagas de substitutos, apresentar-se-hão a dar as suas provas os drs. Arthur Montenegro, Teixeira d'Abreu e Affonso Costa.

Parece que as provas terão lugar no mez de novembro.

Caridade

Agradecemos ao caridoso anonymo as 15 senhas da Cosinha Economica, da quantia de 120 réis cada uma, que se dignou enviar-nos para serem distribuidas por os nossos pobresinhos, amañã, 29, em commemoração do fallecimento de sua esposa.

Voltou já da sua excursão pelo norte do paiz o nosso amigo Antonio Augusto Gonçalves, dignissimo director da Eschola Brotero e organização artistica do mais alto valor.

Santa Cruz

A comissão dos monumentos nacionaes nomeou uma sub-commissão composta dos srs. Ramalho Ortigão, Gabriel Pereira e Mardel para examinar as obras que se têm effectuado nesta egreja. Espera-se que venha no meado do proximo mez.

A *Correspondencia de Coimbra*, em resposta a umas considerações que fizemos relativamente ao preço por que se está vendendo a carne de vacca, diz que estamos enganados suppondo que a comissão eleita pela camara nada tem feito. A ser verdade o que o collega *oviu*, essa comissão tem trabalhado e estudado muito.

A pequena Jenny foi informar-se e voltou quasi logo.

—Ha alli um combate de cães! disse ella.

Entraram. A arena era no terreno, diante da taberna. Era um quadrado de madeira, de 70 centimetros d'altura, 2 metros de largura e 3 de cumprimento.

Nesta especie de caixa, os cães postavam-se em frente um do outro, seguros por uma curta cadeia que os seus donos seguravam ás mãos ambas. Eram bul-dogues, um amarello outro branco.

—Eu conheço o amarello! disse Jenny; é do arrabalde; é o *Brutus* do pae Poitevin, o carniceiro.

—O branco chama-se *Cesar*! disse um dos assistentes.

Ambos eram magros, musculosos; os seus olhos faiscavam: as suas fauces parecia que se dilatavam...

Nomeou-se um jury de dez membros. Este jury escolheu um presidente.

—Um! Dous! Tres! Largar! exclamou este.

Os cães partiram; começou o combate. O publico, silencioso ao principio, foi-se entusiasmado gradualmente. Apertavam-se, empurravam-se, estavam impacientes. A multidão fazia

Estimaríamos que fossem exactas as informações da *Correspondencia*, mas julgamos que o collega foi illudido.

É de todos conhecida a actividade que esta camara tem desinvolvido e o modo por que tem zelado os interesses dos seus municipios. Chega até, segundo ouvimos, a ceder gratuitamente grande quantidade d'agua do deposito da Cumiada!

Instituto de Coimbra

Foram eleitos, em assembléa geral de 24 do corrente, socios do Instituto: effectivos, os srs. dr. Affonso Costa e o agronomo Arthur Leitão; correspondentes, os srs. Philéas Lebesgue, poeta francez; Edgard Prestage, inglez, traductor das obras de Anthero de Quental e das «Cartas de soror Marianna», Góran Cjorkman, sueco, auctor de alguns livros sobre Portugal; dr. José Pedro Teixeira, professor da academia polytechnica do Porto; Achilles Ripamonti, agronomo; Sebastião Pereira da Cunha e Espina y Capo, medico hespanhol.

Parece que o curso do quinto anno de Medicina celebrará este anno a sua formatura com a distribuição d'um bodo a 100 Pobres na cosinha economica. Applaudimos calorosamente a ideia.

Centenario de Sá de Miranda

O Instituto resolveu festejar o centenario d'este poeta, com o seguinte programma:

1.^o No dia 17 de outubro, quarto centenario do nascimento do «Seneca Portuguez», o festejado poeta sr. Eugenio de Castro fará na sala das sessões do Instituto de Coimbra uma conferencia acerca de—*Sá de Miranda e a sua Obra*.

2.^o Nesse dia sahirá um numero especial do Instituto, adornado do retrato de Sá de Miranda, contendo collaboração do dr. Theophilo Braga, Sousa Viterbo, Eugenio de Castro, dr. Manuel Gayo, portuguezes; D. Carolina Michaelis, alemães; Goram Bjorkman, sueco; Edgar Prestage; H. P. de Brinn'Gaubas, francez, etc.

3.^o É cunhada uma medalha commemorativa do centenario mirandino.

4.^o Publica-se, em volume, uma colleção das melhores poesias de Sá de Miranda, com um prefacio do sr. Eugenio de Castro.

5.^o No mez de novembro, em dia que opportunamente se indicará, realisa-se na sala dos capellos da Universidade um grande sarau litterario e musical. Os oradores são os srs. dr. Theophilo Braga, D. Carolina Michaelis, dr. Henriques da Silva, dr. Sanches Mogoel (hespanhol) e Eugenio de Castro.

loaugura-se nessa occasião o busto de Sá de Miranda, feito pelo sr. A. A. Gonçalves. Nos intervallos ha execu-

movimentos de vae-vem; depois parava. Os rostos exprimiam colera e provocação. Os donos dos cães davam punhadas no tablado de zinco e enrouqueciam a apular os combatentes.

—Coragem, *Brutus*!

—Força *Cesar*!

Os que apostavam gritavam tambem. Alguns cães que estavam em descanso, latiam, queriam arremessar-se...

—Abaixo! Abaixo!

Havia um tumulto enorme, indescriptivel.

A maioria tinha apostado por *Brutus*, por causa do nome.

Na arena, o sangue tingia a terra. Os bul-dogues recuavam e arremetiam alternadamente.

No ardor da lacta, viam-se umas vezes as patas no ar, outras vezes uma maxilla aberta, um dorso atravessado pelos dentes, os membros posteriores torcidos, uma cabeça de lado mostrando os dentes...

Emfim *Cesar*, vencido, arquejava no meio da arena.

Brutus não largava a preza. O pae Poitevin poz-se de joelhos, inclinou-se para diante e agarrou com os dentes a cauda de *Brutus*.

Brutus, moveu-se, mas não largou. Então, o carniceiro, apertou os dentes até ficar com um bocado da cauda na bocca.

ção de musica authentica do seculo XVI, a vezes e instrumentos de corda, sob a direcção do professor sr. dr. Simões de Carvalho Barbas.

6.^o Publicam-se depois em volume os discursos e poesias do grande sarau.

Diz-se que o governo auxilia a commissão do centenario com a cedencia gratuita do trabalho typographico da imprensa da Universidade.

Desastre

Deu entrada na cadeia d'esta cidade Antonio Carvalho, de 13 annos de idade, que, sendo perseguido por Priamo Simões, do logar de S. Fructuoso, lhe atirou uma pedrada, em virtude da qual este, perdendo o equilibrio, caiu por uma ribanceira e fracturou o craneo.

De Coimbra á Figueira

Consta-nos que a activa direcção da Associação Commercial de Coimbra vae pedir á Companhia real dos caminhos de ferro para estabelecer um comboio directo entre Coimbra e a Figueira. Se conseguir que seja satisfeito o seu pedido, prestará mais um relevante serviço a Coimbra.

Monte-Pio Conimbricense

Martins de Carvalho

Pelo balancete relativo ao 1.^o semestre de 1895 vê-se que este Monte-Pio tem já o avultado capital de réis 10:221\$347. Este capital tem sido accumulado durante 44 annos e meio, pois que esse Monte-Pio foi fundado no 1.^o de janeiro de 1851.

Actos na Universidade

Nos dias 26 e 27 fizeram acto, ficando approvados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE MEDICINA

1.^o anno—Eugenio Pereira de Castro Caldas.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

3.^a cadeira — (*Physica*, 1.^a parte)—Fernando Affonso Leal Gonçalves e Alberto Augusto das Neves Rocha.

6.^a cadeira (*Zoologia*)—Antonio Affonso Maria Vellado Alves Pereira da Fonseca, José Augusto Lobato Guerra, Antonio Alberto Dias Paredes, Luiz Martins da Costa Soares e Alexandre da Silva Bastos.

5.^o anno—7.^a e 8.^a cadeiras (*Mineralogia e Anthropologia*)—Thomaz Alexandre d'Oliveira Lobo e Manuel Gomes Filipe Coelho.

O cão largou a presa e começou a latir.

O publico applaudiu entusiasmamente.

Brutus vencia a *Cesar*. A pequena Jenny compartilhava das honras do arrabalde que havia saído vencedor nesta lacta.

Jane, semelhando as vestaes dos circos, estava triste; os seus labios abertos deixavam ver os dentes.

Approximava-se a noite. A alguns passos ouviam-se as rebecas, os timbales e os tambores.

Os rapazes das barreiras abriram o baile, com raparigas vestidas de cores brilhantes. Viam-se no ar barretes incarnados e chapéus de abas direitas.

Um pó transparente subia ao ar. Por cima o ceu branco de estrelas, as arvores pareciam negras. Os dançarinos acompanhavam a orchestra cantando. Uma brisa quente passava pelas frentes molhadas de suor.

—Tanto pelor, disse a pequena Jenny; é preciso não descançar!

E, levantando no braço a cauda do vestido, entrou na dança.

Jane, de pé, observava. A formosa mulher tinha as faces congestionadas. Os olhos vellados; os dedos tremiam-lhe; extendia os labios...

(Continúa)

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

X

A DECADA

Jenny teimava que nos *Moulins de Montmartre* era o logar do mundo onde se comia o melhor *bollo folhado* e se bebia o melhor vinho branco.

Havia alli danças de tarde, e ás vezes, como no circo Pantin, combate de cães.

—Vamos aos *Moulins do bollo folhado*! disse Jane, saltando ao braço de Henrique.

—Vai nos onde tu quizeres! A pequena Jenny caminhava adiante, com o aprumo d'uma parisiense que conhece todos os atalhos, passagens, e beccos.

Passaram depressa os arrabaldes, com os seus estabelecimentos, *ateliers* e estações de carruagens...

—Atravessaram La Villete e La Chapelle, cortadas de terrenos incultos, de jardins e pomares, de casebres insolados, de ruas desertas onde os muros dos quin-

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM — BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeitos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1,500 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com duches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as **Caldas da Felgueira**, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no **Deposito geral—Pharmacia Andrade**, Rua do Alecrim, 125.

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais appparelhos concernentes.



LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bofacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Especialidades da casa

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar.—Chá medicinal de Hamburgo.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 11 do proximo mez d'agosto, pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal de Justiça d'esta comarca, pela execução hypothecaria que D. Maria da Conceição Roxo, proprietaria de Coimbra, move contra Luiz Salgueiro e mulher e fiadores Manuel Augusto de Matos e mulher, proprietarios, do logar e freguezia de S. Martinho do Bispo, serão postos em praça e entregues a quem maior lance offerecer além das quantias em que foram avaliados, os predios seguintes:

Uma morada de casas terreas, com um pequeno quintal ao nascente, no logar de S. Martinho do Bispo, avaliada em 70\$000

Umás casas terreas com quintal, no logar de S. Martinho do Bispo, avaliadas em 80\$000

Umás casas terreas com quintal, no logar de S. Martinho do Bispo, avaliadas em 65\$000

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos. Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, *Neves e Castro*

Cavillos, muares, etc.

As sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferível á untora forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agroço, d'onde se remette pelo correio, por 1\$000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

ATENÇÃO

MAXIMIANO RODRIGUES VALENTE, tem á venda no seu estabelecimento em

ANCIÃO

um grande sortimento de fazendas de lã, algodão, linho e seda e outros objectos; assim como o puro vinho da lava do ex.º sr. dr. Domingos Botelho de Queiroz, muito conhecido e conceituado vinicultor neste concelho.

Tem tambem um grande sortimento de machinas Singer que vende a prompto pagamento e a prestações mensaes. Preços sem competencia e garante a boa qualidade das suas fazendas.

COMPANHIA PORTUGUEZA

DE PHOSPHOROS

Deposito dos seus productos em Coimbra, na Praça 8 de Maio, n.º 14 e 15, estabelecimento de mercearia e tabacos de

Manuel Fernandes d'Azevedo & C.ª

Caldeira da Silva CIRURGIÃO-DENTISTA

Participa aos seus clientes que acaba de contractar um empregado, especialista na collocação de dentaduras artificiaes e com longa pratica na America, podendo por isso garantir, a par da modicidade de preço, perfeição e solidez em todos os trabalhos de prothese dentaria, executados no seu gabinete.

Colloca dentes artificiaes, em todos os systemas conhecidos, desde um até dentadura completa.

Operações de cirurgia dentaria e tratamento de molestias da bocca.

Serviço gratuito aos pobres, bem como a creados e creadas de servir.

Rua Ferreira Borges, 174, esquina do largo do Principe D. Carlos.

PIANO

Vende-se um piano vertical, Para tratar Augusto Luiz Martha.

76, Praça do Commercio, 78 COIMBRA

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida. Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

VINHO ANALEPTICO

DE A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

ARRENDASE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroi, 103, se trata.

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 11 do proximo mez d'agosto, pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal de Justiça d'esta comarca, pela execução hypothecaria que Ernesto Lopes de Moraes, negociante d'esta cidade, move contra Eduardo Verissimo de Lemos Portugal e esposa e Atalyba Duarte de Sousa e esposa, tambem d'esta cidade, serão postos em praça, e entregues a quem maior lance offerecer além das quantias em que foram avaliados, os predios seguintes:

Metade d'uma casa situada na rua Ferreira Borges d'esta cidade, avaliada em tres contos e quinhentos mil réis 3:500\$000

Uma terra de semeadura com oliveiras, e pedreiras em exploração, junta á Ladeira da Forca, freguezia de Santa Cruz, d'esta cidade, avaliada em quinhentos e sessenta mil réis 560\$000

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Neves e Castro.

Arrenda-se

2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Arrendamento

Arrenda-se do S. Miguel em diante a casa n.º 10 na rua de S. Pedro com frente para a rua da Trindade.

Para tratar com Domingos J. Gomes, rua do Visconde da Luz 102 a 106.

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA
Rua Martins de Carvalho
COIMBRA

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á Casa Havaneza, onde lhe serão prestadas todas as informações.

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

ANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Praticante de Pharmacia

Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma villa proxima de Coimbra. Informações na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24

COIMBRA

Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50%.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

RESISTENCIA

N.º 47

COIMBRA — Quinta feira, 1 de agosto de 1895

1.º ANNO

Assim o querem,
assim o têm

Nas ruas de Lisboa occorreram na sexta feira scenas que não são mais que a consequencia natural dos despropósitos antoninos, o protesto contra as provocações da reacção ultramontana.

Em varios pontos da cidade alguns jesuitas, ou que a multidão considerou como taes, foram apupados e corridos a vias de facto.

Acontecimentos lamentaveis; mas que succedem por toda a parte, onde a opinião é escandalizada por actos que repugnam á sua indole. Em todos os tempos, quando a demencia despotica dos poderosos sequestra de salto direitos arraigados, ou impõe pela força innovações violentas e incompativeis com o pensar e os costumes da nação, pôde haver a submissão apparente imposta pelo terror; mas o odio recalçado pelo abuso expande-se num momento de allucinação em represalias, tanto mais para temer, quanto são impetuosas e cegas.

Andou tanto a ineptia d'esse governo prepotente, que para ahi se alardeia em desmandos ferozes, amparado pela subserviencia humilhante do jornalismo partidario e alugado, numa cabala jesuitica, reagindo e insultando os sentimentos liberaes em ostentações publicas escudadas na força armada!

E não viam os basofiantes da força que brincavam com fogo! Como se isto fosse uma roça de illotas, cujo pensar os audaciosos se encarregam de impôr á lambada!

O resultado vê-se: insulto por insulto! Não andaram os jesuitas durante vinte dias affrontando a opinião liberal da cidade de Lisboa e do paiz, por detraz dos sabres da policia e da municipal?

Como podem esses imprudentes dementados imaginar que seja possível sem protesto e sem lucta desenterrar instituições ominosas de outros tempos, que deixaram de si o rastro ensanguentado de abusos e de crimes, ante os quaes se horrorisa o espirito generoso e culto do seculo! Como é que, passados sessenta annos, ainda a cauda d'esse monstro, fulminado pelo braço de Aguiar, ousa agitar-se e erguer-se; e aproveitando covardemente o desalento em que a nação se amortece, acha asado este momento de prostração e de desgraça para sobrepor-se á lei e espalhar pelo paiz diante collegios e conventos, a sonhar já com o predomínio execravel de tantos seculos de oppressão, de odios, de perseguições religiosas, de inquisição e de pavores, que cobriram de manchas de sangue as paginas da historia!

Os acontecimentos de sexta feira devem servir de salutar aviso. Mas o criterio honrado e recto com que estes factos symptomaticos são acolhidos na ponderação dos que governam, acha-se manifesto nesta parvoice synthetica:

«É preciso atalhar, com remedio efficaç e prompto, estas evidentes manifestações da surda exploração que por ahi lavra.»

Esta luminosa tirada é das *Novidades*, e a exploração refere-se aos liberaes!

Ora com uma tal bandalheice de observação, em que os *gajos* se fingem cegos, para fazer jus á recompensa, imagine-se que feroz anarchia nos espera!

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

Concluiu ante-hontem a sua formação na faculdade de Medicina o nosso dedicado collega, intimo amigo e eminente correligionario, sr. dr. Antonio José d'Almeida.

Esboçar em phrases quentes, de entusiastica vibração, o valor inestimavel do nosso amigo; dispôr, em poucas linhas d'um jornal, a biographia, já tão vasta, do ardente luctador; traçar, a correr, a sua orientação de revolucionario;—não, não é para o momento, cheio ainda do tumultuar de mil paixões, ennegrecido ainda pela fumarada de cem combates, em que Antonio José d'Almeida soube triumphar e, sempre, indiscutivelmente, derrotar os adversarios. Coimbra, é, melhor que Coimbra, o paiz inteiro, sabem quem elle é, quanto elle vale, e até que ponto a sua dedicação de portuguez poderá concorrer para a salvação da patria estremecida. Seria, assim, pleonastico, offensivo talvez, apontar as virtudes, os talentos excellosos, a magestosa grandeza, o gigantesco valor de Antonio José d'Almeida, aos nossos leitores, a todos aquellos que o têm visto, durante annos, em todos os recontros perigosos, sobraçando, com extremos de audacia, a penna do jornalista e do pamphletario, fazendo vibrar, em trepidações de coragem, a palavra quente do agitador.

Antonio José d'Almeida trabalha em Coimbra, desde 1889, na propaganda republicana. E, coisa notavel!, o seu alto merito conquistou-lhe, desde começo, um lugar de commandante ao lado dos seus amigos e correligionarios.

Em 1889, José d'Almeida tomou parte, e efficaçmente fomentou a opposição academica contra a ida d'uma comissão ás festas acclamatorias do rei actual.

Conseguido esse triumpho, enorme para o tempo, o nosso collega abriu, com o grupo dos seus devotadissimos amigos, a serie das manifestações patrioticas e republicanas posteriores ao ultimatum inglez. Quantas vezes a sua palavra ardente, quantas vezes os seus vivas cheios de fogo,—insuflavam novo sangue nas fileiras da mocidade academica!

Abriu-se, por então, a era das dissidencias politicas entre os estudantes. O governo estava perseguindo os tumultos patrioticos, que lhe impediam um bom accordo com a Inglaterra, e os seus partidarios quizeram imitalo nesta cidade. A grande maioria dos estudantes, animada, nesse periodo de viva effervescencia, por ideias republicanas, não o consentiu, e José d'Almeida, com os seus amigos, viu, muita vez, em assembleias memorabilissimas, triumphar a ideia nova por entre as caturrices interesseiras de meia duzia de energumenos já curvados perante postas de ha muito promettidas.

Logo depois, um grupo revolucionario avançado teve a ideia de fazer sair um jornal academico, que representasse em Coimbra o papel brilhante, que, em Lisboa e Porto, estavam desempenhando *A Patria* e o *Rebate*.

Appareceu, assim, o *Ultimatum* em 23 de março de 1890. Na sua redacção entrara José d'Almeida, que es-

creveu o esplendido artigo—*Bragança, o ultimo*—.

Processado o jornal, foi o altivo desassombro do nosso querido amigo,—a despeito da defeza inegualavel do immaculado dr. Manuel d'Arriaga,—punido com tres mezes de prisão. Todos se recordam d'aquella longa audiencia, assistida por muitos milhares de pessoas, dos tumultos que a entrada para a cadeia esteve a ponto de erguer, das visitas ao carcere, das suas *Palavras d'um Intransigente*, e de mil outros acontecimentos que evidenciaram a elevada estatura moral, a dignidade superior e a inquebrantavel firmeza d'animo de Antonio José d'Almeida.

Quando elle sahiu da cadeia, as manifestações de regosijo dos seus amigos provocaram novos tumultos; e, seguindo a sua derrota cheia de luz, Antonio José d'Almeida continuou a trabalhar pelo seu ideal, escrevendo pamphletos, organisando manifestações republicanas, collaborando nos melhores jornaes do partido e preparando, com alguns intimos, a elaboração do maguifico e vibrante manifesto de 15 de novembro de 1890, commemorativo da proclamação da republica brasileira. Esse documento notavel, sem duvida o mais violento que se tem lançado á publicidade, foi subscripto por 122 estudantes, e produziu tal receio nas hostes de D. Carlos que elle desejaria metter em seus ferros todos os signatarios.

Em janeiro de 1891, a malograda revolução do Porto, que esteve tambem aqui preparada, encontrou um echo de generoso acolhimento em todos os corações dos leaes republicanos, e, muito principalmente, no de Antonio José d'Almeida. E d'então para cá, elle teve sempre,—nos momentos de desfallecimento, a energia precisa para lançar mão do clarim e tocar a rebate,—nos momentos de lucta, a coragem de destinar para si o posto mais perigoso,—nos periodos de organização, a dedicada perseverança num trabalho constante e efficaç.

São passados, desde então, quatro annos e meio. Antonio José d'Almeida ainda não teve uma hora de descrença. Aqui erguendo os cançados por mil luctas inuteis, acolá lançando o pregão da revolta em pamphletos ou jornaes, agora reorganizando o grupo dos seus amigos, logo mobilisando-o de harmonia com os interesses nacionaes e do partido, toniando o seu lugar em todos os actos de vida do agrupamento que intenta salvar a patria, a nada faltando, erguendo a sua palavra eloquente em todas as occasiões que o mereçam, prestando o concurso da sua penna d'oiro a todas as causas justas, sempre inspirado pelo amor da patria, pela fé partidaria e pelo sentimento vivissimo da dignidade levado até graus de meticulosidade extrema,—o nosso collega tem sido, sem contestação, a alma do grupo revolucionario academico e uma das figuras mais eminentes e prestigiosas do partido republicano portuguez.

A par d'isto, que se adivinha por entre o nosso escorço pallido, incompleto e inanimado, da sua vida politica,—Antonio José d'Almeida soube

revelar poderosissimas faculdades intellectuaes durante o seu curso medico. De condiscipulos e professores temos, todos nós, os redactores e collaboradores da *Resistencia*, ouvido frequentemente que elle é um talento privilegiado, servido por uma eloquencia sem igual e por um estudo, que, de anno para anno, se tem multiplicado enormemente, attingindo neste ultimo, no quinto anno, as proporções mais extraordinarias e imprevisas. Servido por uma vontade de ferro, animado pela consciencia de que lhe cumpre desempenhar o melhor que possa todos os seus deveres,—Antonio José d'Almeida ultrapassou, em estudo, em talento, em largueza de vistas, em complexidade de conhecimentos, em poder d'argumentação e em todos os outros predicados dos optimos estudantes, não só o merito que nelle faziam adivinhar as consagrações dos annos anteriores, mas tudo quanto se poderia esperar das suas extraordinarias faculdades, aliás tão conhecidas, tão admiradas e,—pelos proprios inimigos e invejosos,—tão entusiasticamente enaltecidas.

Nem admira, assim, que os caracteres indignos, as consciencias poluidas, os miseraveis corroidos dos caeceros da inveja e do odio, se erguessem contra elle e, na encruzilhada, lhe vibrassem, traçoicamente, as mais violentas punhaladas. A sombra que o gigante projectava era muito grande; a sua dignidade austera era muito elevada; a sua fé de patriota era muito ardente,—para que os reptis immundos não suppozessem que elle os esmagaria, frente a frente e nobremente, em nome da moralidade e do bem da patria, mas sem quaesquer excessos improprios da sua muita benevolencia, todas as vezes que lhe surgesse occasião azada para recontros leaes. Porisso a traição,—primeiro sob a forma da calumnia, depois sob o feitiço da punhalada—appareceu e revelou-se, emfim, aos olhos espantados dos milhares de amigos d'Antonio José d'Almeida, ante-hontem á tarde. A calumnia não pode alterar a sua impoluta dignidade; a punhalada resvalou pela sua couraça de talento e de saber, enormemente superiores á banal intelligencia e ao avariado saber dos seus inimigos. Mas nem por isso Antonio José d'Almeida deixará de cumprir promessas de ha muito feitas. A calumnia quebrará os dentes dos calumniadores, e o punhal voltar-se-ha para os sicarios cheios de pustulas, embebendo-se nas podridões obscenas de que ha muito enfermam as suas almas torpes.

Assim o prometteu, assim o fará. Nunca faltou ao cumprimento d'um dever. Saberá, porisso, levar este até ao fim, e recolher, antes do seu alistamento em novos combates, o triumpho colossal que lhe é devido e os abraços de todos nós, seus amigos, e d'aquelles poucos mas honrosissimos professores, que sempre o comprehenderam e lhe fizeram justiça, a despeito das protervias que em volta d'elles se ergueram e das calumnias infamissimas que aos seus ouvidos fizeram resoar os miseraveis inimigos do nosso querido, devotadissimo e eminente correligionario.

Instrucção publica Instrucção primaria

IV

Il y a deux politiques : s'attacher à ce qui est connu, expérimenté, et, si malgré soi, on s'en est écarté, y revenir, politique rétrograde; chercher le nouveau et le meilleur, politique du progrès.

J. SIMON.

A primeira tentativa de retrocesso foi, como vimos, coroada do melhor exito, o que, pela criminosa inercia do paiz, auctorizou os attentados subseqüentes, como preliminares necessarios e indispensaveis do golpe de misericordia que contra a instrucção primaria foi vibrado pelo ultimo decreto dictatorial, destinado a anniquila-la por completo. Succederam-se, porém, todos os attentados a que estamos alludindo, e com uma regularidade, por assim dizer, chronometrica, porque em Portugal, terra onde existem, em fermentação permanente, estas montureiras chamadas syndicatos, o ensino não tem órgãos especiaes que façam auctoridade e dirijam a opinião; e por isso é que tudo se pratica impunemente, sem um protesto energico que faça deter os governantes e os obrigue a recuar no caminho tortuoso dos seus constantes e condemnaveis desatinos.

E tamanha foi a impudencia a que se chegou, que até jornalistas houve que, renegando vergonhosamente todo o seu passado, e julgando-se talvez em terra de cafres, intenderam poder impunemente tripudiar sobre o descalabro da nossa instrucção publica, lindo cynicamente a cada novo encontro que ella soffria, a cada novo estampido da artilheria grossa com que, a peito descoberto, ella ia sendo implacavelmente, atrozmente, crudelissimamente metralhada, sem nem sequer encontrar mão amiga que caridosamente a amparasse na queda!

E, se alguma voz se levantou em defeza da infeliz, que parecia ás mãos impiedosas de quem, aliás, mais obrigação tinha de ampara-la, essa foi abafada pelos gritos triumphaes dos que unicamente vivem da ignorancia e para a ignorancia do povo, por ser ella o seu principal, senão unico sustentaculo. É que, como muito judiciosamente diz um distinctissimo homem de escola, o eminente e conceituado professor do *Collège de France*, mr. Michel Bréal, *ce n'est pas jamais impunement que les hommes speciaux abandonnent un coin du domaine de la pensée*; pois que, neste caso, *la foule ignorante s'y précipite, et les charlatans s'en emparent pour y élever leurs trétaux*. É esta uma verdade profunda, que os factos se encarregam de demonstrar com toda a evidencia.

Não succederia, porém, assim, se o ensino, entre nós, tivesse órgãos especiaes e auctorizados, cujas doutrinas e opiniões nitidamente formuladas se impozessem ao respeito dos dirigentes, obrigando-os a nortearem-se por ellas. E, se assim succedesse, se estas questões da instrucção publica, sobre todas importantes, tivessem tambem o seu publico especial, por certo que os que pretendem deter-lhe os progressos e natural expansão, não se atreveriam, por medo do conveniente correctivo, a escarnecê-la miseravelmente, como impudentemente o fizeram, numa das crises mais angustiosas por que ella tem passado, e quando quasi desfallecia sob os golpes

vibrados por mão tão impiedosa quanto ingrata.

Prosigamos, porém, na enumeração dos attentados de que ella modernamente tem sido victima.

Uma das creações das reformas de 78 e 80, que melhores fructos a produzindo, apesar da timidez e, por vezes, incerteza dos seus passos—o que, de resto, succede a todas as instituições nascentes—era incontestavelmente a inspecção permanente, cuja existencia está tão intimamente consubstanciada com a da instrucção primaria que, desligá-las, é comprometter esta, senão destruí-la nos seus fundamentos. E é esta uma verdade indiscutível, perfeitamente assente, na opinião das melhores e mais conceituadas autoridades; porque, consoante a opinião auctorisadissima de mr. V. Duruy, a inspecção das escolas é a alma do ensino; sendo por meio d'ella que a rotina é escorçada da escola e que o progresso ali penetra. Semelhante opinião vemos nós claramente expressa no substancioso relatório que precedia a reforma de 16 d'agosto de 1870, afirmando-se nelle que, sem inspecção, não ha ensino, não ha escola.

Mas—oh santa coherencia dos nossos estadistas!—é exactamente um dos signatarios d'esse notavel relatório que, vinte e dois annos mais tarde, se presta ao pouco lisonjeiro encargo de destruir a sua propria obra, com o ridiculo fundamento de que era cara, como se o valor d'um serviço publico e da importancia d'aquelle, devesse aquilatar-se pelo dinheiro que custa. E é assim, nisto como em tudo o mais, a orientação dos nossos estadistas!

Supprimiu-se a inspecção, tão util, tão necessaria e indispensavel, porque custava a enorme quantia de 27 contos de réis! E não ha pejo de se escrever semelhante blasphemia! E não se levantam contra ella, cheias de indignação, as proprias pedras! Se não se contasse com a impunidade que resulta da falta de imprensa tecnica auctorisada, como já observámos, decerto haveria mais cautela em fazer taes e tão abstrusas informações.

Se um serviço qualquer é de reconhecida utilidade, como a respeito da inspecção geralmente se afirma, regatear-lhe a dotação conveniente, ou supprimi-lo a titulo de economia, é um verdadeiro contrasenso.

Mas quem aquillo escreveu ignora sem duvida o que se passa noutros paizes, onde, como na Belgica, apesar de nação de muito menor extensão do que Portugal, gasta-se annualmente com o serviço da inspecção, segundo um orçamento recentissimo que temos presente, nada menos de 130 contos de réis! E, contudo, não se diz por lá que tal serviço custa um preço excessivo.

O verdadeiro motivo da suppressão sabemo-lo nós muito bem: faria progredir o ensino, e isso era o que de modo nenhum podia admitir-se... Tornára-se, em geral, zelosa, solicita em defender os interesses da escola, fazendo por dissipar o espirito de rotina, que é o peor e mais arreigado mal de que sempre tem enfermado o nosso ensino, desde o primario até ao superior, e contra o qual é preciso lutar intransigentemente e sem cessar; isto ia-o conseguindo a inspecção, embora lentamente; e d'ahi a sua queda; porque era preciso que a luz da instrucção se não tornasse muito intensa, e alem d'isso poupar alguns contos de réis para valer ás necessidadas d'um ou d'outro embaixador, cujos fundos tivessem baixado muito sensivelmente...

É este assumpto para larga explanação, e por isso será objecto d'artigos especiaes.

Tomaram hoje posse do lugar de lente de prima, decano e director da faculdade de Direito o sr. dr. Manuel Nunes Giraldes, e de lentes substitutos da faculdade de Medicina os srs. drs. Lucio Martins da Rocha e Francisco José da Silva Basto.

Os Cynicos

Homens ha, de tão vis sentimentos com curtas vistas, que rejubilam por verem satisfeito um reles capricho, um miseravel desejo ou sordido interesse, mesmo que para isso tenham de pôr em pratica os mais repugnantes processos. Tanto lhes serve a mentira descarada e a mais sordida intriga para arrastar quem não raciocina, como o tenaz pedido, ou o valioso empenho para o *boa pessoa* que com elles sabe condescender. A questão é vencer.

Que a moral e a justiça sejam vilmente ultrajadas; que as instituições que representem sejam arrastadas para o mais immundo tremedal; que os actos praticados por elles sejam duramente criticados por pessoas sensatas e illustradas, tudo isso lhes é indifferente. Destituídos de senso moral; incapazes de comprehenderem a idéa do dever, só pensam em satisfazer materiaes interesses ou vis ambições. A honra e a dignidade de caracter são palavras que só lhes servem para criticar os actos dos outros. E por vezes tambem invocam a ordem.

E se ha caracteres energicos e immaculados que se oppõem ás suas pretensões, não é raro que fiquem vencidos por elles. Mas bem preferivel é a traiçoeira e iniqua victoria, a consciencia de ter cumprido dignamente um dever.

Que a justiça não é palavra vã!

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a relação dos alumnos que, no anno lectivo findo, frequentaram o Collegio de S. Pedro, e ficaram approvados nos seus exames. Falaremos no proximo numero.

A doutrina é boa, mas...

Em artigo editorial intitulado *A morte dos concelhos*, diz o *Correio da Noite*:

«Continua a resistencia legal nos concelhos supprimidos ou que ficaram reduzidos a objecta despresivel posição de juntas de parochias sertanjas. Tornamos a insistir no que tantas vezes temos dito: não gistem os povos tempo em se dirigir aos dictad res.

«Não ha, neste momento, direito de petição garantido, porque o mesmo é não ser efficaz. Os poderes constitucionaes estão suspensos de facto. Não ha illusões. O povo tem em si mesmo o remedio salvador; não o procure em outra parte. A's suas magoas, e aos seus protestos pacificos, tem respondido o governo, mandando-lhe tropas, e levando os archivos a força, como fazem os salteadores. Não ha direito de propriedade garantido, porque a lei fundamental do estado, que era a garantia por excellencia, está suspensa. E' tudo questão de força.

«Ora acontece que actualmente o povo, que é o direito, pôde tambem ser a força, se quiser.

«Mas se não quer, então resigno-se. Deixe liberdade, direitos individuais, direito de propriedade, tudo emfim á mercê da força bruta do governo.

«Tornamos a repetir aos povos que não têm obrigação de pagar impostos, visto que elles não foram legalmente votados. Os agentes do fisco têm tanto direito a pedir dinheiro aos contribuintes, como os salteadores a sequestrar os transeuntes na estrada publica. Exactamente a mesma cousa. O povo não quiz, ou não tem querido fazer valer o seu direito, e o resultado foi que o governo o despresou, e agora dissolve as autonomias, que eram tradiçoes e continham ainda restos de regalías populares. E' o primeiro castigo que o povo soffre pela sua inercia e indifferença em face da violenta expropriação das garantias parlamentares, sacrificadas aos commodos e interesses dos dictadores.

«Ainda está a tempo de acordar; mas, ou acorda de vez, ou fica irremediavelmente perdido.»

O povo não tem querido usar dos seus direitos, e parece que ainda não está disposto a fazel-o.

O governo do rei tem praticado as maiores potencias, offendendo não só os direitos dos cidadãos garantidos pela lei fundamental mas os mais sagrados interesses.

E a nação ou tem assistido indifferente a esses vis attentados, ou se tem limitado a protestar dentro da ordem quando o governo pratica actos os mais anarchicos. E se esses protestos chegam a assumir uma certa gravidade, manda o governo que as suas tropas imponham o respeito pelas prepotencias que realisa. E como o exercito defende a anarchia, usa de processos correspondentes á missão que desempenha, praticando tambem os mais vis attentados.

E' instructivo a este respeito o que se passou em Fornos d'Algodres.

E nada d'isto tem levado o povo a uma resistencia energica!

Que miseria e que vergonha!

Guilherme Braga

Altamente significativa a manifestação que os liberaes acabam de fazer junto ao tumulto d'este eminente poeta. O governo do rei, cedendo sem duvida ás mais altas e poderosas influencias do paço, prohibiu que se fizesse o cortejo civico; mas o que não pôde prohibir foi que houvesse uma enorme concurrencia de liberaes ao cemiterio d'Agramonte e que o tumulto do grande poeta fosse completamente coberto de flores. Não houve cortejo civico nem discursos, mas houve um eloquente protesto contra o movimento jesuitico.

Reconhece-o a propria imprensa monarchica, que declara por um dos seus principaes órgãos:

«Não se permittiu o cortejo civico nas ruas: não houve cortejo civico. Não se permittiram discursos no campo santo; fez-se o protesto sem palavras. Pequenos grupos, partindo de toda a parte, convergiram em redor da campa do glorioso poeta, agitando e flagelo de reaccionarios. O silencio tumular é tambem uma das formas, acaso a mais emotiva, da grande eloquencia!»

Contra o inepto acto do governo, prohibindo o cortejo civico, protestou a commissão organisadora d'esse cortejo em eloquente e vehementissimo manifesto, devido á brilhante penna do genial poeta Guerra Junqueiro. Esse manifesto foi apprehendido pela policia antes de ser espalhado, confessando todavia o *Primeiro de Janeiro* que «andou em todas as mãos antes e durante a solemnidade civica.» O governo, apprehendendo esse protesto, praticou pois mais uma inqualificavel prepotencia, de que não tirou o minimo resultado.

D'esse manifesto transcrevemos os seguintes periodos:

«Desde a crise do ultimatum inglez, que tanto podia significar um movimento de vida nova como a estertor d'um moribundo, resvala a nação, dia a dia, ao letargo estúpido da indifferença. Estará morta? Estará cataleptica? O futuro, breve talvez, o vai dizer.

«Mas na opinião do mundo já Portugal não existe. Dura, mas não existe. Dura geographicamente, mas não existe moralmente. A Europa já considera isto uma coisa defunta, espolio a repartir, ignaria a trinchar. Salva-nos da gula dos commensaes a rivalidade dos appetes. No dia em que se harmonisem, devoram-nos.

«Como resistir? Pela força physica? Impossivel. Não ha batias nem libras, não ha ouro nem ferro. Qual o meio, então? Um unico: a força moral. Não vale tudo, mas vale alguma coisa. Na balança da realidade ephemera, os canhões pesam como bronze, e o Direito e a Justiça pesam como ar. Sim; ás vezes, não sempre. Houve prophetas, que domaram leões; martyres, que aterrorizaram algos. E quando um homem ou um povo succumbem altivos, em nome da verdade, esse homem resuscitará nas consciencias, e esse povo resuscitará na historia. O justo, expirando na cruz, ao terceiro dia levanta-se do tumulo. O covarde, mergulhando em lódo, em lódo agonisa e em lódo se transforma.

«Qual era, pois, a grande missão de um governo em Portugal? Fazer de quatro milhões de espiritos um só espirito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz divergentes, aquecem; convergentes, abraçam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quasi estereis, na indifferença collectiva. Não mudam aos olhos da Europa a physiologia portugueza. Mas a abnegação e o sacrificio de todos, a communhão unanime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Patria, transfiguram-nos-hia por encanto, de povo de chatins em povo de heroes, de morto, com direito ao cemiterio, em gente viva com direito ao pão, com direito á luz.

«E o problema religioso, nada mais singelo; na esphera do pensamento, liberdade absoluta; na esphera dos actos, tolerancia reciproca.

«Por isso, a monarchia firmou aliança com o Jesuita, e o Jesuita vae

esburacando o sub-solo moral da patria portugueza. Alastrou, minou, furou sem ninguém ver. Debaixou da terra. Agora apparece. Caminhou na sombra, de joelhos como um larapio. Agora mostra-se. Mostra-se e desafia. A rede escura da sua influencia abrange a área da nação. Collegios e conventos em todas as cidades, em todas as provincias. Levantou baluartes, estrategicamente, escolhendo o terreno. Julga-se inexpugnavel. Manobra á luz, desfilia em batalhões, fórma em revistas. E' a guarda municipal da consciencia portugueza. O seu Deus corresponde-se com o ministerio, tem entrada na corte e verba na orçamento.»

A prohibição do cortejo civico pelo mesmo governo que mandou os seus policias e a sua municipal escoltar as virgens que figuraram no cortejo em honra de Santo Antonio, e a apprehensão do manifesto por ordem do mesmo governo que se fez representar num congresso em que se pronunciaram discursos a favor do restabelecimento do poder temporal do papa, não podiam de modo algum obstar a que os espiritos liberaes levassem por diante a manifestação projectada, protestando altivamente contra o movimento jesuitico.

Fez-se o protesto, por um modo altamente significativo.

E o governo até contribuiu para que mais impouente se tornasse a manifestação no cemiterio de Agramonte, com o enorme apparato policial que ordenou houvesse dentro e fóra do cemiterio.

O credito do Estado

Correu ha dias a noticia, dada por alguns jornaes, de que a direcção do Monte-Pio Geral havia emprestado ao governo, da sua reserva metallica, a quantia de 500 contos. Logo que essa noticia se divulgou, produz-se um grave alarma entre os interessados nesse estabelecimento, vendo-se a sua direcção na necessidade, para evitar uma *corrida*, de desmentir categoricamente o boato, fazendo publicamente a promessa de que convocaria uma assembléa geral dos socios, exclusivamente para tratar d'esse assumpto.

Effectuou-se essa assembléa geral em 26 do mez findo, e o que nella se passou é verdadeiramente edificante. A direcção provou que não havia feito o emprestimo, sendo-lhe por esse facto dirigidos os maiores encomios!

O modo por que foi recebida a noticia que a direcção do Monte-Pio havia realisado o emprestimo e o seu desmentido mostra bem a confiança que se deposita no Estado. Estamos, porém, convictos de que o governo ha de continuar a afirmar que já não existe desequilibrio nas finanças do Estado.

Federação na America central

Acaba de ser dado o primeiro passo para constituir as cinco republicas da America central numa federação.

Noticia o ultimo numero do *Mémorial Diplomatique* que M. Zelaya, presidente de Nicaragua, seguiu viagem para Amapala nas Honduras, a fim de, em conferencia com os presidentes das republicas das Honduras, do Salvador e de Guatemala discutirem o projecto da federação.

Parece que esse projecto assenta sobre as seguintes bases: a creação d'um *Zollverein* centro-americano e de um exercito federal sobre o modelo do exercito da Suíça. Cada Estado conserva o seu exercito local, sendo obrigado a contribuir com um contingente para o exercito federal, que terá como missão defender a federação contra qualquer aggressão externa. Gradualmente se irá formando uma marinha para defender as costas.

Este projecto tem tido um acolhimento verdadeiramente entusiastico em todas as republicas da America central, sendo de presumir que dentro de curto prazo tenha effectiva realisação, constituindo-se assim na America mais uma grande potencia.

E se esse continente já está influindo tanto nas combinações da politica europeia, maior será a sua influencia desde que se forme o novo agrupamento politico.

A apothose d'um ministro

Na sua viagem a Faro, o sr. Ferreira d'Almeida, o ministro que tem porfiado em ser tão immoral e escandaloso como a memoria dos ministros portuguezes, foi recebido no Algarve ao estrondear de philarmonicas e estalar de foguetes.

Nem o rabo-leva dos mais desaforados escandalos, appendice infamante que a *Vanguarda*, com a maior hombridade, lhe prendeu á sua farda agaloada de ministro, lhe fez subir ao rosto o rubor da vergonha que é propria dos homens de bem. Não; o ministro não se ruborizou...

Os patricios do inclito homem de Estado, do homem das reformas violentadas para apressar a sua promoção; d'aquelle que, explorando com os sentimentos mais nobres d'um paiz, abafa processos; do ministro que se presta a tramoias como a compra de madeiras, illegal e abusiva, para favorecer e apadrinhar apaniguados e fazer calar jornalistas violentos; e outros escandalos não menos vergonhosos, como o pagamento de 400\$000 réis de subsidio de embarque a um capitão de mar e guerra e a sua nomeação para chefe do departamento dos Açores, tudo isto para comprar uma reforma... Os patricios d'este illustre varão, diziamos, não trepidaram em receber triumphalmente quem ha muito deveria ter sido expulso da sua cadeira ministerial, se pudor houvesse ainda na administração publica do paiz.

E assim assistimos nós a um facto tão deprimente e tão caracteristico do que vale no nosso paiz a desfaçatez aliada ao impudor e á elasticidade da consciencia.

Bello exemplo este, para mostrar á evidencia o que se pôde esperar d'um regimen que favorece o cria e exalta caracteres d'esta ordem...

Para que veja quem tiver olhos de ver!

Pedi a sua exoneração de professor da Escola Brotero o sr. Haos Dickel, que nella regia a aula de architectura.

Inglaterra e Brazil

As ultimas noticias que têm chegado da attitude do Brazil perante a occupação da ilha da Trindade pela Inglaterra, mostram quanto estão exaltadissimos os animos, desde os homens de Estado até ao povo das ruas.

A indignação contra a Inglaterra é enorme, e receiam-se represalias sérias, se a Inglaterra não acceder ás reclamações do Brazil. A imprensa usa d'uma linguagem violentamente indignada, e jornaes dos mais considerados da Republica Brasileira appellam para a expulsão de todos os inglezes do Brazil. No parlamento tem sido apresentadas moções energicas e violentas, pedindo, exigindo até, a maior energia da parte do governo.

Por estas noticias é de prever que a Inglaterra recuará. Está isso nos seus processos e na sua politica quando algum povo, que ella pôde temer, assim reage contra as suas vandalicas arbitrariedades. E a Inglaterra, se não tem a temer o Brazil pela sua marinha nem pelo seu exercito, tem muitissimo a recuar pelo seu commercio.

E é aqui que á Inglaterra doe. Ha de recuar, pois...

Partido republicano

Foi eleito a commissão municipal republicana de Beja, que ficou assim constituída:

Effectivos—Dr. Aresta Branco, medico; J. Domingues Fernandes, proprietario; Francisco Nunes d'Oliveira, proprietario e commerciante; Silverio J. Ribeiro Almodovar, capitalista e industrial; Augusto Joaquim Rodrigues dos Santos, commerciante; José Maria de Jesus, commerciante; Manuel Gonçalves Galvão, proprietario.

Substitutos—Miguel E. d'Oliveira Fernandes, proprietario; José Nunes d'Oliveira, proprietario e commerciante; José Silverio de Mira, proprietario e commerciante; Bernardino de Jesus Ribeiro, guarda-livros; Francisco Jorge Guerreiro, industrial; João de S. Bento Palma, commerciante.

Brincando

Um dos órgãos da imprensa de Lisboa, que defende o governo do rei e a irmã Collecta e ataca e defende o centenario antonino, publica nos *Casos do dia* o seguinte suelto:

«Diz-se que os jornaes de amanhã publicam artigos varios, sobre a celebração do juramento da carta constitucional, em plena dictadura inconstitucionalissima. Uma das phrases que ha de ter grande vaga consta que será, mais coisa menos coisa, do teor seguinte:— Vós, ó tyranos! vós que um milhão de vezes a tendes negado, com que pudor lhe festejais o pensamento solemne?»

«Não é feiosinho, não senhor!»

Como gracejo não tem valor algum; mas tem muito como indicio do que valem moralmente e intellectualmente os defensores do governo.

Que farçantes!

O despota Stamboulof havia entregado a um jornalista húngaro, antes do seu fallecimento, as suas memorias, a fim de serem publicadas. Sel-o-ão brevemente em Budapest.

Além disso, o ex-ministro tinha depositado alguns documentos na Suissa, onde havia comprado ha pouco uma casa de campo nas proximidades de Genebra.

Stamboulof havia adquirido no poder uma enorme fortuna. O que não sabemos é se a tinha depositado no Banco de Inglaterra, se tinha comprado quintas ou edificado chalets na Bulgaria, ou se era accionista de poderosas companhias.

Juramento da Carta Constitucional

Dia de grande gala hontem. Festejou-se o juramento da Carta Constitucional!

E faz-se isto quando está supprimido o systema representativo, quando existe de facto em Portugal não diremos o absolutismo mas a mais dissolvente anarchia!

Francamente, é necessario que a nação tenha perdido completamente o sentimento da dignidade, para não se revoltar perante estas ignobes comedias.

Sociedade Philantropico-Academica

Recemos d'esta benemerita associação, que tão relevantes serviços tem prestado aos estudantes pobres que frequentam a Universidade, o relatório referente á sua gerencia desde 17 de abril de 1894 a 20 de maio de 1895.

Resumido e lucido, expõe claramente quaes os esforços que a sua dedicada e zelosa direcção empregou no sentido de desinvolver a utilissima sociedade, esforços que, felizmente, foram coroados do mais lisonjeiro exito, mercê, ao me-mo tempo, dos donativos valiosos de almas benemeritas e generosas.

D'um mappa synthetico, que acom-

panha o relatório, vê-se bem que a Philantropica se encontra num momento de prosperidade honrosa, que bem merece o auxilio e protecção de todos.

Tres estudantes foram auxiliados com as despesas de matriculas e dez com matriculas e mezadas, na importancia de **8655235 reis**, conseguindo a direcção capitalisar **reis 2165000**, ficando com um saldo de **5018730 reis**, que servirão de base aos subsidios do proximo anno lectivo.

Por este rapido esboço se vê claramente o quanto houve de zelo e dedicacão na direcção transacta; e como a novamente eleita é, quasi por completo, formada pelos mesmos cavalheiros que tão honradamente conseguiram elevar a Philantropica á situação lisonjeira em que se encontra, ha garantia plena de que, para o futuro, continuará presidindo á benemerita sociedade a mesma dedicacão.

O nosso amigo Joaquim Madureira, chegado hontem, com 24 horas de atraso, para assistir á formatura do nosso querido collega Antonio José d'Almeida, dá-nos a boa nova de que vem disposto a trabalhar como um mouro, começando no proximo numero pela resposta ás amaveis observações feitas pelo grande critico Silva Pinto, ao artigo que aquelle nosso amigo consagrou aos *Santos Portuguezes*.

Grupo Recreativo Commercial

Que este titulo vai ser inaugurada uma casa para recreio da classe dos empregados no commercio d'esta cidade, iniciativa d'um grupo de rapazes da mesma classe.

Desejamos á instituição as maiores prosperidades e sobretudo que se torne tambem uma sociedade de instrucção.

Para assistirem á formatura do nosso querido amigo Antonio José d'Almeida, vieram a Coimbra seu irmão João, seus cunhados Coimbra e Jeronymo Duarte e duas das suas ex.^{mas} irmãs, além de varios parentes e amigos, entre os quaes especificaremos o dr. Bessa de Carvalho, director politico da *Voz Publica* e Germano Martins.

Dyabo

È o titulo d'uma publicação semanal, de valor e de espirito, que no Porto se publica aos sabbados. E pelo numero que acabamos de receber, vemos que no *Dyabo* ha talento e consciencia limpa, o que não acontece á maior parte do que por ahí se vê.

Espirito são, honestidade e caracter sem quebrantamentos, rigido e forte, o *Dyabo* tem uma grande virtude—não se dobra em curvaturas diante das conveniências, diz as coisas como quem tem a consciencia lavada.

E quando tem graça, não se pôde dizer que não offendem; o seu riso faz doer.

Que não façam por isso, os marmanjos!

Está de lucto pelo fallecimento de sua esposa o sr. Antonio Mendes Correia.

A desditosa senhora falleceu em Bemfeita proximo de Arganil, sua terra natal.

Ao sr. Correia enviamos a nossa condolencia.

A camara municipal, em sessão extraordinaria, deliberou:

—Pôr em arrematação o fornecimento das carnes verdes consumidas durante um anno no concelho;

—Approvar o novo regulamento para a fiscalisação e cobrança dos impostos indirectos do municipio;

—Pôr a concurso a construcção de um novo matadouro.

Actos na Universidade

Noa dia 29 fizeram acto, ficando approvados, os seguintes alumnos:

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

3.^a cadeira (*Physica*, 1.^a parte)—Bernardo de Aguiar Teixeira Cardoso.

5.^a cadeira (*Physica*, 2.^a parte)—Jayme Constantino Fernandes Leal.

6.^a cadeira (*Zoologia*)—Antonio José da Costa Sampaio.

7.^a cadeira (*Mineralogia*)—Carlos Braamcamp Freire e Agostinho Lopes Coelho.

8.^a cadeira (*Anthropologia*)—Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho e Pedro Joyce Diniz.

Faculdade de Philosophia

A faculdade de Philosophia, reunida no dia 30 em congregação final, votou as seguintes

Informações

BACHAREIS FORMADOS

Angelo Rodrigues da Fonseca, B. 11. D. Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho, M B. 17.

José Luiz d'Andrade Mendes Pinheiro, M B. 16.

Thomaz Alexandre d'Oliveira Lobo, B. 11.

Manuel Gomes Filipe Coelho, B. 15.

Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho, B. 11.

Pedro Joyce Diniz, M B 17.

Na mesma congregação foram votadas as seguintes

Classificações

1.^a cadeira

Accessit, Eugenio Trajano de Bastos Guedes.

Distinctos, sem gradação, Francisco

Era coisa difficil, naquella epoca, encontrar provisões.

Os assignados, excellentes até então — pois representavam o valor dos bens nacionaes,—tinham caído em descredito pela improductividade d'esses bens.

A convenção,—obrigada ainda, esperando retirar os assignados da circulação, e dar-lhe o curso forçado,—tinha taxado a sua depreciacão.

Tal genero, decretou ella, não poderá custar mais de tantos assignados. Era o maximo.

Os negociantes, obrigados a fornecerem-se com prata ou com assignados por o curso mais baixo, recusavam vender, em presença d'uma tarifa que lhes levava todos os lucros. Os consumidores, queriam comprar á força. Os negociantes escondiam-se. Os consumidores desesperavam-se por encontrar todas as lojas fechadas, e toda a gente a morrer de fome. Ninguém tinha culpa d'este estado de cousas. Se se estivesse numa epoca tranquilla, os bens nacionaes conservariam o seu valor, e o papel representante d'esses valores não soffreria depreciacão, nem baixa.

A verdade era que, encontrar carne, pão e vinho, assucar ou café, constituia outros tantos problemas em Paris, no mez de setembro de 1793.

Problemas de difficil resolução para toda a gente—excepto para a pequena Jenny.

Tello Gonçalves, Antonio Aurelio da Costa Ferreira e José Collaço Alves Sobral.

2.^a cadeira

Accessit, sem gradação, Arsenio Guilherme Botelho de Sousa e José Joaquim Pereira dos Santos Motta.

Distinctos, sem gradação, Antonio Maria Pereira, José Carlos de Barros, e Alvaro de Lima Henriques.

3.^a cadeira

Distinctos, sem gradação, José Joaquim Pereira dos Santos Motta, Arsenio Guilherme Botelho de Sousa, Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior, Alvaro de Lima Henriques e José Bernardino de Carvalho.

4.^a cadeira

Premio, Antonio Affonso Maria Velado Alves Pereira da Fonseca.

Accessit, Pedro Joyce Diniz. Distincto, Elysio d'Azevedo e Moura, João Alexandre Lopes Galvão, e João Evangelista Lopes Manita.

Distincto, José Henrique Lebre.

5.^a cadeira

Distinctos, sem gradação, Elysio de Azevedo e Moura, João Alexandre Lopes Galvão, José Henriques Lebre, José de Mattos Sobral Cid e Jorge Soares Pinto de Mascarenhas.

6.^a cadeira

Premio, Antonio Affonso Maria Velado Alves Pereira da Fonseca.

Accessit, Pedro Joyce Diniz. Distincto, Elysio d'Azevedo e Moura.

5.^o anno (7.^a e 8.^a cadeiras)

Accessit, D. Domitilla Hormizinda Miranda de Carvalho, José Luiz d'Andrade Mendes Pinheiro, Manuel Gomes Filipe Coelho.

8.^a cadeira

Accessit, Pedro Joyce Diniz.

Faculdade de Medicina

Reuniu a congregação d'esta faculdade na terça feira ultima, votando as seguintes

Informações

DOCTOR

Francisco José de Sousa Basto, M. B. 16.

BACHAREIS FORMADOS

Virgilio Affonso da Silva Poiars B. 14. Angelo Pereira Dias Ferreira, B. 12. Antonio Julio Telles Sampaio Rio, B. 14.

Carlos Leite Monteiro, B. 13. Luiz Botelho da Motta, B. 13.

Antonio de Sousa Vadre B. 13. Alberto Deodato da Costa Ratto, B. 14.

Lucio Paes d'Abranches, B. 13. Francisco Maria do Amaral, B. 12.

Arthur Rovisco Garcia, B. 14. Custodio José Moniz Galvão, B. 15.

Antonio Gonçalves, B. 12. Victo de Carvalho Baptista, B. 12.

José Henriques Bugalho, B. 12. Victorino da Gloria Ribeiro de Figueiredo e Castro, B. 12.

Antonio José d'Almeida, B. 15.

Para que tinha ella guardadas tres moedas de ouro, e com que fim pegaria, essa manhã, em uma d'ellas, se não para a gastar até ao ultimo soldo?

Como realisara esse milagre? Em todas as lojas, em que havia ajuntamentos ás portas, ella era sempre uma das primeiras a entrar. E uma vez lá dentro era tambem servida antes de todos. O ouro fazia esse milagre. Luis Capeto, decapitado, reinava ainda em effigie nos mercados e nos bancos.

E assim é que a pequena Jenny voltava para casa crregada. Trazia de tudo: pão branco, vinho de Auxerre, carne, um pacote de café e outro de assucar—a ultima palavra do luxo e da riqueza!

Entrando em casa, colocou tudo sobre a mesa do aparador, chamou Henriqueta, e disse-lhe que preparasse a marmitta, vestiu um grande avental que a cobria desde o pescoço até aos artelhos,—começou a fazer o jantar.

De momentos a momentos, interrompia a faina, para ensinar o irmão a fazer um cumprimento. Da primeira vez elle repetiu bem. Mas d'ahi a pouco já se não lembrava das primeiras palavras; isto desesperava a irmã, que queria que o pequeno tivesse a iniciativa da festa que ella tinha planeado.

Henriqueta, impassivel, seguia com frieza os trabalhos dos dois irmãos!

Nos tres mezes de creada d'esta gente, nunca trahiu, nem com um sim-

Antonio Pires de Carvalho, B. 12. Adolpho Carlos Barroso da Silveira, B. 13.

José da Costa Gaitto, B. 15. Ayres Julio de Sousa Lobão de Macedo Chaves, B. 15.

Augusto de Sande Saccadura Botte, B. 11.

Antonio da Costa e Almeida, B. 13. Antonio d'Abreu Freire, B. 14.

Anselmo Patricio, B. 12. Antonio Baptista Leite de Faria, B. 14.

José Frederico Cortes de Menezes, B. 15.

Antonio de Serpa Machado e Mello, B. 11.

Foram tambem votadas as seguintes

Classificações

1.^o anno

1.^o Premio, Albino Augusto Pacheco.

2.^o Premio, Luiz Augusto Leotte de Ayet Perier.

1.^o Accessit, Ernesto Rodolpho Alves de Castro.

2.^o Accessit, Alfredo Machado.

3.^o Accessit, Antonio Caetano Abreu Freire Egas Moniz.

4.^o Accessit, Antonio Rodrigues de Oliveira.

Distinctos, sem gradação, José Pereira Barata, Antonio da Silva Lima de Brito, Augusto de Sousa Rosa, Joaquim Mathias Silveira.

Premio do Barão do Castello de Pava, Albino Augusto Pacheco,

2.^o anno

Accessit, Luiz dos Santos Viegas.

Distincto, Francisco Cardoso de Lemos.

3.^o anno

1.^o Premio, Antonio de Padua.

2.^o Premio, Antonio Olympio Cagial.

1.^o Accessit, José Rodrigues d'Oliveira.

2.^o Accessit, Manuel Vieira de Carvalho.

3.^o Accessit, João dos Santos Jacob.

4.^o Accessit, Carlos Albesto Lopes de Almeida.

Distinctos:

1.^o José Victorino da Motta.

2.^o Diogo Barata Cortes.

3.^o Luiz Antonio Trincão.

4.^o Joaquim Luiz Martha.

4.^o anno

Premio, João Serras e Silva.

Accessit, Arthur d'Azevedo Leitão.

Distinctos, sem gradação, João Aveilino Pereira da Rocha e Manuel Antonio Martins Pereira.

5.^o anno

1.^o Distincto, Antonio José d'Almeida.

2.^o Distinctos, Custodio José Galvão, José da Costa Gaitto, Ayres Julio de Sousa Lobão Macedo Chaves e José Frederico Cortes de Menezes.

3.^o Distinctos, Virgilio Affonso da Silva Poiars, Antonio Julio de Sampaio Rio, Alberto Deodato da Costa Ratto, Arthur Rovisco Garcia, Antonio d'Abreu Freire e Antonio Baptista Leite de Faria.

ples gesto, os seus sentimentos intimos. Continuava a corresponder aos olhares provocadores da Combat com a frieza do seu olhar. Quanto mais persistia no seu silencio, mais augmentava o odio da que se constituiria em seu carasco.

Miguel e Jenny, viam com indifferença o que se passava em casa. O operario, comprehendia, sem o partilhar, o furor da vingança da mãe; mas não intervinha.

Quanto a Jenny, se a pequena duqueza, se lhe dirigisse a pedir protecção, recebel-a-ia de braços abertos e a defender contra todas as auctoridades da communa e do arrabalde. Mas o continuo desdem de Henriqueta irritava-a.

—Julga-se superior a nós! Então é justo que fique em posição inferior!...

O rapaz, esse não dizia uma palavra; mas, na sua pequena cadeira, ou sobre os degraus da escada, descascava por vezes a cabeça entre as mãos e ficava horas esquecidas sem se mover.

—Estás a dormir? perguntavam-lhe. Elle respondia:

—Não! Eu não durmo.

E abria a bocca, cheio de somno.

No dia seguinte aquelle em que a pequena duqueza lhe deu a bofetada, encontrou-se só com ella.

—Porque, disse Henriqueta, me não denunciaste a tua mãe?

(Continúa)

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

X

A DECADA

—Henrique! meu Henrique, perdoame o que vou dizer-te. Mas, ha momentos em que uma felicidade intima me não basta: eu queria saltar doidamente, como estas raparigas!... Sinto-me arrastada por esta loucura!... Henrique! não me abandones mais! Se voltares para o exercito leva contigo a tua pobre Jane!... Eu não sou forte!... Tenho necessidade d'um apoio, d'um senhor! O ar soffoca-me, a musica arrasta-me! Tenho a vertigem do prazer e da loucura!... Queria que todos os seres vivos tivessem um coração unico, e que esse coração palpitasse por mim!... Eu não valho nada, vez tu?... Vou fazer-te desgraçado!... E contudo, eu amo-te!...

Uma nuvem sombria passou pela frente de Henrique. Agarrou com força o pulso de Jane. Arrastou-a para longe do balle. Ia talvez, injuriar-a, bater-lhe... Fitou-a: viu a paz da natureza naquella bella noite de estio... Então, apontando para as arvores que

se desenhavam negras sob a limpidez do ceu:

—Ó noiva grega, espera, para entrar no bosque sagrado, que o teu esposo esteja de volta!...

Apertou-a docemente nos braços, e beijou a sua fronte humedecida.

—Amo-te, disse elle, e creio em ti!

XI

O S. MIGUEL

Os Santos tinham sido banidos; mas os cidadãos festejavam sempre o do seu nome. Assim, era que, entre as familias, quando o chefe se chamava Miguel, e não obstante ao dia 29 de setembro corresponder agora o 8 do mez das vendimas, e de o Archanjo da espada ter cedido o logar ao *Amarantho*, continuava se a festejar o S. Miguel. A vespora, segundo o calendario republicano, que substituiu os santos por os fructos e as santas por os legumes, era consagrada á *Cenoura*. E nem por isso os filhos deixavam de oferecer conhecidos bouquets a seus paes nem os conhecidos de lhes desejarem uma boa festa.

A pequena Jenny, apesar de muito patriota, não deixaria, por cousa alguma do mundo, de festejar os annos de seu pae no ex-dia 28 de setembro. Nesse dia punha de parte o seu negocio dos laços, e saía para a rua com um grande cesto no braço.

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal.

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Critica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1.000 réis

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

21 ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum.—Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º—Em Coimbra, Drograria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principais pharmacias e drograrias.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

20 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Cirurgião-dentista

Pela Universidade de Coimbra

19 FRANCISCO PEREIRA, cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra, faz sciente ao publico que o seu Consultorio na rua de Ferreira Borges, n.º 165, se encontra aberto das 7 horas da manhã ás 7 da tarde. A outra qualquer hora pôde ser procurado na sua casa de residencia, rua direita, 84, 3.º

Empastamento de dentes com platina, celluloido, marfim etc, pelos processos mais modernos até hoje conhecidos; aurificação por um novo e magnifico systema.

Tractamento prompto e radical de todas as doenças de bocca.

Faz todas operações que dizem respeito á sua arte por mais difficeis que sejam. Limpeza completa da bocca com a maxima perfeição.

Emprega nos seus trabalhos os anestesicos mais modernos que a sciencia aconselha, e tem o maior cuidado na desinfecção dos ferros.

18 MANOEL JOSÉ DA COSTA SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Arrenda-se

17 O 2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

ESCRITURARIO

16 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á Casa Havana, onde lhe serão prestadas todas as informações.

Casa com quintal

15 Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Aprendizes

14 Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

13 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

12 Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drograria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

ARRENDA-SE EM CONTA

11 Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroyo, 103, se trata.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flóres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

10 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE OIMA—20

PIANO

9 Vende-se um piano vertical, Para tratar Augusto Luiz Marthá.

76, Praca do Commercio, 78 COIMBRA

8 ALUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Caldeira da Silva

CIRURGIÃO-DENTISTA

7 Participa aos seus clientes que acaba de contratar um empregado, especialista na collocação de dentaduras artificiaes e com longa pratica na America, podendo por isso garantir, a par da modicidade de preço, perfeição e solidez em todos os trabalhos de prothese dentaria, executados no seu gabinete.

Colloca dentes artificiaes, em todos os systemas conhecidos, desde um até dentadura completa.

Operações de cirurgia dentaria e tratamento de molestias da bocca.

Serviço gratuito aos pobres, bem como a creados e creadas de servir.

Rua Ferreira Borges, 174, esquina do largo do Principe D. Carlos.

Cavallos, muares, etc.

6 As sobrecannas, espavarões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principais terras. Depósitos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drograria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.

Deposito em Coimbra—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

COMPANHIA PORTUGUEZA

DE PHOSPHOROS

5 Deposito dos seus productos em Coimbra, na Praça 8 de Maio, n.ºs 14 e 15, estabelecimento de mercearia e tabacos de

Manuel Fernandes d'Azevedo & C.ª

Vinho verde

4 Especialidade em vinho verde de Amaranthe. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho COIMBRA

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drograria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

3 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra—Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

ATTENÇÃO

2 MAXIMIANO RODRIGUES VALENTE, tem á venda no seu estabelecimento em

ANCIÃO

um grande sortimento de fazendas de lã, algodão, linho e seda e outros objectos; assim como o puro vinho da lavra do ex.º sr. dr. Domingos Botelho de Queiroz, muito conhecido e conceituado vinicultor neste concelho.

Tem tambem um grande sortimento de machinas Singer que vende a prompto pagamento e a prestações mensaes. Preços sem competencia e garante a boa qualidade das suas fazendas.

AOS BARBEIROS

Pó de Sabão.—Vende-se a 800 réis o kilo.

Dão-se amostras a quem as pedir.—Barbearia Fonseca, rua dos Gatos, 13 a 15.

Aos photographos amadores

4 Acaba de chegar á Papellaria Central, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

"RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:
Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo serviço, club, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalação, pulverisação, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Viagem—Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear—e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drograrias e no Deposito geral—Pharmacia Andrade, Rua do Alecrim, 125.

RESISTENCIA

N.º 48

COIMBRA — Domingo, 4 de agosto de 1895

1.º ANNO

ELOGIO MERECIDO!

Diz-nos a imprensa periodica de Lisboa que o sr. conde de Restello pediu a sua demissão de presidente da comissão executiva da camara municipal de Lisboa. Mais nos diz a imprensa da capital que a razão da attitudé d'aquelle fidalgo de casa de hospedes, foi um officio do ministerio do reino em que a comissão executiva era censurada por ter gratificado a comissão do recrutamento do 4.º bairro mais generosamente do que as dos outros bairros.

O sangue do glorioso fidalgo pulou nas suas arterias aristocraticas, levando-o áquelle acto de civismo.

Note-se, porém, que no 4.º bairro, mais largamente esportulado nas pessoas da sua comissão do recrutamento, figura Belem, terra onde alastra a influencia politica do sr. conde.

Parece incrível que uma tão grande falta de criterio se alie a tão notavel pobreza de espirito!

O governo tem praticado toda a série de attentados contra as liberdades municipaes, attentados que, d'uma maneira especial, se têm reflectido na camara de Lisboa.

O sr. conde permaneceu impavido no meio d'essa série de mutilações dirigidas contra as publicas liberdades. E se desmanchou alguma vez a linha cordata da sua farda de grande senhor, foi para se pôr ao lado do governo, galopinando por elle.

Agora é que lhe chegam as furias, dando-se arde de honrado.

Nem só de malvados se compõe a galeria de homens funestos do constitucionalismo.

Tambem de imbecis, graças a Deus!...

Mas o que tem mais graça, porque o senhor de Restello, afinal, sabe evitar-se do meio em que vive, é que o *Correio da Noite* elogia o seu procedimento! Resolve esse trunfo eleitoral, que se diz progressista, aceitar sem protesto algum a odiosa reforma administrativa, sendo presidente do primeiro municipio do paiz, e a imprensa progressista não o censura; colloca-se ao lado do governo contra o partido progressista na ultima lucta eleitoral que se feriu em Lisboa, e a imprensa progressista cala-se.

Pois agora, que esse politico tem uma questiuicula com o ministro do reino, originada no odioso visto imposto na reforma administrativa que elle houve por bem acatar, o órgão mais auctorizado do partido progressista dirige-lhe encomios em artigo de fundo.

Será com taes provas de moralidade e de coherencia politica que o partido progressista levantará o paiz do immundo lodaçal em que se encontra?

Dr. Nunes da Ponte

Este nosso eminente correligionario e illustre homem de sciencia, presidente da comissão executiva do partido republicano do Porto, que hoje teve a amabilidade de visitar o nosso jornal, acha-se na Quinta de S. Jorge, de visita a sua familia.

Dr. Sousa Refoios

Este abalizado clinico e professor da faculdade de Medicina, saiu com sua esposa e interessantes filhos para a praia de Espinho, onde passará a época balnear.

Carta

Do nosso querido amigo e talentoso collega dr. Antonio José d'Almeida recebemos a carta que em seguida publicamos.

Pede n'ella que declarem se é auctor de dois artigos publicados na *Resistencia* contra dois lentes da faculdade de Medicina.

Escusada era essa declaração porque, sendo bem conhecido o estylo do nosso collega, só por uma revoltante má fé lha podiam ser attribuidos aquelles artigos, em que não lhe cabe responsabilidade individual.

A *Resistencia* acata os motivos que levam o dr. Antonio d'Almeida a não querer utilizar-se das suas paginas para se desafrontar de quem vilmente o calunniou, revelando assim mais uma vez a grande nobreza do seu caracter e a sua inquebrantavel lealdade. Não deixa, porém, a redacção da *Resistencia* de acompanhar na sua justa indignação quem sempre foi seu dedicadissimo companheiro, e saberá, em occasião oportuna, collocar-se ao lado d'elle. Em questões de justiça e de moralidade jamais se preterirá com quaesquer considerações.

A redacção da *Resistencia* já mostrou ao dr. Antonio d'Almeida quanto o apreciava, e por isso limitou-se á agora a agradecer os valiosissimos serviços que lhe prestou, e a registar com jubilo a declaração de que jamais a olvidará em qualquer lugar onde se encontrar, esperando que continuará a honrar as paginas da *Resistencia* com a sua brilhante collaboração.

Meus caros collegas:

Permittam que eu, ao sahir d'esta terra, lhes envie, nalgumas palavras simples, a expressão do meu reconhecimento pela camaradagem penhorante com que me honraram desde o primeiro numero da *Resistencia*.

Permittam-me, igualmente, que, por este, meio apresente aos republicanos de Coimbra os protestos da minha gratidão altissima pela lealdade cavalheirosa e pela benevola amizade que sempre tiveram para o mais humilde combatente das suas fileiras.

Não imaginem que em penso em pagar por esta fôrma a enorme divida de gratidão, que — tão grande a julgo — para sempre ficará em aberto nos dominios da minha consciencia. Já o disse no jantar que me offereceram: «as provas de estima e sympathia que todos os republicanos de Coimbra me têm concedido desde que um dia entrei na cadeia, perseguido pela lei, até ao dia que em saio de Coimbra, calunniado por um bando de miseraveis, que nem sequer têm o decoro da propria posição — todas essas deferencias generosas são tão altas e a minha pessoa é tão humilde, que não tento erguer-me á altura d'ellas, nem sequer para as agradecer.»

Mas não quero, de fôrma alguma, que no silencio fiquem agonizando os meus sentimentos mais queridos.

Porque se esse silencio era a fórmula mais eloquente para agradecer aquillo que se não agradece com palavras, era talvez a fôrma menos precisa de mostrar, que para sempre fico reconhecendo a immensidade da divida que a generosidade dos meus amigos me fez contrahir.

Saio de Coimbra levando na minha alma a recordação melancolica, não d'uma solidariedade que para sempre continuará, mas d'uma camaradagem que, na sua expressão effectiva, para sempre se desfez, para todo o sempre se rompeu...

Mas não importa! Em qualquer parte da terra portugueza para onde o destino me levar, sempre o meu pulso, debil mas dedicado, erguerá até ao ultimo farrapo a mesma bandeira em volta da qual, em Coimbra, pelejam os republicanos que tiveram em mim, durante 5 annos, o seu mais humilde companheiro d'armas.

Nessa solidariedade de aspirações e de luctas, que a distancia do espaço não ha de quebrar e que a communiidade das nossas almas ha de sempre manter, se cifra a unica alegria que

o meu espirito pôde sentir neste momento commovido em que os deixo.

Sim, neste momento em que me despeço, embora não seja este o ultimo momento em que venho perante o publico de Coimbra. Ha uma questão de honra que alguns lentes de Medicina levantaram na ponta d'uma calumnia, e cuja liquidación, dizendo-me mais propriamente respeito, interessa sobretudo aos republicanos de Coimbra, porque a calumnia tambem lhes bateu á porta. A liquidación d'esse ponto hei de faze-la aqui.

E já agora, meus caros collegas, permittam-me que eu diga porque a não faço já, e porque a não faço na *Resistencia*.

A questão é politica, mas foi arrastada para o campo academico. Perante, pois, a academia, ella deve ser tratada tambem. D'ahi a necessidade de protelar o embate até outubro, epocha em que a Universidade se abre.

Quanto á razão porque me não devo utilizar das columnas da *Resistencia*, apesar do vosso categorico offerimento, eu a digo em duas palavras.

Os meus ataques vão ser quasi exclusivamente pessoas. Pouco entrará na lucta que vou romper a Universidade, a respeito da qual eu tenho ideias quasi harmonicas com as dos meus amigos. Todavia, é possível que, no decorrer da questão, eu tenha de significar ideias, que, em especial consideradas, não são de completo applauso para a feição scientifica da faculdade de Medicina. Sendo assim, eu não posso utilizar-me das columnas da *Resistencia*, que, sempre e d'uma maneira categorica, tem fugido a criticas que possam reverter em desprestigio da Universidade. Seria isso uma deslealdade da minha parte, deslealdade que profundamente os magoaria, e sobretudo o homem, tão illustre pelo seu caracter e pelo seu talento, que na *Resistencia* tem assignalado, de uma maneira notavel, o prestigio da sua pessoa e a coherencia dos seus processos, e que á Universidade consagra, na qualidade de professor a todos os titulos brilhante que é d'ella, uma incomparavel dedicación.

De resto, o que vou escrever, e que serão apenas, para inicio, pelo menos, algumas paginas, ligeiras e largas, perderia com a fragmentação que as necessidades da publicação jornalística fatalmente lhe haviam de impôr.

×

Por ultimo, peço-lhes que tenham o incommodo de fazer duas declarações:

1.ª que não sou eu o auctor de dois artigos que, em tempos, sahiram na *Resistencia*, um contra o sr. Lopes Vieira e outro contra o sr. Raymundo Motta, lentes de Medicina.

2.ª que perante esses artigos continuo a manter a responsabilidade moral que me assiste, como membro da redacção da *Resistencia*.

Já formado, não ha cobardia em fazer a primeira declaração.

A despeito de formado, não ha bafosia tardia em fazer a segunda, por mim sempre espontanea e logicamente mantida, e, pela propria natureza das coisas, em mim sempre reconhecida.

Creiam, meus caros collegas, nos meus eternos sentimentos de gratidão e amizade, e d'elles peço sejam interpretes junto de todos os republicanos de Coimbra.

Neste momento de pezar amargo

em que os deixo, acreditem-no, vejo com a nitidez flagrante de quem sente a palpitação d'um pedaço da propria alma, que o meu espirito virá sempre, nos momentos de entusiasmo ou de desespero, de desillusão ou de odio, beber no espirito dos republicanos de Coimbra mais uma porção de animo para luctar contra o inimigo commum ou contra esse inimigo individual e terrivel que cada um de nós tem dentro de si.—o cançasso proprio.

Signal este de que, se fico preso pelo espirito ao espirito dos meus antigos companheiros, é porque muito devo á sua convivencia.

Coimbra, 3 de agosto de 1895.

Antonio José d'Almeida.

Por falta de espaço não publicamos hoje as *Notas d'um azedo*.

A *Vanguarda* de quinta feira, desforçando-se legitimamente de miseros ataques governamentais, perguntava a *Tarde* «se, injuriando a propaganda republicana, envolve nos insultos que dirige aos republicanos o seu collega, sr. João Lopes Carneiro de Moura, cujo nome descobriu subscrevendo o manifesto republicano revolucionario dos estudantes de Coimbra, em 15 de novembro de 1890?»

Pela nossa parte, temos a accrescentar, que o bacharelito Carneiro, actual serventuario de Urbano de Castro, já tinha a maioridade e estava no quarto anno de Direito, por occasião do referido manifesto.

De resto a *Vanguarda* recommendamos que não se preocupe com o misero. Em Coimbra passou sempre por um tolo. Em Lisboa, ao que nos consta de fonte limpa, tem-se tornado um perfeito idiota, com seus laivos de pessimismo (vulgó, velhacaria).

Dr. Pires de Carvalho

Acabou a sua formatuza em Medicina o nosso velho amigo Pires de Carvalho, cujo carreira academica, brilhante e audaz, será sempre o orgulho da sua vida.

O sr. Pires de Carvalho assignalou-se em Coimbra pela sua tempera rija de luctador intelligente e indomavel.

Beirão franco e leal, de animo a um tempo impetuoso e reflectido, tem no seu espirito as duas grandes forças que impulsionam todas as modalidades das almas bem formadas: a intelligencia aguda para apprehender e a energia de ferro para executar.

Tudo dulcificado por uma bondade de patriarcha antigo...

Foi um dos mais valerosos batalhadores em todos os recontros da politica republicana academica e, se, durante a sua vida de estudante, romantica para a defeza dos grandes ideaes, e d'uma honestidade estoica para resistir a todos sacrificios, houvesse um movimento pelas armas, quem o commandaria no alto das barricadas seria elle, sem duvida alguma. A sua energia de fogo seria capaz de congregiar todas as energias; a sua audacia destemida capaz de levar ao embate, hypnotisando-os, os espiritos mais timidos; a sua intelligencia clara e precisa capaz de delinear as machinações estrategicas.

Bello typo de homem, destacando a sua figura masculina no meio d'uma geração de anemicos, tempera violenta de combatente, habituado a vencer aos encontros as difficuldades da vida, foi por vezes guerreado nos seus interesses, ou calunniado no mais puro das suas intencões. Mas na sombra, com cuidado de pescoco erguido, os calunniadores a pesquisarem os movimentos do perseguido, não fosse elle resolver as coisas pelo processo da diplomacia suprema: — o puxão de orelhas. Bem haja.

Bagatellas

A igreja da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, não escapou á sorte de todas as egrejas confiadas á vigilancia e bom gosto canonical. A sé de Lisboa, do Porto, de Braga, offerecem exemplos sobejamente demonstrativos do criterio esthetico que exorna o espirito d'essa elevada categoria ecclesiastica.

Os acrecimentos e deturpações são de tal fôrma extravagantes e burlescos, que, passada a primeira impressão de espanto e de revolta, uma reacção de bom humor se compraz em considerar essas profanações grosseiras, como productos lidimos das reverendas obediencias, representantes ditosos e privilegiados da imbecillidade e da baboseira de extinctas raças bernardas!

Pela inconsciencia dos dislates, no encarecimento verbal das suas cousas preciosas, se avalia do quanto lhes falta em opiniões de arte e delicadeza de espirito, para serem acceptaveis no convivio do seculo.

Se ha, como creio, excepções, os individuos que encontrei eram de certo exemplares assaz incultos de tribus inferiores!...

A obra de talha muito abundante em Guimarães, como em Braga, como em todo o Minho, dos seculos XVII e XVIII, é, pela maior parte, pesada, rude e incongruente, e vai até aos despauterios de brutalidades inverosímeis. Na igreja do mosteiro de Tibães, sede da ordem de S. Bento, o órgão é sustentado, por cima das nossas cabeças, por dois torpes satyros, collossaes, de corporencia formidavel, como bois. No revestimento geral do templo haverá *rincau* decorativo, que um carro lhe não comporte o volume do castanho de que é feito!

Talha para ser vista a 200 metros de distancia!

Alem d'este genero ha ainda o typo insistente do reinado de D. Maria I. Este é em maior profusão e continua ainda evivando as composições dos entalhadores da actualidade.

Do paço dos poderosos e opulentos duques de Bragança, — que tinham ao seu serviço 500 domesticos, e cuja auctoridade se estendia sobre 80 mil vassallos, — restam os muros solidos, a desafiar os seculos; e o portico da capella gothica, contemporanea de D. João I, d'uma grande belleza, imponente e casta.

A reconstituição d'essa capella e de parte do palacio, tão facil e tão pouco dispendiosa, em qualquer outro meio que não fosse esta sociedade inerte e fallida, seria uma empreza suscitada e proseguida com enthusiasmo para o engrandecimento de Guimarães.

A cidade de Gand anda neste momento reedificando, na sua integridade enorme, com muralhas, fossos e pontes, levadiças, o palacio acastellado dos condes soberanos de Flandres, de que apenas restavam fragmentos escassos.

A Hespanha tem feito reconstituições sobre desenhos antigos e conjecturas em alguns dos seus mais notaveis monumentos. Na Alhambra, por exemplo, a sala chamada de *los Divanes*, onde as favoritas granadinas vinham repousar sobre tapetes persas, ao som dos instrumentos, foi de novo construida pelas noticias descriptivas da que existia em outros tempos.

Em Avinhão está sendo neste momento de novo debatida a reconstituição completa do palacio colossal dos Papas; e tudo leva a crer que d'esta vez a obra, que custará sommas enor-

mes, seja levada a effeito á custa do estado.

Para mais cabal demonstração de penuria, é em parte das ruínas do paço de Guimarães que se acha recolhida a guarnição militar da cidade. Não é um quartel, é um albergue, como o porão d'um navio, com a differença de ser caído a branco!

Mas, na crassa inferioridade da administração publica, mal chegam os redditos da nação para os folguedos palacianos e jesuiticos e para trazer rolichas e contentes as sanguessugas politicas.

Porque, — tirante os palacios regios, para os quaes não ha restricções — as verbas votadas no orçamento do estado para os monumentos publicos são irrisorias e insensatas.

A.

Em despedida

A festa mais entusiastica, a manifestação mais sentida, a protesto mais fremente e sincero, do que o banquete offerecido pelos republicanos de Coimbra ao nosso eminente correligionario e affectuosissimo amigo o dr. Antonio José d'Almeida, no dia seguinte ao da sua formatura, não assistimos nunca. Não se realisou jamais uma festa assim.

O entusiasmo e a emoção sincera, a indignação e a saudade, o affecto e o prazer emocionante, confundiam-se e unisonos vibravam na mesma nota dominante e quente. É que, tambem, rarissimas vezes se tem juntado em volta do mesmo homem tantas dedicações e tanta estima. Nunca ninguém, nem pelo character nem pelo talento, mereceu mais as homenagens fervorosas e ardentes do respeito e da consagração de todos, do que Antonio José d'Almeida, que, pelo character immaculado e puro, pelo talento brilhantissimo e radiante, pela sinceridade honesta, pela rude inquebrantabilidade da sua consciencia, pela energica arduencia do seu espirito de luctador andaz e forte, tem obrigado a curvarem-se, dominados pelo prestigio da sua eloquencia e pela limpidez da sua alma, todos os inimigos e os adversarios todos.

Se é verdade que um bando rellissimo de insignificantes tentou ferrar na reputação intacta de Antonio José d'Almeida os dentes afilados na pedra da calumnia miseravel, é verdade tambem que na couraça, diamantina e luminosa, que lhe reveste a alma, quebraram a dentadura os desgraçados... Nunca chegou á lua o uivo dos chacaeis!

E por isso aquelle banquete foi um preito de admiração e um protesto solemníssimo.

As oito horas da noite tomaram lugar em volta da meza, profusa e delicadamente ornamentada de flores, vinte e quatro amigos politicos e admiradores incondicionaes do dr. Antonio José d'Almeida. E no meio d'uma animação, sempre crescente e affectuosa, decorreu até ao momento em que os brindes explodiram calidos e vibrantes de sinceridade e de affecto. Houve affirmações, as mais calorosas e as mais convictas, de dedicação e de fé republicana; houve mil saudações, repetidas e unisonas, a Antonio José d'Almeida, em quem nós víamos, numa synthese luminosa, personificado o valor intellectual, a austeridade moral, e a causa santa a que nos dedicamos todos.

Festa cheia de enthusiasmo e cheia de affecto; festa cheia de alegria e cheia de saudade — esta saudade enorme, dominadora, do amigo mais querido, do character mais incorruptivel, do politico mais intransigente e austero — emfim, da metade da nossa alma que se vae afastar d'aqui. Mas Antonio José d'Almeida, onde quer que esteja, para onde quer que a fortuna o leve, presentará sempre em volta de si, pairando serenamente a envolve-lo, carinhosa, a alma de todos nós.

Correspondencia da capital

Não foi publicada no numero anterior, por só ter sido entregue na nossa redacção ás 6 horas da tarde de quinta feira. Publicamos-la hoje, porque o seu assumpto ainda tem interesse.

A carta anterior, a que o nosso solicito correspondente se refere, não a recebemos.

Guilherme Braga

Logo que nos constou ter sido distribuido, no Porto, um vibrante manifesto coatra a prohibição das homenagens ao genial poeta e vigoroso anti-jesuita Guilherme Braga, mandamos pedir, directamente, á commissão um exemplar para ser inserido, integralmente, na *Resistencia*. Não chegou ao nosso poder a tempo de sair no jornal de quinta feira, como era desejo e dever nosso. Sabe hoje, na integra.

AO POVO

O governo prohibiu a manifestação anti-jesuitica, que hoje deveria realisar-se no cemiterio d'Agramonte, em volta da campa do grande poeta Guilherme Braga.

Os jesuitas são o auxilium da Monarchia. Atacando-os, atacamos o Rei. O ministerio não o permite. Nada ha que estranhar. É logico.

Desde a crise do *ultimatum* inglez, que tanto podia significar um movimento de vida nova como o stertór de um moribundo, resvala a Nação. dia a dia, ao lethargo estopido da indifferença. Estará morta? Estará cataleptica? O futuro, breve talvez, o vae dizer.

Mas na opinião do mundo já Portugal não existe. Dura, mas não existe. Dura geographicamente, mas não existe moralmente. A Europa já considera isto uma coisa defuncta, espolio a repartir, ignara a trinchar. Salva-nos da gula dos commensaes a rivalidade dos appetites. No dia em que se harmonisem, devoram-nos.

Como resistir? Pela força physica? Impossivel. Não ha balas nem libras, não ha oiro nem ferro. Qual o meio, então? Um unico: a força moral. Não vale tudo, mas vale alguma coisa. Na balança da realidade ephemera, os canhões pezam como bronze, e o Direito e a Justiça pezam como ar. Sim; ás vezes, não sempre. Houve prophetas que domaram leões; martyres que aterram algozes. E quando um homem ou um Povo succumbem activos, em nome da verdade, esse homem resuscitará nas consciencias, e esse povo resuscitará na Historia. O justo, expirando na Cruz, ao terceiro dia levanta-se do tumulo. O covarde, mergulhado em lodo, em lodo agonisa e em lodo se transforma.

Qual era, pois, a grande missão de um governo em Portugal? Fazer de quatro milhões de espiritos um só espirito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz divergentes, aquecem; convergentes, abraçam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quasi estereis, na indifferença collectiva. Não mudam aos olhos da Europa a physiologia portugueza. Mas a abnegação e o sacrificio de todos, a communhão unanime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Patria, transfiguram-nos por encanto, de povo de chatins em povo de heroes, de mortos com direito ao cemiterio, em gente viva com direito ao pão, com direito á luz.

E o problema religioso, nada mais singelo: na esphera do pensamento, liberdade absoluta; na esphera dos actos, tolerancia reciproca.

O povo dos campos mantem a sua fé tradicional. Quando se dirige a Deus precisa ainda um lingua: o Padre. Faltando-lhe a hostia, falta-lhe Christo. Levando-lhe a igreja, levam-lhe o Ceu.

O Catholicismo é roble caduco, mas nos galhos exangues, de verdura pallida, innumeradas aves innocentes gorgeiam ainda, fabricam o ninho em que adormecem. Não lançemos o machado ao tronco do roble, sem dar aos corações ingenuos, que o povoam, outra verdura calma onde se abriguem. O mundo róla no infinito; no infinito deve igualmente girar o espirito do homem. Ai dos que vivem só na terra, olhando o horisonte com o olhar da carne! Esses não vivem. Andam kilometros e contam horas, mas o Espaço é a jornada da alma e o Tempo a hora eterna que não finda. O homem sem o ideal sobrehumano regressa á bestialidade d'onde veiu.

Se o cavador miseravel não communga em Christo senão pela hostia, que a hostia lhe seja offerecida, mas candida e branca, em mãos de misericordia e de pureza. Organistem um clero nacional e christão, evangelista pela virtude, embora catholico pelo dogma. Varram da igreja a estrumelra politica; para bispos escolham santos, e a questão religiosa desaparece num momento. Spinosa ou Schope-

nhauer entender-se-hiam muito bem com S. Francisco d'Assis.

Porém, os homens que ha muito dirigem os destinos da Nação, ultimas varreduras do constitucionalismo agonisante, quasi sempre democratas vãos aos vinte annos, e cynicos redondos aos quarenta, são incapazes de um plano de governo gerado numa philosophia superior, amoldado a uma razão pratica luminosa e traduzido em factos, por uma vontade inabalavel e continua. Que elles, francamente, visam apenas a salvar o seu interesse, o seu egoismo e as suas lantejoulas de mediocres.

Conservam a realza no intuito de se conservarem a si proprios. Mas uma realza moribunda só entre mortos alcançará reinar. Fazer do paiz um cemiterio d'almas, eis o problema. As associações protestam? Dissolvidas. Os clubs ameaçam? Trancados. As côrtes incommodam? Supprimem-se. Os jornaes irritam? Cadeia. Todo o obstaculo, desfaz-o: se é venalidade, pela compra; se é moralidade, pela tyrannia. Ha consciencias que se indignam? Prendam-as. Ha gente que se revolte? Fuzilem-a. Ordem! muita ordem! Quer dizer: silencio! Digerir, e calar. O Paiz inteiro uma campina raze, e nella manobrando, ovante e livre, o General Queiroz. Galopa de Norte a Sul e nem um monticulo para surpresas, uma ravina para emboscadas. Planura perfeita: bem chã, bem unida e bem morta. Povos, a municipal e a policia.

Receio, pois, de quem? Da burguezia liberal? Por via de regra o burguez, liberal ou não, traz nos intestinos um policia ingenito: o medo. Anda guardado.

Receio do operario? O operario portuguez é soffredor e humilde. A grande industria concentra-se em Lisboa e Porto, onde a policia usa revolveres e a municipal Kropatcheks. Comtudo, a maré do socialismo, inovade, formidavel, os parlamentos Europeus. Á cautela, proteger S. Bento. Decreta-se uma lei, inutilizando o voto ao operario eleitor, ás vezes; elegivel, nunca.

Receio do exercito? Lisongea-lo... e diminui-lo. O exercito é a municipal. Optimo. Só fica nuvem negra: os campos, a plebe da enxada. Horda infiota. Na allucinação da miseria, quem a ha de conter?... O Queiroz? O Graça? Não chegam. Só um Queiroz em cada aldeola, um Graça em cada freguezia. O perigo enorme vem d'ahi. Meio milhão de esfarrapados, com este general — a Fome, tornam se invenciveis. Existe apenas um recurso: Deus. Muito bem. Trata-se com Deus.

Il y a avec le ciel des accommodements.

Ha effectivamente. Mas conforme o céu e conforme o Deus. O Deus dos Evangelhos, por exemplo, é um Deus exquisito, não presta. Leva á submissão, nunca á ignominia. Capaz de gerar um martyr, nunca um hypocrita. Depois, a sua doutrina egualitaria, em certos temperamentos, cria allucinados, produz rebeldes. O Nihilismo é filho bastardo de Jesus. E elle, o proprio Deus, numa crise de colera, não desatou ás chicotadas? Com o Deus do Calvario, abrigo de humildes, redemptor de plebes, um homem d'estado, espelho de cordura, não deve entrar em negocios. Arrisca-se.

Quer-se um Deus maleavel, arguto, sceptico, intelligente: o Deus da Companhia de Jesus. Ora ahí está um Deus civilisado, sem preconceitos, util a um governo. Instruido e methodico, ambicioso e cauteloso. Boa educação, boas maneiras, limpeza de roupa, latim excellente.

Sabe catechisar uma duqueza ou fanatizar uma peixeira. Dispõe de infernos como labaredas de fogo ou labaredas de gase, de céus confortaveis para gente rica e céus de quinto andar para a canalha. Harmonisa o lausperenne com a kermesse, S. Carlos com Santo Ignacio, um sermão com um baile, e o Espirito Santo da igreja de S. Luiz com o tiro aos pombos da tapada da Ajuda.

Porisso a monarchia firmou aliança com o Jesuita, e o Jesuita vae esburacando o sub-solo moral da Patria Portugueza. Alastrou, minou, furou sem ninguém ver, debaixo da terra. Agora apparece. Caminhou na sombra, de joelhos, como um larapio. Agora mostra-se. Mostra-se e desafia. A rede escura da sua influencia abrange a area da Nação. Collegios e conventos em todas as provincias. Levantou baluartes, estrate-

gicamente, escolhendo o terreno. Julgase inexpugnavel. Manobra á luz, desfla em batalhões, fórma em revistas. É a guarda municipal da consciencia portugueza. O seu Deus corresponde-se com o ministerio, tem entrada na côrte e verba no orçamento.

Perguntarão: Se o governo dispunha do clero, por que chamou o Jesuita? Se havia de casa o abbafe, por que recorreu ao missionario? É que o abbafe desmoralisado pelo constitucionalismo em sessenta annos de tranquillidade eleitoral, perden lentamente, aos olhos do camponez, o character augusto de intermediario da divindade. O missionario, ainda não.

E eis ahí porque o governo pactuou com o jesuita, e nos inibe de responder, como desejavamos, áquella entrada grutesca de Santo Antonio, que durante semanas emporcalhou as ruas de Lisboa. Carnaval sacrilego! A humildade, a virtude e a pureza do sublime franciscano enxovalhadas e calcadas em carreiras de titeriteiros e de bebados! O discipulo candido da mais angelica alma que ventre materno deu á luz, exposto a glorificações mercenarias, a apotheoses alviantes! Para celebrar o dôr, foguetorios e musicas! Para celebrar a mansidão, toiradas e bayonetas! Para celebrar a renuncia, jogos e festas, galopés e clarins! Um banquete sumptuoso, uma rainha constellada de joias, convivas em fraldalhões auriluzentes, damas cobertas de brocado, na mesa opulenta uma becatombe luculiana, e um burguez anafado e ventruado, ao dessert, copo de champagne na mão, erguendo um brinde (com arrotos) á doçura, á singeleza evangelica do amigo, do *Povorello*, de Santo Antonio de Lisboa! E não fulminou Deus o animalajo estercoreario!

E por fim, aquella debandada de entremez ecclesiastico, em que os padres de Jesus, loucos de terror, cegos de cobardia, largavam da mão as corças e as insignias, para melhor se escapulirem, desordenados e fedorentos.

Iremos a Agramonte; iremos silenciosos, a um e um, esconder em flores o tumulo modesto d'esse bello poeta, a quem a sociedade, em troca do Genio, doou amarguras e vilipendios. Tardia romagem da nossa indesculpavel ingratitude.

E enquanto a protestos ruidosos, só um a fazer. Mas deve fazer o a nação inteira, e sem pedir licença aos governantes. Protesto unico e definitivo d'onde resulte uma sociedade virtuosa e nobre, equitativa e harmonica, impregnada nas leis e nos costumes da moral sublime de Jesus e refractaria, portanto, á moral ambigua do Jesuita. — *Guerra Junqueiro, Silva Doria, Xavier Esteves, Antonio Affonso, Heliodoro Salgado, Alexandre de Barros.*

O nosso collega Affonso Costa, que hontem saiu para a Figueira da Foz com sua familia, encarrega-nos de, em seu nome, declarar que incommodos de pessoas queridas o impediram até hoje de agradecer as visitas e cumprimentos recebidos por occasião do seu doutoramento, e que, em outubro, de volta a Coimbra, cumprirá esse dever, e se desculpará e aos seus de não terem, agora, por eguaes motivos, feito as suas despedidas.

Á Voz Publica

A este nosso querido collega agradecemos a homenagem que presta no numero d'hontem ao nosso querido collega dr. Antonio José d'Almeida. Duas reificações, porém, se tornam necessarias ao seu artigo.

O dr. Magalhães Lima não defendeu o nosso prestigio correligionario, mas o immaculado dr. Manuel d'Arriaga.

O dr. Antonio José d'Almeida não vae protestar contra a classificação que lhe foi dada no 5.º anno, nem tão pouco contra as informações votadas pela faculdade. Não é o seu character de molde a prender-se com essas questões.

O que lhe cumpre pôr em relevo, e que de certo fará, é a serie de miseraveis intrigas e vis calumnias que contra elle foram inventadas por quem desejava que soubesse curvar a cabeça e prestar o seu nome para a realisação de certos intuitos.

Carta de Lisboa

31 de julho de 1895.

Lamento que se tivesse perdido, como supponho, a minha carta anterior. Dizia algumas verdades e contava factos interessantes. Agora já não vale a pena repetir o que disse. Acabou-se. Tanto mais que todos ganharam com isso, principalmente por a minha carta haver sido substituida pelo conto de Monselet, cujo espirito vi, pelo Fialho d'Almeida, celebrado com sympathia em qualquer livro, a *Vida Ironica*, se bem me recordo.

X

Acabo de ler num telegramma do *Seculo* que se formaram os quintanistas de Medicina. Só eu e os amigos calculam quanto sinto não poder abraçar por esse motivo o Antonio José d'Almeida e o Pires de Carvalho, duas almas de eleição e dois homens honrados, que devem estar a estas horas olhando com bastante desprezo para os que não podem ser honestos como elles. Eu ia fallar, mas é cedo ainda: tenho a palavra reservada...

X

Se esperam que eu vá fallar-lhes, em chronista revolucionario, da chifrreira de hontem, estão enganados. Não lhes descrevo o que se passou, pois já o sabem pelos jornaes.

As causas de tudo vejo-as bem descriptas no *Diario Popular*. O Marianinho é para mim um homem culpado como os mais culpados na desmoralisação e ruina do paiz. Não tenho por elle consideração de especie alguma; em todo o caso o que elle diz hoje, e que eu transcrevo, é verdade:

«Não existia em Portugal uma questão religiosa. A maioria dos cidadãos era e continua sendo catholica e professando essa religião, e não precisava nem precisa, de quem a ensine ou a incite a seguir mais assiduamente os actos religiosos. A formação d'um partido com a denominação de catholico, e a poucos passos manifestamente dominadores, pondo ao serviço d'interesses mundanos a religião do Estado, constituiu a nosso ver uma provocação, que levantaria sérias e tenazes resistencias.

«Tudo corria tranquillo, celebravam-se sem resistencia as ceremonias do culto, a que o publico assistia respeitoso; não eram desacatados os padres, salvo casos esporadicos de pequena importancia, ou pelo menos não havia aggressão systematica contra elles. Formase o partido catholico e a poucos passos temos desacatos contra ceremonias religiosas, e nas ruas de Lisboa são agredidos e espancados muitos individuos pela unica culpa de serem padres, tomando-se para isso os mais absurdos pretextos e havendo, diga-se a verdade, obsecção nas verdadeiras paixões populares. Ahí estão os fructos saborosos da formação do partido catholico.»

Houve na verdade paixão popular, mas houve brutalidades que me cumpre condemnar. Aggrediam rapazes seminaristas de dezeseis e dezoito annos. Assaltavam todos os padres que não eram culpados, muitos d'elles, das patifarias da alta camarilha clerical. Fizeram o diabo! Foram selvagens. Assim, a aggressão contra o padre Senna Freitas foi bestial. Mas quero aqui fazer esta observação: canalha houve-a sempre, e os que hoje aggridem o padre Senna Freitas são descendentes d'aquelles que viram morrer, applaudindo a Inquisição, o judeu Antonio José da Silva, uma das mais puras glorias da litteratura portugueza.

E como não quero deter-me sobre o caso, todas as reflexões a respeito do que é a sociedade portugueza hei de fazel-as quando tornar a ler na *Historia de Portugal*, de Oliveira Martins, como o jesuita fez descer este paiz ao mais baixo grão de decadencia, e na *Historia da Inquisição*, de Alexandre Herculano, como os frades de S. Domingos eram os assassinos mais vis de que tenho noticia.

X

Felizmente vae-se constituir a commissão republicana de Lisboa e, segundo me informa um amigo, não entram nella empregados publicos, ficando por fim assente a doutrina que, de individuos que recebem os seus orden-

dos do governo ou das camaras, só entrarão nas commissões os médicos de partidos municipaes ou professores. Ainda bem que os homens de bom senso assim acompanham a opinião do partido republicano de Lisboa, que neste sentido se tem manifestado ultimamente. Os proprios empregados municipaes que entravam nas commissões anteriores são os primeiros a concordar com isto. Estimo sinceramente esta prova de coherencia e de abnegação.

Jocelli.

Dr. Theophilo Braga

Desmentindo uma infame noticia das *Novidades*, o nosso eminente correligionario e sabio-professor sr. dr. Theophilo Braga enviou a *Vanguarda* a seguinte declaração:

Tendo o jornal as *Novidades* publicado uma noticia absolutamente falsa, e que representa um acto da mais abjecta cobardia, afirmando que o sr. Vasconcellos Abreu se desforçara das suas promettidas fanfarronadas, declaro que uma tal noticia excede toda a infamia; porquanto, estando hontem, 31 de julho, na loja de livros do sr. Antonio Rodrigues, alli appareceu o supradito Vasconcellos Abreu, sem se atrever a approximar-se de mim, porque estava bem avisado e certo de que a uma affronta á minha dignidade eu responder-lhe-ia com um golpe mortal. Depois de ter permanecido algum tempo na soleira da porta, entrou Vasconcellos Abreu, fingindo vêr os livros, e saiu caladamente, sem fazer a minima ostentação aggressiva contra mim. Continuei conversando no lugar em que sempre estive, com as pessoas presentes, os ex.^{mos} srs. Freixedas, Antonio Rodrigues e seu filho, e creio que um empregado da casa, que podem testemunhar que mais nada se passou. D'isto se conclue que o dito Vasconcellos Abreu, enganando aquelle jornal, além da sua cobardia, patenteia agora a qualidade de falsario e desprezível papelão, que ahi deixo exposto á irrisão publica.

Theophilo Braga.

Dr. Lucio da Rocha

Sabiu hoje para a casa de seus paes, na Beira Alta, o illustre professor da Universidade sr. dr. Lucio Martins da Rocha.

S. ex.^a voltará em outubro para reger a cadeira que lhe foi destinada na faculdade de Medicina de que é lente desde quinta feira passada, dia em que tomou posse.

Desejamos ao illustre professor umas ferias felizes para que seu o espirito possa descansar após os trabalhos do seu curso, em que o sr. Lucio manifestou mais uma vez o seu talento forte e brilhante.

A Universidade e a sciencia têm muito a esperar d'elle. Novo, trabalhador, methodico e tenaz, possuindo um

cerebro com largo poder de elaboração e uma palavra com brilhantes qualidades de exposição e de critica, tendo ao seu dispor uma vasta bagagem scientifica, muito intelligente e muito honesto—o dr. Lucio Martins da Rocha dará um professor a todos os titulos prestigiosos.

Do que dizemos são provas bastantes as suas dissertações inaugural e do concurso—*Serotherapy e Symphysiologia*—trabalhos de largo folego, que, feitas com notavel autonomia de pensamento e muita originalidade de opiniões, são dignas de consulta por todos os estudiosos que se dedicam aos capitulos da Medicina, a que as dissertações do dr. Lucio dizem respeito.

Sobretudo isto s. ex.^a é um homem affável e prestante que, como preparador do gabinete de anatomia pathologica, penhorou durante dois annos e tal toda uma geração academica, fornecendo-lhe notas e informações, esclarecendo-lhe duvidas e facilitando-lhe o trabalho.

Desejando ao dr. Lucio Martins da Rocha nova carreira triumphal, aproveitamos a occasião de noticiar a sua partida, para prestarmos homenagem ás suas superiores qualidades.

A' Correspondencia

Esforça-se este jornal por demonstrar, á força de graça e de espirito, que a administração municipal é zelosa como oenhuma outra. E vai chamando *insinuação* á denuncia que aqui fizemos ao publico do abuso da cedencia d'agua do deposito da Cumeada para regas particulares.

Pelo modo como se apresenta, parece que essa edilidade inepta, que tantas vezes tem provado a pobreza do seu espirito, não pensa senão nos interesses municipaes.

O zelo dos srs. vereadores... Que ironia!

Pois a respeito da agua *suja* do deposito, que tão repetidas vezes é limpo, quando os milharas estão sequeiosos, fallaremos no proximo numero. E desde já podemos dizer-lhe que ja este anno, não só uma, mas bastantes vezes, o tal particular tem aproveitado as aguas do deposito, para regar a sua propriedade.

E, para abuso, parecendo-nos abuso de mais, preferimos chamar-lhe concessão abusiva e escandalosa.

Quanto á carne de vacca, não temos ainda conhecimento das condições da arrematação, mas, verdade verdade, receamos o muito que entre ellas se esconderá.

Nos hospitaes da Universidade deu entrada Igacio da Costa, da freguezia de Santo Antonio dos Olivares que foi ferido no rosto em virtude da explosão inesperada de um tiro que estava carregando n'uma pedreira da casa do asylo dos cegos em Cellas. Não é grave o seu estado.

Tambem deu entrada nos hospitaes,

onde falleceu hontem, José Maria Pereira, natural de Miranda do Corvo, que estando de pé em cima d'um carro caiu, ficando espetado n'um fueiro pela região Iypogastrica.

COLLEGIO DE S. PEDRO

53—Rua de Mont'Arroyo—53

COIMBRA

DIRECTOR

MAXIMIANO AUGUSTO CUNHA

Alumnos que frequentaram este collegio e que ficaram approvados na primeira época de 1895.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

(admissão)

Alfredo d'Oliveira Cabello, Aypio da C. Contente, Anthero de S. Godinho, Antonio Carvalho, Antonio da C. Bastos, Carlos Costa, Eduardo Dias, Eduardo S. Lopes Vieira, Francisco da Cunha Mattos, Jayme de C. Simões, João A. de Sousa Doria, João Martins, José Christino, José Dias Pratas, José Martins dos Santos, José de Meirelles Garrido, Luiz Duarte Craveiro, Luiz Mendes, Luiz Xavier de Meirelles (interno), Manuel Martins Lobo, Marcolino da Silva, Octavio do Carmo e Sá, Oscar J. Ribeiro Alves, Pedro da S. M. Coutinho, Samuel da Cunha Mattos e Hortencia Laura de Aguilhar.

Não se mencionam mais 3 que ficaram approvados, porque vieram nas vespuras dos exames:

Professores:—Duarte Mendes Costa, Maximiano Augusto Cunha e Francisco Ribeiro Saraiva.

INSTRUÇÃO SECUNDARIA

Portuguez

Adriano dos S. Carvalho, Alvaro A. L. d'Almeida, Alvaro Guedes Faro Ferraz, Antonio Maria Gaspar, Carlos Cunha d'Aguiar (interno), Domingos Valle de Freitas, Jayme Zuzarte Cortezão (interno), João B. dos Santos Leite, Juvenal Paiva de Carvalho (interno), Juvenal Quaresma Paiva (interno), Manuel B. de Madureira, Maria do Carmo Costa, Maria Lopes d'Almeida, Mario B. Henriques da Silva, Oscar J. Ribeiro Alves, Saul Lopes Relvas e Sergio F. da Rocha Callisto.

Professor:—Antonio A. de Carvalho Mourão.

Francez

Adriano dos Santos Carvalho, Antonio Coelho G. da Cruz, Augusto Ferreira de Figueiredo, Augusto Pimenta da Costa, Fortunato G. Seica (interno), Frederico F. Simões, Jayme Z. Cortezão (interno), Joaquim Augusto Gabriel, Juvenal, P. de Carvalho (interno), Juvenal Q. Paiva (interno), Laura do C. Corte Real, Maria A. Ferrão Bello, Maria do Carmo Costa e Orlando Quaresma Paiva (interno).

—Ah! se não quer vir que fique!— Era o que eu dizia, para mim. Mas tu gostas do rapazito, estás mudada. Logo que o abraças, é porque és minha amiga.

Jenny, agarrando pelas mãos Henriqueta, conduziu-a até á mesa.

—Assenta-te alli; aqui está um talher, e um copo. Queres um prato? Serviste-me hontem, hoje sirvo-te eu. Cada uma por sua vez. Havemos de ser muito amigos!

Miguel sorria. O irmãozinho veio collocar-se ao lado de Henriqueta, com o ar de quem dizia: Ella é minha!

Não era elle na verdade a causa do que acabava de succeder? Só a Combat se conservava insensível e sem dizer palavra.

A pequena duqueza olhava para elles.

Ella voltou a cara para o outro lado. Jenny, uma vez emocionada, não se continha, e assim esteve durante uma hora em conferencias intimas e ternas. Fallou sobre a Revolução, sobre a Bastilha, sobre o arrabalde, sobre tudo, contava tudo, punha a criancinha ao corrente de todos os factos. Quando fallava de si, engrandecia-se talvez um pouco, tinha uma tendencia especial para fazer de Cadet um gigante, mesmo aos olhos dos indifferentes. Mas as suas

Professor:—Padre Ismael de Moura Tavares, bacharel.

Inglez

Alberto Cupertino Pessoa, André Miranda, Alfredo Marques Manso, Antonio R. Esculcas, Jayme H. C. Sarmiento (interno), Jeronymo P. de Carvalho (interno), Joaquim Augusto Gabriel, Joaquim Tavares, José Pereira d'Azevedo (interno), José R. Esculcas, José Telles Corte Real e Raul Duque.

Professor:—José Ferreira Martins, lente.

Geographia

Alfredo da Costa Gomes, André Barreto Chichorro, Bernardo S. A. de Menezes (interno), Fortunato Gomes Seica (interno), Jeronymo P. de Carvalho (interno), Joaquim Augusto Gabriel, Joaquim Tavares, José Pereira d'Azevedo (interno), Julio Machado Feliciano, Manuel J. de Sousa Amado e Raul José Fernandes.

Professor:—Padre Ismael de Moura Tavares, bacharel.

Latim

Alberto Cupertino Pessoa, distincto, Antonio R. Esculcas, Bernardo S. A. de Menezes, distincto (interno), Francisco Lobo Nunes, Joaquim C. Dias, distincto (interno), José Quaresma Ventura, José R. Esculcas, José S. M. e Vasconcellos, distincto (interno) e José T. Corte Real.

Professor:—Padre José Ribeiro Liz Teixeira.

Historia

Bernardo S. A. Menezes (interno), Joaquim C. Dias (interno) e José S. M. e Vasconcellos (interno).

Professor:—Manuel Torreira Pessoa.

Mathematica (4.º anno)

Gonçalo C. de Meirelles e José S. M. e Vasconcellos (interno).

Professor:—Francisco Cordeiro.

Desenho (1.º anno)

André Miranda, Fortunato G. Seica (interno) e Jayme H. C. Sarmiento (interno).

Desenho (2.º anno)

André Miranda, Fortunato G. Seica (interno) e Jayme H. C. Sarmiento (interno).

Professor:—Antonio A. Monteiro de Figueiredo.

Total das approvações, 100.

Apenas ficaram 4 reprovados em todas as disciplinas.

Está aberta a matricula para todas as disciplinas dos cursos dos lyceus, para os qz bons professores, como bons Professores, como bem atestam os resultados que se tem obtido.

Continuam os mesmos professores, além dos que forem necessarios para as restantes disciplinas.

Acceitam-se alumnos externos de qualquer idade, e semi-internos e internos que não excedam a 13 annos.

palavras eram do coração, cheias de espirito, de valor.

Henriqueta, com a mão pousada sobre a cabeça do rapazito, escutava Jenny, flitando nella os seus grandes olhos azues. Tomava interesse por tudo. Mas este interesse era pouco em comparação do sentimento que a dominava!... Ser amada!... Ser de novo amada!... Amada!... Esta palavra deliciava-a, era feliz. A grande sala parecia-lhe um paraizo de luz. Apalpava-se para se certificar de que estava acordada, de que não sonhava. As lagrimas rolavam lhe pelas faces de momento a momento, e enxugava-as sorrindo.

No dia seguinte, quando a sua protectora partiu e que se encontrou só com a Combat, Henriqueta sentiu apertar-se-lhe o coração.

—Que iria passar-se? A mãe não lhe faria espilar a amizade que a filha lhe havia testemunhado? Na vespera não lhe tinha dito nada.

A pequena applicou os labios ao tubo para soprar ao lume; mas estava tão commovida que o esforço fez-lhe subir o sangue ao rosto e começou a tossir.

A Combat approximou-se, tirou-lhe o tubo das mãos, soprou e collocou-o encostado á chaminé.

D'ahi a um instante:

—Eu vou á lavanderia.

A pequena duqueza tinha o costume,

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 18 de julho de 1895.

Presidencia do bacharel Ruben Augusto de Almeida Araujo Pinto—vice-presidente. Vereadores presentes: João Antonio da Cunha—Manuel Miranda—Antonio José Dantas Guimarães—Joaquim Justiniano Ferreira Lobo, effectivos.

Approvada a acta da sessão anterior, foi recebido um requerimento, com respeito á construcção de um barracão de madeira na antiga estrada da Alegria e mandou-se que fosse a informar á repartição d'obras.

Mandou enviar ao vereador respectivo, para colher informações, dois officios do inspector dos incendios acerca de incidentes dados no serviço por occasião dos incendios dos dias 12 e 13 do corrente ao Senhor do Arnado e em Fôra de Portas.

Auctorisou algumas avenças para o pagamento de impostos indirectos durante o presente trimestre.

Resolveu abrir concurso para o provimento de um lugar de cantoneiro da estrada de Coimbra a Montemor-o-Velho (3.º cantão).

Attestou acerca de oito petições para subsídios de lactação a menores.

Approvou alguns orçamentos para a execução opportuna das seguintes obras:—reparação da fonte do Castanheiro no Tovim;—reparação das fontes dos Palheiros e de Bordallo.

Resolveu fazer descontar o vencimento de seis dias ao vigia dos impostos n.º 19 e o de um dia a cada um dos vigias n.ºs 18 e 26, por irregularidades cometidas no serviço, sobre que foram ouvidos.

Demittiu do serviço o vigia n.º 1, por abandono do respectivo posto fiscal, sobre que foi ouvido.

Resolveu lançar para as despesas da instrução primaria, creadas por decreto de 27 de junho ultimo, a percentagem de 1,3 a mais sobre as contribuições geraes do Estado, com o que se prefaz 11,8 fixado no citado decreto e enviar superiormente a nota exigida das freguezias do concelho, que estão nas circunstancias de precisar de escolas de ensino elemental.

Resolveu aceitar o bacharel Antonio Maria de Sousa Bastos, como proposto da thesouraria do municipio, para os respectivos impedimentos.

Resolveu abrir concurso para a construcção e exploração de um matadouro no plano da quinta de Santa Cruz.

Approvou a folha das quotas, que competiram aos funcionarios que intervieram na liquidação e cobrança dos rendimentos pertencentes á Camara Municipal no primeiro semestre d'este anno.

Resolveu rectificar nesta acta que o pagamento aos secretarios das regedorias, auctorisado em sessão de 6 de junho é pelos serviços prestados e a prestar até 31 de dezembro proximo futuro.

Auctorisou avenças para o consumo d'agua e approvou diversos pagamentos.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos os *Estatutos e Regulamento da Associação Humanitaria de Bombeiros Voluntarios* d'esta cidade. É digna de todo o applauso esta benemerita associação, generosamente devotada ao bem de todos.

em casos eguaes, de levar os pannos numa grande celha, tamanha que mal podia abrangel-a com os braços, e só com um grande esforço a sustinha contra o peito.

Dirigiu-se para a celha e abrangeu-a para a levantar.

—Trata do pequenol disse a Combat. Eu sou bastante forte para fazer esse serviço.

E saiu com a celha debaixo do braço. Isto continuou alguns dias.

Á noite, Jenny ia procurar a sua companheira ao cubiculo e fazia-a sentar ao pé de si. Conversavam. O pae, de cachimbo negro na bocca, escutava as filhas.

Quando a conversação se prolongava demasiado, a Combat pousava a meia e dizia: Basta! Então separavam-se pronunciando uma palavra.

—Até amanhã.

—Mihã mãe, disse Jenny, queres que eu leve o irmãozinho e Henriqueta á *Montanha*?

A mulher do arrabalde não respondeu.

—Obrigada, Jenny, disse Henriqueta. Eu antes quero ficar.

—Mas eu quero que saias! disse o rapazito.

A pobre criancinha examinava os seus vestidos miseraveis.

—Não! não, eu antes quero ficar...

(Continúa)

Folhetim da RESISTENCIA

DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

SEGUNDA PARTE: — 1793

XI

O S. MIGUEL

—Porque ella batia-te.

Nada mais disseram: mas uma especie de sympathy se estabeleceu entre os dois.

Quando estavam sós em casa ella contava-lhe historias. Quando ella queria passear, elle levava-o para o terreno inculto; assentava-se em uma pedra e o deixava brincar á sua vontade com os outros rapazes. Magra, pallida, mal vestida, humilhada, fitava os olhos no ceu e seguia interessada os jogos, com o seu ar angelico.

—Para a mesa! disse Jenny.

Todos comiam com bom appetite. O vinho, coisa rara então, foi acolhido com alegria. Beberam á saude de Miguel e do *Amarantho*.

O rapaz repetiu o brinde que lhe ensinaram.

No momento em que se levantou para abraçar o pae, a Combat lembrou-se da sua pobre Claudia que fal-

tava nesta festa de familia. Por uma associação de ideias natural, um pensamento de odio succedeu á recordação dolorosa, e voltou-se para Henriqueta.

Qual não foi porém a sua surpresa! A pequena duqueza tinha saído da sua frieza habitual: chorava.

—Tens raiva da nossa alegria!

A pequena duqueza pensava na mãe que era morta, no pae que tambem tinha morrido, e o seu abandono apparecia-lhe mais horrivel em presença da alegria d'esta pobre familia, em que o mesmo sentimento fazia palpitar todos os corações.

De repente, a necessidade de amar, que herdara de sua mãe, dominou-a.

—Como uma selvagem, salta para a frente, corre para o rapazito e abraça-o e beijá-o.

Depois voltou para o seu canto.

XII

O OPERARIO

Entreolharam-se.

—Ha sempre bondade nas crianças! disse Miguel.

Jenny correu para a duqueza; abraça-a; pega-lhe nas mãos para lhe dizer bem ao pé:

Oh! minha querida menina, para que foges! Nunca uma palavra, sempre frieza.

AFFONSO COSTA

OS PERITOS NO PROCESSO CRIMINAL

(Legislação portugueza; critica; e reformas)

Preço.... 700 réis

Foi posta á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra esta obra, de que é editor o sr. Manuel d'Almeida Cabral. Este livro é indispensavel aos magistrados, advogados e peritos que tenham de intervir em qualquer processo criminal.

Acaba de ser posto á venda nas mesmas livrarias:

A EGREJA E A QUESTÃO SOCIAL

Crítica da encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios

Com um appendice contendo o texto latino e a versão portugueza da encyclica

Preço..... 1:000 réis

Pos de Keating
Pos de Keating
Pos de Keating

MATAM

pulgas
percevejos
baratas
traças
formigas
moscas

ESTES PÓS são inteiramente inoffensivos para os animaes mas nada ha igual para a completa destruição de percevejos, pulgas, baratas, mosquitos, traça e toda a especie de insectos nas suas diferentes metamorphoses.

A grande venda que tem tido estes pós animou diversos falsificadores a venderem como imitação diversos artigos sem valor algum. — Avisa-se o publico de que os pacotes dos verdadeiros pós de Keating trazem a assignatura do inventor, Thomaz Keating. Agencia em Portugal e deposito exclusivamente para venda por atacado, em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º — Em Coimbra, Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª.

A' venda em todas as principaes pharmacias e drogarias.

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Cirurgião-dentista

Pela Universidade de Coimbra

FRANCISCO PEREIRA, cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra, faz sciencia ao publico que o seu Consultorio na rua de Ferreira Borges, n.º 165, se encontra aberto das 7 horas da manhã ás 7 da tarde. A outra qualquer hora pôde ser procurado na sua casa de residencia, rua direita, 84, 3.º

Empastamento de dentes com platina, celluloido, marfim etc, pelos processos mais modernos até hoje conhecidos; aurificação por um novo e magnífico systema.

Tractamento prompto e radical de todas as doenças de bocca.

Faz todas operações que dizem respeito á sua arte por mais dificeis que sejam. Limpeza completa da bocca com a maxima perfeição.

Emprega nos seus trabalhos os anestheticsos mais modernos que a sciencia aconselha, e tem o maior cuidado na desinfecção dos ferros.

MANOEL JOSÉ DA COSTA

SOARES arrenda a sua casa, do S. João em diante, ao porto dos Bentos, que faz esquina para a rua da Alegria. Tem commodidades para uma numerosa familia.

Quem a pretender arrendar dirija-se ao mesmo annunciante.

Arrenda-se

2.º andar e aguas furtadas de uma casa nova, sita ao fundo da rua das Padeiras, com o n.º 49. Tem boas commodidades.

Para tratar, rua dos Sapateiros, 33 a 39—Coimbra.

ESCRITURARIO

Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á Casa Havaneza, onde lhe serão prestadas todas as informações.

Casa com quintal

Arrenda-se toda ou aos andares, do S. João em diante, uma na rua de Ferreira Borges, com o n.º 185. Tem commodidades para grande familia.

Tambem se arrendam 2 andares na mesma rua, com entrada pelo Arco de Almedina, n.º 6.

Para tratar na Chapelaria Central de Joaquim Maria d'Almeida.

Aprendizes

Precisam-se na officina de encadernação de Alberto Vianna.—Largo da Sé Velha.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tónico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

ARRENDA-SE EM CONTA

Uma casa com tres andares, sita na rua Fernandes Thomaz, n.º 59.

Tambem se arrendam os andares separadamente. Mont'arroio, 103, se trata.

A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

LEITÕES

Pura raça ingleza de 8 semanas, vendem-se na quinta da Conraria, ao preço de 2 a 3 mil réis.

LUGAM-SE DESDE JÁ OU VENDEM-SE as casas sitas em Santa Clara, que foram de João Corrêa d'Almeida.

Para tratar, na rua de Ferreira Borges, com José M. Mendes d'Abreu.

Caldeira da Silva

CIRURGIÃO-DENTISTA

Participa aos seus clientes que acaba de contractar um empregado, especialista na collocação de dentaduras artificiaes e com longa pratica na America, podendo por isso garantir, a par da modicidade de preço, perfeição e solidez em todos os trabalhos de prothese dentaria, executados no seu gabinete.

Colloca dentes artificiaes, em todos os systemas conhecidos, desde um até dentadura completa.

Operações de cirurgia dentaria e tratamento de molestias da bocca.

Servico gratuito aos pobres, bem como a creados e creadas de servir.

Rua Ferreira Borges, 174, esquina do largo do Principe D. Carlos.

Cavallos, muares, etc.

As sobrecannas, espavardes, óvas, esqueuenças, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; e preferivel á nuntura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintaus, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 1\$000 réis.

Deposito em Coimbra — Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

COMPANHIA PORTUGUEZA

DE PHOSPHOROS

Deposito dos seus productos em Coimbra, na Praça 8 de Maio, n.ºs 14 e 15, estabelecimento de mercearia e tabacos de

Manuel Fernandes d'Azeyvedo & C.ª

Vinho verde

Especialidade em vinho verde de Amarante. Vende-se engarrafado e ao litro na

TABERNA PORTUGUEZA

Rua Martins de Carvalho COIMBRA

Tubos para pulverisadores de vinhas, vendem-se na Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª—Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 225.000\$000

Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

ATENÇÃO

MAXIMIANO RODRIGUES VALENTE, tem á venda no seu estabelecimento em

ANCIÃO

um grande sortimento de fazendas de lã, algodão, linho e seda e outros objectos; assim como o puro vinho da lavra do ex.º sr. dr. Domingos Botelho de Queiroz, muito conhecido e conceituado vinicultor neste concelho.

Tem tambem um grande sortimento de machinas Singer que vende a prompto pagamento e á prestações mensaes.

Preços sem competencia e garante a boa qualidade das suas fazendas.

AOS BARBEIROS

Pó de Sabão.—Vende-se a 800 réis o kilo.

Dão-se amostras a quem as pedir.—Barbearia Fonseca, rua dos Gatos, 13 a 15.

Aos photographos amadores

Acaba de chegar á Papellaria Central, rua do Visconde da Luz n.º 4, um novo sortido de artigos para photographia, que esta casa vende por preços muito commodos.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administracção

ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM—BEIRA ALTA

Abertura do estabelecimento thermal em 15 de maio e do hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Magnificas accomodações

Desde 1\$200 réis, comprehendendo servico, club, etc.

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfeltos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

O estabelecimento thermal fecha em 30 de novembro

O estabelecimento thermal, um dos primeiros do paiz, foi completamente reformado e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe, duas salas com duchas, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inhalacção, pulverisacção, e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette.

Vlagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas de Senhorim (Beira Alta), e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros.

Para esclarecimentos, em Lisboa, Rua do Alecrim, 125, referente ao estabelecimento balnear — e Rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.

Correspondencia para as Caldas da Felgueira, ao gerente do Grande Hotel.

As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no Deposito geral—Pharmacia Andrade, Rua do Alecrim, 125.